PARALLELOS DE PRINCIPES, E VAROENS ILLUSTRES

Antigos a que muitos da nossa Nasção Portugueza se a semelharaõ em suas obras, ditos, e feitos: com a origem das Armas de algumas familias deste Reyno.

POR FRANCISCO SOARES TOSCANO

Natural da Cidade de Evora.

Agora novamente acrescentados, e offerecidos

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. FRANCISCO XAVIER DE MENEZES

QUARTO CONDE DA ERICEIRA DO CONSELHO DE SUA MAgestade, Sargento mòr de batalha de seus Exercitos, Deputado da Junta dos Tres Estados, Perpetuo senhor da Villa da Ericeira, e senhor de Anciaõ, oitavo senhor da Caza do Louriçal, Commendador das Comendas de Sãta Christina de Sazerdello, S. Cipriano de Angueira, S. Martinho de Frazaõ, S. Payo de Fragoas, S. Pedro de Elvas, e de S. Bartholomeu de Covilhãa, todas na Ordem de Christo, Academico, e Censor da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

✠

LISBOA OCCIDENTAL,
NA OFFICINA FERREIRIANA.

M. DCC. XXX III.

Com todas as licenças necessarias.

Do P.e Pedro Ant.o Leylão

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. FRANCISCO XAVIER DE MENEZES

QUARTO CONDE DA ERICEIRA DO CONSELHO DE SUA MAgestade, Sargento mòr de batalha de ſeus Exercitos, Deputado da Junta dos Tres Eſtados, Perpetuo ſenhor da Villa da Ericeira, e ſenhor de Anciaõ, oitavo ſenhor da Caza do Louriçal, Commendador das Comendas de Sãta Chriſtina de Sazerdello, S. Cipriano de Angueira, S. Martinho de Frazaõ, S. Payo de Fragoas, S. Pedro de Elvas, e de S. Bartholomeu de Covilhãa, todas na Ordem de Chriſto, Academico, e Cenſor da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, &c.

EU NAM quizera deſcobrir na Dedicatoria deſtes Parallelos o nome de Voſſa Excellencia quando a ſua modeſtia naõ

permittio que elle se escrevesse no rosto do Livro tendome V. Excellencia dictado sem abrir algũ todos os novos Titulos de Varoens illustres Portuguezes que acrescentey aos que tinha escrito o seu Autor antigo, e como elle dedicou ao Serenissimo Senhor D. Theodosio Duque de Bragança esta excellente obra, he justo que eu offereça a sua segunda impressaõ a V. Excellencia pois a sua pessoa, e familia sacraficaraõ as opulentas rendas da sua Caza, e as perderaõ por seguir na Real Caza de Bragança o infalivel direito á Coroa Portugueza que estava depositado nestes Principes a quem V. Excellencia, e os seus Progenitores ajudaraõ a aclamar, e a defender com fidelidade igual ao valor neste Reyno, e nas suas Conquistas esperando tambem de V. Excellencia que se digne de colocar na Livraria de Sua Magestade este volume.

Em algumas Dedicatorias dos livros que tenho offerecido a V. Excellencia, e em outras dos que estaõ para sahir a luz dividi por naõ caberẽ em hum só Panegirico as prorogativas, e virtudes que só cabem na sua Excellentissima pessoa em huma recopiley a grandeza da sua illustre Caza em outra os Elogios das sciencias, e artes que desde a infancia cultiva, e de q̃ saõ discretas, e eruditas

ditas

ditas produçoens 22. volumes que anciósamente esperamos ver impressos, em outra as valerosas acçoens militares que executou sendo General de Batalha, e assim nestas, e nas mais reparti em clases separadas tantas circunstancias excellentes, porèm agora se me faz impossivel em hũ livro de Parallelos de Heroes antigos, e modernos achar o Parallelo de V. Excellencia porque ainda que o pudera comparar com os q̃ uniraõ a espada com a penna, e com os que foraõ igualmẽte sabios, e valentes, lembrandome Alexandre, Epaminondas, Pericles, e Xenophonte entre os Gregos; Scipiaõ, Germanico, Julio Cesar, e Marco Aurelio entre os Latinos, e muitos entre os modernos principalmente na Caza de V. Excellencia donde os Excellentissimos Senhores Cõdes seu pay, e avo, e filho me davaõ bem modernos exemplares naõ achey algum em que propriamente descobrisse a semelhança de hum taõ inimitavel original. Permitame V. Excellencia que me lembre de que na Geometria que V. Excellencia professa como o principio mais certo das sciencias, e artes verdadeiras se affirma por infalivel axioma que duas linhas Parallelas nunca podem encontrarse ainda que corraõ infinitamente, e assim naõ he muito que eu tambem naõ encontre

 por

por mais que discorra hum Parallelo igual a V. Excellẽcia pois naõ haveria Apelles que pudesse achar linha taõ sutil que cortasse esta em que ha de durar infinitamẽte a fama de V. Excellencia, e eu quizera que com ella se perpetuasse o meu obsequio, e a gloria que o nome de V. Excellencia tem dado à sua nasçaõ, e a todos os que reconheceraõ que V. Excellencia a dezeja dar a todos; assim naõ foraõ tantos os igratos a que eu naõ pertendo imitar confessando a V. Excellencia hũ eterno reconhecimento, guarde Deos a Excellentissima pessoa de V. Excellencia muitos annos.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

Beja a maõ de V. Excellencia

Seu menor criado.

Miguel Lopes Ferreira.

AO

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. THEODOSIO

SEGUNDO DO NOME, E SETIMO EM ORDEM DUQUE DE Bragança, e o primeiro, e mais antigo Duque de toda Hespanha, e Italia dos que agora conservaõ sua dignidade, e estado, &c.

ESTA empreza de Principes, e Varoens illustres, como de foro se deve a V. Excellẽcia mais que a outro algum Principe da Christandade, e muito menos fóra della. A causa tenho (entre outros) em Valerio Maximo unico recopilador das Historias dos Varoens illustres Romanos, e Gregos que o livro que dellas publicou, o dirigio a hum Emperador que foy Tiberio Cesar para que com o nome de taõ grande Principe naõ tivessem olhos invijosos que notar, nem linguas satiricas que murmurar. Pois estes de Portugal (que merecearaõ em feitos, ditos, e obras igualaren-se, e ficar em igual Parallelo, com os das mais nobres, e politicas Monarchias, e Reynos florentissimos do universo, excedendo-os em muita parte, cifrando-se em hum Reyno taõ limitado o mais notavel, que de tantos, e taõ principaes se escreve, e que por ventura seraõ, como saõ mais dignos de perpetua memoria, que seus exemplares naõ merecem menos, antes avantejada protecçaõ, que a de outro Principe, como he V. Excellencia mormente (razaõ particular, e mais forçosa) tendo V. Excellencia, nelles a melhor parte, como antigo, e verdadeiro descendente dos Reys destes Reynos, e Principes, de que com tanta gloria sua, e da Real Casa de Bragança nesta recopilaçaõ se trata. Naõ por huma só, mas por tres vias. Huma pelo Senhor D. Affõso primeiro Duque de Bragança, filho d'ElRey D. Joaõ I. de boa memoria: que por filho de Rey tomou por Armas os

cinco

cinco Escudetes do Reyno sem orladura dos Castellos (posto que despois alguns seus descendentes os acrescentaraõ ás suas) que assentou sobre huma aspa vermelha, symbolo de afflicçaõ em que se vira em a tomada da famosa Cidade de Ceita, chave de Hespanha por ElRey D. Joaõ seu pay o anno de Christo de 1415. a 21. de Agosto, em companhia dos Infantes D. Duarte, que lhe succedeo no Sceptro, e D. Pedro, e D. Henrique o primeiro descobridor de ambas as Indias Orientaes, e Occidentaes seus irmãos, todos quatro Capitães das galés da frota, onde a peleja foy cruel, e porfiada. Porẽ ficãdo a vitoria pelos Christãos, que acommettendo-os com muita ousadia, romperaõ as armas Mouriscas pondo-os em fugida durando algumas horas a peleja. Em o qual conflicto o fez o Senhor D. Affonso de maneira (sendo entaõ Conde de Barcellos) que ElRey seu pay o fez, e armou cavalleiro em companhia dos Infantes seus irmãos hum Domingo á tarde 25. de Agosto na Mesquita da mesma Cidade despois de consagrada. E elle pelo aperto, em que se vira, tomou (chegando ao Reyno) por Armas a aspa vermelha em campo de prata (cor das do Reyno) e por Timbre meyo cavallo branco com tres lançadas no pescoço em sangue bridado douro com cabeçadas, e redeas de vermelho, que era o antigo, e verdadeiro Timbre dos Pereiras, que pos em suas Armas, por ser casado cõ a Senhora Dona Beatriz Pereira, filha herdeira do santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, cujos ascendẽtes usaraõ delle em memoria do valeroso feito do Conde D. Rodrigo Forjaz o Bom (de que falla o Conde D. Pedro nas linhagens de Hespanha) que quãdo nos campos de Santarem em serviço d'ElRey D. Garcia de Portugal, e Galiza prendeo a ElRey D. Sancho seu irmaõ, hia em hum cavallo brãco, o qual naquella batalha recebeo tres lançadas pelo pescoço, que chegando ao peito deraõ com elle em terra morto, e tambem o mesmo Conde D. Rodrigo das feridas que alli recebeo, e já levava da batalha de Agoa de Mayas junto a Coimbra, quando prendeo aos Condes de Castella (posto q̃ em tempo d'ElRey D. Manoel se deu por Timbre ao escudo dos Pereiras a antiga Cruz das mesmas Armas de vermelho).

Gomezenes na Chron. de Ceita cap. 63.

tit. 22. §.

As

As quaes Armas hoje trazem as grandes Casas dos Marquezes de Ferreira, Condes do Vimioso, de Odemira, de Gelves, e do Vimieiro, florentissimos ramos, que a Real Casa de Bragança com tanta gloria sua produsio. E estas trouxeraõ todos os Duques de Bragança até o Duque D. Jaimes (que tomou a Cidade de Azamor em Africa aos Mouros) a quem vindo despois a successaõ do Reyno, se ElRey D. Manoel seu tio morresse sem filhos, como parente mais chegado, e successor do Reyno, quando ElRey no anno de 1498. foy para ser jurado Principe de Castella, e de Leaõ com a Rainha Dona Isabel sua mulher: ElRey à mor cautella porque o Reyno levava a mal sua ida a Castella por falta de filho herdeiro, á imitaçaõ d'ElRey D. Affonso V. seu tio (que sendo jurado por Rey, fizera jurar por Principe ao Infante D. Fernando seu irmaõ pay d'ElRey D. Manoel) fez jurar entre os Grãdes por Principe herdeiro do Reyno ao Duque D. Jaimes, entaõ seu immediato successor, e lhe mandou deixar as antigas da aspa, e tomar as Reaes de Portugal direitamente com elmo Real aberto a todas as partes, Coroa, e Timbre da meya serpe douro (como hoje se vè na Real Casa de Bragança) q̃ o Duque trouxe em sinal de Principe herdeiro do Reyno atè que ElRey D. Manoel de sua segunda mulher teve o Principe D. Joaõ que lhe succedeo na Coroa por cuja razaõ fez a sua Ducal, e por divisa lhe deu mais ElRey o banco de pinchar douro atravessado pela orla vermelha em sinal de grandeza, porque só aos Principes, e Infantes he concedido, como tambem às Princezas, e Infantas banco de prata, demostrando a precedencia, que abaixo de Rey, tem Principes, e Infantes aos outros Senhores. Porem como ElRey teve mais filhos ficou o Duque com suas Armas, e Privilegios de Infante, de q̃ gozaõ os Duques de Bragança, e com o aparato Real, de que V. Excellencia se serve em sua casa, onde ha todos os officios da Real com suas insignias, de que inda o usa em lugares, onde está a Corte, como se vio em Lisboa o anno de 1619. assistindo nella a Catholica Magestade d'ElRey Filippe III. das Hespanhas. Assim que a ElRey D. Manoel ter filhos, naõ foy o dito Senhor D. Jaimes seu sobrinho, direitamente

Goes p. 1. cap. 3.

§§ Rey

Rey de Portugal, e seus Successores. O qual misturou nas Reaes para differença as Armas de Castella (que he hum Castello de ouro em campo vermelho) e as de Inglaterra (que saõ tres Leões pardos de ouro passantes em campo de sangue) em hum quadro quarteado, e defronte noutro as de Aragaõ (que saõ quatro barras vermelhas em campo douro) em hũa pala, e na outra as de Sicilia frãchadas cõ as Armas de Aragaõ em chefe, e no seu contrario, e nos lados huma Aguia negra estendida em campo de prata, que por a Senhora Dona Isabel sua máy como parenta dos Reys destas Reaes casas, lhe competiaõ, ficando o escudete das Armas Reaes (que está no alto) entre estes dous quadros. Que o banco seja divisa de Principe, e Infante; se vé pelo que trouxe ElRey D. Joaõ III. em quanto Principe, e todos os Infantes filhos d'ElRey D. Manoel, mormente os Infantes D. Affonso, e D. Henrique, que despois foy Rey, ambos irmãos, e Cardeaes, e Arcebispos de Lisboa. E muitos annos antes os de ElRey D. Joaõ I. que nao se prezavaõ só trazelo em suas Armas, mas nas Emprezas que tomavaõ, como foy o Infante D. Pedro Duque de Coimbra, Regedor, que foy deste Reyno por ElRey D. Affonso V. seu sobrinho, trazia em cada pè do banco dalto a baixo tres mãos, e o Infante D. Henrique Duque de Viseu, Mestre da Milicia de Christo irmãos do Senhor D. Affonso primeiro Duque de Bragança, tambem em cada pè do banco usava de tres flores de Lirio, e a Rainha Dona Lianor mulher d'ElRey D. Joaõ II. tia do Duque D. Jaimes (em quanto Rainha) o trazia em suas Armas encorporadas em a pala esquerda com as d'ElRey seu marido, ou separadas em huma lisonja (em que as femeas poem suas Armas) com as de Aragaõ, e Sicilia em dous quadros encostados ao bãco. Cousa taõ usada dos Principes deste Reyno, como notoria a causa della. Como consta de memorias, pedras, estampas, e livros da Armaria (que he a principal prova desta materia.) Que razaõ ouve para se por banco por insignia, e divisa de Infante he, que em Cortes conforme à qualidade de cada hum, se lhe dà precedencia, em que fica mais nobre, que o outro. E como neste Reyno os assentos, em q̃ nellas todos se assentavaõ, eraõ bancos

Porque o banco he divisa de Infantes.

Francisco Rodrigues Lobo na Corte Naldea Dialogo 2. f. 16.

Consta do livro das armas q̃ tẽ D. Gonçalo da Costa Armeiro do Reyno, que foy o primeiro que mandou fazer ElRey D. Manoel.

bancos(salvo ElRey,e Principe que como Successor do Reyno tinhaõ cadeiras) e o primeiro assento era dos Infantes, o tomaraõ, ou lho deraõ os Reys por divisa em suas Armas, como Precedentes aos mais Senhores, e nobreza do Reyno,e por isso se chama *Banco de pinchar*, porque pinchar na lingua antiga, quer dizer lançar fóra, e apartar conforça, donde fórma Pincho,que he hũa expulsaõ violenta, que os Infantes por direito (quanto mais primogenitos herdeiros) como filhos de Reys fazem nos assentamentos, e precedencias aos titulares, e principaes Senhores. E ainda entre o mesmo Principe, e Infantes havia differença; porque o Principe trazia o banco simplesmente sem mais divisa, e os Infantes encostados nos pés delle huns quadros das Armas donde procediaõ. E como ordinariamente eraõ dous os quadros com que se encobriaõ os dous pès, ficava descuberto o pé do meyo, de tres q̃ tinha o banco,do que tomaraõ motivo algũs para cuidarem, que o banco de Infante naõ tinha mais de hum pé. Porque quanto estes Principes eraõ mais chegados ao sangue Real, inda na ordem de seus nascimentos, tanto mais, ou menos pés punhaõ em a divisa de seus bancos: porém todos os Infantes communmente traziaõ o banco com tres pés. E a este respeito o Duque D. Jaimes como Principe herdeiro do Reyno trouxe o seu com dous, q̃ traz a Real Casa de Bragança descubertos com os quadros dentro no escudo Real. E o Senhor D. Theotonio de Bragança Arcebispo de Evora (exemplo de Perlados de seu tempo) filho do mesmo Senhor Duque D. Jaimes reconhecẽdo superioridade aoDuque seu pay o trouxe em suas Armas,e divisas com tres pès,e nelles tres quadros: o primeiro em quarteis as Armas de Inglaterra, e de França (que saõ tres flores de Liz douro em roquete em campo azul por se intitularem os Reys de Inglaterra tambem de França) e no segundo as de Castella, e Leaõ tambem em quarteis,e no terceiro as de Aragaõ, e Sicilia. Despois como as cousas se melhoraõ de cada vez mais mudaraõ-se os assentos dos Infãtes, mas naõ as antigas, e originarias divisas, e os Duques de Bragança ficaraõ com a mesma jurdiçaõ, e direito, e se vio em nossos dias nas Cortes de Lisboa em que V. Excellencia,

e o Senhor D. Joaõ Duque de Bracellos seu primogenito filho estiveraõ assentados em cadeiras com almofadas de veludo preto em cima no primeiro de grao do estrado grande, em que presidia Sua Magestade, da banda direita; no que havia larga materia, se a segunda via porque V. Excellencia descende dos Reys de Portugal, me naõ obrigara dizer, que por a Senhora Dona Isabel irmã d'ElRey D. Manoel, filhos ambos de Infante D. Fernando, Duque de Viseu Mestre das Ordens de Christo, e Santiago, Condestavel deste Reyno (que foy jurado por Principe) e neta d'ElRey D. Duarte. E ultimamente por a Senhora Dona Catharina filho do Infante D. Duarte, e neta d'ElRey D. Manoel. Por onde com justa causa deixou o Duque D. Jaimes por Empreza á Real Casa de Bragança huns cordoens atados com huns nós com huma letra q̃ diz, *Depois de vós*, alludindo a serem os primeiros a pos a Casa Real; cuja grandeza naõ só he illustrada com a descendencia do Real tronco, de que procede, mas na que della trazem todos os Reys, e Principes da Christandade, e os mais dos Senhores de Hespanha com que tanto se illustrou a Real Casa de Portugal, e se illustraõ as de Castella, França, Inglaterra; a Imperial de Alemanha, os Archiduques de Austria, os Duques de Saboya, os de Parma, os de Lorena, os de Aveiro, os de Maqueda Marquezes de Elche cabeça dos Cardenas, os de Escalona Condes de Santistevaõ Chefes dos Pachecos, os Duques de Medina Celi, os Marquezes de Villa Real, os de Ferreira Condes de Tentugal, os de Sarria Condes de Lemos, e Andrada de Castro, e Villalva Senhores de Ulhoa cabeça dos Castros, os de Canhete, e os de Moya, os Condes de Sortelha Senhores de Goes, os de Benalcaçar, os de Portalegre, os de Linhares, os de Odemira, os de Gelves, os de Ribadavia, os de Altamira os do Vimieiro, os de Oropesa, os de Uzeda q̃ hoje saõ Marquezes de Loriana; os Marischais de Portugal, os Comendadores Móres de Christo, q̃ os mais Principes, e senhores a naõ serem quinhoeiros no sangue de Bragança, se lhes escurece em parte a gloria de seus Estados, que aser casa rodeada de tantos Principes, se chamaria com mais verdade, e razaõ que lisonja centro, dõde sahiaõ as linhas para

Auto das Cortes impresso.

a cir-

a circunferencia da nobreza de Europa, que no tocante à Portugal he taõ notorio começarem a florecer casas em tẽpo que os avós de V. Excellencia acabavaõ de Reynar, que se os Principes saõ olhos de qualquer Reyno, e Monarchia, saõ as mininas dos de Portugal os Duques de Bragança, cuja grandeza quando naõ confessara Estevaõ de Garibay que em tudo procurou encontrar as cousas de Portugal, e o douto Joaõ Botero com ser Italiano, em dizer com grande espanto que era maravilha em Reyno taõ piqueno (com ser por si mayor que outro algum de Hespanha) caber casa taõ grande, bastara a experiencia, desengano de obstinados entendimentos, e a unica esperança, que só nella todos tem.

Gariv. lib. 15. cap. 22. Bot. nas Relaçoens.

De todas as casas nomeadas, digo dos Varões dellas naõ me era possivel fazer aqui mençaõ, porq̃ nem a obra requere muitos, por terẽ mais proprio lugar em outra parte, nẽ pertendi mais neste breve Epitome, q̃ dar luz do muito, q̃ se dos nossos póde dizer.

E como V. Excellẽcia tẽ nestes poucos o melhor quinhaõ mal pudera, eu buscar outra sombra, e protecçaõ aos primeiros fruitos de meu estudo fóra de V. Excellẽcia, q̃ naõ encorresse justamẽte nas cõdiçoes dos mal cõsiderados. Alẽ de q̃ por Varões antigos, e naturaes naõ mereciaõ menos amparo, q̃ de hũ natural Principe, e mais antigo Duque de toda Hespanha, e Italia como he V. Excellẽcia, e o primeiro dos q̃ agora cõservaõ sua dignidade, e estado. Porq̃ os mais antigos Duques de Hespanha dos q̃ agora cõservaõ sua dignidade, e estado saõ quatro pelo Cathalogo, q̃ delles faz Garibay, criados todos por ElRey D. Hẽrique IV. de Castella dos quaes o primeiro, e o mais antigo he o Duque de Medina Sidonia cujo primeiro Duque foy D. Joaõ de Gusmaõ, terceiro Cõde de Niebla, o qual (posto q̃ Garibay naõ especifique o anno de sua criaçaõ, como nos outros) no de 1445. o faz Cõde de Niebla sómẽte, e no de 1455. Duque de Medina Sidonia, Cõde de Niebla, e assim nos annos seguintes. Cõtudo Affonso Lopes de Haro resolve esta duvida no seu Nobiliario genealogico cõ q̃ novamẽte sahio a luz, dizẽdo q̃ ElRey D. Joaõ II. dera o titulo de Duque a D. Joaõ de Gusmaõ o anno de 1445. em o Espinar

Garib. lib. 17. cap. 26. Nobili. Geneali. lib. 1. cap. 10. fol. 56.

nar de Segovia a 17. de Fevereiro em sua vida sómẽte, e q̃ depois lho deu ElRey D. Hẽrique IV. para si, e para seus descẽdẽtes o anno de 1460. O segũdo he o Duque, de Albuquerque cujo primeiro Duque foy D. Beltraõ de la Cueva Cõde de Ledesma, e Mestre de Sãtiago, feito no anno de 1464. O terceiro he o Duque de Alva de Tormes, cujo primeiro Duque foy D. Garcia Alvares de Toledo Cõde de Alva criado o anno de 1469. ou de 70. como diz o Nobiliario. E o quarto he o Duque de Escalona cujo primeiro Duque foy D. Joaõ Pacheco Mestre de Sãtiago feito o anno de 70. tãbẽ. Todos os mais Duques de Hespanha saõ muito mais modernos. Dos de Italia se verà na prosapia universal da Real Casa de Bragãça. E pela Chronica d'ElRey D. Affonso V. de Portugal cõsta, q̃ o primeiro Duque de Bragãça foy o Senhor D. Affõso filho d'ElRey D. Joaõ I. o qual governãdo o Reyno o Infãte D. Pedro seu irmaõ por ElRey D. Affonso seu sobrinho, lhe deu a Cidade de Bragãça cõ outros lugares cõ titulo della o anno de 1442. e foy o primeiro dessa casa, da qual successivamẽte se cõtinuáraõ os mais Duques até V. Excellẽcia, q̃ ainda q̃ naõ fora mais q̃ por hum anno, he V. Excellencia o mais antigo Duque q̃ o de Medina Sidonia, e os mais Duques de toda Hespanha, e Italia: ponto tãto mais nobre (quando o naõ fora por a Real descendencia) quanto mais antigo.

Nobil. Geneal. lib. 5. c. 3. fol. 345. Nobiltar. Geneal. lib. 4. cap. 11. f. 221. Nobiliar. lib. 9. cap. 26.

Chronic. del Rey D. Afonso V.

Sobre tudo V. Excellẽcia seja servido por os olhos naõ em o pouco valor, do que se offerece, mas no humilde animo de mim q̃ o offereço: q̃ se naõ he menos cousa Real, e magnanima (diz o Filosofo Plutarco) receber pouquidades cõ alegre rostro, q̃ fazer grãdes, e avãtajadas merces, o naõ seraõ menos para comigo haver V. Excellẽcia este serviço por seu, e amparallo com sua benevolẽcia para q̃ danadas tẽçoẽs, e peitos mal zelosos tenhaõ mais q̃ louvar, q̃ calumniar, nẽ interessarei menos, q̃ procurar com outros de mais importãcia servir a V. Excellencia, nem me fica mais q̃ desejar, salvo a saude de V. Excellencia cuja pessoa, e estado Deos prospere.

Francisco Soares Toscano.

AD-

ADVERTENCIA.

Pareceo nesta segunda impressaõ acrescentar alguns Parallelos de Varoens illustres Portuguezes com os antigos, ou por que foraõ mais modernos que Francisco Soares Toscano q̃ já no anno de 1621. tinha acabado a sua obra, ou porque naõ incluhio nella muitos Heroes do seu tempo. Nesta parte tambem o imitamos porque nem dos que hoje vivem referimos acçoens naõ menos digna de memoria, nem dor seculos antigos he possivel achar sẽpre iguaes comparaçoens; porque muitos dos nossos Portuguezes naõ tiveraõ similhãte. Bem dezejara correr a penna continuando cada hum dos Parallellos, e procurando imitar os inimitaveis de Plutarco donde como em retratos vivos esta brilhando o carater, e o genio de tantos homens insignes, mas seria ingratidaõ ao Autor deste livro renovarlhe a memoria para arguilo no assumpto, e para mudarlhe a fórma com què a sua, erudicçaõ o executou, sejaõ em fim huns, e outros Parallelos Indices donde por huma só acçaõ se busquem outras nas Historias deste Reyno (que vamos ao mesmo tempo resuscitando pela luz da imperssaõ) por quem com mais profũdo juizo, e apurado estilo quizer ser Plutarco Portuguez

tuguez no tempo de hum Sabio Monarca, mais perfeito que o seu Trajano. Continuamos os Parallelos do Autor desde o numero 152. em que acabou os Capitulos dos Varoens illustres atè o de 200. e numerando outra vez as mulheres insignes tambem as acrescentamos de oito até vinte para que até sejaõ perfeitos os numeros donde tudo he exemplo de perfeiçaõ.

PRO-

PROLOGO.

DEsejos de satisfazer (se neste cabe satisfaçaõ) a animos naturalmẽte afeiçoados à honra Portugueza, que levados do amor da Patria com instancia me pediraõ tirasse a luz estes *Parallelos*, me obrigaõ agora cortar por mim, aventurãdome ser murmurado, e calumniado de linguas mal dizentes, e invejosas, chagas incuraveis, e sem remedio, que o melhor q̃ tem he fazer da necessidade virtude; pegar á paciencia anchora firme de todas as miserias humanas, e vaivem que desbarata facilmẽte os muros de qualquer aspereza. Bem que para publicar esta obra, me incitavaõ exemplos de muitos, e excellentes Filosofos que composeraõ de cousas taõ minimas, e de pouca estofa, engrandecendo-as com excessivos louvores, q̃ he cousa ridicula fallar nellas: como refere Textor na sua officina. Mormente levando jà nella a ordem do Grego Plutarco, hum dos melhores Filosofos, e Historiadores moraes, que tomaraõ penna na maõ, de quem duvida Angelo Policiano, se foy mais douto, se mais grave. Nẽ saõ de menos credito as notaveis palavras de

2. p. cap. Qui de minimis rebus opera scripserunt.

§§§ Nicolao

Nicolao Sagundino no Prologo da traduçaõ da Politica, que assaz de ignorante he, o que as obras de Plutarco ignora. O qual entre muitos Tratados outros q̃ escreveo, e hoje temos, a hum delles intitulou *Parallella*, que quer dizer, semelhanças, ou comparaçoens iguaes, ou æquidistantes, as quaes fez de feitos, e obras de Varoens illustres, e de cousas notaveis, que de huma mesma maneira aconteceraõ aos Romanos, como aos Gregos. E porque este meu Tratado leva a mesma ordem, em que confiro alguns Portuguezes (que todos seria processo infinito) com os de varias naſçoens do Mundo, justamente lhe quadra o titulo de *Parallelos*.

Em algumas cousas me estendi mais do que pede a razaõ do titulo, e o custume, e brevidade de Plutarco, o que fiz de industria para mor ornato, e inteligencia da obra, e deleitaçaõ dos leitores. Foy meu intento mostrar quaõ pouco diversos, e polidos Reynos do universo, e Monarchias mais dilatadas se podiaõ gloriar de quaesquer virtudes de seus filhos, e naturaes, q̃ só este Reyno de Portugal em taõ poucos annos de Reyno, naõ pusesse com mór ventagem o risco mais alto, e o Plus ultra de honrados feitos. Razaõ urgentissima (quando naõ houvera mui-

muitas) para eu procurar sair com esta curiosidade, furtando o corpo ao natural receyo, que a nossa naſçaõ tem mais inclinada, e solicita a conquistar, e pisar indomitas, e bellicosas naſçoens, que em gastar o tempo na composiçaõ, e impressaõ de suas obras, bem dessemelhantes daquelle insigne Emperador Julio Cesar, hum dos nove da fama, que se de dia tinha a lança na maõ, tinha de noite a penna com que escrevia seus feitos, mas como os Portuguezes tem as mãos, e as outras naſçoens a lingua, e penna, tem desculpa sua falta.

E assim tornando a meu proposito, digo, q̃ pois me naõ he possivel deixar de estampar este Tratado, me pareceo bem advertir, que naõ disputo nelle de opinioens, nem sigo outros mais que os que aqui vaõ apontados (por saber a diversidade que ha entre elles, com serem os que allego muy authenticos, e aprovados) que assim o fez Plutarco. E por evitar escrupulos, apontey aos passos Autores que os contaõ, ou referem, em que parte, livro, capitulo, e folhas, onde se poderaõ ver, e examinar com muita fidelidade, sem acrescentar, nem diminuir cousa, que aniquile a alma da historia. E com ser isto infalivel, naõ haõ de faltar zoilos roedores,

§§§ ij que

que queiraõ dar ſua unhada, pois ſemelhantes naõ faltaraõ aos mais altos, e ſubidos eſcritores do Mundo. Donde vem acanharemſe os homẽs (particularmente Portuguezes) a ſairem com ſuas obras, por naõ ſe aventurarẽ a detracções de gente pouco agradecida, que naõ ſerve de mais, que de julgar trabalhos alheos, naõ ſendo elles para nada, que he o que dizia Tullio, que mais faceis eramos a reprender obras alheas, q̃ à fazer outras ſemelhantes por leves que ſejaõ.

Digo iſto porque naõ me póde deixar de parecer mal, eſtar hum homem deſvelando-ſe por fazer qualquer obra (que por minima cuſta alguma couſa) com intrinſecos deſejos de agradar pelo menos ſeus naturaes, e amigos, e por remate eſtar à merce do ocioſo, que por moſtrar, què póde dar ſeu acenſo lha cenſura a ſeu alvidrio, mas ao tal ſe reſponde com aquillo de Marcial, queixando-ſe de outro de ſemelhantes aleijões.

Lib. 2. Epigram. 8.

Hæc mala ſunt, ſed tu non meliora facis.

Quanto, eu lançome fóra deſta queixa, porque já ſey q̃ hei de ir pela via dos mais, que quando a Sagrada Eſcriptura, ordena pelo Eſpiritu Sãto, naõ pode eſcapar de linguas atrevidas, e ſacri-

criligas, como efcaparey eu? Com tudo me fica hũa certa efperança deftes murmuradores (ainda que para elles naõ gaftei meu tempo) q̃ naõ me poderaõ negar trabalho, e curiofidade, que tive no recopilar defte primeiro tributo. Quanto mais, que o agradecimento delle fó efpero dos curiofos agradecidos, amigos do zello Portuguez, e inda eftes refpeitãdo a Plutarco, que com fer Grego de naçaõ, foube tambẽ efcrever dos Romanos como dos Gregos, e póde fer, que daquelles o fizeffe com mór ventaguẽ q̃ de feus proprios naturaes. Quãto mais eu q̃ por fer Portugues (quãdo o defejo me naõ eftimulara, effeituar muitos ferviços por minha Patria pela natural, e preciza obrigaçaõ, q̃ todos temos de eternizar noffos naturaes) naõ mereço calumnia em galardaõ da boa vontade com que offereço efte ferviço, convidando aos curiofos, e agradecidos á liçaõ do meu *Theatro Lufitano*, quando fair a luz, onde (com o favor de Deos) efpero fazer hũ bom ferviço á nobreza defte Reyno, apurando, e ordenandolhe por exemplos as coufas mais notaveis delle, em fórma, q̃ efcufem bufcallas noutras hiftorias, nẽ tenhaõ enveja às dos outros Reynos de Europa.

Vale.

IN

IN LAUDEM AUTORIS
EPIGRAMA
Miles Lusitanus,

REddere dum nostros; alijs heroibus, optas
ingenio, & factis, & pietate pares.
Tanta tibi eloquij facundia, tanta diserti
Pectoris, & sciolæ copia mentis inest:
Ut quicumque parem nostris heroibus olim
quæsierit, scriptis invenietque tuis:
Si tibi de nostris, alijs autoribus æquum
exquirat, nullum judicet ille parem.

Aliud.

ELigis insignes pietate Heroas, & armis,
quos justis animi lancibus æquiparas
Plenum opus est odij conferre, quid ardua tentas?
proruat ut reliquas Lysia sola plagas?
Difficilem litem, facilem das arte Suares,
& merita appendis lancibus æqua tuis.
Nullus abit victus, quid de te jure queratur
absque odio vincens Lysia, maior erit.
Regna gravent unam ducibus cum cætera lăcem,
Altera Lysiadum pondere pensat onus.

A-

APROVAC,AM DO P. M. JOAM COL, DA CONgregação do Oratorio, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

LI os Parallelos q̃ compos o Excellẽtissimo Senhor Cõde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, com q̃ Miguel Lopes Ferreira quer acrescẽtar os antigos, e já impressos q̃ escreveo Francisco Soares Toscano. Se o Excellẽtissimo Conde florecera em tempo deste Autor seria hũ dos Varões illustres Portuguezes com q̃ elle ennobreceria o seu livro, e o seu assumpto, se he q̃ a falta de igual Parallelo o naõ excluisse gloriosamente do numero dos mais para competir comsigo mesmo como unico, e incõparavel. Mas se Frãcisco Soares Toscano naõ teve a honra, e a fortuna de escrever, ou admirar as acções heroicas de hum Varaõ taõ insigne, agora se vè remunerado o estudo q̃ empregou em illustrar a naçaõ Portugueza, com se dignar o Excellentissimo Conde naõ só de proseguir a sua obra, mas de moderar as luzes da erudição, e sabidoria em q̃ o excede, para lhe naõ escurecer a fama. E nesta moderaçaõ reconheço eu a mais gloriosa vitoria: se o Excellentissimo Conde quisera igualar a Plutarco, facil lhe seria a empreza; reprimir os voos de seo elevado entẽdimẽto, e humanarse a seguir os passos de quem lhe era inferior no talento, isso foy vencerse asi mesmo. A Trajano dizia Plinio, q̃ sendo a condiçaõ dos astros escurecerem os mayores a os menores, elle era mayor q̃ todos, mas mayor sem diminuiçaõ de qualquer outro: *Est hæc natura sideribus, ut parva & exilia validiorum exortus obscuret. Tu tamen maior omnibus quidem eras, sed sine ullius diminutione maior.* Seja poes o Imperador Ulpio Trajano o Parallelo do Conde D. Frãcisco Xavier de Menezes. Gloria póde ser para Frãcisco Soares dizerse, q̃ he menor astro em comparaçaõ deste sol; mas mayor gloria he para o Excellentissimo Conde o verse, q̃ he sol taõ benigno, q̃ o deixa apparecer, e resplãdecer na sua mesma presença, mitigando os proprios rayos para lhe naõ diminuir o lusimẽto. Nem he menos digno de louvor o Excellẽtissimo Conde pelos q̃ dá nos seus Parallelos à os Fidalgos do seu tẽpo. Muito

to

to longe está da inveja quẽ louva aos que tratou de taõ perto. Mas assim como a inveja he hum monstro feissimo, assim he fermoso naõ consentir, q̃ morraõ, e fiquem sepultados no esquecimento os q̃ saõ dignos de eterna memoria, e extender com a dos outros a fama propria, como dizia o mesmo Plinio: *Pulchrum in primis videtur, non pati occidere, quibus æternitas debeatur, aliorumque famam cum sua extendere.* Em fim os Parallelos q̃ se pretendem imprimir de novo saõ obra do Excellentissimo Senhor Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, e nisto digo, q̃ saõ dignissimos da luz publica, e q̃ naõ tem cousa alguma contra a pureza da Fè, ou bons costumes. Este he o meu parecer: V. Eminencia mandará o que for mais acertado. Lisboa Occidental, e Congregaçaõ do Oratorio em 22. de Mayo de 1733. *Joaõ Col.*

Plin. Epist. lib. 5. Epist. 103.

VIsta a informaçaõ, podem-se imprimir os Parallelos acrescentados pelo Conde de Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, e depois de impressos tornaraõ para se conferir, e dar licença que corraõ, sem a qual naõ correraõ, Lisboa Occidental 22. de Mayo de 1733.

Fr. Lancastro. Cunha. Silva. Cabedo. Soares.

POde-se imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para q̃ corra, Lisboa Occidental 30. de Julho de 1733.

Gouvea.

QUe se possa imprimir vistas as licenças do Sãto Officio, e Ordinario, e despois de impresso tornará a Mêsa para se conferir, e taxar q̃ sem isso naõ correrá, Lisboa Occidental 7. de Agosto de 1733.

Pereira. Teixeira. Rego.

VIsto estar conforme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 22. de Dezembro de 1733.

Fr. Lancastro. Cunha. Teixeira. Cabedo. Soares.

VIsto estar conforme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 22. de Dezembro de 1733. *Gouvea.*

TAixaõ este livro em quatro centos e oitenta. Lisboa Occidental 22. de Dezembro de 1733. *Pereira. Teixeira.*

PA-

PARALLELOS DE PRINCIPES, E VAROENS ILLUSTRES ANTIGOS,

A que muitos da nossa naçaõ Portugueza se assemelhàraõ em suas obras.

CAPITULO I.

Do Emperador Constantino, e ElRey D. Afonso Henriques.

INdo o Emperador Constantino Magno na volta de Roma contra o tirãno Maxẽcio, chegaraõ a termo de se dar batalha, e como o Emperador estivesse o dia antes solicito della, por lhe o tiranno ter muita vẽtagem, lhe appareceo no ar huma Cruz inflamada, e ouvio huma voz, que

Milagres.

A Familia dos Pereiras em Portugal, desta Cruz tẽ a origem de suas Armas.

lhe disse, que com aquella insignia o venceria. E à noite seguinte o certificou nosso Senhor Jesu Christo da vitoria, apparecendo-lhe em sonhos, e admoestando-o, que no tempo de acometer seu adversario, levasse arvorada huma Cruz do modo, e traça daquella, q̃ se lhe mostràra o dia d'antes. Feita a Cruz, e dada a batalha junto da ponte Miluia, duas milhas fòra da porta do Populo em Roma, foy Maxencio desbaratado, e morto. Consta de *Sozomen. lib.* 1. *cap.* 3. *Euseb. lib.* 9. *cap.* 9. *Cassiod.* 1. *trip. hist. Eccles. lib.* 1. *cap.* 1. *Niceph. lib.* 7. *cap.* 29.

Semelhante milagre aconteceo ao felicissimo, e sãto Rey D. Affonso Henriques, primeiro Rey de Portugal, q̃ estando seu Exercito pequeno em numero, mas grande em esforço, à vista de cinco Reys Mouros, entre si confederados, de que era cabeça Ismael, ou Ismar com infinitos milhares de homens em hũ lugar do cãpo de Ourique em Alẽtejo, chamado depois pelo successo, Cabeças delRey, junto à Villa de Castro Verde duvidoso do successo da batalha, foy certificado della ẽ sonhos, e depois lhe appareceo huma

ma Cruz (como a outro Constantino) salvo que de ventagem, estava nella Jesu Christo Crucificado, como por nòs padeceo, certificando-o por sua Divina boca (favor grandissimo, e que se naõ acha que acontecesse a outro Rey, ou Emperador) que naõ sò venceria aquella presente batalha, *mas* em quantas pelejasse contra os inimigos da Cruz, como pelo discurso do tempo se vio: e dando-se a batalha, venceo os cinco Reys Mouros, com grande estrago, mortandade, e perda delles, em memoria do qual milagre, deixou o Santo Rey por Armas a este Reyno de Portugal as cinco Quinas, ordenadas conforme a Divina visaõ, que saõ cinco escudetes azuis em Cruz em campo de prata, e em cada escudetecinco dinheiros de prata em aspa, porque Christo foy vendido: e este escudo està hoje posto, e metido sobre outro grande que lhe serve de orla com sete Castellos de ouro em vermelho, que saõ as proprias, e verdadeiras Armas do Reyno do Algarve, que ajũtou, e unio El Rey D. Affõso III. Conde de Bolonha, e por tibre a Serpe ẽ figura de Christo, ou (como quer Duarte

Nunez de Leaõ na segũda parte das Chronicas dos Reys de Portugal, manuscritas na vida del Rey D. Joaõ o I.) usou della o mesmo Rey D. Joaõ por memoria da que matou S. Jorge, Patraõ da Ordem de Cavallaria de Garrotèa, de Inglaterra, de que elle era Cavalleiro. E estas saõ as Armas mais conhecidas, e respeitadas na Redondeza da terra por vencedoras, e triunphantes que outras algumas. De todo este caso, e visaõ fez El Rey hum juramento em Cortes, que se fizeraõ em Coimbra a 29. de Outubro do anno de Christo 1152. treze annos de pois deste apparecimento, e batalha. O qual està em o Mosteiro de Alcobaça, que o mesmo Rey fundou. E consta de *Pedro de Maris Dialog. 2. cap. 4. è 5. Fr. Bernardo de Brito na Chron. de Cister. p. 1. cap. 1. 2. e 3. do 3. liv. Duarte Galvaõ na Chronica deste Rey cap. 15. Duarte Nunez de Leaõ na mesma, fol. 33. Fr. Simaõ Coelho na Chron. do Carmo p. 1. liv. 2. cap. 17. e Bernardino Rosignolio de actionib. virtutib. lib. 1. cap. 16. Horatio Tursilino in Epit. historiarum, e outros.*

CA-

CAPITULO II.

De Josue, e o mesmo Rey D. Affonso Henriques.

JOsue Capitaõ do povo de Israel, na batalha, que teve com Amalech, que com hum poderoso Exercito, determinava extinguir o povo de Deos, e metello á espada, sem perdoar a nenhum genero de cousa viva: dado que a guerra fosse justa, e santa, naõ se fiando Josue em forças humanas, sem ajuda das divinas, ordenou com o Santo Moyses, que com suas oraçoens por huma parte, e elle com as armas pola outra dessem principio à peleja, de que esperava sair vencedor: e naõ foy menos, que em quanto Josue pelejava, de hum alto monte estava o Santo Moyses fazendo oraçaõ a Deos com as mãos levantadas, e os olhos no Ceo, pedindo ao Senhor favorecesse a seu Capitaõ, que por seu amor estava sacrificando com tanta vontade sua vida. E diz a divina Escritura, que mais fez Moyses orando, que Josue pelejando: de ma-

neira, que quando Moyſes ceſſava de ſua oraçaõ, e abatia as mãos, hia de vencida ſeu inimigo Amalech, e como tornava levantallas, ſe conhecia claramente pender a vitoria à parte de Joſue; o qual aſſim rompeo, e desbaratou os inimigos valeroſamente, com grande honra, e reputaçaõ de ſua peſſoa. *Exod.* 17.

Bem ſemelhante, e evidente milagre aconteceo ao ſobredito Principe D. Affonſo Henriques, exemplo de bellicoſos, e ſantos Reys, que no anno de 1122. indo com mão armáda contra Albucazan Rey de Badajoz, que entrando pelas terras da Beira, aſſolava, e deſtrohia quanto achava; o Principe, como Catholico, e pio naõ ſe fiando noutras armas que nas divinas, levou de caminho a hum Fr. Aldeberto Religioſo Francez Prior do Moſteiro de S. Joaõ de Tarouca (que naquelle comenos ſe andava edificando) da Ordem de S. Bento: ao qual pedio o Principe, que em quanto pelejava fizeſſe elle oraçaõ a noſſo Senhor, pedindolhe efficazmente lhe deſſe vitoria contra os Mouros. Com eſte concerto, e confiança ſe travou huma temeroſa batalha entre os Exercitos por eſpaço de tempo, ſem haver

ver melhoria de nenhuma das partes: até que as mudas vozes do ſanto Prior (diz a Hiſtoria) que como outro Moyſes meterão nas mãos do Chriſtianiſſimo Principe a vitoria, e os Mouros começàraõ a fugir, e os noſſos a matar nelles, ganhando ricos deſpojos, de que reſultou notavel gloria ao nome Portuguez, mais pela oraçaõ do ſanto Fr. Aldeberto, que pelas armas do Principe, como ſe bem vio, e verificou no alcance, que elle com alguns cavallos ligeiros fez aos Mouros que fugiaõ; onde o Principe levou o peyor partido, por falta da oraçaõ do Abbade, como que lhe quiz Deos moſtrar o meyo por onde lhe concedera a vitoria. E querendo paſſar o rio Tavora, achou pelos Mouros tomado o paſſo do rio, e lembrando a Fr. Aldeberto, que em ſua oraçaõ punha a eſperança da vitoria, cometeo os inimigos com muyto animo, e esforço, e os rompeo, e desbaratou com morte de muitos delles, e paſſou livremente o rio confeſſando publicamente, que em ſe o Prior pondo em oraçaõ, ſe declarava a vitoria por ſua parte. Por onde deu ao Moſteiro de S. Joaõ de Tarouca algumas terras, e lhe fez outras muitas

honras, e merces. Author he de tudo Fr. *Bernardo de Brito na Chron. de Cister p.* 1. *l.* 2. *c.* 4.

CAPITULO. III.

Do mesmo Josue, e D. Payo Peres Correa.

O Mesmo Josue na batalha, que houve com os cinco Reys Amorreos inimigos de Deos, e seus, em favor, e ajuda dos Gabaonitas, os rompeo com tanta felicidade, que vio faltar antes o tempo à sua ventura, que à prosperidade a seus intentos; e vendo que havia pouco tempo de Sol, desejoso de vencer aquella presente batalha, e seguir o alcance della, chamou a Deos em seu favor: e foy sua oraçaõ taõ poderosa, que fez parar o Sol de seu curso, diffirindo o dia por taõ grande espaço de tempo, que acabou Josue sua vitoria, e proseguio o alcance, matando, e ferindo nos inimigos cruelmente. *Josue cap.* 10. *Joseph. de Antiq. l.* 5. *cap.* 1.

O mesmo se acha escrito, que aconteceo a D. Payo Peres Correa, natural da Cidade de Evora (como se lè nos Anniversarios da Sè da

mesma) Mestre da Ordem de Santiago em Castella, que vindo às mãos com os Mouros ao pè da serra Morena em a Provincia de Leaõ, junto donde agora he Santa Maria de Tudia, depois de muitas horas de peleja, sem se a vitoria mostrar por nenhuma das partes, vendo faltarlhe o dia com desejo de vencer aquella batalha que tanto lhe importava, e segbir o alcance della, chamou a Deos em seu favor, e ajuda, pedindolhe fosse servido fazer parar o Sol de seu curso milagrosamente, como em outro tempo o tinha feito com Josué Capitaõ de seu povo de Israel, por cuja oraçaõ (dizem as memorias daquelle tempo) que parou o Sol, diffirindo o dia por taõ grande, e notavel espaço de tempo, que nelle concluio perfeitamente o Mestre a vitoria começada, e seguio o alcance com largo estrago dos Mouros: e por memoria, e lembrança deste milagre e vitoria, mandou o Mestre edificar hũma Igreja à sua custa, a que poz nome Santa Maria de ten tudia. Palavras formaes com que tomou a Virgem nossa Senhora (cujo era o dia.) por intercessora; e hoje corrupto o vocabulo se chama, Santa Mara de Tudia, aonde elle

Anniversarios da Sè de Evora antiquissimos a 27. de Março, em que se lhe faz hũ anniversario por sua alma.

fosse Aaram Summo Sacerdote, como foy com benemerito, e applauso do povo Hebreo. *Exod.* 32.

O mesmo affirmaõ as Historias Castelhanas, que aconteceo a ElRey Vvamba, natural da Cidade de Idanha em Portugal, mas da linhagem dos Godos; o qual por morte del-Rey Reccesvindo foy eleito em Rey de Hespanha, havendo dantes grandes debates, e tanta discordia, e confusaõ entre os Godos, que logo se ajuntaraõ a eleger Rey, como costumavaõ, que por muito tempo se naõ puderaõ conformar na eleiçaõ: e consultando o Summo Pontifice por revelaçaõ divina, lhes disse ser vontade de Deos, que reinasse em Hespanha hum Godo chamado Vvamba, do qual deu outros sinaes, por onde fosse conhecido; e chegado o aviso, e buscado com diligencia este homem, o achàraõ lavrando em a Cidade de Idanha, e dandolhe conta de como o buscavaõ para Rey, riose, cuidando que zombavaõ, naõ obstante as rezoens com que o compelliaõ à ceitar o novo reinado, em o qual como elle naõ quizesse vir, e os Embaixadores se despuzessem levallo à força a To-

ledo,

ledo, para là ser coroado,elle incredulo de tamanha novidade, fincou na terra a aguilhada, que tinha na maõ; dizendo, que quando aquella aguilhada, com que picava seus boys tornasse a reverdecer,e tivesse folhas, e fruito, seria elle Rey dos Godos, e foy Deos servido, que tras as palavras, se seguisse o milagre. Porque logo a vara seca floreceo, e brotou folhas, e fruito (como aconteceo a Aram.) Vendo Vvamba o milagre, conhecendo a vontade de Deos, lhe deu muitas graças de giolhos, e sem repugnancia alguma foy levado a Toledo, e recebido com geral contentamento do povo, que da maravilha jà era sabedor; onde foy ungido em Rey de Hespanha, a qual elle governou alguns annos com muita satisfaçaõ, e beneplacito de todos, e grandes mostras de santidade. Assim o deixàraõ posto em memoria Valerio de las historias eschola*sticas liv. 3. tit. 4 cap. 4. Fr. Alonso de Venero no seu Euchiridion dos tempos f. 112. Joaõ da Castilho na Historia dos Godos liv. 2. discurso* 10. *Pedro de Medina nas Grandezas de Hespanha liv. 1. cap. 75. Monarchia Lusitania part. segunda liv. 6. cap. 25.*

CA-

CAPITULO V.

Dos Reys David, e o mesmo Vvamba.

ElRey David de pobre pastor, que era, por particular vontade divina, sobio à dignidade, e estado Real, governando o povo Hebreo com muita paz, e quietaçaõ, e por fòra guerreando os inimigos de Deos, e seus, alcançando delles espantosas vitorias, acompanhadas de ricos, despojos, e gloriosa fama. Usando de Real clemencia, e humanidade com os rebellados, e fazendo outras louvaveis virtudes, por serviço, honra, e zelo de Deos, e bem commum de seus criados, e vassallos. 1. *Reg.* 16.

O proprio se vio em ElRey Vvamba, (como acima dissemos) que de pobre lavrador, que com sua aguilhada, e boys passava a vida quieta, inda que pobremente sem pensamentos Reaes, por graça, e vontade de Deos, foy eleito em Rey de Hespanha (como o foy David de Israel) conquistando a fervoradamente os inimigos da Santa Fè Catholica, e seus ha-

havendo delles grandes vitorias, e ricos despojos, subjugando aos soberbos, e perdoando aos rebeldes com naõ menos clemencia, e humanidade, que David. A quem naõ foy inferior no zelo, e honra das cousas de Deos: em tanto que Hespanha lhe deve os principios de sua politica, e aumento da Religiaõ Christaã. Além dos Authores acima citados o contaõ miudamente os Arcebispos de Toledo D. Rodrigo *liv. 3. cap. 1. e D. Juliaõ na vida de Vvamba. Morales l. 12. cap. 41. Pineda parte 3. lib. 18. cap. 3. §. 1. Affonso de Carthagena Anacephal. cap. 39. Mariana lib. 12. cap. 41. Vazeo, e outros.*

CAPITULO VI.

De Judas Machabeo, e ElRey D. Affonso IV.

JUdas Machabeo, Capitaõ do povo de Deos na batalha contra Timotheo seu grande inimigo, no conflito della se vio pelejarẽ os Anjos ẽ seu favor, sobre seus cavallos muy bẽ ajaezados, fazẽdo nos inimigos gran-

grande estrago com lanças, e armas de arremesso, com que eraõ confusos, e perturbados, caindo em terra atropelandose huns aos outros, com o que alcançou o Capitaõ Judas Machabeo huma vitoria bem importante à honra de Deos, e authoridade de sua pessoa 2. *Machabeo.* 10.

Outro similhante milagre se vio na memoravel batalha do Salado nos campos de Tarifa, contra o Emperador de Marrocos, e os Reys de Granada, Tunez, e Bugia desbaratados por os Reys Affonso o IV. de Portugal, e de Castella XI. q̃ cõ seu poder, e pessoas se juntaraõ para poderem resistir a taõ grande multidaõ de Mouros; dos quaes era impossivel seu vencimento, se neste trabalhaõ naõ acudira a divina misericordia com huma grande, e fermosa companhia de Anjos em seus cavallos brancos, mostrando-se vencedores contra aquelles infieis com armas, e lanças offensivas de arremesso, com que faziaõ nelles miseravel estrago, perturbando-os, e desordenando-os de maneira que foraõ mortos na batalha passante de quatro centos mil Mouros, e sómente cincoẽta Christãos alli morreraõ. Sobre

bre o que achey huma trova na lingua antiga, que diz:

Segun en la historia fallo
La gente vencida fue:
Sessenta mil de cavallo,
Quatrocientos mil de pie.

Vitoria das mayores que se alcançáraõ no Mundo, que por ser taõ importante à Christandade, he celebrada nas Igrejas Cathredaes de Portugal, e Castella com titulo de *Victoria Christianorum.* Este milagre achey em huma memoria daquelle tempo antiga, e o canta *Mariz Dialog. 3. cap. 4.*

CAPITULO VII.

De ElRey D. Pelayo, e o grande Affonso de Albuquerque.

ELRey D. Pelayo (primo delRey D. Rodrigo, por quem se perdeo Hespanha) na primeira batalha, que na entrada das Asturias, e monte Auseva (que hoje chamaõ a cova de Santa Maria) teve com os Mouros, onde Alcaman Capitaõ de cento oitenta, e sete

mil combatentes, o tinha estreitamente cercado, e posto em grandissimo aperto, combatendo com toda a furia, que os Barbaros podiaõ tirar de sua indignaçaõ, mas como os Deos tinha tomado à sua conta, viose hum grande, e maravilhoso milagre em favor del-Rey D. Pelayo, e dos Christãos, que com elle estavaõ: e foy, que as fercas, lanças, e mais armas, e tiros de arremesso, que os Mouros lançavaõ contra a boca da cova aos deffensores Christãos, se viravaõ contra elles mesmos, e ahi empregavaõ sua furia, matando, e ferindo nelles cruelissimamente: e por outra parte as muitas armas, e tiros, que da cova os cercados despendiaõ, mediante as quaes, e o socorro, primeiramente do Ceo, que alli pelejou pelos Christãos, se puzeraõ os Mouros em fugida, atropelandose huns aos outros, com tal confusaõ, desatino, e embaraço, que os poucos que sairaõ da cova em seu alcance, bastàraõ para matar muitos milhares delles, com que ElRey D. Pelayo cobrou grande animo para emprender mayores cousas contra seus inimigos, e da piedade Catholica, de que tirou muita honra, fama, e nome, e se lhe deve

deve muito grande louvor; por ser o primeiro que começou a restaurar Hespanha. *O Arcebispo D. Rodrigo lib. 4. cap. 3. Julian del Castillo lib. 3. disc. 1. Morales lib. 13. cap. 3. Enchiridion de los tiempos fol. mihi* 110. E outros.

Com semelhante milagre favoreceo Deos nosso Senhor os Portuguezes em o porto de Ormuz (Cidade antiga de Carmania, muito populosa, e forte, de quem todo o Reyno tomou o nome,) quando a primeira vez o grande Affonso de Albuquerque a conquistou com sete velas somente, e quatrocentos e sessenta homens de peleja, com que partira deste Reyno, contra mais de trinta mil homens, de naçaõ Persas, e Arabios, que por mar, e por terra valerosamente a deffendiaõ, e se travou a peleja no mar com tanto fervor, e valentia de ambas as partes, que se duvidou da vitoria, que naquelle dia perfeitamente alcançaraõ os nossos, fazendo grande estrago, e destruiçaõ em sua muito poderosa, e grossa Armada. Na qual batalha, posto que os Christãos se ouvessem com ardentissimos animos, quiz-lhe nosso Senhor mostrar como aquella peleja estava à sua conta. Porque se acharaõ (venci-

da a batalha) sobre a agua grande numero de Mouros mortos de frechas, que tinhaõ metidas pelo corpo, de que morreraõ sem outra ferida alguma das nossas armas naõ havendo em toda a Armada pessoa, que tivesse arco, nem frecha, nem quem soubesse tirar com elle. Em que mostrou Deos alli sua divina potencia (como em semelhantes necessidades costuma fazer) que as frechas que elles tiravaõ, voltavaõ com tanta força, e impetu, que tornandose áquelles que as despediaõ, faziaõ nelles maravilhoso estrago, e assim morriaõ com suas proprias armas (como aconteceo aos Mouros delRey D. Pelayo) pondose em tal confusaõ, e desordem; que os poucos que nas nossas naos hiaõ, que com elles bravamente apertàraõ, bastàraõ para matar os mais delles; livrando o alto Deos aos Portuguezes da furia da artelharia inimiga, permittindo que com seu divino favor, e auxilio alcançasse o grande Affonso de Albuquerque huma vitoria digna de seu generoso peito, com que ganhou, e mereceo muito louvor, e perpetuaçaõ de seu nome, e fama naquellas partes do Oriente, entregandoselhe logo a terra, e

Este milagre tacitamente nega Damiaõ de Goes na Chronica delRey D. Manoel, e o Bispo Osorio que o seguio atribuindo o caso á confusaõ dos Mouros.

ao Rey della fazello tributario de seu Rey. Author he o excellente, e grave Escritor Joaõ de Barros na 2. *Decada liv.* 1. *cap.* 5. *Affonso de Albuquerque nos Coment. de seu pay. p.* 1. *cap.* 38. *Maffeo de rebus Indicis lib.* 3. *fol. mihi* 79. *sub litera A.* *O grande Luiz de Camoens nos Lusiadas canto* 2. *octava* 49. *e outros.*

CAPITULO VIII.

DelRey D. Jayme de Aragaõ, e o mesmo Affonso de Albuquerque.

O Invencivel Rey D. Jayme de Aragaõ primeiro do nome, chamado o Conquistador, na conquista da Ilha de Malhorca, e entrada da Cidade (de que era Rey hum poderoso Mouro chamado Retabohihe) foy visto dos Mouros entre os de cavallo hum Cavalleiro armado de armas muy resplandecentes, sobre hum cavallo branco com huma divisa nos peitos de huma Cruz vermelha, naõ havendo tal homem entre os Christãos: de cuja vista, e fervor no pelejar os Mouros ficavaõ taõ espantados, e amedrontados, que

fugiaõ delle a toda furia, e davaõ como cegos, e perturbados nas mãos dos Christãos, que os faziaõ em pedaços. Creraõ todos, que sem duvida alguma era aquelle Cavalleiro o glorioso Martyr S. Jorge, que como deffensor, e Patraõ dos Reynos de Aragaõ, appareceo aquelle dia favoravel a seus soldados, e lhes meteo nas mãos huma memoravel, e gloriosa vitoria, com que o nome, e fama del-Rey D. Jayme ficou taõ celebre, como temido, e respeitado dos Mouros das Ilhas, e lugares circumvezinhos, por terem a Cidade, e Ilha de Malhorca por cousa forte, e inexpugnavel: e gozou della ElRey, e a possuio todo o tempo de sua vida, e inda em nossos tempos està em poder de Catholicos, que a souberaõ conservar com particular cuidado, e vigilancia. *Bernardino Gomes Miedes in eius vita. lib. 7. cap. 9.*

Naõ faltou semelhante divino favor ao sobredito Governador Affonso de Albuquerque na conquista, e tomada da Cidade, e Ilha de Goa na India, a segunda vez, em que de todo a ganhou: onde a resistencia de Turcos, e Mouros (que com muito animo, e acordo pe-

pelejavaõ) meteo em desconfiança aos mais ousados, e valerosos de a poder entrar por serem muy poucos, e os inimigos muitos, e muy bons soldados. Neste trabalho, e affliçaõ appareceo hum homem armado de suas armas brancas com huma Cruz vermelha no peito (como no Exercito delRey D. Jayme) que *visivelmente* andava em companhia dos Christãos, ferindo, e matando nos Mouros, e mais barbaros denodadamente, e metendose no mais arriscado da batalha, fazia miseravel estrago nos Goanos, de q̃ elles mesmos foraõ melhores testemunhas, porque depois de ganhada a Cidade, perguntavaõ, que Capitaõ era hum que diante delles andava; e affirmavaõ que este homem os fizera fugir, e que elle *só fora* o que lhes tomàra à sua Cidade: cujos sinaes nunca viraõ os nossos, nem tal homem havia entre os Portuguezes. Por onde entenderaõ, indubitavelmente, favorecellos o glorioso Apostolo Santiago Patraõ, e deffensor de Hespanha, e da Coroa de Portugal, como sempre costuma em semelhantes apertos, e perigos naquellas partes acontecidos. E porque Affonso de Albuquerque era Commen-

dador de ſua Ordem, e ſeu particular devoto, quizlhe agradecer eſte favor, e mercè, que delle recebera, com hum ſerviço que ficaſſe erpetuamente por lembrança, e memoria do milagre, e vitoria, que por ſeu meyo alcançàra de ſeus inimigos, com que ſeu nome, e fama foy taõ celebre, e ſe eſtendeo com tanta gloria, e reputaçaõ ſua polas partes da India, e muito longe fora della, que naõ ſó acreſcentou o temor, e eſpanto aos Reys daquelle Imperio, mas mereceo todo o favor, e graça, aſſim delles, como dos Principes Chriſtãos. Por ſer o mayor feito que nunca taõ poucos homens fizeraõ em Cidade, que era cabeça (como hoje he Metropoli de toda a India aſſim no Temporal, como no Eſpiritual) e que ſe tinha por impoſſivel poderſe ganhar por nenhuma força de armas, e todavia lançou fóra o Hidalcaõ ſenhor della, que por vezes com grandes Exercitos procurou cobralla, mas ſempre foy deffendida valeroſamente dos Portuguezes, que a conſervàraõ atè gora com o recato, e cuidado que eſta naturalmente bellicoſa naçaõ coſtuma. *Damiaõ de Goes na Chron. delRey D. Manoel. p. 3. cap. 11.*

Maffeo

Maffeo lib. 4. fol. 106. lit. E. Commentarios do Albuquerque p. 2. capit. 4. Fr. Antonio de S. Romaõ na Historia da India Oriental p. 1. liv. 1. cap. 30. fol. 194. e outros.

CAPITULO IX.

Do Pontifice Metello, e o Cardeal D. Henrique.

EStando o Pontifice Metello em Roma, soube como por desastre dera o fogo no Templo de sua falsa Deosa Vesta (onde estava huma imagem, a que chamavaõ o Palladio, em que os cegos Romanos, como faltos da verdadeira Fè, tinhaõ muita, e devaçaõ) e se accendeo de maneira, que quasi a meaçava ruina, sem haver quem se aventurasse entrar dentro, e salvar pelo menos o Palladio, senaõ Metello, que como Pontifice (a quem o culto de sua religiaõ incitava mais compadecerse daquella imagem) offerecendose a todo o perigo, se lançou no Templo, e rompendo pelo meyo das chamas, chegou ao Palladio, e com elle nos braços o tirou da Ara em que estava,

tava, e o poz em salvo com estranha admiraçaõ de todos, que o faziaõ morto, e consumido do fogo. *Val. Max. lib. 1. cap. 5. Livi. 19. Dionis. 3.*

Semelhante o fez o Cardeal Infante D. Henrique (Rey que depois foy de Portugal) em outro incendio nos Paços de Almeirim, nos quaes tambem por desastre deu o fogo em hum Oratorio, em que estava hum fermoso, e devoto Crucifixo, e se accendeo com tanta furia, que quando o quizeraõ atalhar primeiro faltou o remedio q̃ a diligencia, o Christianissimo Cardeal, que na Religiaõ, e culto divino a nenhum Principe do Mundo deu ventagem, em caso, que via o Oratorio abrasado em vivas chamas de fogo, e quasi caindo (em o qual senaõ podia entrar sem notavel perigo da vida) attendendo mais à Imagem de Christo (que por nos salvar, e livrar do perpetuo cativeiro do demonio se puzera na Cruz) que a sua propria vida, que por aquelle Senhor se achava por muy ditoso perdella em tal occasiaõ, se lançou dentro no Oratorio (como o fez o Pontifice Metello) e rompendo polas labaredas, tirou o Crucifixo do Altar, em que esta-

estava posto, e abraçado com elle, se tornou por onde entrara, sem receber dano algum com grande contentamento seu, e espanto das pessoas, que presentes eraõ. Isto aprendi dos Mestres, e Padres da Companhia de Jesu, dos quaes alguns inda hoje saõ vivos. Sobre este passo fez o Padre Manoel Pimenta, hum Epigrama excellentissimo, comparando ao pio Cardeal com Eneas, que tirou a seu pay Anchises das chamas de Troya às costas. He breve naõ causará fastio.

Sustulit Æneas flamma exardente parentem,
Iliacas flamma dum populantur opes.
Sustulit Henricus pietate in signis Jesum,
corripit augustas dum vaga flamma domos
Hujus, & illius magnum descrimen: ab igne
sustulit hic hominum, sustulit ille Deum.

CAPITULO. X.

De Judas Machabeo, e o Condestabre D. Nuno Alvares Pereira.

O Valeroso Judas Machabeo Capitaõ Israelita foy taõ particularmente dado ao cul-

culto divino, q̃ antes de entrar em batalha, e cometer ſeus inimigos, primeiro fazia oraçaõ a Deos, pedindolhe favor, e ajuda no preſente trance. A qual acabada, ſeguro, e confiado dava ſobre o campo contrario, e o rompia, vencia, e desbaratava, como quem da mão divina era ajudado, e naõ ſe acha batalha q̃ perdeſſe uſando dantes da oraçaõ, nem alguma q̃ ganhaſſe ſem ella 1. *Machab.* 4.

Aſſim o fazia o ſanto Condeſtabre D. Nuno Alvares Pereira (fundamento, tronco, e origem da nobilliſſima, e Real caſa de Bragança) que em tudo foy outro Judas Machabeo, porque jà mais entrou em batalha, nem rompeo com ſeus inimigos, que primeiro naõ franqueaſſe o Ceo com ſua oraçaõ; que para o fazer com mais alivio, e conſolaçaõ ſua, trazia, em ſeu campo hum devoto Crucifixo, e na bandeira por inſignia, e deviſa a Virgem Senhora noſſa pintada: antequem poſtos os geolhos em terra, e mãos levantadas, publicamente fazia oraçaõ, e quando a preſſa (que naõ foraõ poucas) lhe naõ dava lugar, uſando dos meſmos termos com os olhos no Ceo, e penſamento em Deos, alcançava ſentença

por

por si. E feita sua oraçaõ, ledo, e sem receyo, certo da vitoria, pelejava com tal esforço, e brio, que claramente se conhecia a ventagem, que as armas sobrenaturaes faziaõ às humanas, nas grandes, e maravilhosas vitorias, que com muito poucos sempre alcançara dos muitos Castelhanos; sem perder alguma, e ganhando todas. *Consta de sua Chron. antiga, a moderna de Francisco Rodrigues Lobo. Fernaõ Lopes na Chron. del Rey D. Joaõ I. na* 1. *e* 2. *p. em particular no cap. ult. da* 1. *p.*

CAPITULO XI.

Dos mesmos Varoens santos.

O Proprio Judas Machabeo depois de vencer a Lysias Capitaõ del Rey Antiocho, subiose acompanhado dos seus ao alto do monte Sião, onde achando os altares, e lugares, santos contaminados, e danificados por seus inimigos, se lhe trocou em dobrada paixaõ, e sentimento, a alegria, e prazer da gloria que da passada vitoria alcançara do Capitaõ Lysias, e acodindo logo com pio animo

pela

pela honra de Deos, começou pessoalmente com os seus, que alli se acharaõ, a alimpar, e lançar fóra a immundicia, e pouca limpeza dos lugares santos, com que eraõ profanados, com tanta devaçaõ, e piedade, como lagrimas de seus olhos. 1. *Machab.* 4.

Assim o fez o mesmo santo Condestabre noutra semelhante occasiaõ: o qual depois de ter vencido, e desbaratado os principaes Capitaens de Castella, na memoravel batalha, que chamaõ dos Atoleiros (por haver alli muitos) meya legoa de Fronteira, Villa de Alentejo, que foy huma das mayores que se alcançaraõ em Hespanha, por dar graças a Deos da merce, que lhe havia feito, e por sua particular devaçaõ se foy hum dia de Endoenças acompanhado dos seus a pè, e descalço em romaria à Igreja de nossa Senhora do Assumar huma legoa da Villa de Monforte, e entrando nella a vio taõ descomposta, suja, e chea de estereo dos cavallos, e ginetes, que nella os Castelhanos metiaõ, quando por alli passavaõ, do que compadecido, e escandalizado sobremodo, o Catholico, e pio Conde esquecido da vitoria passada, com o presente obje-

objecto; se lhe arrancava a alma, de que era boa testemunha a corrente das lagrimas de seus olhos. Porem (qual o Machabeo) acudindo pela honra da Religiaõ; a fez alimpar, sendo elle o primeiro que com singular devaçaõ, e humildade a começou varrer, e lançar fóra a immundicia, com notavel exemplo, e edificaçaõ de todos; quem em taõ santa obra cada hum procurava aventejarse, atè que de todo a Igreja foy limpa, e varrida. Como conta *Fernaõ Lopes na Chronica del Rey D. Joaõ I. p. 1. cap. 95.*

CAPITULO XII.

De Jonathas, e o mesmo Conde, e Duarte Pacheco Pereira.

O Esforçado Capitaõ Jonathas irmaõ de Judas Machabeo, apresentando batalha aos Capitaens de Demetrio seu mortal inimigo, que em certa emboscada procuravaõ desbaratallos, e prendello: foy desemparado dos seus, que assombrados de poder escapar da grande multidaõ de inimigos, deraõ a fugir.

gir. Vendose o nobre Capitaõ deixado dos seus, no meyo deste trabalho, e perigoso trance, com pouca esperança de liberdade, soccorreose às armas divinas (remedio ultimo de sua salvaçaõ) fazendo à vista de todos oraçaõ a Deos, pedindo o ajudasse contra seus inimigos, e o fez com tanto affecto de espirito, que commettendo os contrarios acompanhado já dos seus, que de envergonhados fizeraõ volta, os desbaratou, e venceo com tanta perda delles, quanta a honra, e louvor, que naquelle dia (fóra de toda a esperança, e remedio humano) mediante a oraçaõ do Capitaõ santo ganharaõ os Israelitas. 1. *Machab.* 11.

Semelhante aconteceo ao dito Conde D. Nuno Alvres Pereira na famosa, e celebre batalha de Valverde em Castella, duas legoas de Merida, onde sendo opprimido, e afrontado do poderosissimo Exercito Castelhano, vendo quão pouco montavaõ armas humanas, quando o favor divino falta, valeose das do Ceo, que naquelle passo lhe faziaõ notavel mingoa: e saindose da batalha, se meteo entre dous penedos, onde posto de geolhos

lhos com as mãos, e olhos no Ceo, fez oraçaõ a Deos o ajudasse naquella afronta, e pode tanto com suas mudas vozes, que (semelhante a Jonathas) começou a ferir, e matar nos Castelhanos em forma, que em poucas horas os fez despejar o campo, e os desbaratou, e venceo (que isto nelle era o mais certo) com prospero, e felice successo, ganhando as bandeiras de Castella, com morte de grandes, e illustres Capitaens, que muito illustràraõ aquelle dia com seu sangue as armas Portuguezas, avezadas, e criadas em bebello de seus inimigos. Tudo se conta na *Chronica antiga do Condè*, e *Lobo no seu Condest. canto* 16. *Fernaõ Lopes na Chron. del Rey D. Joaõ I. p.* 2. *cap.* 57. e o *Poeta Principe nos Lusiadas cant.* 8. *oitava.* 30.

Pois na India naõ faltou hum Duarte Pacheco Pereira taõ celebre por seus feitos, que a ser Portuguèz, e guardar lealdade a seu Rey, se escusou da dignidade Real. Este famoso, como mal galardoado Capitaõ nos combates que o C,amorii Emperador do Malavar com outros Reys seus aliados, lhe deu em hum paço chamado Cambalaõ, Ilha pequena junto

a Cochim, em defensaõ do Rey da terra nosso fiel amigo, se vio taõ apertado, e afligido com pouca esperança de sua vida, e liberdade, e de noventa Portuguezes, que com elle pelejavaõ contra tantos, e taõ poderosos inimigos, que vendose falto das forças divinas no meyo do conflicto, e furia do combate á vista de todos (como o fez Jonathas) se poz de geolhos no navio, em que pelejava, e fez oraçaõ a Deos porèm em vozes altas, segundo o estado em que se vio. E ella acabada confiado, e seguro no favor divino, esforçando os seus, mandou desparar a artelharia, e o socorreo taõ maravilhosamente, que bem se conheceo pelejar Deos por quem por elle pelejava, e alcançou do Emperador, e mais Reys infieis huma milagrosa vitoria, e de muita importancia, pelo muito em que se aventurava o Estado do Rey de Cochim; e o nome, e credito Portuguez. *Consta do Bispo do Algarve D. Jeronimo Osorio de reb. Eman. lib. 3. fol. mihi. 133. Fernaõ Lopes de Castanheda na Hist. da India liv. 1.*

CA-

CAPITULO XIII.

De ElRey Pompilio, e o mesmo Condestabre.

ELRey Pompilio, segundo Rey dos Romanos, entrando huma vez os inimigos por sua terra, foraõ a toda a pressa os seus avisallo, dizendolhe que a fosse defender, antes que crecesse mais o dano; porèm o religioso Pompilio virando branda, e mansamente o rosto, respondeo a quem lhe isto dizia, que estava sacrificando. E com esta reposta lhes deu de maõ, e desviou que o naõ desoccupassem de seu exercicio. Dandolhe a entender (bom exemplo de Gentio) que mais se refreava a furia dos inimigos com o favor, e ajuda de Déos, que com poderosos Exercitos. E assim foy, que acabado o sacraficio, ajuntou sua gente, com que desbaratou logo seus inimigos, alcançando delles maravilhosa vitoria. *Plutar. in vit. Pompil.*

O proprio aconteceo ao mesmo Conde D. Nuno Alvares Pereira na sobredita batalha de Valverde, onde estando em oraçaõ entre dous

penedos, chegaraõ a elle os ſeus com demaſiada preſſa, dizendolhe o aperto, e mortal perigo em que eſtava o ſeu campo, e o dãno, que do Caſtelhano recebia que o foſſe atalhar com ſua peſſoa, porque todos o achavaõ jà menos da batalha, com que hiaõ afrouxando a furia de ſeus braços. O Conde revolvendo ſuave, e brandamente o roſto (qual outro Rey Pompilio) reſpondeo aos meſſageiros, que ainda naõ era tempo, que o deixaſſem orar: dandolhes de mão, pelo naõ divertirem de acto taõ pio, e importante a ſeu intento: como quem moſtrava que as mudas vozes de ſua oraçaõ eraõ as armas, com que havia de rebater as de ſeus inimigos, e alcançar delles vitoria. E aſſim foy: porque acabada ſua oraçaõ, meteo mão à eſpada, e ferindo os Caſtelhanos os enxotou do campo com igual proſperidade à confiança em Deos, ficando abſoluto ſenhor delle, e com mòr honra, que em a de Aljubarrota, por ſe ajuntarem aqui o reſto das forças Caſtelhanas, e ſer eſtimado em muito mais gente, e dentro em ſuas proprias terras, e vitoria alcançada por ſua peſſoa. *Conſta o dito de Fernaõ Lopes na Chronica del-Rey*

Na batalha de Aljubarrota achouſe ElRey D. Joaõ I. e neſta de Valverde o Conde ſómente.

Rey D. Joaõ I. p. 2. cap. 57. Francisco Rodrigues Lobo no Condestab. cant. 16. na Chron. antiga do Conde. Fr. Simaõ Coelho na Chron. do Carmo p. 1. liv. 1. cap. 19. Luiz de Camons nos Lusiadas cant. 8. oitava 30. E noutros summarios dos Reys de Portugal, com todas as Chronicas de Castella, que desta batalha naõ se mostraõ pouco sentidas.

CAPITULO XIV.

De Attilio Regulo, e Fr. Antonio Loureiro.

MArco Attilio Regulo Capitaõ, e Consul Romano, sendo em certo recontro dos Carthaginezes desbaratado, e prezo, foy por elles enviado por Embaixador a Roma pedir, e requerer ao Senado quizesse fazer troca, e cambio de huns cativos pelos outros: e sendolhe dado juramento, que ou negociasse, ou naõ, se tornaria à sua prisaõ, se partio caminho de Roma, e por naõ negocear sua Embaixada, em comprimento de seu juramento, se tornou a Carthago, desprezando o medo da morte, por naõ quebrar o juramento de sua

Religiaõ. *Apian. Alexand. in triumph. Afric. Plin. de vir. illust. c. 40. Val. Max. liv.* 1. c. 1.

Assim o fez o Padre Fr. Antonio Loureiro da Ordem do Serafico Padre S. Francisco, que sendo cativo com outras pessoas em hum naufragio em Currate na costa de Cambaya, e apresentado a ElRey Mamudio inimigo severo de Portuguezes, foy por elle enviado a Goa em busca de resgate para elle, e seus companheiros, com tal condiçaõ, que naõ o achando, se tornaria à sua prizaõ de Cambaya a certo tempo, e dia, que lhe assinou ElRey Mamudio, e em sinal, e prenda de que assim o faria, lhe deu o seu cordaõ, que o Barbaro recebeo, dizendo, que aceitava o tal penhor por saber que os Christãos com só a verdade conquistavamos o Mundo. E jurando Fr. Antonio pola santidade daquella aspera corda, insignia principal de sua Religiaõ Serafica, de tornar à sua prizaõ com o resgate, ou sem elle, fez sua viagem, e como chegando a Goa naõ achasse o Governador nella, nem menos negociasse sua pretençaõ, em comprimento de seu juramento, se tornou (como fez Regulo) à sua prizaõ de Cambaya. Estimando mais

Francisco Pereira Pestana na fala que fez a ElRey vindo da India prezo a este Reyno.

com

com notavel constancia offerecerse à morte, que violar a promessa de sua Religiaõ. O que poz no Barbaro Rey, e nos Grandes de seu Reyno tanto espanto de feito taõ admiravel, que sem preço algum lhe deu com os mais cativos liberdade, honrrandoos sobretudo com muitas dadivas, e mostras de amor, e louvando os *Portuguezes* de homens de estremada fè, e palavra, inviolaveis observadores de sua Ley, e Religiaõ. *Maffeo de reb. Ind. l. 5. fol. mihi* 115. *lit. A. Fr. Antonio de S. Romaõ na Hist. da Ind. p. 1. l. 2. cap. 3. e outros papeis particulares.*

CAPITULO XV.

De Joaõ Gualberto, e D. Lionis Pereira.

JOaõ Gualberto Cavalleiro Florentino, vindo do campo para a Cidade acompanhado de muita gente, e principal do lugar, acaso deu de rosto com certo homem que havia tempos matara hum seu irmaõ, e levando da espada para vingar a morte fraternal, sem obedecer à resistencia de nenhum da companhia,

enfiou com elle, e levandoo debaixo dos pès, alçou a maõ para descarregar nelle o furioso, e mortal golpe: porèm em taõ perigoso estado naõ se esqueceo o homicida implorar o favor divino, e com as mãos postas lhe pedio lhe perdoasse polas chagas de Christo crucificado: suspende a taõ doces palavras com singular modestia, e reverencia o Christianissimo Gualberto a furia do golpe, e deixandoo livre entra na primeira Igreja que acha, e nella pendura por tropheo da vitoria, que de si mesmo alcançara a espada, com que quizera executar sua colera, offerecendo com ella juntamente seu bom animo a huma Imagem de Christo, que alli estava, e o Senhor lhe soube pagar tambem o serviço que por seu amor fizera, que perante todos abaixou o proprio Crucifixo a cabeça em sinal de agradecimento com certas esperanças de sua salvaçaõ. Com o qual milagroso prodigio commovido o nobre Florentino deixou riquezas, patria, e habito roçagante, e foy instituidor da Ordem de Valle Umbrosa, que milita debaixo da regra de S. Bento. *Bapt. Fulg. lib. 4. Andr. Ebor. cap. de Moderat. animi.*

A mel-

A mesma reverencia a Deos, e moderaçaõ de animo mostrou D. Lionis Pereira que foy filho do Conde da Feira D. Manoel Pereira fidalgo muy principal, que andando por soldado na India, entrou em huma Igreja em que se celebrava certa festa, e tinha nella seu assento para mais commodamente gozar dos officios divinos, e indo para sentarse, achou occupado o lugar por hum soldado ordinario, ao qual disse D. Lionis com toda a brandura do Mundo, e cortesia devida, que aquelle assento era seu, escandalizado o soldado, da que entendia ser descortesia respondeo com tal brio, e soberba, que vindo de lanço em lanço, por conclusaõ, e ultima resposta lhe deu huma grande bofetada publicamente. Leva logo D. Lionis de hum punhal para o matar, tendo com a maõ esquerda ferrado nelle: e indo descarregando o golpe, succedeo que neste mesmo tempo levantava em hum altar alli pegado, em que dizia Missa hum Sacerdote a Hostia do Santissimo Sacramento: valese o soldado da occasiaõ, toma por terceiro o Senhor, pedelhe que por as chagas daquelle Christo, que estava levantado no ar lhe perdoe,

doe, e o naõ queira matar. Fazse outro Gualberto D. Lionis, retem o punhal, refrea a paixaõ, poem os olhos no Sacramento da Eucaristia, e logo nelle, e dizlhe: esse te valha. E deixandoo livre, e em paz, se foy contente do que havia feito, (seguindo o concelho de Christo, que manda no Evangelho, que quem nos der huma bofetada numa face, lhe offereçamos a outra) e naõ sem esperança de lhe o mesmo Senhor galardoar tamanho serviço, que quando naõ fora nesta vida, lhe naõ faltaria na outra satisfaçaõ com coroa de Gloria. *Testes occulati.*

CAPITULO XVI.

Do Consul Paulo Emilio, e El Rey D. Affonso Henriques, com outros Portuguezes

Abstinencia

LUcio Paulo Emilio Consul Romano, sendo taõ grande, e rico o despojo, que se achou no campo del Rey Perseo de Macedonia quando o venceo, e prendeo, naõ tomou delle mais que huma taça de prata, de pouco preço, de que senaõ logrou pola dar a seu gen-

genro Tubero, ou a Cayo Elio como quer Plinio, em pago, e galardaõ do que em seu favor, e ajuda fizera na batalha. E este foy o primeiro vaso que entrou na casa, e familia dos Elios. *Val. Max. lib. 4. cap. 3. Plut. in vit. Paul. Emil. Cic. offic. 2.*

Plin. lib. 33. cap. 11. em de dizserem dous copos.

Semelhante abstinencia foy a delRey D. Affonso Henriques, na milagrosa batalha do campo de Ourique, em que venceo, e desbaratou cinco poderosos Reys Mouros, sendo taõ grandes, e ricos os despojos, e em tanta copia, ElRey os repartio igualmente pelos seus vencedores, e tomou para si somente dezanove bandeiras, e alguns pendoens, que mandou pendurar pelas Igrejas do Reyno em memoria deste taõ notavel vencimento: cuja gloria (semelhante a Paulo Emilio) lhe coube por despojo. Como conta *Fr. Bernardo de Brito na Chron. de Cister. p. 1. liv. 3. cap. 3.*

O mesmo fez o Infante (assim se chamavaõ antigamente os filhos primogenitos dos Reys) D. Sancho seu filho, que do grande, e grosso despojo de Albojaque Rey de Sevilha, que venceo, e desbaratou nos campos de Axarafe, naõ tomou para si mais, que a honra de taõ bom

bom feito, e o gosto de repartir tudo pola sua gente. Como escreve Duarte Galvaõ na Chron. del Rey D. Affonso Hedriques cap. 52. Duarte Nunes na mesma. fol. 51. e Ruy da Pina na del-Rey D. Sancho I. cap. 2.

Pois a ElRey D. Affonso IV. quem lhe tira sua gloria em semelhante occasiaõ? como foy na memoravel batalha do Salado contra o Emperador de Marrocos, e ElRey de Granada, quando foy em ajuda delRey D. Affonso XI. de Castella seu sobrinho, e genro, sendo taõ opulento, e de preço inestimavel o despojo, que no campo (vencida a batalha) se achou, ElRey de Portugal attendendo mais à gloria do vencimento, que a seu particular interes; naõ quiz delle mais que o Infante Abohamo filho de Abbohali Rey de Sejulmença, que elle por sua mão cativara no campo, e o trouxe a Portugal, donde depois com muitas merces o mandou a seu pay graciosamente, posto que pelo seu resgate, lhe offereciaõ grande soma de dinheiro. Tomou mais ElRey cinco bandeiras, que poz na Sè de Lisboa para memoria, e lembrança desta insigne vitoria, e algumas espadas, e jaezes, e arreyos de cavallo

vallo de pouca valia, em respeito do rico despojo, que como franco Cavalleiro aceitou: e por memoria (como achei em hum summario antigo dos Reys deste Reyno) e com consentimento delRey de Castella poz sobre a porta de Tarifa em Sevilha as Armas de Portugal, e só acompanhado de gloriosa fama, se tornou a seus Reynos. *Ruy de Pina na sua vida cap. 59. Duarte Nunes na mesma fol. 166. Mariz Dialog. 3. cap. 4. e nas Chronicas de Castella.*

Naõ menos o fez ElRey D. Affonso V. chamado o Africano na entrada, e saco da Villa de Arzilla em Africa, onde o despojo foy avaliado em muitas mil dobras de ouro. De tudo ElRey fez escala franca aos do seu Exercito, sem delle querer para si nada, salvo a honra daquelle feito. *Ruy de Pina na sua vida cap. 162. Duarte Nunes na mesma manuscripta. Damiaõ de Goes na Chron. do Princ. cap. 26. Garcia de Resende na delRey D. Joaõ II. cap. 5.*

E porque nem só os Reys fiquem com esta gloria, descendendo aos que o naõ foraõ, acharemos ao grande, e valeroso D. Francisco de Almeida primeiro Visorey da India, que do

do despojo da Cidade de Quiloa, que entrou, e tomou a força de armas, naõ quiz, nem aceitou delle mais que huma só frecha (como Paulo Emilio a taça) dizendo que para elle aquillo bastava. A qual tomou para memoria da vitoria, largando liberalissimamente aos seus o esbulho da Cidade. Author he *Damiaõ de Goes na Chronica del Rey D. Manoel p. 2. cap. 2. Osorius de reb. Emanuel. lib. 4.*

Este mesmo VisoRey do despojo das Armadas de Mirochem, Calicut, e Miliquiaz senhor de Diu, que em certa batalha naval desbaratara, dividio tudo pelos seus, sem tomar nada pera si: *Goes na mesma Chron. p. 2. cap. 39. Osor. lib. 6. Maff. lib. 4. f. mihi. 93 l. 8.*

O mesmo fez D. Joaõ Pereira Capitaõ da Cidade de Goa na batalha contra Soleimaga Capitaõ do Hidalcaõ, senhor que fora da Cidade, e Ilha de Goa, cruel inimigo de Portuguezes, de que saindo vencedor D. Joaõ, o naõ foy de si menos, naõ aceitando do campo (que valia muito) mais que a tenda do Capitaõ Soleimaga. *Chron. del Rey D. Joaõ o III. p. 3. cap. 18.*

Veja-se o meu Theatro Lusitano, onde

se

se acharaõ muitos exemplos destes.

CAPITULO XVII.

De ElRey Agezilao, e Infante D. Pedro.

ELRey Agezilao, vindolhe à noticia que os povos de Grecia lhe queriaõ erguer estatuas publicas de sua figura, por lhe pagarem pelo menos com este artificio o muito que por elles tinha feito. Elle lhes foy à maõ, que tal naõ fizessem em nenhuma maneira da vida, dizendo, que tempo viria, em que se arrependessem das honras que ao prezente lhe queriaõ fazer. E assim os tirou de sua boa tençaõ, e proposito. *Plut. in apopaht. reg & imper. & in Lacon.*

Semelhante em tudo foy o Infante D. Pedro, filho delRey D. Joaõ de boa memoria, Regedor, que foy deste Reyno, o qual elle governou com tanta perfeiçaõ, e prudencia, que desejando os moradores delle, dar igual satisfaçaõ a seus merecimentos, ordenaraõ levantarlhe estatuas publicas nos mais nobres lugares da Republica, mòrmente a Cidade

de

de Lisboa, pedindolhe para isso licença, elle como profetizando sua infilice morte, o não consentio, antes com rostro carregado, e malenconico os desviou de sua tençaõ, dizendo (como outro Agezilao) que tempo viria, em que por pago, e galardaõ das merces que delle tinhaõ recebido, elles, ou seus filhos lhe tratariaõ mal sua imagem, e lhe quebrariaõ os olhos. E assim os desviou taõ certo no que disse, como depois se vio em sua pessoa na batalha de Alfarroubeira, em q̃ foy morto, e afrontado. *Ruy de Pina na Chron del Rey D. Affonso V. cap. 49. Mariz Dial 4. cap. 7.*

CAPITULO. XVIII.

Dos Reys Artaxerces, e D. Sebastiaõ, e Conde D. Nuno Alvares Pereira.

ELRey Artaxerces irmaõ de Cyro em certa fugida, em que perdera a bagajem, se vio em tamanha necessidade, que chegou com fome a comer hum pedaço de pão de cevada, com tanto gosto, e sabor, que affirmava depois aos de sua Corte, que em sua vida co-

comerá manjar de mais seu gosto, e que tanto lhe soubesse como aquelle pão de cevada: *Plut. in apopth. reg. & imper.*

O proprio aconteceo a ElRey D. Sebastiaõ em Almeirim indo a monte por matar hum javali, que lhe tinhaõ emprazado, que pelo seguir se apartou tanto dos seus que naõ só os perdeo de vista, mas engolfado no mato onde caçava, senaõ soube determinar para onde tomaria. E como ao tocar da corneta naõ fosse ouvido dos seus, e por este respeito andasse de huma parte para outra a mayor parte do dia sem caminho, subio a hum cabeço com hum fidalgo, que sempre o acompanhara, donde descubrio algumas cabeças de gado, e indose chegando para elle, deraõ com o pastor com muito alvoroço, do qual informado ElRey quam longe estava de povoado, como a fome o constrangesse a fazer da necessidade virtude, pediolhe alguma cousa de comer. O pobre homem imaginando ser ElRey algum escudeiro honrado, e naõ seu verdadeiro Rey, e senhor, rindose, lhe offereceo hum pedaço de paõ duro, e negro, que só a vista delle podia fazer asco, e retardar a fome: o qual El-

Rey aceitou (como dizem) com ambas as mãos, e o comeo, affirmando depois (contando o passo por galantaria) que em toda sua vida se lembrava comer cousa, que melhor lhe soubesse. Isto escreve na Relaçaõ, que fez da vida delRey, o Padre Amador Rebello da Companhia de JESU, que inda hoje vive, companheiro do Padre Luiz Gonçalves da Camara, confessor delRey, dizendo, que contandolho o mesmo Rey elle lhe respondera. Por ahi verà vossa Alteza as necessidades que padessem os pobres, que naõ tem hum bocado de pão, que metaõ na boca. As quaes palavras naõ acharaõ as orelhas Reaes surdas, porque com muito gosto fazia esmollas aos pobres, e socorria em suas miseraveis necessidades.

E se revolvermos as historias hum pouco mais a traz, acharemos espiritos, que sem ser reaes com elle se igualàraõ, qual foy o do Condestabre D. Nuno Alvares Pereira na quinta da Oliveira, lugar pouco mais de huma legoa da Cidade de Evora, donde partira com sua gente sem comer bocado por acudir àquella parte, porque fora avisado, entravaõ

Ca-

Capitaens Castelhanos. E tendo ordenada alli sua gente esperando batalha desejou comer alguma cousa, e sendolhe buscada lhe trouxeraõ hum paõ de rala encetado, que hum homem de pè levava na companhia, do qual o Conde comeo com igual sabor às melhores, e mais suaves iguarias do Mundo. Como escreve *Fernaõ Lopes na Chron. del Rey D. Joaõ I. p. 1. c. 145. e Lobo no Condest. cant. 9.*

CAPITULO XIX.

De El Rey Cyro, e o grande Affonso de Albuquerque.

MAndando Cyro Rey de Persia a Callicratidas famoso Capitaõ da Armada Lacedemonia, certa quantidade de dinheiro, que lhe promettera para os soldados, e para elle hum presente, em sinal de amor, e amizade: Callicratidas aceitou o dinheiro por ser para os soldados, e o presente tornou a mandar, dizendo que naõ queria ter com elle paz, nem amizade, pois a naõ tinha com todos os Lacedemonios, de que elle era Capitaõ, e

natural. E com esta resposta mostrou, quanto desejava o bem comum da patria, e o pouco o particular interes; deixando confuso ao Rey de taõ maravilhosa abstinencia, e resoluto animo. *Plut apopth. Lacon. Erasm. in apopth. lib. 1. de Callicrat.*

O mesmo fez, e disse o grande Affonso de Albuquerque em Calayate Cidade do Reyno de Ormuz, que por reconhecer que terra aquella era, lhe mandáraõ os Mouro (recceosos de sua certa perdiçaõ) hũ presente de muitas cousas de comer, pedindolhe paz juntamente. Mas Affonso de Albuquerque, que por ver a gente da terra armada, e as estancias com bombardas, que demostravaõ quererense deffender, entendendo serem ardis, e manhas, naõ aceitou o presente, dizendo, que naõ havia de aceitar nenhuma cousa de pessoas, a que ouvesse de fazer guerra, senaõ quizessem ser vassallos delRey de Portugal, cujo Capitaõ mòr elle era enviado por seu mandado ao Reyno, e Cidade de Ormuz. Cuja reposta bem mostrou o desejo de servir a sua patria, desapegado de interesses particulares, que naõ eraõ universaes ao Reyno, e patria donde

era

era natural, e que o criara, e fora mandado àquellas partes do Oriente para honra, e bem cõmum delle. *Consta de seus Coment. p. 1.*

CAPITULO XX.

De Cataõ o menor, e D. Constantino Viso Rey.

CAtaõ o menor caminhando com seu Exercito pelos desertos de Africa, á falta de agua, chegaraõ todos a tanta necessidade, e miseria, que quasi pereciaõ de sede. Porèm nesta afflicçaõ trouxe em hum capacete huma pouca, que à penas descobrira hum soldado da companhia a Cataõ, o qual aceitandoa com igual vontade à de quem lha offerecia, por mostrar tolerancia, e soffrimento em tamanho trabalho, emborcando o capacete, a derramou no chaõ; satisfazendo com exemplo à sede dos soldados, que por obra naõ podia satisfazer, e cortando por seu gosto o deu aos seus para sof erem seu trabalho com paciencia. *Max. lib. 4. Andr. Eborens. c. de tempet.*

Quasi o mesmo fez D. Constantino filho do Duque de Bargança D. Jaymes sendo Vi-

ſoRey na India, em o governo do qual Eſtado naõ degenerou do Real ſangue, de que procedia, e adminiſtrou o cargo de modo que poz modello aos que bem o governàraõ, tanto que havendoſe ElRey D. Sebaſtiaõ por muy ſatisfeito de ſeus ſerviços, encarregando o governo da India a D. Luiz de Attaide (conta o Padre Joaõ de Lucena na Hiſtoria do Santo Padre S. Franciſco de Xavier) que lhe diſſera, ſe me quereis bem ſervir, aveivos, e fazeio, como D. Conſtantino. E D. Luiz ſe ouve de maneira, que governou a India duas vezes, e podemos affirmar, que ſe naõ foy o melhor Capitaõ, que paſſou à India, naõ ouve dous, que o igualaſſem, eſporeado dos tropheos, e glorioſa fama deſte excellente Principe. O qual, ſendo entaõ novos naquellas partes os Ananàzes (que he fruita que haviaõ la levado do Brazil, e muy eſtimada) apreſentoulhe hum morador de Goa por novidade hum Ananaz, que havia cuſtado dez pardaos de ouro, e ſabendo elle eſte preço, o aceitou (qual Cataõ a agua do ſoldado) fazendo merce a quem lho deu: e por exemplo o naõ quiz comer, e o deu a quem lhe bem pareceo. *Ex codice ejus factorum.*

Lucena l. 2. cap. 23.

CA-

CAPITULO. XXI.

Do Bispo D. Thomas, e Cardeal D. Jemes.

DOm Thomas Bispo II. de Eboraco Cidade de Inglaterra, caindo em huma gràvissima enfermidade, por occasiaõ da fraca natureza, o aconcelharaõ os medicos, e seus amigos, que por remedio de sua saude lhe compria contaminar a pureza de seu corpo, sem a qual naõ se lhe escusava a morte. O continente Bispo envergonhado de tal concelho, remedio, e fraqueza sua, naõ só o naõ consentio, mas nem quiz mais se lhe falasse nisso: dizendo, que antes queria morrer, que cometter tal torpeza. E neste santo proposito permaneceo, atè que disto mesmo veo a falecer. *Polidor. in hist. Angl. lib.* 1. *cap.* 3.

Continencia.

O mesmo in terminis se escreve de D. Jemes filho do Infante D. Pedro Regedor que forà destes Reynos por ElRey D. Affonso o V. seu sobrinho. O qual D. Jemes sendo Cardeal de Santo Eustachio, Igreja em Roma, eleito pelo Papa Calixto, e Arcebispo de Lisboa, man-

cebo em modeſtia de animo, gravidade, agudeza de engenho, e doutrina de letras excellentiſſimo, e continentiſſimo: como foſſe limpo, e puro de toda torpeza, veo a morrer em Florença em idade de vinte e ſeis annos, querendo, e eſtimando mais perder antes a vida taõ cedo, e na flor de ſua idade, que contaminar a pureza de ſeu corpo, que os medicos, e amigos ſó lhe davaõ por remedio de ſua ſaude. Dizendo com grande animo, e pureza, que mais queria morrer, que ſujarſe, bem ſemelhante ao ſanto Biſpo Eboracenſe, como conta *Onufrio Panuin. Veron. no liv. das Armas dos Cardeaes. Mariz Dialog. 4. cap. 31 Duarte Nunes na Genealogia dos Reys de Portugal, na vida delRey D. Joaõ I.*

CAPITULO XXII.

De Scipiaõ, e o Cõde D. Nuno Alvres Pereira.

SCipiaõ Africano entrada, e tomada a força de armas a Cidade de Carthagena em Heſpanha, entre os deſpojos, e cativos outros, foy preza huma donzella Heſpanhola eſtra-

nhamente fermosa, de pouca idade, e trazida a Scipiaõ, a qual a mandou guardar com toda a honestidade, e cortesia possivel, e depois sendo informado, que era pessoa de nobre linhagem a fez entregar a seus pais, e a Luceyo seu esposo Principe de alguns povos da Celtiberia, e para seu dote, e casamento lhe deu com ella, o que seus pais, e parentes lhe prometeriaõ, e davaõ por seu resgate, acrecentando a isto muitas honras que lhe fez, estando presente a suas vodas. *Plut. in vit. Scipion. Val. Max. liv. 4. cap. 3. Liv. dec. 3. lib. 6. Gelli. lib. 6. cap. 8.*

Semelhante, ou com mais virtude o fez o Condestabre, D. Nuno Alvares Pereira, em tempo das guerras entre Portugal, e Castella: que entrando huma vez por ella gentes de seu arrayal com seu Capitaõ, chegàraõ a huma Aldea, onde prenderaõ huns noivos, que se hiaõ receber à Igreja, e apresentando com grande contentamento esta preza ao pio Conde, elle se anojou muito, e mostrou pelo successo entranhavel sentimento, reprendendo asperamente ao Capitaõ, que tal consentira, que elle, e os seus fizessem. E sabendo pessoal-

almente dos noivos, que lhes naõ fora feita deshonra, e afronta alguma, ou descomedimento, e descortesia contra sua honestidade, e limpeza, se alegrou, e estimou tanto a reposta, como a melhor vitoria das que alcançara em sua vida. E naõ só lhes deu liberdade com os mais presioneiros, mas excedendo os termos de humanidade, e clemencia, os acompanhou para mòr segurança, e mais honra atè a Aldea, dizendo à noiva, que a queria mais honrar, do que a honraraõ os que a prenderaõ. E assistio em seu recebimento, fazendolhe muita festa, cantando nella os de sua capella, e aos noivos deu algumas peças de sua camara, com que ficàraõ muy ledos, e contentes, louvando a alta, e heroica virtude (acontecida só entre Romanos, e Portuguezes) do pio, e Christianissimo Conde D. Nuno Alvares Pereira. Pelo que com mais rezaõ, que Scipiaõ, era de seus proprios inimigos amado, estimado, e querido, e assim Deos lhe fazia tantas, e taõ aventajadas merces nas milagrosas vitorias, que alcançou dos Castelhanos. De que he Author *Fernaõ Lopes na Chron. del Rey D. Joaõ I. p. 2. cap. 199.*

CA-

CAPITULO XXIII.

De Alexandre, e o Governador Lopo Vaz de Sampayo.

ALexandre Magno na batalha, que houve com ElRey Dario de Persia, em que o venceo, e desbaratou, foraõ prezas, e vieraõ a poder de Alexandre (entre o despojo) a molher, e huma irmãa de Dario, ambas em extremo fermosas, as quaes pelo perigo, que podiaõ correr com os soldados, que levados da vitoria lhes custaria pouco chegar à força declarada contra sua honestidade, Alexandre tomou à sua conta particularmente, encomendando a guarda de suas pessoas a quem soubesse honrallas, e guardar sua honra fielmente, como era razaõ, sem elle se demover a mao pensamento com alguma dellas: antes as fazia servir, e acatar com muita decencia, como quem eraõ, e naõ segundo o presente estado em que se viaõ. Por onde delRey Dario seu inimigo foy muy louvado, cuidando dantes, de Alexandre, que como vencedor

cedor usaria livremente do feminil despojo como lhe parecesse. *Plut. in vit. Alex. Curci. lib. 3. cap. 11. e 12. Gellius lib. 6. cap. 8.*

Naõ menos o fez o Governador da India Lopo Vaz de Sampayo em Porcà, lugar forte, e inexpugnavel, doze leguas de Còchim, quando o entrou por força de armas: Entre muitas riquezas outras que no saco se acharaõ, foraõ prezas dentro nos paços a mulher, e huma irmãa de Arel Capitaõ, e senhor do lugar, que neste ensejo era fóra delle. As quaes sendo despojadas dos soldados de muitas, e ricas joyas, e roupas, que sobre si tinhaõ vestidas; e vindo isto à noticia do Governador, pelo proximo perigo, que vio em sua honestidade, como Catholico, e prudente Capitaõ, que conhecia por experiencia os excessos de soldados vitoriosos, dezembarcou (o que atè entaõ naõ tinha feito) em terra com toda a pressa, e acudindo à necessidade, e afronta daquellas senhoras, as livrou da liberdade soldadesca, e tomandoas a seu cargo as encomendou, e entregou a pessoa de confiança, e de quem se podia esperar muita honra, e acatamento. E as fazia respeitar, e servir honradamente,

A Chron. delRey D. Joaõ III. naõ falta mais que na mãy do Arel p. 1. c. 40. fol. 57.

como cousa propria, semelhante à Alexandre. E mereceo por esta virtude o Governador, que o Arel seu inimigo, juntamente com o resgate de sua mulher, e irmãa, lhe mandasse os agradecimentos de tanta cortesia com offerecimentos de sua pessoa, ficando com os nossos em boa paz, e amizade. Como conta *Fr. Antonio de S. Romaõ na historia da India. p. 1. liv. 3. cap. 8.*

CAPITULO XXIV.

Dos Reys D. Felippe, e D. Sebastiaõ.

TRatando o prudente Rey D. Felippe II. de Castella da materia da atriçaõ, e contriçaõ, considerando as meudezas que em cada qual havia, disse perante certos Cavalleiros com que estava, estas notaveis palavras. He possivel, que ha no Mundo homem Christaõ, que se atreva deitarse a dormir em peccado mortal? Sentença digna só de taõ grande, e excellente juizo. Como diz *Fr. Alonso de Vascones no Desterro de ignorancias. p. 1. fol. mihi. 69.*

Se-

Semelhante apothema, e digna de se escrever com letras de ouro, e trazerse continuamente ante os olhos, disse ElRey D. Sebastiaõ seu sobrinho, sendo de idade de oito annos, ao Padre Luiz Gonçalves da Camara seu Mestre. O qual tratandolhe hum dia a certo proposito, quam grave, e fea cousa era o peccado mortal, e como Deos o castigava com fogos miseraveis, e outros tormentos grandes, e eternos, e o que nisso passava, encaminhandoo Christãmente à honestidade, e limpeza do corpo: disse ElRey com grande sentimento. Certo que naõ sey qual he o homem, que se atreva a fazer hum peccado mortal. E noutra occasiaõ disse, que nenhum homem iria ao inferno, se cuidasse nelle. E assim guardou toda sua vida atè a perda de Africa, com muita inteireza e limpeza de seu corpo, ou levado das consideraçoens da doutrina de seu Mestre, ou de sua propria natureza, que se affirma delle, naõ poder pór os olhos em mulher alguma, pelo que era sido por pouco palaciano. Consta o dito da Relaçaõ que fez de sua vida o Padre Amador Rebello.

Duarte Nunes no elogio del Rey D. Sebastiaõ.

CA.

CAPITULO XXV.

Dos Condes Vandegisillo, e D. Luiz de Portugal, e as Condessas suas mulheres.

Vandigesillo Conde Palatino, e a Condessa sua mulher (que em tempo del Rey Dagoberto de França florecerão) sendo casados, e recebidos de pouco tempo, derão de mão ás cousas do Mundo, e se apartarão hum do outro por proprio concelho, e consentimento de ambos: e se retirárão, e meterão em hum Mosteiro, em que gastárão o resto da vida virtuosa, e santamente, com não menos singular gosto, e alegria sua, que admiração de todos, por serem principaes senhores em sangue, riqueza, e bens de fortuna. O que tudo deixárão por gozar de outra vida mais descançada, que he a eterna Bemaventurança. *Textor in offitina p. 1. cap. de castissimis.*

Dagoberto Rey de França floreceo polos annos do Senhor 624. mandou matar todos os Inglezes, que erão mayores que a sua espada.

2 O mesmo aconteceo em nossos dias a D. Luiz de Portugal Conde do Vimioso, e á Condessa Dona Joanna de Mendoça sua mulher, depois de longos annos de amor, e conversa-

çaõ conjugal, se apartàraõ hum do outro por acordo, e especial consentimento de ambos, e dispensaçaõ do Padre Santo. Recolhendose D. Luiz de Portugal no Mosteiro de S. Domingos, onde hoje he Frade de Missa; e a Condessa Dona Joanna de Mendoça sua mulher no do Santissimo Sacramento de Lisboa (que elles mandaraõ só para este effeito fazer) Freira professa, e procedem com admiravel exemplo de vida, e vivem em grande opiniaõ de santidade nos ditos Mosteiros, que escolheraõ para descanço, e quietaçaõ, porque se alcança outro melhor estado, e mais seguro que o temporal (como o fizeraõ os Condes Palatinos) salvo com alguma ventajem mais, que foy, deixarem seus amados filhos, largando a grande casa do Condado do Vimioso a D. Affonso de Portugal seu primogenito filho, e herdeiro (que hoje vive em Evora casado com Dona Maria de Mendoça, filha do Marquez Castel Rodrigo D. Christovaõ de Moura, q foy Viso Rey de Portugal.) Virtude mais louvada, e engrandecida, que a dos Palatinos, e taõ espantosa, quanto nova em toda a Hespanha, por serem estes excellentissimos senhores dos

D. Affonso de Portugal V. Conde do Vimioso cujo irmaõ D. Fernando este anno de 1622. morreo em as guerras de Flandes valerosamẽ tepelejãdo.

mais

mais notaveis personages deste Reyno de Portugal em sangue, e Estado. E tudo deixaraõ por servir a Deos, taõ livres do trato humano, e seguros das inconstancias do tempo, como certos no desengano delle. Delles naõ digo mais, porque saõ vivos, com tudo me remeto ao meu Theatro Lusitano.

CAPITULO XXVI.

De Joseph. e Fr. Joaõ Lopes.

EStando o casto Joseph no Egipto em casa de Putifar, que o comprara aos Ismaelitas, a senhora de casa se affeiçoou delle taõ demasiadamente, que naõ podendo mais seu peito encobrir sua ardente paixaõ, resolveose em comunicarlha para o conversar particularmẽte: e assim o cõmetteo por muitas vezes, descubrindolhe seu danado intento, e comunicandoo para sua deshonestidade. E apertando hum dia de proposito com elle, teve por resoluta resposta do continente mancebo, darlhe as costas, e indo para se sahir donde estava, a lascivia senhora lhe aferrou da capa para

o ter, mas elle se despedio della, e fugio para fóra deixandolhe, como perigoso touro, a capa nas mãos, querendo ficar antes em desgraça da incontinente, e deshonesta Egypcia, e morrer pola guarda da castidade, que cometer tal peccado em offensa de Deos, e de seu senhor Putifar. *Genes.* 34.

Semelhante caso se affirma acontecer ao Padre Fr. Joaõ Lopes da Ordem dos Pregadores (varaõ em letras, e virtude muy iminente) estando por morador no Convento de S. Domingos em Goa Cidade Metropoli de toda a India: onde huma mulher honrada, e de boa gente, lhe cobrou affeiçaõ de sorte, que chegou com demasiado atrevimento communicarlha na Igreja sob capa, e pretexto de confissaõ. E vendo, que o Padre se desviava della, sem o poder abrandar, e trazer a seu a petite por muitas vezes que o combateo, e que já por este respeito lhe naõ queria falar; instigada do demonio se fez doente na cama para com este infernal ardil o acolher em casa, e assim o mandou pedir nomeadamente ao Prior. Foy o Padre Fr. Joaõ Lopes, e entrando na camara, onde a fingida doente estava,

tra-

tratou de a confessar, porem ella (como sua vontade era muy differente) afiada na malicia ao primeiro lanço lhe comunicou seus desenhos, convidandoo logo para sua deshonestidade, e incontinencia. Envergonhado o Religioso do insperado assalto, depois de a reprender asperamente, se levantou para se ir, do que a senhora impaciente, lhe aferrou no capello da capa para o ter, mas elle se despedio ligeiramente de suas mãos, e fugio para a camara de fora, deixando o capello (como Joseph a capa) nas mãos da mulher, que lho tirou da cabeça, para assim mais o obrigar a senaõ ir sem elle. Porèm vio prestes o desengano, porque assim sem capello se hia jâ para casa, se de huma janella naõ lho lançáraõ, e metendoo na cabeça partio caminho do Mosteiro, pedindo ao companheiro efficazmente segredo no caso. Porèm elle durou poucos dias, porque esta mulher envergonhada, e corrida de sua fraqueza lhe procurou a morte com peçonha em hum pouco do doce, que por terceira pessoa lhe fora dado. A que tudo o casto Fr. Joaõ Lopes se aventurou, por guarda de sua castidade, e limpeza de seu cor-

po, e ſerviço de Deos, que bem lho ſaberia ſatisfazer na outra vida. Aſſim o conta *Fr. João dos Santos na Ethiopia Oriental. p. 2. liv. 2. cap. 22.*

CAPITULO XXVII.

De Scipião, e ElRey D. Affonſo IV.

Humanidade, e clemencia.

SCipião Africano entre os deſpojos, e cativos, que em Heſpanha alcançou de Aſdrubal Capitão de Carthago, foy hum menino filho delRey de Numidia por eſtremo gentil homem, e ſabendo, que não tinha pay, e ſe criara em caſa delRey Maſſiniſſa ſeu avò, o teve conſigo hum golpe de tempo, no fim do qual, fazendolhe largas merces, o mandou a Maſſiniſſa liberalmente, como filho de Rey que era, ſem por elle querer reſgate algum. *Livi. Decad. 3. lib. 7. Val. Max. lib. 5. cap. 1.*

De ſemelhante humanidade, e liberalidade uſou ElRey D. Affonſo o IV. com o Infante Abohamo filho de Abbohali Rey de Sejulmença, que na batalha do Salado por ſua mão

ca-

cativara no campo. O qual Infante ElRey teve neste Reyno hum pouco de tempo, tratandoo sempre naõ como cativo, e Mouro, mas como filho de Rey, que era, e no cabo o mandou a ElRey seu pay graciosamente (posto que pelo seu resgate lhe offereceraõ grande soma de ouro) acompanhado de muitas merces, que por sua hida, e dantes ElRey lhe fizera, como o fez Scipiaõ. *Ruy de Pina na Chron. delRey D. Affonso IV. cap. 59. Duarte Nunes na mesma fol. 166. Mariz Dial. 3. cap. 4.*

Naõ menos o fez ElRey D. Affonso V. em feitos, e appellido semelhante a Scipiaõ, quando ganhou à força de seu valeroso braço a Ville de Arzilla em Africa, onde entre outras pessoas, veo a seu poder Mafamede, hum filho de Moley Xeque (grão senhor entre os Mouros, e senhor de Arzilla, que depois veo a ser Rey de Féz) que trouxe a Portugal cativo, onde o teve sete annos, no fim dos quaes ElRey o enviou livremente ao pay sem por seu resgate querer algum preço, mais que o gosto de sua liberdade, fazendolhe muitas, e grandes merces, e com tanta grandeza, que naõ tinha de presioneiro mais que o nome. E o Mo-

ley Xeque soube taõ bem agradecer a liberalidade, e cortesia del Rey, que foy depois causa unica de deixar com facilidade o cerco da Graciosa, reinando jà El Rey D. Joaõ II. seu filho. Como conta *Damiaõ de Goes na Chron. do Principe cap. 26. fol. mihi. 29.*

CAPITULO. XXVIII.

Do Emperador Augusto, e El Rey D. Joaõ I.

O Emperador Augusto, he muy celebrado entre os Authores por sua demasiada humanidade, e clemencia. Diz delle Suetonio, que a muitos de seus contrarios, que lhe procuravaõ privallo da vida, naõ só perdoou, e recebeo em sua graça, mas por mostrar mais os finos quilates de seu animo, e grãdeza, deulhes officios, e lugares honrosos na Cidade de Roma, e os honrou, e tratou com a affabilidade, e mansidaõ, que bastou para confundillos, e arrependidos de erros passados servillo com muito amor, fé, e lealdade. *Suet. in ejus vit, cap. 51.*

Com quanta mai ventagem excedeo a este

excel-

excellente Emperador o excellentissimo, e grandioso Rey D. Joaõ I. se pode ver nas Chronicas de sua vida, e feitos, que delle apregoaõ ser hum retrato vivo de clemencia, espelho de humanidade, afabilissimo sobre os Principes, que por suas clementes obras merecerão este titulo: antes, e depois das guerras, que em largos annos trouxe com Castella, perdoando a muitos desleaes, e de pouca fe, que pertendiaõ por muitas vezes matallo, e admitindoos a sua real benevolencia, e graça, provendoos de cargos, officios, e dignidades de muita importancia, e das melhores do Reyno, e fazendoos senhores de Villas, e lugares com grandes previlegios, e aventejadas merces, com que os obrigava arrependerense de seus passados erros, e descuidos, e servirem no com amor, fé, e lealdade, que taes obras merecião, que foy a principal causa de muitas, e muy principaes pessoas de Portugal se passarem de Castella (onde andavaõ por desleaes acolhidos) a seu serviço, e aos filhos de alguns que com elle senaõ quizeraõ reconciliar, fez tantas ventagens, e merces, que por ellas era murmurado. Basta para prova de

sua clemencia o dito da Rainha Dona Leanor mulher delRey D. Fernando seu irmaõ, que sabendo muy bem quão vendido andava o Mestre (sendo Regedor do Reyno) de todos, e dos melhores de Portugal, de que se elle muito fiava, disse, que o Mestre quantos dentes tinha na boca todos lhe boliaõ, tirando, só hum entendendo o Condestabre D. Nuno Alvares Pereira, cuja fidelidade o fez depois jurar, e Coroar por Rey em que pez a muitos, que o contradiziaõ. Evidente final de quão perigosa trouxe este Rey sua vida entre tantos, e taõ secretos inimigos falsos, e desleaes, e por fim a todos perdoou com tanta liberalidade, e gosto, que excedeo os termos de perfeito Principe. O que tudo se pode ver em tres grandes volumes, que de sua vida compoz Fernaõ Lopes, e Gomezeanes de Zurara Chronistas do Reyno, com as mais Historias impressas, e memorias daquelle tempo.

CAPITULO XXXI.

Do Emperador Vespasiano, e D. Joaõ o II.

O Emperador Vespasiano foy muito humano, e clemente, principalmente para os culpados, que escaçamente, e por maravilha se acharà, que condenasse pessoa alguma sem culpa grandissima, e ainda da morte dos taes, ou de outros muy facinorosos taõ pouco se alegrava jà mais: antes sintido em estremo chorava pelos que justamente padeciaõ por justiça, da qual usava mais forçado da obrigaçaõ de sua dignidade, e por exemplo doutros, que por desejo proprio, e zelo de castigo. *Suet. in ejus vit. cap. præcipué* 15.

Semelhante natural, e condiçaõ teve El Rey D. Joaõ II. que mais pendia seu voto à clemencia, e misericordia, que a justiça. E por naõ padecer huma alma, que (como elle dezia) custava a Deos muito criarse, fazia o impossivel, naõ deixando remedio algum pola salvar. E aos facinorosos, que sentia esforçados, e valentes por suas pessoas, achando mal

em-

empregada a morte nelles podendo ajudar, e servir em alguma cousa a este Reyno, dizia, que ahi estava Africa, onde poderiaõ aproveitar com suas vidas, e esforços. E nada folgava, antes sintia estranhamente a privaçaõ das vidas dos reos, e malfeitores, e chorava por elles, em caso, que fossem contra sua Real pessoa, e justamente padecessem, e por suas culpas merecessem igual pena a seus delictos. *Como se ve na sua Chronica composta por Garcia de Resende, e Ruy de Pina.*

CAPITULO XXX.

De Alexandre, e o mesmo Rey, e D. Francisco Dalmeida Viso Rey.

O Grande Alexandre prezavase tanto daquellas cousas, em que podesse dar mostra de sua grandeza, que saindo huma vez ferido na testa de certa batalha o Capitaõ Lysimacho seu grande privado: como em semelhantes pressas senaõ tem â mão o recado que he necessario, por açudir a seu remedio, tirou da cabeça huma diadema, ou tonca (que era da

da feição de turbante Turquesco, a qual traziaõ os Reys por insignia de Coroa) e desenrolandoa, a rompeo para atar com ella a ferida de Lysimacho, no que mostrou grande humanidade, e affabilidade de animo, com o que de todos geralmente era amado. *Cel. Rholog. lib. 2. cap. 6. Apian. Alex. in Scyr. Pier. in Hyrogl. lib. 41. cap. de diademate.*

Semelhantes mostras de grandeza, e magestade trabalhava muito por mostrar em todas suas cousas, o mesmo Rey D. Joaõ II. porque a hum cirurgiaõ destes Reynos Judeu de naçaõ por nome Mestre Antonio muito bom letrado, e por suas partes muy estimado del-Rey, fazendose Christão, no seu bautismo, ElRey o acompanhou á porta da Igreja indo por seu padrinho, levandoo pela mão com muita honra, vestido de ricas, e roçagantes roupas, e de preço, que lhe ElRey deu para aquelle acto, de seu corpo, e como foy bautizado, ao tempo de lhe porem o capello, naõ vinha no prato por esquecimento, e vendo El-Rey que se hia buscar huma toalha para della se tirar, como era Principe zeloso da honra, e serviço de Deos, e amoroso a seus Vassallos, e cria-

criados, dizendo, que para cousa taõ santa, naõ era necessario tanto vagar, perante todos dezabotoou o jubaõ, e tirou a manga da camisa fora (como Alexandre a diadema) e rompendo della tirou o capello, com que lhe fizeraõ a ceremonia que manda a Igreja Romana. Naõ pode haver mais estremado zelo para cõ particular, nem mais humanidade. He Author *Garcia de Resende na sua Chron. cap. 90.*

Naõ menos o fez o VisoRey da India D. Francisco de Almeida no desbarato, e destruiçaõ da Armada da Cidade de Diu: em a qual sendo ferido na garganta de huma frecha o Capitaõ Nuno Vaz Pereira, o VisoRey por acudir (qual Alexandre) a esta necessidade, lançou mão a huma camisa sua, e a fez em pedaços, e tiras, com que lhe atàraõ a ferida, que por ser de morte lhe aproveitou pouco a diligencia do magnanimo VisoRey. *Maff. lib. 4. fol. mihi. 93. A.*

CA-

CAPITULO XXXI.

Do mesmo Alexandre, e Conde Nuno Alvares.

EStando o mesmo Alexandre ao fogo aquentandose por ser em tempo de Inverno, vio a caso hum pobre soldado Macedonio, velho por idade, como por experiencia do exercicio militar, que perecia de puro frio: doendose o real animo de sua miseria, o chamou, e o fez assentar em seu proprio lugar ao fogo, como se fora seu privado, e alli esteve o pobre velho todo o tempo, que lhe foy necessario, tratandoo ElRey com muita affabilidade, e clemencia, com o que ganhava os animos dos seus para cõmetter mayores cousas, do que até li tinha emprendido. *Val. Max. lib. 5. cap. 1. Jul. Front. c. 6. de moderat. Plut. in ejus vit.*

Semelhante aconteceo ao Conde D. Nuno Alvares Pereira (antes de ter o titulo de Conde) no alevantamento do cerco, que o Mestre de Avis D. Joaõ fez de Torres Vedras, que estava por Castella. Entre outras

pel-

pessoas constrangidas de necessidade, e pobreza, e por se verem livres da sugeiçaõ Castelhana, que ao Mestre pediraõ os naõ desempa-rasse, e os quizesse levar comsigo, foy hum pobre cego do arrabalde da Villa: de cuja dor, e miseria cõmovido Nuno Alvares Pereira, sem ter mais conhecimento com elle, que conhecer seu trabalho, mandou que logo lho alli trouxessem, e o fez pór nas ancas da mula, em que elle mesmo hia, e desta maneira o levou atè hum lugar, em que se contentou ficar o cego, tratando-o sempre o pio, e catholico varaõ com tanta humanidade, suavidade de condiçaõ, e affabilidade de animo, como se fora seu proprio filho, ou criado, a que por serviços, ou obrigaçoens devera chegar a tal estremo. E assim por estas, e outras virtudes de que usava, foy muito querido, e amado naõ só dos naturaes, mas dos estrangeiros, e inimigos gèralmente, semelhanre ao grande Alexandre, e assim naõ he de espantar das façanhas, que fez com taõ pouca gente, nem do valor que nella havia (pois foy espanto de seus inimigos, dos quaes como diz o nosso Camões, elle foy açoite) nem do que com a mesma em

pren-

pendeo, e acabou, tendoa taõ ganhada por ſua parte com moſtras ordinarias de ſua humanidade, liberalidade, e franqueza. *Fernaõ Lopes na Chron. del Rey D. Joaõ I. p.* 1. *c.* 179. *Fr. Simaõ Coelho na Chron. do Carmo p.* 1. *liv.* 1. *cap.* 19.

CAPITULO XXXII.

De El Rey Demetrio, e o meſmo Conde, e El-Rey D. Joaõ I.

ELRey Demetrio, rebelandoſelhe os povos Athenienſes, e negando a obediencia de vaſſallos, formou exercito contra elles, e indo com mão armada ſobre a Cidade, depois de longo cerco a entrou, e tomou por força de armas a tempo que apenas a podiaõ já os cercados deffender pela eſtranha fome, e neceſſidades outras, que dentro nella padeciaõ. O que ſabendo ElRey Demetrio, apiedandoſe ſeu generoſo animo das tribulaçoens, e miſerias da Cidade, eſquecido voluntariamente da rebelliaõ paſſada com real clemencia, e piedade, lhes mandou dar grande golpe de

tri-

trigo, com que remedearaõ todos ſuas neceſſidades, com o que ſe fez ElRey dalli por diante amado, e obedecido dos Athenienſes. *Plut. in apopth. Reg. & Imperat. Eraſm. lib. 5. apopth. 3. de Demetrio.*

O meſmo fez o Conde D. Nuno Alvares Pereira, quaſi noutra ſemelhante occaſiaõ, em certa tregoa, que entre as guerras de Portugal, e Caſtella ſe fez, depois de muitas, e inſignes vitorias, que os Portuguezes alcançaraõ de noſſos viſinhos. Paſſaraõſe de Caſtella, hum anno (em que houve muitas fomes, e falta de mantimentos) muitos Caſtelhanos com mulheres, e filhos para eſte Reyno buſcando refugio, e remedio em ſeus proprios inimigos, no que ſe vereficou o rifraõ, que a fome, e frio te fará meter em caſa de teu inimigo. Naõ ſe eſqueceo o Conde de ſua acuſtumada clemencia; porque á imitaçaõ delRey Demetrio, a todos os que acertaraõ de vir a Eſtremoz, e ás terras de ſeu ſenhorio proveo com particular diligencia, e cuidado, como ſe foraõ ſeus criados, ou por algum merecimento foſſe obrigado tapar ſuas neceſſidades, mandandolhes dar cada ſomana baſtan-

te-

temente certa quantidade de trigo, assim ao marido, como à mulher, como ao mais pequeno filho, e despendendo nisto muito paõ, os sostentou, e manteve com mais charidade que o Atheniense, atè o tempo que ouve novidade em Castella, e se tornaraõ pera suas casas, apregoando a virtude, e bondade (que entre os seus naõ acharàõ) do Conde D. Nuno Alvares Pereira, e tendolhe por isso muito amor. *Lopes na Chron. del Rey D. Joaõ* I. *p.* 2. *cap.* 201.

Ao tempo que este exemplo acabava de escrever, me occorreo outro de D. Joaõ Mestre de Avis, que foi Rey, estando sobre Torres Vedras, Villa fortissima, de que era Capitão Joaõ Duque fidalgo Castelhano, que estava por Castella, e se deffendia valerosamente. O qual mandara ao Mestre pedir (inda que com menos cortesia, do que se devia a qualquer sangue bem nacido) algũa carne para os soldados, que sò della estavão faltos. E o Mestre com sua brandura, e liberalidade custumada, lhe mandou para elle, e para todos, os que com elle estavão boa quantidade della, com offerecimentos: dando a entender, que os

Portuguezes pelejavão cõ as mãos, e não com a lingoa, de que elle Joaõ Duque estava bem provido, e que mais estimava sopiar seus inimigos à força de armas, que à força de fome, e que tanto mòr gloria seria pera elle tomalos fartos, e cheyos, que faltos, e necessitados. Porem como se elles não pudessem defẽder muito tempo, sepreitejarão com o Mestre, e lhe entregàrão a Villa. Como diz *Fernão Lopes na Chron. del Rey D. Joaõ* I. *p.* 1. *cap.* 179.

CAPITVLO XXXIII.

Do Princepe Sthenio, e D. Egas Muniz.

Amor da Patria.

ESTando Pompeo Magno indignado contra os Mamertinos por seguir as partes de Mario Capitão tambem Romano seu mortal inimigo, prometteo de os metter todos á espada, e a nenhum conceder a vida. O que sabendo Sthenio Princepe daquella Cidade (em que Põpeo o tinha cercado) por salvação della, e de seus Cidadões, lhe sahio ao caminho, e lhe disse, que os seus erão sem culpa algũa, e que elle Sthenio a tinha toda por os persuadir

ter

ter com Mario, e pelejar por sua defensaõ, e que pois assim era na verdade, delle tomasse vingança, e executasse a pena, que por seu respeito seus Cidadões, e naturaes mereciaõ. Espantado Pompeo do forte, e constante animo de tão bom varaõ, e caso tão raro, e novo para elle, que pola salvação, e saude de seu povo antepunha sua vida, e honra, naõ só lhe perdoou, e o deixou ir livremente, mas engrandecendo sua virtude, levantou o cerco, salva a Cidade da ira de sua protestação. *Mantua. lib. 4. Plut. in apopth. Romanor. & in Politica. Erasm. lib. 4. apopth 3. de Pompeo.*

O mesmo fez D. Egas Munis Ayo, e grandissimo privado do santo Rey D. Affonso Henriquez noutra semelhante occasião. O qual por livrar seu Principe, e senhor, e Guimarães sua Patria, do poder d'elRey D. Affonso de Leão, chamado Emperador (que ao Princepe D. Affonso Henriquez na Villa tinha cercado por não lhe querer reconhecer vassalagem, e haver sido ja delle desbaratado, e ferido de duas lançadas em huma perna na batalha dos Arcos de Valdevez, não lõge da põte da Barca, e corrẽtes do rio Lima, deixãdo sete Cõdes cativos) fez

Offensarũ injuria tenax, & diuturna est.

com ElRey que levantasse o cerco, promettendolhe que o Principe iria a suas Cortes, por cujo respeito ElRey de Leão se foi para Castella, e estãdo em Toledo para fazer Cortes, a que o Principe D. Affonso não quiz ir, nem era obrigado por não saber de tal concerto. Egas Muniz a troco da palavra do Principe mal cũprida, se foi a Toledo, e se offereceo ao Emperador (como fez Sthenio) e a dous filhos seus, e com sendos baraços ao pescoço (como se vè em sua sepultura de Paço de Sousa, onde estão tirados ao natural, seguindo a jornada a cavallo com o dito seu pay) dizendolhe que delle, e de seus filhos tomasse vingança, e executasse sua ira, e satisfizesse a mà vontade, que tinha aos Portuguezes, mórmente ao Principe seu senhor. Maravilhado o Emperador de tão raro exemplo de lealdade, por conselho dos senhores (que presentes estavão, e o feito engrandecião) não só perdoou ao leal Egas Muniz, e o mandou com muita honra livre para Portugal com os filhos, mas inda perdeo o nojo, que tinha aos Portuguezes. Como conta *DuarteGalvão na Chron. delRey D. Affonso Henriq. cap.* 8. 9. 10. *Fr. Bernar. de Brit. na Chron.*

Chron.de Cist.p.1.liv.3.cap.4.Camões nos Lusiad.cant.3.oct.35 e. no 8. oct.13

CAPITULO XXXIV.

Do Regulo, e o Infante santo D. Fernando, e Nuno Gonçalvez.

O Consul Attilio Regulo estando prezo em Carthago, foi enviado a Roma pelos Carthagineses a persuadir ao Senado, que entregasse os cativos, que la tinhão: o qual chegado a Roma, aconcelhou com instancia ao Senado, que nem cativos entregasse, nem a paz se consentisse; para o que soube dar taes razões, que o Senado movido dellas, outorgou o parecer de Regulo, por o qual tendose os Carthagineses por escarnecidos, o matárão cruelmente. *Apian. Alex. in Afric. Plin. de Vir. illust. cap. 40.*

Não menos o fez o Infante santo D. Fernando, filho d'ElRey D. Joaõ I. que no cerco de Tangere por salvação dos seus, se deu em refens aos Mouros, os quaes vindo em concerto com ElRey D. Duarte seu irmaõ (que

neste tempo reinava) que se entregasse Ceita pola liberdade do Infante, elle Infante ja mais o consentio, antes da mesma prizão, e cativeiro escrevia a ElRey seu irmão tal não fizesse, nem consentisse: e o desviou sempre com muita instãcia de semelhante trato, dizendo, que nunca Deos quisesse, que Cidade que tanto sangue de Christãos tinha custado, e tanto importava ao bem da Christandade, elle fosse solto por ella, e assim escolheo este santo Infante viver antes em tão vil, e baixo cativeiro, e morrer miseravelmente nelle por salvação dos seus, e de Hespanha, que darse Ceita aos Mouros, que ElRey D. Joaõ seu pay comprara com sangue de tantos, e tão bons cavalleiros, e fidalgos Portuguezes, que na empreza se acharão: e por ella ser chave, e segurança de Hespanha. Polo que escarnecidos os Mouros de suas pertenções, lhe apertaraõ a prizão, em que morreo, despois de ter espantado toda Mauritania com infinitos milagresa, que em sua vida, e por morte Deos obrou por seus merecimentos. Como conta *Fr. Hyeronimo Romano na vida deste santo Infante cap 14. fol. mihi. 75. e cap. 17. fol. 92. Diogo de Torres na hist.*

dos

dos Xarifes.cap.94.

Semelhante tinha dantes feito Nuno Gonçalvez Capitaõ do Castello de Faria em tempo das guerras delRey D. Fernando de Portugal com El Rey D. Henrique de Castella, Conde de Trastamara. O qual sendo em hum reencontro pelos Castelhanos vencido, e prezo, foi por elles levado em ferros, e com homẽs darmas ao pe do muro do Castello de Faria, para persuadir ao filho, que o entregasse aos Castelhanos: elle todavia vindo à fala com o filho com animo seguro, e esforçado cheo de lealdade, e honrosa ousadia, estimando mais perder a vida, que ver menoscabada sua honra, e ser desleal a seu Rei, e patria (qual Attilio Regulo) aconselhou, e disse ao filho, que sob pena de sua benção, elle não entregasse o Castello, senão a El Rey seu senhor, e o defẽdesse atè morrer por elle: E ditas estas ultimas palavras, avendose os que o levavão por zõbados de seus intentos, em presença do filho, o matárão ali fea, e indecentemente ás punhaladas. Como conta *Fern. Lop. na chron. del Rey D. Fernando cap.79. Duarte Nunez na mesma fol. 206. Hyeronimo Corte Real no seu naufragio cãto 23. fol,*

Origẽ das Armas dos Farias.

145. Por este illustre feito acrecẽtárão seus descendentes o escudo de suas antigas Armas, fazendo o campo delle de vermelho por memoria do sangue que este fiel Capitão alli derramou, e entre as cinco flores de lis de prata que dantes seus ascendentes tinhão por Armas em aspa, assentárão o castello de prata, a cujo pè fora morto, pondo sobre o castello a flor do meyo, de maneira, que ficão tres flores em chefe, e duas em faxa, por timbre se lhe deu o mesmo castello com hũa flor de lis vermelha em cima, como hoje trazem os do appelido de Faria. Tambem traziaõ ao pè do castello hum corpo humano espedaçado, como diz Joaõ Rodriguez de Sá Alcaide mór do Porto, e senhor de Sever, nas trovas das geraçoens (que polas leys da Armaria se naõ permitte hoje) desta maneira,

Ao pè de hum Castello erguido
por se não ver abaixado
jaz hum homem espedaçado
em muitas partes partido,
por não ser de huma apartado.

Faria

Faria he, que não faria
por onde a Cavallaria
tivesse algum erro, ou tacha,
que desta maneira se acha
por guardar o que devia.

CAPITULO XXXV.

De Petronio Granio, e os Capitães Ruy Pereira, e Gaspar de Sousa.

PEtronio Granio Capitão da outava legiaõ de Julio Cesar, nas guerras de França, em certo porto daquelle Reyno, chamado Gorgonio, deffendeo, o passo a seus inimigos só cõ suas armas valerosamente por salvar os seus, e não pelejarem em passo, e lugar, onde a morte era nelles mais certa, que a salvação das vidas, por serem poucos, e os inimigos em demasiada quantidade, e elle como esforçado Romano faltandolhe o sangue das muitas feridas, q̃ em seu corpo recebera pelejando sempre com muito esforço, cahio morto em terra, havendo sua morte por bem empregada com saber, que á custa de sua vida tinhão os seus escapado, e

erão

eraõ postos em salvo. *Textor.in Teatr.p.2.cap. de charit.in patriam.*

Semelhante sacrificio fez de sua vida pelo serviço da Patria no porto de Lisboa, Ruy Pereira (tio do Condestabre D. Nuno Alvarez Pereira) Capitaõ de huma nâo, que vinha na frota da Cidade do Porto em socorro de Lisboa, a qual por mar, e por terra ElRey D. Joaõ I. de Castella (o que despois na batalha de Aljubarrora foi desbaratado)tinha decerco,e o Mestre de Avis D. Joaõ dentro nella,que com muito esforço,e cavallaria a defendia. Pois este Ruy Pereira,vendose atalhado da Armada Castelhana,e q̃ queria zurzir as gales de Portugal, que em sua companhia vinhão, temendo dante mão q̃ lhes fariaõ grande dano,como prudente, e avisado Capitão, verdadeiro amigo da Patria, desprezãdo a morte(como outro Petronio Granio)pola salvação das gales Portuguezas, se adiantou dellas por impedir á frota Castelhana seus desenhos, e afferrando logo com a mais forte,e poderosa,de que era Capitaõ Joaõ Darena Castelhano,impedio às outras sua passagem, de maneira q̃ varàraõ as galès Portuguezas da outra banda, sem nâo Castelhana poder

der impedilas, nem fazerlhe dano. Tudo á custa de seu sangue, que com muito esforço, e brio peleijando derramou: em que os Castelhanos virão o caso totalmẽte perdido, se no meyo da refrega nao fora mortalmente este bom Portuguez (immortal na fama dos homens) ferido de hum virotaõ, com que em levantando a viseira, lhe derão pela testa, de que cahio morto dentro na não, tão contente de sua morte, assim por serem serviço de sua Patria, e salvação dos seus, como satisfeito de a deixar bẽ vingada no sãgue Castelhano. Como conta *Fern. Lopez na Chron. del Rei D. Joaõ I. p. 1. cap. 132. e Duarte Nunez na mesma.*

O mesmo aconteceo no primeiro cerco de Diu, a Gaspar de Sousa Capitão de hum baluarte, que tambem por salvar os seus, que se hiaõ recolhendo à fortaleza, tendo ja dado nos arrayaes Turquescos, em que havião feito miseravel estrago. Vẽdo que os preseguiaõ os Turcos, e que alguns dos seus ficavaõ de fóra, antepoz sua vida por salvação delles: e fazẽdo rostro aos inimigos, que ja a este tempo em grande numero lhe faziaõ carga, não só guardou o passo (qual o Romano) mas inda os arrancou

do

do em que estavaõ com tanto esforço, e valen-tia; que sahio com elles a campo largo mas como era só, e os barbaros muitos, e esforçados, assestando todos nelle seus tiros, foi dejarretado das pernas, e por as muitas feridas, que o esbulharão do sangue, derribado, e morto cruelmente, naõ sem miseravel estrago dos Turcos, e grande gloria de sua morte, que por salvar seus soldados, e companheiros, e velos livres das crueis mãos daquelles barbaros, achava pouco hũa vida, para com ella mostrar o muito que devia a sua Patria. Assim o conta Lopo de Sousa Coutinho no primeiro cerco de Diu. *liv. 2. cap. 15. Francisco de Andrade no mesmo, cant. 17. e Chron. delRey D. Joaõ III. p. 3. cap. 62.*

CAPITVLO XXXVI.

De hum Hebreo, e o Capitaõ Antonio Correa.

NO memoravel cerco de Jeruzalem foi cativo hũ Hebreo (a que o descuido do tempo roubou o nome, mas naõ a gloria] natural de Iotapata Cidade de Galilea (onde era Ca-

Capitaõ, e Governador Josepho que defendeo o cerco, e compos as guerras Judaicas:) O qual sendo levado prezo á Vespasiano(que despois foi Emperador)foi por elle perguntado, o que na Cidade se fazia? que gente? que armas, e munições de guerra tinhaõ os cercados?com outras perguntas a este preposito,para conforme ellas urdir melhor a escala da Cidade.O nobre Hebreo por naõ ser desleal á Patria, e nação,prepõdo sacrificar sua vida liberallissimamẽte a troco de livrar seus naturaes da sogeiçaõ Romana, ja mais por promessas de grandes merces, e acrescentamẽtos de honra,e bẽs de fortuna,nẽ menos por ameaças, e medos de espantosos, e terriveis tormentos que lhe representavaõ, se encubrisse a verdade, puderaõ acabar com elle tirarlhe huã só palavra da boca,nem responder, ao que se lhe perguntava,e se deixou matar com estranha firmeza,e constancia. *Joseph.de bello Judaico lib.3. cap.13.*

Semelhante constancia mostrou o nobre Capitaõ Antonio Correa nò segundo cerco de Diu (Capitaõ D. Joaõ Mascarenhas]no qual sendo prezo dos Mouros, e levado ante o Ge-

ral

ral Rumecão, e perguntado por elle, que gente? armas? e artelharia havia na Cidade? e se esperavaõ por socorro? e que esperança era a dos Portuguezes cercados poderem escapar de seu grande poder? e fazendolhe outras semelhantes perguntas acompanhadas de muita soberba, e desprezo, ameaçandoo com rigorosos, e exquisitos tormentos, se naõ confessasse a verdade; e pelo contrario pormettendolhe montes de ouro se a dissesse. O magnanimo Capitaõ Antonio Correa attendendo à antiga, e natural lealdade Portugueza, e o muito, e nativo esforço desta nação, por a qual, confiava em Deos, veriaõ seus inimigos prestes o desengano de sua presumpçaõ, e arrogancia: e que com só sua vida livraria a de muitos com admiravel constancia, e leal firmeza, zombando das perguntas, promessas, e a meaças do Rumecão, jà mais deferio a preposito, do que se lhe perguntava, bem semelhante ao Hebreo com Vespasiano. Desesperado Rumecaõ do Capitaõ Portuguez o mandou matar com toda a furia, que o barbaro pode tirar de sua indignaçaõ. Assim o escreve *Hyeron. Corte Real no segundo cerco de Diu cant.* 13,

Differente conta Damiaõ de Goes este passo incõmétar. diésis obsidionis.

CAP.

CAPITULO XXXVII.

De Rodrigo de Reboredo, e Lazaro Martinz.

TRazendo ElRey D. Joaõ II. de Aragão, que se dizia Rey de Navarra, guerra contra os Castelhanos, que se lhe haviaõ rebellado, e negado a obediencia, e tinhão levantado por Rey a D. Joaõ filho de Ricardo, senhor de Marselha, enviou contra o novo Rey ao Principe D. Fernando seu filho, e à Rainha sua mulher com boa gente d'armas para o cercarem em Girona. Pórem elle temendo o cerco, e gẽte delRey D. João, retirouse a Demaso, onde esperou o socorro, que lhe veyo logo de França, E vindo á batalha com a Rainha, e Princepe, os Franceses alcançáraõ a vitoria: e o Princepe sahio della fugindo por beneficio de Rodrigo de Reboredo, que vendo o campo desbaratado, e mal parado o negocio, e o Princepe quasi preso, antepondo sua vida por salvação de seu senhor, o poz em salvo, deixando se prender por elle: e despois lhe custou seu resgate dez mil cruzados. *Como conta o Doutor Gonçallo de Ilhescas*

na

na hist. Pontifical p. 2. lib. 6. na vida del Rey D. Joaõ II. de Aragaõ.

O mesmo aconteceo a Luis de Loureiro celebre Capitaõ de Marzagaõ, em huã peleja que no anno de 1547. ouve com o Alcaide Amubẽdaúd, que com seis mil lanças pelejou com elle em companhia de Cacime esforçado Mouro, a que o Xarife encomendara a morte de Luis de Loureiro, polos grandes danos que delle recebiaõ suas terras. E sendo pelos Mouros desbaratado (como o foi dos Franceses o Principe D. Fernando) junto das tranqueiras de Marzagaõ foi cair de cansado, e mal ferido de crueis lançadas o cavallo morto. Vendo o seu Capitaõ Lazaro Martinz hum dos cavaleiros (que escaparaõ da furia dos Mouros) arrojou seu cavallo pelo socorrer, e apeandose com celeridade o ajudou a subir nelle, e á força de lançadas com animo valeroso defendeo a entrada ao impeto, e furia dos Mouros, atè que Luis de Loureiro se pos em salvo, ficando elle cativo por escapar, e salvar seu Capitaõ (como fez Rodrigo de Reboredo pelo Principe D. Fernando) como conta a Historia dos Xarifes cap. 55, E logo no de 57. diz, que

pedio

pedio pelo resgate de Lazaro Martinz o Xarife dez mil cruzados (outro tanto preço, porque foi resgatado o Principe de Aragaõ) dizendo, que se Luis de Loureiro era Cavalleiro, era pouco para o q̃ havia de dar, porque assim o fizera escapar. Porque certificava muy chãmente, que se Luis de Loureiro lhe caira nas mãos, por nenhum preço o resgatara, mas permittio Deos que Lazaro Martinz teve ordem com que fugio, deixando ao Xarife frustrado de sua pertẽção, e entrou em Mazagão em paz com outros Christãos cativos, que o acompanharaõ.

CAPITVLO XXXVIII.

De Julio Cesar, e o Conde D. Nuno Alvarez Pereira.

NAs guerras civis entre Julio Cesar, e Põpeo, aconteceo irem irmãos cõtra irmãos, pays cõtra filhos, filhos cõtra pays (caso estranho) e mataremse como inimigos crueis de muito tempo, e finalmente se vio pelejar Roma contra a mesma Roma, tudo por defensaõ, e liberdade da Patria, que naquelles calamitosos

ſos tempos taõ afligida, e perturbada andava ficando ſempre Julio Ceſar vencedor, e nunca vencido, e Pompeo vencido, e nunca vencedor, combem pouca honra ſua. E foi lançado de Roma por força de armas, com que a Cidade ficou quieta, e poſta em paz, feito Ceſar ſenhor della: e floreceo neſta quietação muito tempo. *Apian. Alex. em quatro livros das guerras civis. Lucan. in tota pharſal.*

O meſmo aconteceo neſte Reyno de Portugal nas grandes guerras entre ElRey D. Joaõ de Caſtella, e o de Portugal, Meſtre de Aviz, nas quaes ſe vio pelejar irmãos contra irmãos, filhos contra pays, e pays contra filhos, amigos, e parentes, e tambem Portugal contra Portugal, por muitos, e principaes Portuguezes ſe paſſarem a Caſtella, e virem contra a Patria, que os criara, e lhes dera hõra, e ſer, e ſe matavão, e ferião, como gente deſconhecida, e eſtrangeira. E o que mais neſta inquietaçaõ ſe abalizou, foi o Conde D. Nuno Alvarez Pereira, que por defenſaõ, e liberdade da Patria pelejou contra ſeus proprios irmãos por muitas vezes, que arrancadamente defendiaõ, e ſeguiaõ o bando Caſtelhano, do qual

qual sahio sempre o Conde vencedor, e nunca vencido, e ElRey de Castella à sua custa desenganado de poder levar a melhor do Conde, o qual ficou sempre com mais louvor, e fama que Cesar, mettendo a D. Joaõ Mestre de Aviz de posse do Reyno, e fazendoo Rey delle, com que ficou quieto, e assossegado, e elle Conde com honras, titulos, e cargos, que depois renunciou, metendose Frade no Mosteiro do Carmo de Lisboa, que elle fundou, onde acabou com grandes mostras, e opiniaõ de santidade: e he havido hoje por santo, fazendo Deos por elle muitos milagres. *Consta de sua Chron. antiga. Fern. Lopes na del Rey D. Joaõ. I. Mariz, Fr. Simaõ Coelho na Chron. do Carmo. Francisco Rodriguez Lobo no Cõdestabre, e outros muitos.*

CAPITULO XXXIX.

Do Emperador Valduvino, e Antonio Muniz Barreto, D. Joaõ de Castro, e Ruy Mendez Ribeiro de Vasconcellos.

VAlduvino o segundo Emperador de Cõstantinopla, vendose falto de dinheiro, e

sem esperança de remedio delle, por acudir á necessidade de sua Patria, e de seu Estado, que via em termos de perderse, empenhou hum filho seu de pouca idade aos Venezeanos em certa quantidade de dinheiro, com que remedeou suas faltas: e despois o pagou aos Venezeanos, e desempenhou o filho. Do qual feito (como cousa extraordinaria) foi muito louvado, e engrandecido géralmente da todos. *Platin. in vit. Greg. Pap.*

O mesmo aconteceo a Antonio Muniz Barreto Governador dos Estados da India, que por socorrer a Fortaleza de Malaca (sendo Tristaõ Vaz da Veiga, por substituição, Capitaõ della) que os Achens, e Jaos tinhaõ cercado, e lhe era mais certa sua total destruiçaõ, e cativeiro, que salvaçaõ, e liberdade, pedio à Cidade de Goa vinte mil pardaos emprestados (que saõ quinze mil cruzados a rezaõ de trezentos reis, que tem cada pardao) dandolhe em penhor Duarte Munis seu filho menino de sete para oito annos, que a Cidade aceitou, e o Governador se remedeou por entaõ com o dinheiro, e desempenhou o filho em breve tempo. Como conta *Jorge de Lemos nos cercos de Malaca p. 2. cap. 4 fol.*

fol. 25

Quasi semelhante tinha feito dantes o Governador da India D. João de Castro noutra igual necessidade: que se não empenhou o filho, empenhou logo os cabellos da sua barba; de que fez huma trança, que mandou a Goa, por Diogo Rodriguez de Azevedo, pedir à Cidade sobre elles tambem outros vinte mil pardaos, promettendo desempenhallos o mais prestes que pudesse. O qual dinheiro por elle ser bemquisto, a Cidade lhe mandou juntamente com os cabellos, offerecimentos liberalissimos de venderem suas fazendas por seu serviço. O que se escreve na Chron. del Rey D. Joaõ III. p. 4. cap. 18.

E porque entre Cavalleiros, q não foraõ Principes, nem Governadores da India ha quem em semelhantes feitos se assemelhasse com os taes, e por ventura com mór ventagem, farei breve mençaõ de Ruy Mendez Ribeiro de Vasconcellos Capitaõ de Ceita, que no anno de Christo de 1474. sofreo hum dos mais trabalhosos cercos, que se sabe. Porque do mar era cercado de Castelhanos, e da terra de Mouros, todos seus inimigos procurando cada qual

Ruy Mendez Ribeiro de Vasconcellos.

das partes fazerse senhores da Cidade. Com o
longe cerco creceo a fome nos cercados, e por
que hum mal sempre vem com outro enbadea-
do, deu nelles a peste, e se perdera a Cidade
se o negocio naõ fora com Portuguezes, e seu
Capitaõ Ruy Mendez, que à custa de seu san-
gue o remedeou com tempo, fazendo concer-
to com os Mouros cercadores, que lhe dessem
mantimentos, com que manter o cerco contra
os Castelhanos; posto que os pezassem a ou-
ro. E porque pela necessidade presente estava
falto de dinheiro, lhes deu em penhor seu fi-
lho herdeiro Antonio de Vasconcellos moço
de pouca idade (como fez o Emperador Val-
duvino com seu filho para cõ os Venezianos)
Ao qual no fim de oito meses elle desempe-
nhou do poder dos Mouros, pagando quanto
lhes devia dos mantimentos. Caso raro, e nun-
ca visto pela pouca fè da gente Mauritana, on-
de houve muitas circunstancias, que remetto
ao Theatro Lusitano, em que o relato mais
particularmente. Como tudo se conta em hũa
relação [illegible] de sua vida, e feitos, que Antonio
Pereira senhor de Basto, neto de Dona Isabel,
mulher deste Ruy Mendez fez, e eu tenho em
meu

meu poder assinada por o dito Antonio Pereira. Deste leal cavalleiro falla a Chronica del Rey D. Affonso V. que compos Ruy de Pina no cap. 191. A quem seguio Mariz Dial. 4. cap. 9. Onde lhe chamão Ruy Mendez Ribeiro.

CAPITULO XXXX.

Do Emperador Antonino Pio, e El Rey D. Pedro o Crú.

O Emperador Antonino Pio, primeiro do nome, amou a sua molher Faustina com tanta fe, e lealdade os dias de sua vida, que depois de sua morte não esquecido do antigo amor, a quis honrar, fazendolhe muitas honras na sepultura, em que jazia, e para justificar seu verdadeiro amor, levantoulhe estatuas, e imagens de sua figura; em que dispendeo grande soma de dinheiro. *Text. in offic. p. 1. cap. de Amor. conjuga.*

Em mor grao sublimou ElRey D. Pedro o Crú os quilates de amor, fe, e lealdade, que teve a Dona Ignes de Castro, morta cruelmente por ElRey D. Affonso IV. por dizerem ser

Aos Princepes herdeiros chamavão antigamente Infantes.

amiga do Infante D. Pedro, o qual a amou em tanto estremo, que por nojo de sua crua morte cuidárão perdesse o siso. E logo, que por morte del Rey D. Affonso seu pay, tomou posse do Reyno, procurou vingar (como vingou) sua morte nos que nella erão culpados: e a fermosa Dona Ignes, quatro annos depois de reinar, confessou publicamente ser sua ligitima mulher, e os filhos que della tinha, ligitimos, e mãdou, que por taes fossem tidos, e avidos: e ella venerada como Rainha: cujos ossos fez tresladar do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra ao Real de Alcobaça com o maior apparato, e pompa, que em semelhante caso se vio. Os quaes mandou levar por entre muitos mil homens, que em caminho de dezasete legoas estavão com tochas, e cirios acezos de huma, e doutra parte nas mãos, e lhes fez muitas honras, com que foi sepultada em hum grande, e sumptuosissimo Monumento de alabastro com o vulto, e figura de Dona Ignes de Castro da mesma pedra arteficiosamente lavrada, com sua Coroa na cabeça como Rainha, que elle mandou fazer (qual Antonino Pio) porque todos soubessem, que ella o fora: junto da qual foi

sepultado

sepultado despois ElRey D. Pedro houtro semelhante Monumento, que alli mandou fazer. O que largamente conta *Fern. Lopes na Chron. del Rey D. Pedro cap. ult. E na mesma Duarte Nunes fol. 183. Mariz Dialog. 3 cap. 5. O Poeta Princepe nos Lusyad. Canto 3. e outros.*

CAPITULO XXXXI.

Dos Poetas Antimacho, e Francisco de Sà de Miranda.

ANtimacho excellentissimo Poeta Grego teve tanto amor à sua mulher Lisidioes, que bem o demostrou na Elegia, que com muitas lagrimas, e suspiros compos de sua morte, em que referia todas as perdas, e calamidades de Varoens illustres, e celebres, por algum respeito de virtude. *Text. in offic. p. 2. cap. de Amor. contug.*

Outro bem semelhante ouve em o Doutor Francisco de Sà de Miranda (outro Horacio Lyrico na Poesia, e sentenças della) cujas obras testificaõ a subtileza de seu engenho, e habilidade. Amou extraordinariamente a Dona Bri-

olanja

olanja d'Azevedo sua mulher, senhora nobre, e de illustre progenie; e com ella ser de muita idade, e de pouca fermosura exteriormente, sentio sua morte mais do que pede a rezão. E a este proposito lhe fez hũ soneto (como Antimacho a Elegia) em seu louvor. E não se sabe que composesse mais cousa alguma despois de sua morte, antes com desgosto, e tristeza durou pouco tempo, e faleceo no anno de 1558. em idade de 93. annos, como se conta mais largamente na sua vida, que novamente se imprimio com suas obras.

CAPITULO XXXXII.

Dos Princepes Decio, e D. João.

Amor de filho com o pay.

O Emperador Decio polo muito que amava ao Princepe Decio seu filho, determinou coroallo em sua vida, e largarlhe o Imperio: mas o Princepe com igual amor ao do Emperador seu pay, e como Princepe avisado, e de singular virtude se escusou da dignidade Imperial, por mais que nesta parte o pay com vivas razões lhe persuadia o contrario de seu

grande

grande, e leal amor, e obediencia; elle por outra com outras mais urgentes, e pias desvioù ao Emperador de sua pertenção, dizendo publicamente, que elle seu pay regesse o Imperio, que quanto elle, o senhorio, de que se mais cõtentava em sua vida, era obedecerlhe. E assim obrigou ao pay ter a Coroa, e o regimento do Imperio, com naõ menos contentamento seu, do que se ja começara a imperar. Isto tras Ruy de Pina na Chron. delRey D. Dinis em hũa carta, que o Papa mandou ao Principe D. Affonso IV. cap. 26. *E Fernaõ Lopes na delRey D. Joaõ I. cap.* 148. *p.* 2.

Semelhante (mas antes com mais ventagẽ) exemplo de amor, e obediencia mostrou o Principe D. Joaõ com ElRey D. Affonso V. seu pay. Do qual sendo este Princepe persuadido, e quasi constrangido (quando veo de França, e o Princepe o fora receber a Oeyras lugar junto a Lisboa) tomasse a Coroa, e heredetario Cetro, e se chamasse, e fosse Rey de Portugal, elle o desviou de seu proposito, e como Princepe tão excellente, e filho obediente, como elle eta, não só naõ condecendeo ao gosto delRey seu pay, mas o titulo de Rey, que por seu mandado [es-

tando

tando elle em França com propositos de se ir a Jerusalem) tinha cà tomado, lho renunciou nas mãos com não pequeno desgosto delRey, que por muitas vezes o quisera de todo obrigar, se o prudente Principe com outras de igual honestidade aos merecimentos, se naõ escusara; dizendo publicamente (como fez Decio) que o naõ obrigasse tomar a Coroa Real, nem seu titulo em quanto sua Alteza fosse vivo, porque em tal caso antes havia desobedecer-lhe, que consentir em seu desejo. E porque o naõ puderaõ demover de sua honrada, e louvada constancia, ficou ElRey D, Afonso com oplenario poder, e dignidade Real, e D. Joaõ seu filho Principe como d'antes, e em vida delRey nunca acrecentou seu nome. O que de todos em gèral foi muito louvado, e engrandecido. Como he Autor *Ruy de Pina na Chron. delRey D. Affonso V. cap.* 200. *Damiaõ de Goes na do Principe D. Joaõ cap.* 97. *e a Gracia de Resende cap.* 17. *Mariz, e outros.*

CAP.

CAPITVLO XXXIII.

De dous irmãos filhos de Adiatorix, e Gaspar Ximenes, e Fernaõ Ximenes.

Amor fraternal.

AVgusto Cesar, cativando em guerra a Adiatorix Principe de Capadocia com mulher, e dous filhos, os trouxe a Roma (como era costume dos vencedores) em seu glorioso triumpho, onde o mãdou matar em companhia do filho mais velho: querendo os algozes executar o mandado Imperial, e naõ sabendo qual dos dous filhos era o mais velho, em que se havia empregar o rigor do cutello, cada qual por salvar ao irmaõ, dizia ser o mais velho, e o affirmava com tanto destemor, segurãça, e zelo fraternal, que indeterminados os executores da justiça, por fim mataraõ ao menor, que se offerecera em lugar do mais velho, em cujo braço consistia melhor o remedio da Princeza sua mãy, que com instancia assim o pedira, consentindo do mal o menos, em que morresse antes o filho mais pequeno, que o primogenito. O que considerando o Emperador estimou

estimou tanto o amor de irmãos tão estranho, que ao que ficou vivo com a mãy teve emboa reputaçaõ, e estima louvando tão heroico feito, Em forma, que se deixou matar hum irmão por salvar o outro mais velho, satisfazendo cõ sua vida a paixão do Emperador. *Bapt. Fulg. lib. 5. exempl. Andr. Eborens. p. 1. cap. de charit erg. fratres.*

Não menos charidade, e amor mostrárão Gaspar Ximenes, e Fernão Ximenes, irmãos homens honrados naturaes de Lisboa em o naufragio que o anno de 1585. padeceo a nao Santiago(de que era Capitaõ mór Fernaõ de Mendoça) a qual nao fazendose em pedaços, entre as pessoas que se salvaraõ no seu batel, foraõ estes dous irmãos: e por ser muita a gente, e o batel ir mui pezado, ouve pareceres que se botassem alguns ao mar. E pondose em execução taõ cruel obra, se consultou que hum dos irmãos fosse lançado ao mar: e pegando os executores emGasparXimenes mais velho em idade, e de menor corpo, que Fernão Ximenes seu irmão e mais delgado de carnes. Fernão Ximenes vendo que naõ havia remedio senaõ ir hũ delles ao mar, com amor fraternal com que o

amava

amava, se offereceo para taõ miseravel trance, dizendo que ficasse seu irmaõ que era mais velho, que elle, e pay de suas irmãs, e que o lançassem a elle ao mar. O que dito o lançáraõ, ficando com tal animo, que sendo o golfaõ de mar de mais de cento, e vinte legoas da primeira terra sem esperança de remedio humano, a pos tanto em Deos, e na Virgem nossa Senhora; que em pago de tanta charidade, de que usara com seu irmão, ordenou as cousas de maneira, que nadando por muito tempo com incomportaveis trabalhos chegou ao mesmo batel, donde o recolheraõ compadecidos de sua miseria. O que se ve poucas vezes dar hum irmão a vida por outro com tanto animo, zelo, e vontade, como este fez, semelhante ao filho mais moço do Princepe Adiatorix. Como cõta *Manoel Godinho Cardoso no naufragio da nao Santiago. fol, 20.*

CAPITULO XXXXIIII.

De Xenophonte, e D. Francisco de Almeida, e outros Portuguezes.

Paciencia de pais na morte dos filhos.

O Excellente Philosopho Xenophonte vindolhe novas (em tempo que mais occupado estava em hum sacrificio) da morte de seu filho Gryllo, que valerosamente pelejando fora morto na batalha do Mantinea, com muita paciencia, e mostras dealegria a dissimulou; continuando o sacrificio, e perguntando todavia como morrera? sendolhe respondido, que como esforçado, e valeroso Cavalleiro, elle recebeo tal contentamento, eprazer em seu generoso animo, que affirmou com juramento publicamente, que maior gloria tinha de seu filho morrer como Cavalleiro, que sentimento, nem pezar de sua morte. *Val. Max lib. 5. cap. 10. Plut. in orat. consolat.*

Semelhante foi a paciencia do Visorey da India D. Francisco d'Almeida nas tristes novas da morte de seu muy esforçado, e unico filho D. Lourenço d'Almeida, que fora morto na-

to na batalha naval contra as Armadas delRey de Cambaya, e o Soldaõ do Egypto. O esforçado, e magnanimo Visorey (como outro Xenophonte) naõ sò encobrio sua dor, e tristeza, mas cobrou nova alegria, e muito mais quando ouvio dizer, que sentado ao pè do masto (por ter menos huma perna, que hum pelouro inimigo lhe levara sem se querer entregar, nem menos porse em salvo) fora no conflicto feito pedaços, pelejando sempre valerosamente em serviço de Deos, e de seu Rey. Por onde o Visorey deu muitas graças a nosso Senhor publicamente, confortando com particular graça aos que pelo filho choravaõ, *Damiaõ de Goes na Chron. del Rey D. Manoel. p. 2. cap. 26. Osor. in eadem. lib. 5. fol. 203. Maffeus lib. 4. fol. 88. Mariz Dial. 4. cap. 15.*

Dom Joaõ de Castro Visorey.

O mesmo aconteceo ao Visorey D. Joaõ de Castro, que chegandolhe a nova a Goa (onde estava) da desestrada morte de seu valeroso filho D. Fernando de Castro, que no segundo cerco de Diu (posto por El Rey de Cambaya, e defendido por o Capitaõ D. Joaõ Mascarenhas) fora morto num baluarte em huã mina, que os barbaros alli fizeraõ: na qual com a for-

ça do fógo voou pelo ar com outros Cavalleiros D. Fernando. Naõ se enxergou no bom Visorey mostra, nem sinal de sentimento, nem fez por isso mudança alguma; antes cubrindo-se a Cidade de lagrimas, e tristeza mandou repicar os sinos, e se sahio pela praya a cavallo, como se fora em tempo de mór gloria, e triũpho, vestido de brocado com gorra, e plumas brancas, e fez que os fidalgos jugassem canas com igual alegria, e contentamento á melhor nova do Mundo, affirmando publicamẽte (semelhante ao Philosopho) que lhe não pesava tãto da morte de seu filho, como estimava morrer como Cavalleiro. *Consta da Chron. del Rey D. Joaõ. III. p. 4. cap. 14. Maff. li. 13. f. 321. B. Corte Real no segundo cerco de Diu, cant. 14. Fr. Anton. de S Rom. na Hist. da India p. lib. 4. cap. 5. Dam. de Goes in Comẽti. 3. de obsid. diensi.*

Lourenço de Sousa

Não menos o fez Lourenço de Sousa fidalgo valeroso no cerco de Mazagaõ em tempo da Rainha Dona Catherina (que governava estes Reynos por ElRey D. Sebastiaõ seu neto não ser de idade) na grande, e estremada paciencia, que mostrou na morte de seu amado filho Martim Vaz de Sousa por morrer pelejã-

do

do com os Mouros, como valeroso, e esforçado que era. E sendo da Rainha consolado, elle, e sua mulher, responderaõ que ambos estavaõ muito consolados, porque Martim Vaz morrera em serviço de Deos, e de seu Rey: que o filho herdeiro, que ficava, estava prestes para ir servir a Sua Alteza em Mazagaõ, ou em qualquer parte, que ElRey fosse servido. Assim o escreve *Agostinho de Gavy de Mendoça no cerco de Mazagaõ cap. 14. fol. 63.*

No proprio lugar conta o mesmo Autor da maravilhosa paciẽcia de Bastiaõ de Macedo, fidalgo de preço, e estima, na morte de seu filho herdeiro Jorge de Macedo cavalleiro de muito esforço, e valentia, como se vio no cõbate, em que morreo pelejando com muito esforço.

E porque na dignidade Real naõ faltou semelhante paciencia, tornãdo mais atras, achamos ElRey D. Joaõ de boa memoria com a amarga nova (inda que falsa) da morte de seu amado, e querido filho o Infante D. Henrique, principiador da navegaçaõ da India, na tomada de Ceita, em a qual o Infante polas armas mostrou bem ser filho delRey seu pay á custa

do ſangue Africano, mettendoſe tanto pelos Mouros, que deſapparecendo dos ſeus, deu occaſiaõ de ſe cuidar ſer morto: da qual triſte nova, não ouſando ninguem ſer o meſſageiro, pelo deſgoſto, e ſentimento, que della poderia ElRey tomar, a deſſimulavaõ todos. ElRey todavia ſendolhe declarada a morte do Infante, ſem moſtrar ſentimento, ou nojo algum (bem fóra do que ſe cuidava) reſpondeo que não montava muito pois morrera em ſeu officio. Com tudo o Infante naõ morreo aqui, porque o tinha Deos guardado para exaltaçaõ, e propagação de ſua ſanta Fè Catholica, que por ſeu meo ſeus ſucceſſores havião de fazer levar ás terras mais remotas, e incognitas do Univerſo. Author *Gomezeanes de Zurara p. 3.cap.60.da Chron.delRey D. Joaõ.* I.

CAPITULO XLV.

Dos Reys Alexandre, e D. Dinis.

Liberalidade

ALexandre Magno por ſua liberalidade, e magnificencia, mereceo que ficaſſe em rifrão a hum homem que he muito liberal, dizerſe

zerse que he hum Alexandre, como diz hoje o proverbio:

Em semelhante adagio ficou posto ElRey D. Dinis, cuja liberalidade, e grandeza em fazer merces, foi em seus tempos taõ celebrada, que para se louvar hum homem de franco, e liberal, diziaõ, que era hum D. Dinis (como se dizia de Alexandre) e inda hoje corre por rifão. Alem do que, he Autor *Duarte Nunes na Chron. deste Rey fol. 128. e na Genealogia dos Reys.*

CAPITULO XLVI.

De Emperador Tito, e ElRey D. Pedro o Crú.

O Emperador Tito Vespasiano era tal sua liberalidade, que nenhum dia lhe passava sem dar mostra de sua franqueza: do que tinha tão particular cuidado, que o dia, que deixava de fazer alguma merce, costumava dizer que perdera aquelle dia, pois naõ tinha dado alguma cousa. *Sueton. in ejus vita cap. 7. Aurel. Vict. de vit. Imper. D. Hyeron. in epist. ad Galat. cap. 6.*

A mesma condiçaõ, e natural tinha ElRey

D. Pedro o Crú cuja generosidade, e real magnificencia foi igual à do Emperador Tito, pois nenhum dia lhe passava, em q̃ naõ mostrasse sua liberalidade. Por o qual costumava dizer, que o dia que o Rey naõ dava, naõ se podia com rezaõ chamar Rey. Dando a entender, que he proprio do Rey ser largo, e liberal. Como conta *Fernaõ Lop. na Chron. deste Rey. cap. 1. Duarte Nunez na mesma fol. 180. Mariz Dial. 3. cap. 5.*

CAPITULO XLVII.

De Theseo, e o mesmo Rey D. Pedro.

Justiça

THeseo filho delRey Egeo de Athenas em castigar, desterrar, e destruir ladrões, e perseguillos com muito rigor, e justiça, ganhou muita fama, e louvor, pelo proveito, e bem comum, que disto receberaõ seus povos. *Plut. in ejus vit.*

Semelhante foi ElRey D. Pedro o Crú em castigar, destruir, e degradar aspera, e rigurosamente os ladroens, que à sua noticia vinhaõ, em caso que mui longe estivessem, fazendo

zendo muito pelos haver à maõ. Em tanto, que aos que diante de si tinha muitas vezes com suas proprias mãos castigava, e a tormentava cõ igual vontade, e zelo, á que elles tinhaõ de roubar, e o fez por espaço de dez annos, que viveo. De maneira, que os caminhos eraõ muito seguros, e as Cidades, e lugares em mór quietaçaõ, do que dantes estavaõ. *Fernaõ Lop. na Chon. deste Rey cap. 6. Mariz. Dial. 3. cap. 5.*

CAPITULO XLVIII.

Do Emperador Aureliano, e o mesmo Rey D. Pedro.

O Emperador Aureliano a hum soldado, que forçara hũa mulher, em cuja casa se havia agasalhado, mandou abater com força duas pernadas de grossas arvores, e atallo em cada huma sua perna, e largandoas com subito impulso, e violencia, tornadas á sua natureza, o partiraõ pelo meo, pagando com tão riguroso castigo a pena de seu peccado. *Ælian. lib. 6. Ande. Æbor. idap. de sever. t.*

O mesmo fez o proprio Rey D. Pedro Crù,

que ouvindo huma vez chamar huma mulher por Maria Rousada (que na lingoagem daquelle tempo queria dizer forçada: e o mesmo era Rousar que forçar) quis inquirir a razaõ do nome: e sabendo que lhe chamavaõ assim por a forçar o marido, que despois por descargo de consciencia casara com ella, e entaõ era actualmente casada, de que tinha filhos. Naõ obstãte o amor, e concordia, em que viviaõ havia muitos annos, por cumprir com a Ordenaçaõ, o mandou enforcar sem lhe valer as lagrimas da mulher, e filhos, que detras delle hiaõ derramando, nascendo maior escandalo do castigo do com que foi cometida a culpa. *Fern. Lop. na sua Chron. cap. 9. Duarte Nunez na mesma fol. 178. col. 3.*

Rousar era forçar.

CAPITULO XLIX.

Do Emperador Tiberio, e ElRey D. Dinis.

O Emperador Tiberio Cesar mandou matar a hum soldado da sua guarda porque furtara hum pavaõ de hum jardim. No que mostrou quam recto era em justiça contra fur-

tos

tos, inda que fossem em qualquer sorte de pessoa, naõ respeitando ao soldado, que o servia, o que por ventura naõ poderia sofrer suas necessidades à falta do necessario. *Claudi. Contereus Turon. lib. 3. de jure, & privileg. milit. cap.* 11

Semelhante o fez El Rey D. Dinis a hum seu official, que lhe fazia de comer, que por tomar a hum lavrador por força huma vaca, tres carneiros, e quatro galinhas sem pagar de tudo cousa alguma, dizendo serem para El Rey (ao qual o mesmo lavrador, naõ o conhecendo no campo, dera queixas) o mandou espetar vivo para exemplo de seus officiaes, que naõ afrontassem á sua conta ninguem, nem tomassem o alheo. Penas que inda que parecem rigorosas, como na verdade o saõ, mostraõ bem o zelo, que estes Princepes tinhaõ de tirar de entre seus criados, e vassallos este infame vicio de tomar o alheo: e quanto lhe aborrecia. Como o conta *Fr. Marcos de Lisboa Bispo que foi do Porto na 2. p. das Chron. de S. Francisco liv. 6. cap.* 20.

CA:

CAPITULO L.

Dos Reys Felipe, e D. Joaõ II.

Palavra, e fè publica.

ELRey Felippe de Macedonia tendo dado huma ſentença contra Machetas, e ſendo delle requerido que a tornaſſe a ver, porque a dera injuſtamente, e como naõ devera: tornou ElRey ver os autos, e achando ſer aſſim como o reo dizia, por naõ desfazer a ſentença, que huma vez dera, e tornar com ſua palavra atraz, lhe mandou dar o meſmo dinheiro, em que o tinha condenado. *Plut. de reg & Imper. apopht. Eraſm. lib. 4. apopht. 24. de Philip,*

Semelhante aconteceo a ElRey D. Joaõ o II. noutra occaſiaõ com hum Alvarà, que tinha paſſado a hum homem do Algarve, polo qual deraõ huma ſentença contra outro, em que perdera duzentos mil reis: cujas queixas, e aggravos vindo às orelhas delRey, por naõ paſſar outro em contrario, e revogar, o que tinha mandado, mandou chamar o homem, e por Antaõ de Faria ſeu camareiro, lhe mandou dar logo (como fez ElRey Felippe) os duzentos mil

mil reis em ouro, que perdera, com que ficou contente, e satisfeito, *Garcia de Resende na Chron. deste Rey cap.* 106

CAPITULO LI.

De Scipiaõ, e D. Henrique de Meneses Governador da India,

SCipiaõ Africano caindolhe nas mãos certo navio de muitos, e mui nobres varões Carthagineses seus inimigos, que receosos de Scipiaõ lhes fazer algum dano, usáraõ de singular ardil, chegandose sem temor à elle, e com salva de cortesias lhe disseraõ, que vinhaõ a elle por Embaixadores sobre certos tratos, e bem comum de ambas as Republicas de Roma, e Carthago. Porem Scipiaõ entendendo claramente que era aquillo artificio, e manhá para poderem melhor fazer da necessidade virtude escapando de seu poder, os deixou ir livres em paz com sua nao, sem se tomar conclusaõ. O que fez por naõ quebrar a fè publica, que se deve entre todas as nações a Embaixadores. Posto que estes entendesse claramente Scipiaõ

que

que o naõ eraõ. *Val Max. lib. 6. cap. 6. Liu. Dec. 3. lib. 1. Appian. in Punica. Polyb. l. 15. sed paulo aliter.*

Semelhante foi o Governador da India D. Hẽrique de Menezes no rio de Panane, onde receoso o Caimal que sua poderosa Armada quisesse fazer mal à terra, mandou logo hũa almadia (embarcaçaõ da India) dizer ao Governador, que seu senhor o Çamorim Rey de Calecut (cruel inimigo de Portuguezes) o mandara alli para lhe entregar treze paraós, que estavaõ naquelle rio. O Governador naõ lhe passando por alto o ardil, manha, e dessimulaçaõ do Caimal, que por se livrar de suas armas, em que se via mettido sem esperança de remedio buscara aquelle meyo, quis tambem (como outro Scipiaõ com os Carthagineses) dissimular, e assim o deixou por entaõ em paz. Da qual o Caimal se soube aproveitar taõ mal, que foi causa depois de sua perdiçaõ. Como trata a *Chronica del Rey D. Joaõ III. p. 1. cap. 71.*

CA-

CAPITULO. LII

De Regulo, e Belchior do Amaral, e outro Portuguez.

JA fica dito, como Regulo fora enviado a Roma Patria sua pelos Carthagineses, dando sua palavra de se tornar a sua prizaõ, ou aviasse, ou naõ. Como se vio em Roma, e nada negociasse, em cumprimento de sua palavra, posto que lho contradissessem os seus efficacissimamente, deu sentença contra si, tornandose para sua prisaõ de Carthago *Val. Max lib.* 1. *cap.* 1. *Lactant. institu. lib.* 5. *cap.* 13. *Cic. offic.* 3.

O mesmo fez Belchior do Amaral fidalgo nobillissimo (e segundo Duarte Nunez de Leaõ nos Elogios dos Reys) do concelho delRey D. Sebastiaõ, Desembargador do Paço, e Corregedor criminal do exercito. O qual na infelice jornada de Africa foi cativo, e sendolhe permittido pelo Xarife, que viesse a este Reyno a procurar o resgate dos fidalgos, que ficavaõ cativos, deu sua palavra, e ficou por fiador de si mesmo, que ou achasse o resgate, ou naõ

se

se tornaria a sua prizaõ. E assim o fez, que chegado a Portugual, e aviado do que lhe cumpria, em cumprimento de sua fè, e palavra deu voto contra si, posto que lhe naõ faltáraõ (como a Regulo) alguns concelhos em contrario, tornandose (semelhante ao Romano) à sua prizaõ de Berberia havendo por mais honra sua porse a perigo de morte, que quebrar sua palavra, Como escreve *Hyeron. de Mendoça na Jornada de Africa liv. 2. cap. 4. fol. 65.*

Naõ menos o fez hum moço Portuguez na India, onde sendo tambem cativo com outros Portuguezes dos Mouros do Reyno de Calicut, e enviado por elles com cartas a Lopo Soares de Alvergaria a Cananor, onde elle entaõ chegára com huma poderosa Armada deste Reyno, nas quaes lhe pediaõ paz, e amizade. O Portuguez por naõ quebrar sua palavra, que aos Mouros dera de se volver com reposta, ou sem ella, e por naõ ser causa (como elle dizia) da morte de seus conpanheiros, posto que o Capitaõ Lopo Soares o quisesse reter, e aporfiasse sobre isso muito com elle, o naõ quis consentir, antes se foi (como o fez Regulo) metter outra vez na sua prizaõ, pondose a perigo de morte,

morte, que mostrar (inda que moço, e de pouca idade) ponto de fraqueza, e covardia em sua fè, e palavra. *Osor. de rebus Emmanuel. lib. 3. ad calcem.*

CAPITULO LIII.

De Julio Cesar, e o Conde D. Nuno Alvarez Pereira.

O Emperador Julio Cesar, nunca por sonhos, agouros, e prodigios deixou de levar adiante o que hũa vez emprendia contra seus inimigos, antes costumava zombar sempre de semelhantes vaidades, e como taes as desprezava, naõ sendo ellas parte para o tirar de seus desenhos, e assim ja mais perdeo vitoria, em que se elle mesmo achasse, pelejando por seu braço com incredivel esforço, e animo, e estranha prosperidade em seus successos. *Suet. in ejus vit. cap. 59. 81. &. 82.*

Desprezo de agouros

Semelhante foi o Conde D. Nuno Alvarez Pereira, que ja mais por agouros, sonhos, nem prodigios desistio do que em dano se seus inimigos começara: no que naõ sò imitou ao grãde

de Cesar, mas em seu esforço, valor e grandeza de animo, e disciplina militar se pos em igual Parallelo, quando já naõ queiramos dizer, que em sua comparaçaõ ficou abatida a fama de Cesar, e dos mais famosos, que o Mundo tanto engrandece, vencendo, e alcançando por seu valeroso braço dos Castelhanos, seus inimigos maravilhosas, e sobre naturaes vitorias, em que muitas vezes se vio abraçado com a morte por honra, e defensaõ da Patria, e serviço de seu Rey. e taõ incansavel, e venturoso em seus successos, que se naõ podia mais desejar em hum perfeitissimo Capitaõ: pois igualmente correspondia a prosperidade a seus intẽtos. Por onde naõ com pouca rezaõ lhe chamou Frey Jeronimo Romano, outro Cide Ruy Dias na ventura das armas. Consta *da Chronica antiga do Conde, e na del Rey D. Joaõ.* I. *onde se contaõ muitos casos, mormente na* 1. *p. cap.* 151. *e* 171. *e na* 2. *cap.* 6. *Francisco. Rodrigues Lobo no Condestabre.*

Fr. Jeron Romano na Hist. do sauto Infaute D. Fernando

CA-

CAPITULO LIV.

Do Consul Flaminio, e ElRey D. Sebastiaõ.

FLaminio Consul Romano tendo seu exercito à vista do de Anibal Carthagines no infelice lago Trasimeno, nunca o Alferez pode arrancar a bandeira da terra, por mais que forcejou tiralla. O que se teve logo a mao pronostico, e ruim agouro, porque os Romanos foraõ vencidos, e desbaratados, e o Consul Flaminio achado pelos seus morto no campo, e Roma posta em nova afliçaõ, e temor, temendo que Anibal lhe corresse as portas, que (segundo andava vitorioso) lhe seria cousa mui facil apoderarse della pola muita gente, e principal nobreza, e cavallaria, que na batalha se perdera: que foi a primeira, e a maior perda, que Roma atè aquelle tempo recebera, e taõ lamẽtada que naõ ouve casa, a que desta miseria naõ tocasse alguma parte, como de pay, filho, marido, parente, ou amigo, que de morto, ferido, ou cativo escapasse. *Tit. Liv. Dec. 3. liu. 2. Val. Max. lib. 1. cap. 6.*

Nem mais,nem menos se vio em ElRey D. Sebastiaõ na infelice Jornada de Africa nos cãpos de Alcacer quibir contra o Xarife Molei Moluco; à vista do qual tendo ElRey seu pequeno exercito,nunca D. Jorge de Alencastro Duque d'Aveiro Capitaõ da Cavallaria, pode arrancar a lança(que na maõ tinha)de hũa greta da terra,que se lhe havia mettido por ella: a qual largou, e metteo mão à espada,com que pelejou. O que logo pareceo certo agouro do maõ, e infelice successo da batalha , em que os Portuguezes foraõ vencidos , e desbaratados,e dizem que ElRey D. Sebastiaõ achado ,e conhecido pelos seus morto no campo,e as fronterias de Africa postas em desuzado, e novo temor,e tribulação de Molei Amet , que soccedera a seu irmaõ Molei Moluco(que aqui tambem morreo)porlhes cerco, ou correrlhes pelo menos as portas,para o que lhe naõ faltaraõ concelhos, e lhe seria cousa pouco difficil pola vitoria presente,por ser perdida a flor da nobreza , e cavallaria de Portugal, que foi a primeira , e a maior perda,que este Reyno padeceo nunca em Africa(nem fóra della despois q̃ he Reyno separado)por nossos peccados , taõ

lamentada

lamentada, e sentida por muitos tempos, que apenas se acharia casa nelle, a que naõ abrangesse a miseria desta triste tragedia. Como cõta *Jeronimo de Mendoça na Jornada de Africa liv. 1. cap. 6. fol. 38.*

CAPITVLO LV.

De Alexandre, e o Conde D. Nuno Alvarez.

ALexandre Magno sacrificando hum dia em tempo de sua mocidade a seus falsos deoses cõ o apparato, e ceremonia, que a seu estado cumpria, se despendeo tanto em lãçar incenso no fogo (ritos mui usados da gentilidade) que sendo notado de hum pedagogo chamado Leonides, que presente estava, pronosticandolhe de ante maõ sua felicidade, lhe disse, que entaõ sacrificasse elle com tanta liberalidade, e franqueza, quando tivesse subjugado, e fosse senhor da Provincia, e regiaõ, que produzia o incenso. E assim aconteceo despois, que passãdo Alexandre à Arabia, onde nascia o incenso, e se dava em abundancia, e fazendose senhor della à força de armas, lembrouse das palavras

do pedagogo Leonides, e lhe escreveo huã carta, em que lhe fazia a saber, como elle ja era senhor das terras, que produziaõ o incenso, e outras especies aromaticas. Dos quaes cheiros lhe mandou juntamente boa quantidade sob capa de dessimulada reprehensaõ em ser algum tanto avarento nos sacrificios dos deoses. *Plutar in apopht reg. & super. Plin. natur. hist. lib. 12. cap. 14. Erasm. lib. 4. apopht. 4. de Alexand.*

Semelhante pronostico aconteceo, e se cũprio em o Conde D. Nuno Alvarez Pereira em Santarem: que por morte do Conde D. Joaõ Fernandez de Andeiro, sobre quem o Reyno andava revolto, se foi servir ao Mestre de Avis D. Joaõ contra Castella; e estando o dito Conde em Santarem, vio à porta de hum Alfajeme (que em nossos tempos he barbeiro de espadas) hũa espada bem guarnecida, e larga feita à sua vontade, e mandando concertarlhe outra daquella maneira, a fez o Alfajeme, como o Conde a desejava. O qual satisfeito, e cõtente do concerto, e limpeza della lhe mandou pagar seu trabalho mais do que merecia, e como o Alfajeme lhe naõ quisesse aceitar a paga, profetizandolhe o Condado, que despois ouve

por

por seus merecimentos delRey, lhe disse, que entaõ lhe pagaria, quando por alli tornasse a passar feito ja Cõde deOurem, e naõ foi menos, que por seus bons serviços entre outras doaçõ-es, e merces em pago, e galardaõ da Coroa Re-al que por seu meyo ElRey D. Joaõ I. alcançara, lhe deu despois o Condado de Ourem, e em quanto foi vivo, naõ houve outro Conde mais que elle neste Reyno, por assim o pedir particularmente ao mesmo Rey, que lho concedeo com muita liberalidade, e gosto tornando a passar feito Conde por Santarem, lembrado do verdadeiro pronostico, e profecia do Alfajeme, naõ só o livrou da prizaõ, em que estava por seguir a parcialidade Castelhana, e fez restituir sua fazenda, mas ainda lhe fez merce, com que ficou o Alfajeme muito contente: Como diz *Fern. Lop. na Chronic. del Rey D. Joaõ I. p. 1. cap. 35. e p. 2. cap. 52. Fr. Simaõ Coelho na Chronica do Carmo p. 1. liv. 1. cap. 19. Lobo no Condest. cant. 6. e na Chron. antiga do Conde.*

CAPITULO LVI.

Da Vespasiano, e ElRey D. Manoel.

ANdando Vespasiano em Jerusalem por Capitaõ dos exercitos Romanos contra os Judeos, que naquella sazaõ se rebellaraõ, bem fóra de em algum tempo poder vir ser senhor do Imperio, entre outros cativos, que na Cidade se tomaraõ, hum delles foi o Capitaõ Josepho filho de Matathias, aquelle, que despois cõpos a Historia das antiguidades, *de bello Judaico*. O qual em vendo Vespasiano, lhe disse claramente, e o affirmou, que havia de ser Emperador: inda que naquella occasiaõ naõ foi crido, por ser em tempo, que o trouxeraõ mettido em ferros, e serem suas palavras interpretadas mais por adulaçaõ, que prophecia: em caso que muito dantes sinaes lho tinhaõ pronosticado. Porem as cousas se ordenaraõ de maneira, que Vespasiano veo a ser Emperador, e hum dos bons daquelle Imperio, e lembrandose de Josepho, lhe deu liberdade, e lhe fez muitas merces, e favores. *Joseph. de bello Judaic.*

daic.lib.3. c.14.& lib.7.cap.12, Suet.in vit.Vespas.cap.5.

Igual felicidade foi a delRey D. Manoel, que estando em Salamanca (onde estudava para Clerigo) lhe pronosticou hũ Astrologo em o vendo, que havia inda ser hum grande Monarcha, Rey liberallissimo, e muy grandioso, e que naõ duvidasse do que lhe alli dizia. E como o Senhor D. Manoel andava descuidado, e bẽ fóra de pensamentos Reaes, por ter diante de si, e da Coroa seis pessoas, deulhe pouco, ou nenhum credito por entaõ. E assim zombavaõ os fidalgos, e senhores Portuguezes do Pronostico, que tinhaõ por fina, e mera adulaçaõ do Astrologo, como ja a divisa da Esphera, lhe tivesse pronosticado a Coroa. Mas dando o Mũdo outra volta por morte das seis pessoas socedeo a ElRey D. Joaõ II. e foi verdadeiramẽte Monarcha senhor do Oriente por seus Capitaẽs, Rey liberallissimo, grandioso, e de estranha felicidade, e se lhe deve o louvor daquelle famoso Imperio, que a naçaõ Portugueza tem na India, por ser o primeiro Rey, que a descobrio. E posto que o Astrologo fosse ter com ElRey a Lisboa, e lhe pedisse remunera-

ElRey D. Manoel troxe em vida delRey D. Joaõ II. a Esphera por divisa com hũa letra na zona que dizia *Spes ejus in Deo*

ção de seu bom pronostico, e ElRey se naõ esquecesse delle, naõ houve as merces, que taõ boa nova merecia, por naõ ser mais a ventura do Astrologo (como elle mesmo dizia) naõ por falta da grande liberalidade delRey D. Manoel Assim o conta *Mariz na vida de Luis de Camões, que anda incorporada no principio dos Lusyadas a commentados.*

CAPITVLO LVII.

De ElRey Lycurgo, e Infante D. Pedro.

Princepes mal satisfeitos

ELRey Lycurgo governou com muita prudencia, e justiça os povos de Lacedemonia, e em pago, e remuneração destas virtudes o apedrejáraõ muitas vezes atè lhe quebrarem hum o'ho, e o condenarem a perpetuo desterro, onde miseravelmente morreo, *Plut. in ejus vit. Val. Max. lib. 5. cap,*

Semelhante premio levou o Infante D. Pedro do bom governo, inteireza, e justiça cõ que regeo estes Reynos de Portugal por ElRey D. Affonso V. seu sobrinho ser de pouca idade: e das santas, e justas leis, com que vi-

veraõ

veraõ os povos em paz, e quietaçaõ, e pago dos quaes trabalhos, veo a ser invejado de alguns, e perseguido por vezes, e naõ descansaraõ atè lhe procurarem a morte, àcujas mãos o Infante acabou na batalha de Alfarroubeira; e seu corpo maltratado sem sepultura, com outras afrontas indignas de seus merecimentos, o que se por ventura naõ succedera, conforme foi perseguido, naõ se lhe escusava viver em perpetuo desterro, semelhante a ElRey Lycurgo. Como escreve lastimosamente *Ruy de Pina na Chron del Rey D. Affonso V. cap. 26. e 118. Mariz Dial. 4. cap. 7.*

CAPITULO LVIII.

Dos Capitães Belisario, e Duarte Pacheco Pereira.

BElisario Capitaõ do Emperador Justiniano, despois de alcançar estranhas vitorias, e ricos despojos de varias nações, que venceo em diversas batalhas, e recontros, em pago de tantos, e taõ grandes serviços, veo a ser invejado, e murmurado no cabo de sua velhice, e prezo

e prezo pelo Emperador, e confiscados seus bens para a Coroa, e ficou em o mais misero estado do Mundo, vivendo de esmollas, que sentado em caminhos publicos recebia dos passageiros com muita paciencia, e sofrimento, em que acabou a trabalhosa vida com notavel exẽplo da pouca firmeza do mais alto estado, *Tzetzes Chiliad. 3. hist. 88. Pontan. lib. 2. cap. 8. & alii.*

Outro Belisario em tudo se vio no incansavel Capitaõ Duarte Pacheco Pereira, de cujo nome toda a India tremia. O qual despois de haver milagrosas vitorias, e fazer espantosas façanhas, e altas proezas contra o Camorim Emperador do Malavar, e outros Reys seus cõfederados, e triumphar delles, e livrar o Rey de Cochim (cujo bando deffendia) do jugo daquelles barbaros, e haver passado muitos golpes da fortuna, teve por premio, e galardaõ de seus estranhos serviços (polos quaes lhes fez ElRey D. Manoel tanta honra, vindo da India, na entrada de Lisboa, quanta nenhum Cavaleiro recebeo de Principe algum) mandallo o proprio Rey, que tanto o tinha honrado (unico remunerador de serviços) vir da Mina, onde

onde estava por Capitaõ, por falsos capitulos, que invejosos, e mexeriqueiro, lhe impuseraõ, neste Reyno, posto em ferros, com os quaes esteve muito tempo na cadea, atè se saberem suas culpas serem fallas, e despois de solto viveo èm tanta pobreza, que se mantinha (como Belisario) de esmollas, que algũas pessoas nobres lhe mandavaõ: e consumido de necessidade, e miseria acabou seus dias no Hospital de Valença de Aragaõ miseravelmente, e seus trabalhos, e perseguições da fortuna (mas naõ sua immortal fama) com tanta paciencia, e sofrimento, quanto era o esforço, e prudencia, com que soube vencer seus inimigos, deixando ao Mundo todo exemplo das inconstancias do tempo, Como diz *Damiaõ de Goes na Chronic. del Rey D. Man. p.* 1. *cap.* 100. *Osor. lib.* 4. *de rebus Emmanoel Mariz Dial.* 4. *cap.* 14. *Castanheda liv.* 1. *Barros, Maffeo, Camões, e outros muitos.* Sobre este passo, lẽdo eu a Chronica del-Rey D. Manoel, me occorreo hũ Epitaphio, que fiz, sendo estudante do latim, que naõ farà mal aos agradecidos leitores pollo aqui. Diz assim.

Sub tumulo hoc tegitur perigrino Lysius hospes,
gloria quem genuit, sustulit invidia.

CA-

CAPITULO LIX.

De Julio Cesar, e ElRey D. Affonso V.

Emulaçaõ de gloria alhea.

JUlio Cesar quando em Calez Cidade de Hespanha vio no Templo de Hercules a imagem de Alexandre conquistando o Mũdo, conhecendo as heroicas virtudes que fizera em sugeitar Grecia, e Persia, e elle naõ ter feito cousa (a seu parecer) digna de memoria, quanto mais nisto considerava, gemia, e se entristecia; e logo determinou fazer cousas grandes, e insignes (como fez) esporeado dos feitos de Alexandre. *Suet, in ejus vit. cap. 7.*

Semelhante honrosa inveja incitou a El-Rey D. Affonso V. que chegando á Cidade de Ceita em Africa, notando o sitio, e grandeza, que representavaõ as antiguidades della, e sua realeza; e que taõ grande feito ElRey D. Joaõ de boa memoria seu avó emprendera em tomar aquella forte, e populosa Cidade, chave de Hespanha, e as proezas, e maravilhosas façanhas, que naquella passagem contra os Mouros deixara em memoria, e ElRey D. Affonso

em

em comparaçaõ de tamanha vitoria ter acabado pouco por seu braço em tomar, e ganhar a Villa de Alcacer Ceger: dizem as Chronicas, que ficou triste, e posto em cuidado, e taõ descontente de si mesmo, quanto cada vez, que nisto mais cuidava, seu grande, e invencivel animo o atormentava mais, suspirando por mais altas emprezas, e revolvendo em seu coraçaõ, deyxar de si memoria em aquellas partes de Africa cõ tomar Tangere, achando ser menoscabo de sua honra tornar ao Reino sem primeiro satisfazer seu pensamento, e dar fim a novas emprezas, a que o provocavaõ os tropheos delRey D. Joaõ seu avó. Como affirma Ruy de Pina na sua Chronic. *cap*, 136. *Damiaõ de Goes na do Principe. cap.* 16.

CAPITULO LX.

Do mesmo Cesar, e ElRey D. Sebastiaõ.

O Proprio Cesar gostava tanto de ler cousas, que accendessem, e avivassem, o que muito tempo havia trazia em seu peito, que lendo hũa vez os feitos, e proezas do di-

to Alexandre, e ficasse por isso pensativo, movido da lição, se persuadio imittar suas façanhas todo o tempo, que lhe durasse a vida cõ o Imperio. *Plut. in apophth. Roman.*

Com semelhante espirito, e animo se criarão aquelles altos pensamentos delRey D. Sebastião. O qual tambem por ler os feitos, e vida do Emperador Carlos V. seu avó, que trazia sempre consigo, fizerão tanta impressão nelle, que lhe acontecia na lição estar mui imaginativo, cuidando como havia tomar Africa, e fazerse senhor della: e logo propos em seu coração imittar ao Emperador quanto *lhe* fosse possivel, como fosse de idade cõveniente. E na verdade levàra ávante seus pensamentos, segundo seu magnanimo espirito, se a fortuna o não atalhara no melhor de sua idade na infelice Jornada de Africa. *Hyeronim.o. de Mẽdoça nesta Jornada liv.* 1. *cap.* 3. *fol.* 22. *Amador Rebello na vida delRey.*

CA-

CAPITULO LXI.

Dos Capitães Joab, e Alvaro Vaz de Almada.

ELRey David sendolhe dada a nova do triste successo, e morte de seu filho Absalaõ, recebeo porisso tanta dor, e tristeza, que pelo aliviar della Joab seu Capitaõ gèral, chegou a elle, e o começou a consolar, e lhe soube dizer tantas, e taes palavras, e razoens, e com tanto artificio, eloquencia, e alegria de rostro, e tanto atempo, que o aliviou da tristeza, e dor facilmente, e fez com elle, que saisse ao exercito, e o recebesse com mostras de agradecimẽto pelo que tinhaõ feito em seu serviço. E ElRey David o fez dando a todos muitos louvores, e alegrandose com vellos, louvando ao Capitaõ Joab, como causa principal daquelle feito, 2. *Reg.* 19.

O mesmo aconteceo a ElRey D. Duarte com a triste nova do cativeiro do Infante D. Fernando seu irmaõ (que foi dado em refens à C,alabençala Capitaõ dos Mouros pola restauraçaõ de Ceita, de que fora Senhor, conforme

forme os concertos entre Portuguezes,e Mouros na infelice jornada de Tangere,de que recebeo muita paixaõ, e trifteza. Mas Alvaro Vaz de Almada Conde de Abranches em França Capitaõ mór do mar, fabendo o fentimento de ElRey chegou à aldea de Carnide(onde ElRey,andava paffeando) veftido de finos, e ricos panos,e alegres cores,e todos os feus com a barba feita, e o roftro cheo de alegria.E como lhe beijou a mão lhe foube apontar, e dizer taes coufas, e razoens(por as quaes naõ devia S.A,pelo cafo enojarfe) de tãta confolaçaõ, e conforto,e a taõ bom tempo, que o recebeo ElRey, e aos feus com grande alegria, e louvou muito fua ida daquella maneira(como o fizera Joab com David)e por iffo,e por feus grandes merecimentos lhe prometteo muita merce, e acrecentamento. Segundo diz *Ruy de Pina na Chron.del Rey D. Duarte cap.36.*

CA-

CAPITULO LXII.

De Romanos, e Portuguezes.

VEndose certo presidio Romano cercado dos Jugurtinos, e bravamente opprimidos com pouca esperança de se poderem defender muito tempo sem algum modo de socorro, usàraõ de hum ardil que os salvou do perigo. Tomaraõ huma andorinha que consigo haviaõ para este efeito levado, e lhe ficavaõ os filhos no lugar, donde procuravaõ ser soccorridos, e atandolhe nos pés hum fio, ou linha cõ certos nós, pelos quaes se davaõ a entender que dentro em tantos dias, em que a batalha estava aprazada, os socorressem, adeitaraõ a voar. E ella se deu tambem com o negocio que chegou ao seu ninho a tempo, que entendendo os Romanos a significaçaõ do aviso, ordenáraõ logo socorrer aos cercados, e livrallos da afrõte em que estavaõ. *Plin. lib. 10. cap. 24. nat. hist. Pyer. in Hyerogl. lib. 22. cap. de hirundine.*

Em Frandes se usa muito deste ardil; mas cõ pôbas, como diz D. Bernardino de Mendoça nos Cométarios dos Paizes baixos lib 9. cap. 9. foll 188.

Semelhante modo de ardil, e por beneficio de outro animal se livrou Tangere de algum

 delastre

desastre, e sobresalto perigoso, que lhe ordenava a fortuna em tempo do Catholico Rey D. Manoel, sendo Capitaõ mór da quella Cidade o esforçado D. Rodrigo de Monsanto. Sobre o qual sabendo D. Joaõ de Menezes Capitaõ de Arzilla, que descia ElRey de Fez com hum poderoso exercito com pretençaõ de a ganhar daquella volta, de que D. Rodrigo naõ podia ter aviso, salvo por mar, e naõ com tanta presteza, que primeiro o Rey Mouro naõ sobresaltasse a Cidade: lembrouse que huma cadella de Tangere que por esquecimento alli ficara a hum Cidadaõ da mesma Cidade, poderia remedear esta necessidade. E assim lhe mandou atar huma carta ao pescoço (como os Romanos a linha nos pés da andorinha) muy bem encerada, em que o avisava da ida delRey, e à boca da noite a fez pòr na praya, e açoutalla muito bem. Com o que soltandoa, com a dor dos açoutes caminhou com tanta ligeireza pera sua casa, e se ouve na jornada de maneira, q̃ chegou ás portas de Tangere a tempo, que D. Rodrigo foi avisado, e notando a novidade denunciadora de algum secreto misterio, tomou a carta por onde foi avisado, e se aparelhou
com

com tanto cuidado, que se livrou delRey de Fez, e de seu poder com muito credito, e honra de sua pessoa. *Goes p. 1. cap. 49. Osor. lib. 2. Mariz. Dial. 4. cap. 17.*

CAPITULO LXIII.

Dos mesmos.

Estratagema ou ardil de guerra.

VEndose os Romanos cercados dentro no Capitolio em Roma de certos Franceses, que se apoderaraõ por armas da Cidade, e esperavaõ tomallos á fome: usaraõ de ardil, que lhes deu as vidas; e foi, que algum pouco de trigo, e paõ (que só pera comer tinhaõ) o arrojavaõ em modo de desprezo decima do Capitolio nas tendas dos inimigos, sendo assim, que se naõ podia dessimular entre os cercados a fome. Maravilhados os Franceses da confiança, e desprezo Romano, cuidarem haver no Castello provisaõ de mantimentos que lhos arremessavaõ no seu campo, como quem lhes dava á entender que polas armas, e naõ por fome, se havia concluir a demanda, desistiraõ do cerco, e se foraõ deixando o Capitolio livre de sua furia.

Liv. dec. 1. lib. 5. Val. Max. lib. 7. cap. 4. Ouvid. fast. 6.

Semelhente aconteceo aos Portuguezes no cerco que o Infante D. Affonso Conde de Bolonha (que despois foi Rey) pos a Celorico da Beira, por lho Fernaõ Rodriguez Pacheco Alcaide mòr do Castello, naõ querer entregar por haver delle feito menagem à ElRey D. Sancho II. Ao qual por ser remisso, e froxo no governo de seu Estado, foi pelo Papa à instançia dos Portuguezes dado por Regedor do Reyno este Conde de Bolonha seu irmaõ. O qual Conde vendo que naõ podia entrar os cercados, determinou tomallos à fome. Mas socedeo que neste aperto, passou hũma aguia, que vinha de contra a ribeira do Mondego (que perto està do lugar) voando por cima do Castello, no qual deixou cair das unhas hũma truta muito grande: a qual tomando Fernaõ Rodriguez, e vendoa fermosa a mandou aparelhar, e por em pão de milho (como diz o Chronista Ruy do Pina) por naõ ter outro, e a mandou em presente ao Conde ao arrayal, mandandolhe dizer, que bem o podia ter cercado quanto sua vontade fosse, mas que se por fo-

me esperava de o tomar, que visse se os homẽs que daquella vianda estavaõ abastados teriaõ razaõ de contra suas honras lhe entregar o Castello. O Conde, e os que o presente viraõ, ficaraõ maravilhados de como aquillo fosse, e vendo que diferir mais o cerco, era perder tẽpo debalde, levantouse delle; e o Castello ficou livre com este singular estratagema, sendo assim que os de dentro padeciaõ grande fome, e necessidade, e nam podiam durar muito em sua constancia. E com o que tinhaõ à semelhāça do ardil dos Romanos, offerecido a seus inimigos se salvàraõ do perigo. *Pina na Chronica del Rey D. Sancho* II. *cap.* 10. *Duarte Nunez na mesma fol.* 78. *Corte Real no naufrag. cant,* 13. *fol.* 139.

CAPITULO. LXIV.

De Scipiaõ, è o Governador Nuno da Cunha.

INdo Scipiaõ sobre Carthago em socorro do exercito Romano, que a Cidade tinha cercado sem a poderem entrar por o muito esforço, e grande resistencia, que os Carthagi-

neles della mostravaõ: usou de hum ardil singular, que naõ quebrou pouco os coraçoẽs aos cercados. Mandou accender muitas fachas de fogo, e atallas nos cornos de muitas vacas, porque com a escuridade da noite enganassem à vista dos inimigos, e presumissem serem tantos os soldados como os fogos eraõ, e apparecendo assim de noite sobre a Cidade com grandes apupos, e vozeria por dar animo aos seus, e desmayo aos cercados. Pode tanto seu estratagema com os Carthaginenses, que crendo estar sobre elles todo o Imperio Romano, começaraõ despejar os muros, attonitos, e confusos do falso excessivo poder de Scipião. *Appian. in Afric.*

Do mesmo ardil usou o Governador da India Nuno da Cunha, no socorro da fortaleza de Diu (Capitaõ Antonio da Sylveira) que a tinhaõ cercada os Turcos, e posta em muito perigo sem a poderem entrar. Mandou pois o Governador algumas fustas em socorro com gente, e munições necessarias, e em cada hũa fez pôr quatro fachos, ou luminarias em popa, e assomando assim á vista dos Turcos huma noite, fingiaõ comettellos com grandes

des apupos, alaridos, e estrondo de artelharia, só por dar animo aos cercados com a vista do socorro, e com a esperança de outro maior, e espanto, e temor aos Turcos. Os quaes quando viraõ tantos fogos enganados com a escuridaõ da noite, que o numero acrecentava, crendo que outras tantas velas, como fachos, vinhaõ de socorro, e que toda a India estava sobre elles, se fizeraõ à vela, sem querer provar mais a fortuna com os nossos, antes maravilhados de tanto esforço com que os nossos defendendose offendiaõ, ouve Turco entre elles, que (affirma Lopo de Sousa Coutinho fidalgo da Casa delRey D. Joaõ III. que no cerco se achou, e delle compos dous livros estremados) sendo perguntado se os Portuguezes eraõ bons homens de guerra, respõdeo, que só os Portuguezes podiaõ ter barbas no rosto, e que as outras nações seguissem o estilo das mulheres. Do acima referido saõ Authores *Fr. Anton. na hist. Orient. p. 1. liu. 3. cap.* 20. Que devia de o tomar de Damiaõ de Goes, *in Diensi oppugnat. ad calcem*.

CAPITULO LXV.

De Vlysses, e Estevaõ da Gama.

VLysses Rey da Ilha Ithaca no mar Jonio, chamada hoje Valle de Compare, e primeiro fundador de Lisboa, indo à guerra Troyana em favor dos Gregos por roubo da fermosa Helena, com muita astucia, e sagacidade disfarçado em panos vijs, e baixos, foi espiar a Cidade de Troya, e conhecer o sitio, e ver o que nella havia, quam forte era, e a gente que tinha, e a que era necessaria, como, e por onde pera a tomar, e destruir, escodrinhando seus segredos e desenhos com tanta dissimulaçaõ, e arte, que bastou pera facilmente despois ser destruida, e arrasada. *Homerus in Iliade K. hoc est lib.* 10.

Semelhante astucia foi a de Estevaõ da Gama (pay do grande D. Vasco da Gama primeiro navegador do mar Indico) fidalgo da casa do Infante D. Fernando, por cujo mandado foi espiar em Africa a Villa de Anfa (que nós chamamos Anàfe) terra de seus inimigos pera

pera a queimar, e destruir, disfarçandose para mór dissimulação (como fez o sagaz Vlysses) em vestidos, e trajos de marinheiro, e á maneira de mercador, andava com as peças, e ceiras de figos do Algarve, e passa às costas, vendendoas pola Villa, para melhor conhecer o sitio della, e notar o que dentro havia, e que fortaleza era a sua, e gente para a deffender, e a que bastava para se escalar, como depois tomou, queimou, e destruio o anno de 1468. em que o mesmo Infante D. Fernando passou a ella com huma Armada. Como escreve. *Goes na Chron. do Principe. cap.* 17.

CAPITULO LXVI.

De Scipiaõ, e Conde D. Nuno Alvarez.

SCipiaõ Africano chegando a Cidade de Carthago para lhe pór cerco, conciderou que pera homens que haviaõ de continuar a guerra, e exercicio militar, lhes era muy perjudicial o trato, e conversaçaõ de mulheres publicas, que andavaõ no exercito. Pelo que as lançou todas delle, e as naõ consentio mais sob

Disciplina militar.

sob graves penas impostas ao que o contrario fizesse, que foy certo occasiaõ de se esforçarem os soldados, e cõmetterem com renovadas forças a Cidade, e fazer louvadas façanhas, desprezando a morte por honra, e serviço do Senado, e de seu bom Capitaõ atè a ganharem; e Scipiaõ merecer por isso muito louvor, e deixar exemplo de si a Capitaens amigos de perpetuarem seu nome. *Appian in Afric. Valer. Max. l. 2. c. 2. Plut. in Roman.*

Semelhante o fez o Conde D. Nuno Alvarez Pereira depois de vencer a batalha Real de Aljubarrota, estando em terra de Bragança com desenhos de entrar (como entrou) por Castella, vendo que era indecente a homens, mórmente Christãos, pera o exercicio militar; dilicias, mimos, e conversaçaõ de mulheres deshonestas, e prostitutas (de que o arrayal hia bem provido) e que naõ só os solteiros, mas inda os casados traziaõ (com taõ pouco temor, e muito disserviço de Deos) as concubinas comsigo: por serviço, e honra de nosso Senhor, e bem da companhia entendeo em mondar, como ruim semente, o arrayal, lançandoas fóra todas com rigurosas penas.

Occa-

Occasiaõ verdadeiramente de mudarem o estado, e seu ruim modo de viver, e cobrarem novos animos, e forças, esporeado cada qual de singularizarse entre outros, e naõ ter conta com a vida por alcançar fama (que sempre de heroicos feitos dura) em serviço, e honra de seu Rey, e defensaõ da Patria. E o Conde por esta louvada virtude alcançar com mais gloria, que Scipiaõ, immortal fama nesta vida, e coroa de galardaõ na eterna. *Lopes na Chron. del Rey D. Joaõ I. p. 2. cap. 70.*

CAPITULO LXVII.

Do mesmo Scipiaõ, e Affonso de Albuquerque.

O Mesmo Scipiaõ depois de ter entrado Carthago cercou hũ Castello da Cidade chamado Byrsa, em que havia muitos, e bons combatentes, os quaes naõ podendo já sofrer os rijos, e afervorados combates de Scipiaõ, depois de se haverem bem assinalado huns, e outros, vieraõ em concerto com o Romano, que elles Carthaginefes cercados se saissem livremente em paz, excepto os Romanos que de

de ſeu campo ſe tinhaõ paſſado ao Caſtello. Os quaes Romanos vindo em poder de Scipiaõ os mandou logo enforcar por desleaes à Patria, e exemplo dos outros. *Appian. in Alexand. Val. Max lib. 2. cap. 2.*

O meſmo fez o grande Affonſo de Albuquerque vindo em ſocorro de Goa, que o Hidalcaõ (ſenhor que fora della) tinha cercado. Poz cerco ao Caſtello por nome Beneſtarim, e de tal ſorte apertou ſem afrouxar ponto os combates do Caſtello, que naõ os podendo ſofrer mais o Capitaõ Rozalcaõ, que com muitos Turcos ſe aſſinalou bem neſte feito, deixou por concerto o forte, e elles que ſe foſſem embora, ſalvo os Portuguezes renegados, que da Cidade ſe tinhaõ paſſado ao Caſtello, os quaes ſendo a ſeu pezar entregues ao Governador os naõ quiz matar, como Scipiaõ fez aos ſeus, mas pera mór afronta, e caſtigo, e eſcarmento de outros, lhes fez cortar as orelhas, e narizes, e mãos direitas, com o dedo polegar das eſquerdas. E deſta maneira os paſſeou publicamente pola Cidade com voz de pregoeiro, que declarava o delito: e pera que os Indios tambem viſſem como ſe caſtigavaõ

taes

taes dezaforos: e pera mais pena os mandou caminho de Portugal, pera delles fazer El Rey o que lhe bem parecesse. *Goes na Chron. de D. Man. p. 3. cap. 30. Osor. lib. 8. Coment. do Albuq. p. 3. cap. 51. Maff. lib. 5.*

CAPITULO LXVIII.

De Alexandre, e ElRey D. Affonso Henriquez.

Cõfiança de si mesmo.

EStando Alexandre Magno pera dar batalha a ElRey Dario, que com hum copiosissimo exercito de gẽte de armas lhe apresentava: confiado em sua grande ventura, e no valor de seu braço, e de seus soldados se deixou encarnar no sono, em forma, que querendo cõmettello Dario seu adversario, o acordarão os seus com muita pressa, estranhandolhe a confiança, e segurança com que a tal tempo dormia: ao que Alexandre mais seguro, que receoso respondeo, que Dario o livrara de grande molestia, e trabalho, pois a juntara todas suas forças, e riquezas de huma vez, pera elle as ganhar em hum só dia, e fazerse senhor dellas. Como dada a batalha

vio compridos seus desejos. *Erasm. lib. 4. apo- phi. 63. de Alex.*

O mesmo disse ElRey D. Affonso Henriquez na milagrosa batalha do campo de Ourique a cinco Reys Mouros, que com innumeravel gente d'armas lha apresentava; onde desconfiados os mais valerosos, e atrevidos Cavalleiros Christãos de poder vencer tanta barbaria intentarão apartar o Principe da peleja, e vendo que seu animo não cedia aos côcelhos, o aconcelharão, que pelo menos se retirasse com boa ordem, e lhe seria mais facil, e menos perigosa a vitoria; respondeo como Alexandre, que não determinava fazer a seus Vassallos tão mà obra que lhes dividisse as riquezas, que os Mouros alli tinhão juntas, e os trouxesse vencendo em muitos dias o que só em hum podião vencer. Como dada a batalha venceo, e fez gozar os seus dos ricos despojos, como promettera de que he Author. *Fr. Bern. de Brit. na Chron. de Cist. p. 1. liv. 3. cap. 1.*

CA-

CAPITVLO LXIX.

De Scipiaõ, e o mesmo Rey D. Affonso.

SCipiaõ tinha tanta confiança de si, que o que ainda naõ tinha começado, o dava por acabado, como se as cousas estiveraõ em sua mão, e dizia o fim que haviaõ de ter. Como lhe aconteceo em Badia lugar de Hespanha, que tinha cercado: onde disse o dia antes, que ao outro dia estaria dentro no lugar, e assim foy, que entrou, e gosou da vitoria no mesmo dia, que prometrera aos seus. *Val. Max. lib. 3. cap. 3. Plut. in ejus vita.*

Morales acerca de Badia, diz que anda viciado Valerio, e que naõ ha tal lugar em Hespanha p. 1. f. 52.

Semelhante foy o mesmo Rey D. Affonso Henriquez, cuja confiança era nelle cousa propria, e nativa; e muitas vezes o que determinava fazer, o dava por acabado, e dizia a fim que havia de ter, como que delle dependera o remate do feito, e estivera em sua mão. E determinando de tomar a furto, e salto a notavel Villa de Santarem, sahio de Coimbra acompanhado de muy poucos dos seus, e hũ dia antes que à Villa chegasse, lhes disse que

ao dia

ao dia seguinte estaria dentro nella. E naõ foy menos, que sem traiçaõ de nenhum dos de dentro, tomou aquella Villa populosissima, e bem cercada, e pelo sitio quasi inexpugnavel, e por o numero de Cavalleiros Mouros que nella havia, e os poucos que ElRey levava. *Galvaõ na sua Chron. cap. 30. Duart. Nun. f. 56 da mesma, e nos Elog. O Conde D. Pedro nas linhagens de Hespanha tit. 8. § 2.*

Quando se tomou Sãtarem aos Mouros appareceo no Ceohũ touro afogueado, como diz Duarte Galvaõ, e Duarte Nunes.

CAPITULO LXX.

Do mesmo Scipiaõ, e o Conde D. Pedro de Menezes.

DEpois daquelle grande estrago, que Anibal fez aos Romanos na famosa batalha de Cannas, ficaraõ todos taõ desacoroçoados, que se rebelàraõ contra elles alguns povos de Hespanha, que com grandes trabalhos tinhaõ senhoreado. E com haver em Roma tantos Capitães, e Consules de notavel esforço, nome, e experiencia na arte militar, nenhum ousou vir a Hespanha reduzilla à obediencia do Senado, posto que para isto fossem

apon-

apontados alguns delles. E vendo Scipiaõ quãto mõr honra se lhe seguiria d[illegible] tal vinda, como era de altos espiritos, posto que a idade fosse pouca, e doendose tambem perder o Imperio Romano em breves dias, o que tanto sangue de seus naturaes custara, se apresentou ante o Senado, dizendo, e promettendo firmemente que elle viria a Hespanha, se pera isso lhe dessem licença, e defenderia sua justa querella. Espantado o Senado da estremada confiança de Scipiaõ, havendoa por felix pronostico da guarda de Hespanha, o fez Capitaõ geral della, e elle se ouve no cargo de maneira que sosteve a guerra com muita honra sua aos Hespanhoes, que procuravaõ izentarse, e defenderse da sugeiçaõ Romana. *Liv. Dec. 3. lib. 6. Val. Max. lib. 3. cap. 7.*

Semelhante confiança, e obra mostrou o esforçado, e muy valeroso D. Pedro de Menezes Conde de Villa Real primeiro Capitaõ, e Governador da Cidade de Ceita, illustre progenitor, e fundamento da insigne casa de Villa Real, na tomada desta famosa Cidade, pelo bellicoso Rey D. Joaõ I. o anno de Christo 1415. a 21 de Agosto. A qual por estar sita

L no

no estreito de Gibaltar, de cujo porto tantas vezes sairaõ Armadas, que assas deraõ em que cuidar a Hespanha, que com rezaõ he chamada Ceita, chave de Hespanha, entendeo em conservalla ElRey D. Joeõ. E posto que se alli achassem Cepitães, e fidalgos em feitos de armas, e na prudencia militar conhecidos no Mundo, todos se escusauaõ aceitarem aquella trabalhosa empreza, e nenhum se atreveo sustentar a Cidade vendo a olho naõ ser Portugal àquelle tempo taõ poderoso que pudesse resistir a taõ grande, e excessiva multidaõ de Mouros, como logo sobre ella haviaõ de vir com boas muniçoens de guerra, de que era impossivel poderem escapar: de mais das defficuldades que haveria, para de Portugal lhes ir socorro mettendose taõ largo, e trabalhoso mar no meyo. E assim se escusavaõ todos naõ bastando nomear ElRey alguns delles. O que vendo o Conde D. Pedro sofrendo pouco seu guerreiro animo perderse taõ importante Cidade, que tanto trabalho custara ao sangue Portuguez, e a honra que tirarja nas proprias terras de seus inimigos taõ poderosos sustentar contra sua vontade força, porque

que ficavaõ os Portuguezes quasi eternos na memoria dos homens. Offereceose com alegre rostro ficar nella, e sustentalla, tomando pera mais illustrar seu espirito por terceiros os Infantes, e outros senhores que o apresentaraõ a ElRey, doqual foy recebido com grandes promessas, e acrecentamentos pelo ver (qual Scipiaõ) taõ mancebo, e brioso, e muito mais ficou maravilhado, quando lhe ouvio dizer publicamente, que com hum pao de Azambujo (que era hum aleo de jugar à choca, que namão a caso tinha por estar neste exercicio quando foy chamado) se atrevia desender aquella Cidade. De cujas palavras concebeo ElRey as muitas, e sobrenaturaes vitorias, que depois alcançou daquella Mourama naõ com pequena inveja dos mais famosos Cavalleiros de sua Corte, e assim ElRey o fez Capitaõ, e Governador da Cidade, e fortaleza sem lhe tomar homenagem (favor extraordinario) e lhe deu por devisa o pao de Azambujo, o qual em nossos tempos se mette na mão em lugar de bastaõ aos Capitaens móres della, que saõ os Marquezes de Villa Real seus descendentes, quando se lhes dà posse daquella

Cidade. E elle se ouve com a Capitania em forma, qne sempre sahio vencedor, e nunca vencido sem se dezarmar em dezasseis annos, mostrando estar sempre prompto á defensa, que por seu Rey lhe fora entregada. De cujos protentosos feitos, estranhas obras, e milagrosos successos hà huma Chronica antiga manuscripta que fez Gomezeanes de Zurara Chronista por mandado delRey D. Affonso V. e na delRey D. Joaõ I. *p.* 3. *do mesmo Autbor cap.* 65. *Mariz Dial.* 4. *cap.* 3. Onde se poderaõ ver mais largamente.

CAPITULO LXXI.

Do mesmo Scipiaõ, e Affonso de Albuquerque.

INdo o mesmo Scipiaõ sobre Carthago, mandaraõlhe os Carthaginezes seus Embaixadores pera com elle tratar paz, e aliança, temendo o furor das armas Romanas, que cõ tal Capitaõ àquelle tempo andavaõ tintas no sangue inimigo. Mas Scipiaõ que delles estava algum tanto queixoso, nem concedeo a paz aos Embaixadores, nem que se fallasse mais

mais nella, dizendo, que naõ havia que tratar com elle concerto algum, sem lhe primeiro trazerem alli Lucio Terencio Probo (nobre Romano) que là tinhaõ cativò, e que naõ curassem ter mais praticas com elle. A qual resoluçaõ sabida no Senado Carthagines, lhe foy logo levado Terencio Probo, e apresentado a Scipiaõ, que mediatamente consentio nas pazes, suspendendo as armas em quanto os Carthaginezes souberaõ usar de humildade propria. *Plut. in apoph. Roman. Erasm. lib. 5. apoph. 6. de Scip.*

O mesmo fez o grande Affonso de Albuquerque ao Rey de Malaca, quando com huma poderosa Armada foy sobre a Cidade, e a entrou, e tomou por força de armas. Mandandolhe o Rey seus Embaixadores pedirlhe paz com muità humildade pola noticia que delias tinha do valor, e esforço dos Portuguezes, mórmente dos que militavaõ com taõ grande, e invencivel Capitaõ, que em nada punha mãos, que lhe naõ saisse à medida de seu desejo. Este esforçado Capitaõ respondeo aos Embaixadores do Rey de Malaca as palavras de Scipiaõ, dizendo que naõ havia tratar

em paz nem fazer concerto algum com elle, se lhe logo naõ mandasse Ruy de Araujo, e outros Christãos cativos, que lá tinha (estes foraõ na companhia de Diogo Lopes de Sequeira) e que naõ tornassem mais com recados, e invençoens a elle. Enfadado o Rey com a resoluta reposta, depois de varios trances, que de ambas as partes ouve resolveose ElRey mandarlhe Ruy de Araujo com os mais cativos acompanhados de desculpas, e perdoens, que do Capitaõ foraõ mal recebidas, por os enganos em que o Rey o trouxera, buscando occasiaõ de o destruir. *Nos seus Coment. p. 3. cap. 20.*

CAPITULO LXXII.

De ElRey Lycurgo, e Cõde D. Nuno Alvarez.

LYcurgo Rey de Esparta foy taõ confiado em o valor de seu braço, que por mostrar mais a viveza de seu animo, estimava sobre modo batalhas campaes de poder a poder, e nada era afeiçoado a cercos, e combates de fortalezas dando por razaõ, o perigo que delles

les se seguia a Cavalleiros esforçados, e vale-rosos serem espedaçados, e mortos por qual-quer mulher, ou moço de pouco porte com pedras, e semelhantes defensoens, acabando tanto esforço gente inepta, e covarde, que com mais medo, e ousadia arrojavaõ cantos, que aos mais valerosos, e confiados tiravaõ as esperanças de seu esforço. *Erasm. lib. 1. apoph. de Lycurgo.*

Outro semelhante teve este Reyno no Condestabre D. Nuno Alvarez Pereira, cuja confiança excede o credito humano, fiando tanto no valor de sua pessoa, que as batalhas campaes, e com bem pouca gente tinha por felicidade, e venturosa sorte sua, e por cousa de nenhum esforço, pelo menos de pouco proveito, os cercos, e combates de fortalezas pelo perigo que corriaõ os cercadores, como sentia Lycurgo. E costumava dizer, que no campo havia de achar qualquer cousa, que lhe á mão viesse, e que quem vencesse, e ouvese o campo facilmente cobraria os lugares cercados. E esta opiniaõ guardou, e executou com prosperidade igual a seus desejos, alcançando estranhas vitorias dos Castelhanos. *Fernaõ*

Lopes na Chron. del Rey D. João I. p. 1. c. 171.

CAPITVLO LXXIII.

De Pedareto, e o mesmo Conde.

PEdareto Capitaõ Lacedemonio tendo seu exercito á vista do de seus contrarios, disseraõlhe os seus, que eraõ muitos os inimigos, que naõ devia tentar a Deos: respondeo o magnanimo Capitaõ, que por esse mesmo respeito seria mór sua gloria, porque matariaõ muitos inimigos. *Plut. in apoph. Laced.*

Semelhante foy a confiança do dito Conde D. Nuno Alvarez Pereira na batalha dos Atoleiros entre Fronteira, e Estremoz, onde dizendolhe os seus, que eraõ muitos os Castelhanos, e bem armados, e criados na guerra, respondeolhes o Conde que tanto lhes seria mayor honra, e louvor, vencendo seus inimigos, como venceo, e desbaratou de todo. *Lop. na Chron. del Rey D. Joaõ I. p. 1. cap. 92.*

O mesmo respondeo tambem o Conde na batalha de Valverde em Castella a hum seu escudeiro, chamado Affonso Perez o Negro, mui-

muito bom homem de armas, que dizendo-lhe serem os Castelhanos mais que as hervas do campo, respondeo o Conde, que prouvesse a Deos que fossem alli juntas todas as gentes de Castella, que tanta mór honra ganharia, e venceo os Castelhanos. *O mesmo Author p. 2. cap. 56.*

CAPITULO LXXIV.

De Epaminondas, e D. Vasco da Gama

EPaminondas Principe Thebano flor de toda a Grecia, querendo dar huma batalha, sobreveo tamanha trovoada e taõ fóra de tempo, que assombrados os seus da novidade naquella conjunçaõ, lhe perguntaraõ que queria aquillo significar a tal tempo, ao que Epaminondas respondeo com muita alegria no rostro, que tremiaõ os inimigos delle, e estavaõ pasmados de suas armas. Com as quaes palavras se esforçaraõ os seus, e cobràraõ novo animo, e esforço pera proseguir sua demãda. *Plut. in apoph. Graecor.*

Semelhante o fez o Conde Almirante D. Vas-

Vasco da Gama a terceira vez que passou à India na paragem da Costa de Cambaya, onde denoite subitamente deu tamanho tremor em todas as naos da Armada, que cada qual se houve por perdida, e a gente sobresaltada, naõ sabia darse a conselho. Sabendo porèm o Conde, que aquillo fora tremor do mar se sahio ao convès da nao, e com a boca chea de riso, disse a todos, que naõ temessem, antes se alegrassem, porque o mar tremia delles. Palavras dignas só de taõ excellente Capitaõ experimentado em perigos, e trabalhos da nova navegaçaõ da India, de que elle foy primeiro descubridor. Os soldados cobráraõ animo, e seguiraõ sua viagem. *Barros. Dec.* 3. *liv.* 9. *cap.* 1. *Chronic. del Rey D. Joaõ III. p.* 1. *cap.* 58. *Maff. lib.* 8. *fol.* 195.

CAPITULO LXXV.

De El Rey Agizelao, e D. Hẽrique de Menezes.

Estando El Rey Agizelao com seu exercito em Lydia, e tendo feito na terra grande destruiçaõ, mandoulhe o Rey contrario hum

hum presente de dinheiro procurando por este meyo applacallo da furia da guerra; porèm Agizelao entendendo o lanço, porque o naõ tivessem por cubiçoso com huma confiança verdadeiramente Real, e de vitorioso, lhe mandou dizer que os Gregos naõ costumavaõ receber presentes, e dadivas de seus inimigos, senaõ adquirir riquezas, e despojos nas guerras, que com elles tinhaõ, e à força de armas. E com este recado tornou a mandar o presente. *Plut. in apoph. Laced.*

Semelhante aconteceo ao Governador da India D. Henrique de Menezes havendo poucos dias que tomara posse daquelle Estado, chegoulhe a Goa (onde entaõ estava) Cide Ale Mouro conhecido dos Portuguezes com cartas, e hum presente pera elle de Melique Az senhor de Diu, que era de peças de armas muito ricas; mas o Governador lhe naõ quiz aceitar o presente, antes lho tornou a mandar, mandandolhe dizer pelo Mouro, que o naõ devia aceitar, pois eraõ armas, que os Portuguezes naõ costumavaõ tomar dos Mouros, senaõ nas guerras, que com elles tinhaõ. Com a qual resposta ficou o Melique Az taõ pouco

sa-

ſatisfeito, como receoſo das armas do Governador. *Chron. del Rey D. João III. p. 1. c. 68.*

CAPITULO LXXVI.

Dos Capitaens Leonidas, e Diogo Mendes de Vaſconcellos.

O Capitaõ Leonidas Lacedemonio, mandandolhe ElRey Xerxes inimigo ſeu, dizer, que lhe mandaſſe as armas mandoulhe por repoſta, que as vieſſe elle em peſſoa buſcar. Dando a entender que naõ era coſtume dos Lacedemonios entregar as armas, ſem deixarem primeiro bem vendidas as vidas, pelejando valeroſamente. E aſſim aconteceo; que depois Leonidas desbaratou a Xerxes com tanta honra ſua como pouca delRey. *Plut. in apoph. Laced. Eraſm. in apoph. lib. 1. apoph. 52. de Leonida.*

Semelhante dito, e feito foy o de Diogo Mendes de Vaſconcellos, Capitaõ de Goa, ao qual mandandolhe o Rozalcaõ Turco (cunhado do Çabaim Dalcaõ, que vinha ſobre a Cidade) dizer, que lhe largaſſe a Cidade, ſe-

naõ

naõ que lhe faria sobre isso guerra. O Capitaõ Diogo Mendes lhe respondeo com igual confiança à de Leonidas, que viesse elle mesmo tomar posse della, que pera lha dar tinha já prestes as testemunhas, mas que estas eraõ as armas, com que lha havia de defender. Como defendeo depois valerosamente, e como promettera. *Goes na Chron. delRey D. Manoel. p. 3. cap.* 21.

CAPITULO LXXVII.

De Epaminondas, e hum Portuguez.

ALexandre Rey dos Phereos fazendo liança com os Athenienses, ameaçou aos Thebanos que havia de fazer, que valesse o arratel de carne em Athenas por tres reis, dando a entender, que haviaõ de ser tantos os despojos de gado, e bestas dos contrarios: que havia de abater o preço das carnes, do que impaciente o valeroso Epaminondas Capitaõ Thebano, lhe respondeo, que os Thebanos lhe dariaõ a lenha de graça aos Athenienses pera cozerem estas carnes, porque lhe cortariaõ

tiaõ todos seus bosques, e matos se se mettessem mais do necessario em seus negocios. *Erasm. lib. 5. apoph. 17. de Epam. Plut. ibid. de Epam.*

Semelhante ameaço foy o do Graõ Mogor Rey potentissimo do Oriente (que poem em campanha trezentos mil cavallos, e cinco mil elephantes de guerra, e tem riquezas, e thesouros immensos) contra os Portuguezes, a quem desejava muito tirar Goa das mãos, e inda o Estado da India. Pera o que lançava hũ dia taes contas, que dava o negocio por acabado. Ouvindo esta soberba hum soldado Portuguez, que agravado do VisoRey da India andava em sua Corte, e em seu serviço, com licença do Rey lhe disse, que Sua Alteza adiantava muito, que o que dizia era fazer conta sem a hospeda. Porque se Vossa Alteza tem os Portuguezes em tanta estima, quanta soe mostrar, como diz, que os esbulharà do Estado, e os trarà prezos assim facilmente? inda que elles fossem gallinhas, naõ se deixariaõ tomar sem o morder. Respondeo o Mogor, eu naõ quero vir com elles ás mãos, mas tomallos por fome. Acode o Epaminondas Portu-

guez.

guez. Vossa Alteza está bem conforme com elles, porque elles tambem dizem que o tomaraõ por sede. Da qual liberdade o Mogor tomou, como bom Cavalleiro, muito contentamento, e prazer. Como conta *Joaõ Botero nos seus ditos. liv. 1. fol. 54.*

CAPITULO LXXVIII.

De Torcato, e Alvaro Gonçalves Coutinho.

Esforço, e valor em armas.

TIto Manlio Torcato Cavalleiro Romano entrando em campo com hum Francez muito esforçado, dos que vinhaõ contra Roma, que o desafiara, o matou, e lhe tirou hum colar de ouro, que o Francez trazia ao pescoço, e o trouxe por tropheo de sua vitoria: donde lhe ficou o nome de Torcato, porque colar em latim se chama *Torques. Liv. Dec. 1. lib. 7. Plin. de vir. illust. c. 28. Gell. lib. 9. c. 13.*

Semelhante aconteceo a Alvaro Gonçalves Coutinho de alcunha o Magriço (hum dos doze Cavalleiros, que foraõ a Inglaterra pedidos pelas Damas daquelle Reyno a ElRey D. Joaõ I.) este pois matou em Orliens Cidade

de de França em dezafio hum Francez por nome Monsiur de Lansay diante del Rey de França tirandolhe pera mais gloria sua (como fez Torcato) hum collar de ouro, que o Francez trazia ao pescoço, e o lançou ao seu mesmo, que trouxe por tropheo de sua vitoria. Como se conta em memorias antigas, e o grande Luiz de Camoens nos *Lusiad. cant.* 6. *oct.* 69. E melhor *o Lecenciado Manoel Correa seu Comentador no mesmo passo.*

CAPITULO LXXIX.

De Cesar, e Francisco de Almeida, e Martim Vicente de Vasconcellos.

JUlio Cesar em sua primeira milicia no cerco da Cidade de Mithilenas, vendo a hum Cidadaõ Romano em estremo perigo de vida, e soccorreo com sua pessoa, metendose pelos inimigos, de cuja furia o livrou, e deffendeo o lugar, sem fazer pè atras com grande fortaleza de animo, matando sobre isto o inimigo, por onde o honrou Thermo seu Capitaõ com huma coroa civica em sinal do heroico

roico feito, que entre os Romanos era insignia de grande preço, e estima. *Suet. in vit. Cæsar. cap. 2.*

Semelhante foy o esforçado Francisco de Almeida natural, de Santarem na entrada das terras da Rainha de Baticala na India, que fez o Governador Martim Affonso de Sousa. Vẽdo este soldado a outro da companhia em grande perigo, e trabalho, o soccorreo lançandose valerosamente entre os armados inimigos, amparandoo o melhor, que lhe foy possivel, e fazendolhe costas sem mover o pé donde huma vez o puzera, à imitaçaõ de Cesar, sostendo o impeto das inimigas armas em defensaõ de sua pessoa, e do companheiro, a quem salvou, e livrou das mãos daquelles barbaros, merecendo em recompensaõ de taõ assinalado feito, que seu esforço perpetuasse. *Maffeo Estrangeiro na Hist. da India. lib.* 12. *f.* 288. F.

O mesmo, e inda com mais ventagem o fez em Africa Martim Vicente de Vasconcellos, hum dos esforçados, e valerosos homens, que viraõ os campos Africanos, a que ElRey D. Joaõ I. tomada Ceita aos Mouros, deixou nella por seu contador, onde servio todo o tem-

po que nella esteve com muitos escudeiros, homens de pè, e besteiros à conta de sua fazenda, com os quaes se achou sempre muy prestes em todos os feitos de guerra, como gentil Cavalleiro: mórmente em hum vendo ao venturoso, como esforçado D. Pedro de Menezes Conde de Villa Real (de que já atras fallei) Alferez mór do Infante D. Duarte, caido com o cavallo em terra, e os Mouros pegados nelle, e tirado fóra da sella pera vivo o levarem cativo, chegou Martim Vicente a cavallo, e à força de armas rompeo pelos inimigos, e com denodado esforço, e viveza de espirito fez campo entre elles à custa do sangue Mourisco taõ franco, que livrou a seu Capitaõ de suas mãos, e da morte, e apeandose com a brevidade possivel deu o cavallo ao Conde, em que se salvou, ajudandoo a subir nelle onde recebeo em final de sua lealdade, e valentia duas lançadas pelas pernas, com que (inda que mal tratado) encomendando a salvaçaõ de sua pessoa à força de lançadas escapou. E o nobre Conde lhe soube agradecer o beneficio taõ honradamente, que lhe passou huma carta, e partilha de Armas de sua propria vontade sem

nin-

ninguem lho pedir, nem outrem por elle, rogandolhe muito à aceitasse, e se quizesse chamar de sua linhagem de Villalobos, sem embargo de ser fidalgo das boas linhages, e mais antigas de Portugal somente por memoria de esforço proprio, e galardaõ delle D. Pedro. Porem Martim Vicente entendendo que comprira com a obrigaçaõ de seu sangue, por condescender com seu gosto, as aceitou com condiçaõ, que seriaõ misturadas com as de sua linhagem de Vasconcellos. E assim lhe deu o Conde a mão esquerda de seu escudo huma pala em quarteis: no primeiro dous lobos douro em campo vermelho, que eraõ as Armas dos Villalobos por parte de seu pay, e no outro quinze escaques, oito douro, e sete azuis, que eraõ da linhagem de sua may de Portocarreiro. E estas Armas lhe foraõ debuxadas, e entregues por Portugal Rey d'Armas, mandando o dito Conde, como chefe de sua linhage, que elle as pudesse trazer, e seus filhos, e netos, e todos os que delle descendessem, pedindo com grandes benções (ao modo daquelle tempo) a seus filhos, netos, e descendentes, que lhas naõ contradissessem,

 an-

antes o ouvessem por seu parente (notavel agradecimento) e propriamente de sua geraçaõ, amaldiçoando aõ que o contrario fizesse, quebrando o cumprimento de sua vontade do que tudo lhe passou huma carta o mesmo Cõde assinada por sua maõ, e sellada com o sello de suas Armas, feita em a Cidade de Ceita a 18. de Setembro do anno de Christo 1419. A qual està hoje em Estremoz em poder de seus descendentes, donde eu copiei esta Historia pera honra dos Vasconcellos, e Sandes de Villalobos, que deste notavel Cavalleiro procedem.

CAPITVLO LXXX.

De Tiberio Cesar, e Adail Lopo Barriga.

Tiberio Cesar em huma batalha, em que se achou, livrou a'hum Cidadão de Roma, e o tirou das mãos de seus inimigos, que o queriaõ matar, ou cativar, sendo o lugar muy arriscado: e matou juntamente dous dos inimigos, pelo qual o Senado em premio, e galardaõ lhe deu huma Coroa civica. *Aul. Gell. lib. 5. cap. 6. noct. Atticar.*

Se-

Semelhante aconteceo ao valerosissimo, e muy esforçado Lopo Barriga, Adail de Nuno Fernandes de Attaide Capitaõ de Çafim em Africa, na batalha que Lopo Barriga teve com o Xarife, no mòr furor, e conflicto della, picando o cavallo se meteo por entre os Mouros a acudir a hum escudeiro chamado Payo Rodrigues (que depois foy contador do Mestrado de Christo) que Bentagogim alcaide da companhia tinha derribado no chaõ de huma lançada, e estando sobre elle pera o matar, chegou o esforçado Lopo Barriga, e matou (como fez Tiberio) dous inimigos, que eraõ, o Alcaide, e seu filho, e salvou ao Portuguez, e venceo aos Mouros ganhandolhe as bandeiras, com que se tornou alegre a Çafim, *Chron. delRey D. Man. p. 3. cap. 71. Osor. liv. 10. Diogo de Torres na Hist. dos Xarifes cap. 18.*

CAPITULO LXXXI.

De Tito Vespasiano, e o mesmo Lopo Barriga, e outros Portuguezes.

O Emperador Tito Vespasiano sendo Capitaõ de huma legiaõ perdeo o cavallo em certa batalha de mortaes feridas, e vendo-se desemparado, enfiou com hum dos inimigos, e o matou, e lhe tomou o cavallo, em que se subio logo, e nelle se poz em salvo, e o trouxe pera memoria de taõ bom successo. *Suet. in ejus vit, cap. 4.*

Com dobrada ventagem o fez o mesmo Lopo Barriga indo prezo em poder dos Capitaens do Xarife, depois de lhe terem morto o cavallo, o qual com grande animo, e esforço, se lançou a huma lança dos Mouros, que o levavaõ, e tirandolha das mãos, o matou com ella, e tornando sobre os outros, fez tamanho terreiro, que pode tomar o cavallo do Mouro, que elle matara, e nelle se salvou, e o trouxe por memoria de taõ assinalado, e novo feito, e admiraçaõ dos Mouros, que sem lhe poderem

dar

dar remedio estavaõ vendo como fugia, e se acolhera dentre suas mãos. *Na Chron. del Rey D. Man. p. 3. cap. 73. Osor. liv. 10. Hist. dos Xarif. cap. 18.*

O mesmo fez o Capitaõ Manoel de Lacerda na segunda tomada de Goa; junto à porta da fortaleza se encontrou com hum valeroso Turco de cavallo, que de sua pessoa fazia tantas valentias, que elle só dilatou a vitoria hum bom espaço, e cerrando com elle o matou, e lhe tomou o cavallo, e se subio nelle, com que foy seguindo a vitoria. *Nos Coment. de Affonso de Albuq. p. 3. cap. 3.*

Manoel de Lacerda.

O proprio se conta de Fernaõ Cardoso, e Lopo de Almança, que na batalha de Ethiopia contra ElRey de Zeyla, e D. Christovaõ da Gama irmaõ do Governador da India D. Estevaõ da Gama, indo em ajuda, e favor do Preste Joaõ, depois de varios trances, de que sempre os nossos levaraõ a melhor, mas como eraõ poucos, e muy cansados, foraõ vencidos, e desbaratados, e como os inimigos com muita gente de pè, e dous de cavallo seguissem o alcance a huns doze Portuguezes, que das barbaras mãos escaparaõ mal feridos, Fer-

Fernaõ Cardoso. Lopo de Almança.

naõ Cardoso, e Lopo de Almança consíderando neste passo que á custa de suas vidas, poderiaõ salvar as dos dez companheiros; mandaraõnos caminhar a toda a pressa, e esperaraõ os inimigos, que os seguiaõ, e como os dous de cavallo se adiantassem dos outros, e lhes mandassem render as armas, os valerosos dous Portuguezes com novo espirito de fortaleza cerráraõ com os Cavalleiros, e deraõ com hum morto polas ancas abaixo, e com outro pelo arçaõ mal ferido, e lançando mão dos cavallos se subiraõ nelles, e seguiraõ seus companheiros, pondo nos barbaros taõ grande medo com tal espectaculo, que botaraõ a fugir sem querer provar mais as armas com os nossos. Como conta *Fr. Antonio de S. Romaõ na Hist. da India p. 1. liv. 3. cap. 24.*

E porque destes casos ha muitos no meu Theatro Lusitano, rematarey este capitulo só com hum estranho digno de immortal memoria, que o mesmo Fr. Antonio no cap. 9. conta. Em tempo do Governador da India Lopo Vaz de Sampayo, andava o Capitaõ Heitor da Sylveira pela Costa de Cambaya talando, e queimando aquellas povoaçoens de for-

Francisco Godinho.

te que resentido o Gèral Halîxa (que o Governador desbaratara) lhe arremessou muita gente de cavallo, e de pé, que o fizeraõ retirar á sua Armada, porèm em ordenança, salvo hũ soldado Portuguez (q̃ de Maffeo, e da Chronica delRey D. Joaõ III. parece q̃ se chamava Francisco Godinho, posto que Fr. Antonio Author desta Historia o naõ nomee, nem por hora me conste doutra parte) o qual achandose longe de sua companhia, carregaraõ sobre elle os inimigos, e naõ sentindo outro remedio mais que o de Deos, e de seu bom esforço, vendo vir pera elle hum Mouro a cavallo desmandado dos outros, e que mostrava querer matallo, sem medo algum o esperou com sua rodella, e hum pique, e lho meteo por baixo do braço a tempo que o Mouro o levantava pera descarregar nelle o golpe, e deu com elle em terra mal ferido, e saltando logo no cavallo colheo huma lança, que vio no chaõ, com que rebateo a de outro Mouro, que lhe sahio ao encontro pelo matar, e o atravessou pelos peitos sem lhe valer as boas armas que o Mouro trazia, e tomando o cavallo pela redea se veio recolhendo pera os seus, que o re-

Maff. lib. 9. fol. 222. Chron. del-Rey D. Joaõ III. p. 2. cap. 45.

o receberaõ com muita festa, com grande admiraçaõ dos Mouros, que assim o viaõ ir com dous cavallos de ventagem, e huma lança dos seus mesmos, triumphando, e mofando delles sem o poder atalhar. Por esta façanha lhe deu o Capitaõ Heitor da Sylveira armas de Cavalleiro, e naõ o teve em menos conta dali por diante o Governador Lopo Vaz de Sampayo, que lhe naõ chamava senaõ o meu Cavalleiro.

CAPITULO LXXXII.

De Marco Papirio, e o mesmo Lopo Barriga.

Val. Max. liv. 3. c. 2.

MArco Papirio patricio Romano, ou Cayo Attilio, como quer Valerio Maximo (entrando certos Francezes em a Cidade de Roma sem alguma resistencia, por fugirem todos ao Capitolio) já mais com os mais velhos da Cidade em taõ misero estado perdeo ponto de magestade, porque vestindose com os Patricios em ricas roupas, e authorizadas, se assentáraõ às portas de suas casas com tal apparato, e magestade, que cuidan-

dando os Francezes serem deoses tutores da Cidade, passavaõ por elles sem lhes fazer nojo, atè que hum descomedido Francez chegandose a Marco Papirio, lhe pegou da barba vendolha taõ comprida, e veneravel. Naõ podendo o nobre Patricio com seu valeroso animo (posto que em tal estado) sofrer a insolencia, e atrevimento do Francez, lhe descarregou na cabeça com hum bordaõ, ou punhal (como diz Livio) que na mão tinha, por cujo respeito foy logo morto. *Plut. in Camillo.*

Tit. Liv. dec. 1. l. 5.

Semelhante o fez o mesmo Lopo Barriga, que estando cativo em poder do Xarife Mahamet, taõ celebre era a fama de seu braço por as partes de Africa, que de muito longe vinhaõ a Marrocos (onde estava) muitas pessoas ver homem, de que tanto espanto havia entre elles. Entre os quaes, hum foy Cide Hali valente Mouro do Reyno de Tremecem, o qual entrando onde Lopo Barriga estava mettido em ferros, se chegou a elle, e em som de escarneo lhe disse, que pois era tanta sua fama, que tomara vello posto em liberdade para lhe arrancar as barbas, e alargando a mão, lhe pegou dellas. O animoso Portuguez naõ podendo

do sofrer (inda naquelle triste estado) o desaforamento, e ousadia do Barbaro, como se fora em tempo de sua liberdade, com hum póa, que a caso junto de si tinha, lhe deu na cabeça (semelhante ao Patricio Papirio) com tanta força, que cahio logo morto em terra: e o mesmo fizera a outros dous, que com elle vinhaõ, senaõ fugiraõ. Por onde o cruel Xarife lhe mandou dar dous mil açoites, que lhe fizeraõ em pedaços a camisa nas carnes (que depois mandou a ElRey D. Joaõ III. que o resgatou) sofrendoos com tanta paciencia, que jà mais o ouviraõ gemer, nem dizer huma só palavra. *De que he Author Diogo de torres Castelhano de naçaõ na Hist. dos Xarif. cap. 31. de quem o tomou Mariz dial. 4. cap. 18.*

CAPITVLO LXXXIII.

De Iphicrates, e Martim Botelho, e Joaõ Rodrigues de Sà.

O Esforçado Grego Iphicrates saindo a terra de hum navio (em que hia de companhia) só, e desacompanhado se abraçou com

com hum dos inimigos, e armado como esta-va, o metteo vivo na sua nao, com que ganhou muita honrra, e fama trazendo por memoria deste feito huma grande cutilada em o rostro. *Plut. in apopht. Graecor. Erasm. lib. 5. apoph.* 13. *de Iphicr.*

O mesmo fez o valente Martim Botelho no segundo cerco de Dio, o qual passou o rio pera tomar lingoa, e se abraçou com hum Mouro esforçadissimo vigia do campo, que estava muy bem armado, e com elle apertado entre os braços, só, e sem ajuda passou outra vez o rio com elle, e o metteo a seu pezar vivo dentro na fortaleza, cómo o fez Iphicrates na sua nao. *Hyeron. Corte Real no segundo cerco de Diu cant.* 10. *ad calcem.*

Semelhante aconteceo ao terribel, e notavel Cavalleiro Joaõ Rodrigues de Sá, hum fidalgo por linhagem, e armas bem conhecido em tempo delRey D. Joaõ I. E seu Camareiro mór. Na entrada da Villa de Guimaraens, que Ayres Gomes da Sylva tinha por Castella, elle só sem companhia a pè com huma lança de armas pelejou com quantos em huma rua lhe faziaõ resistencia, trazendo jà huma boa cu-

tilada

tilada no roſtro, porque ſe em tudo aſſeme-lhaſſe ao Grego Iphicrates, e apertou com os inimigos com tanto impeto, e èsforço, que os fez virar com mais preſſa, do que trouxeraõ. E naõ lhes podendo empecer, como deſejava, ſe arremeſſou de ſalto a hum Caſtelhano, e pegandolhe (como ovelha) pelas pernas, o trouxe prezo a ElRey D. Joaõ, que o louvou, como elle merecia. Deſte famoſo Cavalleiro procedem os Condes de Penaguiaõ Camareiros móres delRey, e Alcaides móres do Porto. Conſta da *Chron. delRey D. Joaõ I. p. 2. c. 11.*

CAPITULO LXXXIV.

De Hercules, e Ruy da Silva.

SAindo a deſafio o valeroſo Hercules com o Gigante Antheo, profiaraõ na briga em forma, que vieraõ á braços; e andando aſſim lutando cada qual por derrubar, e vencer ſeu contrario, valendoſe Hercules de ſuas forças ſe abraçou com o Gigante, e apertou os braços com tanta pujança, e colera que o alevantou em pezo no ar, e deſconjuntandoo dos

oſſos,

ossos, o fez espirar entre elles, alcançando com forças corporaes honrada vitoria *Virgil. lib.* 8. *Æneid.*

O mesmo aconteceo a Ruy da Silva arriscado Cavalleiro, e Capitaõ na conquista da Terra Santa, indo em companhia dos Hespanhoes, que a ella passaraõ, quando Godufre de Bulhão Duque de Lorreina a tomou aos Turcos. Na batalha campal, que se deu entre ElRey Ricardo, e Saladino, no mór conflicto della, sahio pedindo desafio só por só hum soberbo Turco por nome Caribe armado de armas brancas, e com huma aljava lançada ao pescoço chea de frechas com seu arco, seu alfanje, e massa nas mãos. Impaciente Ruy da Silva de tanto orgulho, lhe sahio ao encontro, e cerrando com o Turco andou com elle às cutilladas, tè a noite, em que se quebrando as armas, vieraõ a braços qual de baixo, qual de cima. Porem Ruy da Silva o espremeo entre os braços com taõ estranha força, que lhe fez saltar os olhos, e lingua fóra abolandolhe (como cera) as armas, e metendolhas por dentro, lhe desmembrou os ossos, e levantandoo em pezo deu com elle morto no chão (como

o fez

o fez Hercules a Antheo) que foy principal occasiaõ de se acclamar vitoria pelos Christãos, e elle foy em sinal de agradecimento visitar os lugares santos de Belem, e dar graças a Deos pela merce, que lhe fizera em vencer taõ poderoso, como soberbo inimigo. Como conta largamente *Lopo da Vega Carpio na sua Hyerusalem conquistada cant.* 16. *f.* 426. *oit.* 6. Por cuja authoridade o refiro, porque naõ sou mais obrigado (como prometti) que dizer o que acho, mórmente em Author estrangeiro, que naõ he pequena descarga pera mim.

CAPITULO LXXXV.

De Sabino, e Vasqueanes da Costa Corte Real.

SAbino Syro foy hum valeroso soldado do Emperador Tito Vespasiano, e de protentosas forças corporaes. No cerço de Hyerusalem foy o primeiro homem darmas, que subio os muros daquella forte, e famosa Cidade, sendo tambem defendida, que deu assàs que entender ao Emperador, e muito mais dera, se este valeroso soldado com seu muito esforço, e

ço, e valentia naõ ousara emprender a subida dos muros, e entrada da Cidade, occasiaõ principal de ser tomada aos Judeos, e sogeitada ao Imperio Romano. *Joseph. de Bello Judaico lib. 7. cap. 2.*

Semelhante o fez Vasqueanes da Costa da familia dos Costas, porem cabeça, e tronco do appellido de Corte Real, e o primeiro que teve este nome, que lhe ElRey D. Joaõ I. deu pola facilidade com que se offerecera ao desafio dos Cavalleiros de Inglaterra, onde foy com onze companheiros sobre o agravo das Damas Ingrezas, em que entrava Alvaro Gonçalves Coutinho, o Magriço de alcunha. Foy este Vasqueanes fronteiro mòr de Tavilla, grande Cavalleiro, e de taõ prodigiosas forças, que excedem o credito humano. Achouse em varios trances, e dos mais arriscados. Na tomada de Ceita por ElRey D. Joaõ I. foy o primeiro que por força de armas entrou os muros desta famosa, e poderosa Cidade, e arvorou sobre elles o primeiro pendaõ, sendo o derradeiro que da frota saltou em terra, e com haver na defençaõ dos naturaes grande resistencia, e repugnancia a cometteo com tanto

 animo,

animo, e ousadia; que foy occasiaõ de a El-Rey tomar mais prestes do que cuidava. Como escreve Hyeronimo Corte Real seu parente no seu naufragio cant. 13. donde por este feito tomou por timbre de suas Armas dos Corte Reaes que já entaõ tinha, hum braço armado com huma lança douro na mão com o ferro de sua cor, e huma bandeirinha de duas põtas com os troçaes douro, como hoje trazem os do appellido de Corte Real, e o escreveo o douto Padre Viegas na dedicatoria sobre os sete Psalmos penitenciaes. Inda que o mais certo he, que este timbre deu ElRey D. Joaõ *II.* aos que descendem de Vasqueanes Corte Real. Este foy o Cavalleiro que em Inglaterra venceo a hum Ingrez em desafio, que trazia por Armas a Cruz simples vermelha, que elle por memoria de seu vencimento aplicou às suas antigas Armas dos Costas (que saõ seis costas de prata em duas palas em campo vermelho) e a poz em chefe em campo de prata.

Armas, e timbre dos CorteReaes descendentes dos Costas.

Armas dos Costas. Tem por timbre duas costas das Armas em aspa a todas com hũ cordaõ vermelho.

CA-

CAPITULO LXXXVI.

De Cornelio, e Afonseanes Penedo.

EStando Augusto Cesar em Roma cabeça de Italia, acompanhado de muita gente, que debaixo de sua bandeira militava, enviou ao Senado alguns dos seus pedir pera elle o Consulado (dignidade que senaõ concedia senaõ a pessoas de muitos merecimentos, e de grande confiança) em nome de todo o Exercito. E como a petiçaõ era de importancia, naõ sabia o Senado que fazer, e assim naõ se determinava na reposta, nem dava mostras de consentimento na Embaixada. O que vendo o esforçado, e leal Cornelio (hum dos que procuravaõ o Consulado pera seu senhor Augusto) deixou cair a capa, e mostrando a maçãa da espada, e apontando pera ella com o dedo, disse contra os Senadores, que aquella lhes faria fazer o que elles naõ queriaõ. E naõ foy menos. Porque receosos de alguma desenquietaçaõ e motim os Senadores, que os afrontasse, compriolhes fazer Augusto Consul em

idade de vinte annos. O qual, foy tanta ſua ventura, que de Conſul veio a ſer Emperador, e foy hum dos melhores que teve aquelle Imperio. *Suet. in vit. Auguſt. cap.* 26.

Semelhante confiança, e esforço moſtrou Affonſeanes Penedo hum Portuguez popular, mas de altos eſpiritos na Cidade de Lisboa cabeça deſtes Reynos de Portugal, onde entaõ eſtava o Meſtre de Avis D. Joaõ acompanhado de todo o povo da Cidade, e de muitos Cidadaõs, que o elegiaõ por Regedor, e deffenſor do Reyno contra ElRey D. Joaõ de Caſtella, que por morte delRey D. Fernando de Portugal ordenava entrar no Reyno, e tomar poſſe delle pola Rainha Dona Beatriz ſua mulher filha delRey D. Fernando, contra os tratos firmados com juramentos de ambos os Reynos. Eſtando pois os principaes na Camara da Cidade, a que foraõ convocados pera ſe tratar melhor eſte negocio, e haver conſulta, e reſoluçaõ nelle, lhes foy notificado por parte do Meſtre de Avis o requerimento do povo em o eleger por ſeu Regedor, e deffenſor, e que hora viſſem ſe eraõ contentes da eleiçaõ, que a gente popular nelle fazia. Os da Camara

em

em caso taõ arduo, e pezado pelo estado, em que viaõ as cousas, naõ sabiaõ em que se resolver, nem dar reposta alguma, ou mostrar que consentiaõ em cousa, que os requerentes dissesem. O que vendo o magnanimo, e leal Affonseanes Penedo pondo mão à espada (como outro Cornelio no Senado Romano) disse pera os da Camara, que outorgassem, o que se lhes dizia, quando naõ pagariaõ pola garganta, antes que dalli saissem. E mostrandose muy sanhudo, e colerico contra elles, se amotinou o Povo de maneira, que receosos os do Conselho de alguma revolta, em que se lhes tirasse as vidas, fizeraõ da necessidade virtude: e resolvendose na vontade do Povo, elegeraõ por Regedor, e deffensor do Reyno a D. Joaõ Mestre de Avis, sendo de vinte, e sete annos, o qual se ouve taõ esforçada, e cavalleirosamente na defensaõ de Portugal, que de Regedor por seus merecimentos alcançou o titulo Real, e foy hum dos mais bem afortunados, e felices Reys de Portugal. Como conta *Lopes na Chron. deste Rey p.* 1. *cap.* 26.

CAPITULO LXXXVII.

Do Fabio Pamphilo, e Luiz Gonçalves Malafaya, e Principe D. Joaõ.

QUinto Fabio Pamphilo hum dos embaixadores, que o Senado Romano mandou ao de Carthago, pedir emmenda dos danos, q̃ seu Capitaõ Anibal fizera em Hespanha aos Saguntinos (que hoje he Monvedro) seus amigos, e confederados: por lhe os Senadores Carthaginezes naõ deferir a proposito, Fabio recupilou em a maõ esquerda a fralda de sua capa, e lhes disse livremente, se determinassem logo fazer o que pedia, senaõ que alli na fralda da capa tinha a paz, ou guerra, e escolhessem, e tomassem daquellas duas cousas, qual mais quizessem. E porque os Carthaginezes lhe disseraõ, que lhes desse, o que mais quisesse, entaõ Fabio largando a capa, os dezafiou em nome do Senado Romano a guerra, fogo, e sangue, que elles de melhor vontade aceitaraõ. *Tit. Liv. Dec. 3. lib. 1. Erasm. liv. 6. apopht. varié mixta.*

Se-

Semelhante o fez Luiz Gonçalves Malafaya hum Cavalleiro, que foy por Embaixador, que ElRey D. Joaõ II. mandou aos Reys Catholicos de Castella sobre a conclusaõ das pazes, os quaes por naõ differirem a proposito, dilataraõ a reposta; o que entendendo Luiz Gonçalves falou solta, e livremente a ElRey D. Fernando, largando a capa, e levando de hum estoque, que hum pajem lhe levava com estocadas a huma, e outra parte o desafiou (qual Pamphilo) em nome de ElRey seu senhor a guerra, fogo, e sangue com tanta confiança, e ousadia, que obrigou a ElRey aceitar o melhor partido. Como consta de huma larga relaçaõ desta embaixada.

O mesmo aconteceo a este Rey D. Joaõ II, sendo Principe, com os Embaixadores dos mesmos Reys Catholicos sobre a entrega da Infanta Dona Isabel filha mayor de ElRey de Castella; que conforme as capitulaçoens das pazes havia de estar em terçarias na Villa de Moura com o Infante D. Affonso filho do Principe D. Joaõ sob guarda da Infanta Dona Beatriz sogra do dito Principe. O qual vendo apontarem os Embaixadores de Castella de

novo duvidas, e condiçoens pera dilatar a entrega da Infanta, enfadado já de suas importunaçoens, mandou aos Embaixadores dous escritos de sua letra, em que num dizia. PAZ, e em outro GUERRA. e mandou que se dessem aos Embaixadores; como estivessem em Concelho: e que logo em nome dos Reys seus senhores escolhessem hum delles, qual quizessem: e que se escolhessem o da guerra, que della seria mais contente; e se o da paz pelo conseguinte sem mais innovaçoens das apontadas, e que logo entregassem a Infanta. Com a qual resoluçaõ assombrados os Embaixadores, sem mais razoens se concordaraõ, e fizeraõ entrega da Infanta. *Ruy de Pina na Chron. del Rey D. Affonso V. cap. 206. Garcia de Resende na del Rey D. Joaõ II. cap. 20.*

CAPITULO LXXXVIII.

De Popillio, e o mesmo Luiz Gonçalves Malafaya.

CAyo Popillio Lenas indo por Embaixador a ElRey Antiocho sobre conservar a ami-

amizade com os Romanos (amigos de Ptolomeu, que de Antiocho se queixava) ou rompercom elle em guerra, respondeo o Rey, que se aconselharia devagar no que lhe estava melhor, e entendendo o Romano que aquella dilação se fundava em fraqueza, e cautella, com o bordaõ que trazia, fez hum circulo na terra, em que Antiocho ficou mettido, dizendolhe que antes que delle saisse se havia de determinar na reposta de sua Embaixada. Com a qual resolução obrigado ElRey, sem conselho mais que o seu, despachou a Popillio logo, aceitando a paz, que lhe requeria, promettendo naõ offender mais a Ptolomeu: ficando com elle por sua determinação em grande amizade. *Val. Max. lib. 6. cap. 4. Plin. lib. 34. cap. 6. Iustin. 34. Appia. in Syria.*

O mesmo aconteceo ao sobredito Luiz Gõçalves Malafaya na mesma Embaixada, que fez aos Reys Catholicos (como pouco ha, disse) sobre a conclusaõ das pazes, aos quaes dãdo huma carta de crença lhes disse, lhe respondessem logo, e mandandoo ElRey D. Fernando agasalhar, e repousar, respondeo que Sua Alteza o havia de ouvir logo; porque aquelle

aquelle seria o mòr repouso, e agasalhado que podia ter. E ouvindo ElRey com a tençaõ sua embaixada, respondeo que aquillo se faria depois de seu vagar, ao que replicou Luiz Gonçalves, que elle senaõ havia de partir dalli sem levar as escrituras firmes, e confirmadas (como o fez Popillio) e entendendo que ElRey Catholico dilatava a reposta com temor, e manha, o desafiou na forma, que tenho dito, e sem esperar, nem ouvir palavra alguma, varou pola porta fora. Porem ElRey sem mais dilaçaõ temendo o poder, e brio delRey D. Joaõ de Portugal, mandou chamar mediatamente a Luiz Gonçalves, e dizendolhe, que o que se havia de fazer ao tarde, se fizesse ao cedo, fez logo sem nenhuma demora as escrituras das pazes por cem annos com todas as clausulas, e condiçoens necessarias; as quaes assinou ElRey, e Luiz Gonçalves em nome delRey seu senhor por virtude do poder patente, que levava, e logo lhe foy entregue o treslado por todos assinado, como em semelhantes actos se costuma. E notando ElRey a resoluçaõ, e colera, com que Luiz Gonçalves lhe falara, perguntoulhe, como se chamava? e respon-

pondendo elle, que Luiz Gonçalves Malafaya, disse ElRey: *Pues dezid al Rey mi primo, que yo os pongo nombre Luiz Gonçales Buena faya.* E mandandolhe dar cem cruzados pera o caminho, lhe disse: *amigo, andad con Dios, el qual ande en vuestra compañia siempre.* E despachado como desejava, partio caminho de Portugal, e chegado a Evora onde ElRey estava, deulhe conta meudamente de sua embaixada; e ElRey lhe fez muita honra, e grandes merces cõ esperança de outras mayores, como se refere na mesma Embaixada.

CAPITVLO LXXXIX.

De Clyto Dropylo, e Martim Gonçalves de Macedo.

CLyto Dropylo soldado esforçado de Alexandre, vendo a seu Rey, e senhor opprimido, e afrontado de Spithridades Capitaõ Persiano, que lhe hia descarregando com hum golpe de Alfanje na batalha do rio Granico contra ElRey Dario, Clyto o socorreo taõ maravilhosamente, que livrou a Alexandre

dre da afronta, e o inimigo foy logo morto, e o Exercito Persiano desbaratado. *Arrian. lib.* 1. *Plutar. in vit. Alex. Curc. liv.* 8. *cap.* 1.

Semelhante foy Martim Gonçalves de Macedo fidalgo nobillissimo deste Reyno na batalha real de Aljubarrota, onde sendo ElRey D. João I. apertado de Alvaro Gonçalves do Sandoval Cavalleiro Castelhano (que pegara da maça com que ElRey pelejava) Martim Gonçalves o soccorreo neste trabalho maravilhosamente, e o livrou delle, como o fez Clyto a ElRey Alexandre, e o inimigo foy logo morto, e o Exercito Castelhano desbaratado com muita honra dos Portuguezes. Como escreve *Fernaõ Lopes na Chronica deste Rey p.* 2. *cap.* 42. *E Duarte Nunes na mesma.* Em pago do qual soccorro deu ElRey a Martim Gonçalves de Macedo por timbre de suas Armas, (q̃ saõ cinco estrellas douro de cinco pontas cada huma em aspa em campo azul) hum braço vestido de azul com huma maça, como q̃ quer dar com ella, como hoje trazem os da familia de Macedo. Naõ faltou quem trouxesse o braço pegando em a ponta de huma facha darmas, ou alabarda. Seja como for, sigo os livros

Armas dos Macedos, e origem de seu timbe.

vros

vros da Armaria, e o que todos trazem, basta que aqui ganhasse Martim Gonçalves este timbre por soccorrer a seu Rey, pegando nas armas, com que o inimigo o queria offender.

CAPITULO LXXXX.

Do Capitaõ Pedanio, e D. Mem Muniz.

PEdanio Capitaõ Romano vendose cercado de Anibal, em a Cidade de Capua, e seu Exercito opprimido de rijos combates do Carthagines, confiado em seu valor, e esforço prometteo aos outros Capitaens com que estava de arvorar sua bandeira dentro no arrayal inimigo, e assim o fez, porque comettendo com os seus o Exercito, e gente de Anibal, rompeo pelas tranqueiras com grande animo, e fixou a bandeira no meyo do campo adversario, como prometera, alcançando vitoria de seus inimigos. *Val. Max. lib.* 3. *cap.* 2.

Semelhante confiança de sua pessoa teve D. Mem Muniz filho de D. Egas Muniz, Cavalleiro muito esforçado, e prudente na tomada da Villa de Santarem, a qual por ser populo-

losissima, e muy fortalecida, e por natureza de sitio quasi inexpugnavel, fazia naõ pouca deficuldade a ElRey D. Affonso Anriques que a desejava em estremo conquistar, e ser senhor della, e comunicando estes pensamentos com alguns bons Cavalleiros fidalgos, que a empreza lhe difficultavaõ, só este D. Mem Muniz prometteo a ElRey com segura, e estranha confiança, que elle seria o primeiro, que arvoraria sua bandeira sobre os muros de Santarem (como dissera Pedanio) e lhe quebraria as portas, e o comprio à risca, subindo o muro primeiro que outro, e arvorando a bandeira Real, e quebrando as portas metteo a ElRey dentro na Villa: o qual se fez senhor della dentro em huma noite, deitando fóra o Alcaide Hauzeri, e os Barbaros Mouros, que da Portugueza furia escaparaõ. O que aconteceo a quatro de Mayo de 1147. annos. Como affirma *Duarte Galvaõ na Chron. del Rey D. Affonso Henriques cap.* 28. *Duarte Nunes na mesma fol.* 37. *Fr. Bernardo de Brito na Chron. de Cist. p.* 1. *liv.* 3. *cap.* 19.

CA-

CAPITULO LXXXXI.

Do Capitaõ Lucullo, e Joaõ Fernãdes Pacheco.

LUculo Capitaõ Romano estando em Armenia com hum pequeno Exercito para dar batalha a ElRey Tigranes, que com hum poderosissimo campo de gente de armas, e muitos cavallos acubertados (se imaginava já tér os Romanos maniatados, e executando nelle sua furia) assombrados os Romanos dos ginetes, que com o resplandor das armas era mais temerosa sua vista poderem ser vencidos. O esforçado Capitaõ Lucullo sentindoos mingoados de esforço, e receosos da peleja, com alegre rostro, e seguro animo lhes disse; que tivessem bom coraçaõ, porque mór trabalho haviaõ elles de ter em despojar aquelles cavallos acubertados, e em matar seus inimigos, do que o havia de ser em guerreallos, e vencellos. Com as quaes palavras, naõ fizeraõ menos os Romanos, que desbaratar com muito esforço e em breve tempo a ElRey Tygranes, e todo seu poderoso Exercito com grande perda, e

es-

estrago dos inimigos, e muy pouca dos Romanos. *Plut. in apoph. Roman. Erasm. lib. 5. apoph. 12. de Lucullo.*

O mesmo dito disse Joaõ Fernandes Pacheco hum bom fidalgo, e Cavalleiro esforçado deste Reyno, por cujo esforço se ganhou a batalha de Trancoso contra os Castelhanos, que foy huma das memoraveis, que em Hespanha ouve. Pois este por senaõ dar a batalha de Aljubarrota sem elle andou em hum dia vinte leguas, e achando a ElRey D. Joaõ com hum muy pequeno Exercito à vista do de El-Rey D. Joaõ de Castella, que com hum grande, e fermoso Exercito de gente de armas assim de pè, como de cavallo, e algumas peças de artelharia de fogo, se lhe figurava que naõ tinha prezos, e atados os Portuguezes, mais que em quanto elle naõ queria. E vendo Joaõ Fernandes Pacheco a pouca gente Portugueza, e que alguma no exercicio militar pouco cursada, se mostrava receosa de verem compridas suas esperanças, como leal, e esforçado Capitaõ com sembrante alegre, como se a batalha fora vencida disse a ElRey, e aos que ahi estavaõ publicamente, que tivessem

animo

animo, e naõ receassem os inimigos por serem muitos, mas que só deviaõ muito recear o grão trabalho q̃ haviaõ de ter em matar tantos como eraõ, e que Deos lhe mandava aquelles que ficaraõ do cerco de Lisboa para que os elles matassem á sua vontade. Com a confiança de taõ estremadas palavras havẽdoas todos por bom pronostico conceberaõ tal esforço, e animo, que foraõ ferir nos Castelhanos, e os desbarataraõ, em espaço de meya hora, ganhando a bandeira Real, e ElRey de Castella fugio, deixando a frol da fidalguia, e Cavallaria Hespanholla morta no campo pouca perda dos nossos, em comparaçaõ do que se podia esperar de taõ copioso campo, como era o Castelhano. Como diz *Fernaõ Lop. na Chron. del Rey D. Joaõ I. p. 2. cap.* 40. *Duarte Nunes na mesma.*

CAPITULO XCII.

Dos Reys Alexandre, e D. Sebastiaõ.

TEndo Alexandre seu Exercito á vista do de ElRey Dario de Persia, apresentando o bata

batalha hum ao outro, e pelo conseguinte ambos duvidosos della, foy Alexandre aconselhado do Capitaõ Parmenio, como quem nas cousas da guerra tinha uso, e experiencia, que mandasse commetter de noite os inimigos com alguma manga de soldados, do q̃ se seguiria muito proveito, que com suas razoens mostrava claramente, mas Alexandre tal naõ consentio q̃ se fizesse; antes estranhou o conselho, dando a entender, que se naõ prezava, nem era de seu generoso, e real animo vencer com ardis, e cautellas, e inda de noite, mas à força de seu valeroso braço em claro, e fermoso dia, e com isto mandou aos seus q̃ se aparelhassem pera a batalha do dia seguinte. *Arrian. in vit. Alex. lib. 4. Plut. in eàd. Curs. lib. 5. cap. 13.*

Semelhante confiança mostrou ElRey D. Sebastiaõ nos campos de Alcarcerquibir em Africa, tendo seu pequeno Exercito á vista do Xarife Muley Moluco, aconselhou-o D. Duarte de Menezes Mestre de campo General, como experimentado no modo do pelejar dos Mouros, & quaõ mal se daõ com qualquer movimento de armas de noite, mandasse acometer

meter os inimigos, offerecendo sua pessoa cõ a gente das frontarias, e desordenar pelo menos o campo adversario, do que se seguiria algum proveito. ElRey em cujo generoso peito a gloria do vencimento o esporeava singularizarse, posto que seu campo era muito inferior ao do Africano, e vendo que naõ era aquelle feito de ousado, e virtuoso coraçaõ, o naõ consentio, antes reprovou o conselho, dando a entender (como fez Alexandre) o pouco temor que tinha á multidaõ daquella canalha, porque houvesse de pôr seu vencimento em ardis, enganos, e estratagemas de noite, senaõ em seu esforço, e valentia em dia claro, e fermoso. O q̃ por occultos juizos de Deos, que o humano entendimento naõ comprehende, se vio taõ differente de seus desejos, quanto he bem para sentir esta lastimosa tragedia. *Hyeron. de Mend. na Forn. de Afr. lib. 1. c. 15. fol. 30.*

CAPITULO XCIII.

De Publio Crasso, e ElRey D. Sebastiaõ.

PUblio Crasso o moço na batalha que com os Parthos teve, em q̃ foy desbaratado,

ſendo aconſelhado, e perſuadido por dous cavalleiros de ſeu campo, que ſe retiraſſe com elles á Cidade de Ichna, que eſtava à obediencia do povo Romano, e ſalvaſſe ſua perigoſa vida, Publio como esforçado Capitaõ, e q̃ naõ deliberava mais viver, lhes reſpondeo, q̃ naõ havia no mundo morte taõ agra, nem taõ cruel, q̃ pudeſſe tanto eſpantallo, a q̃ deſemparaſſe os que por elle eſtavaõ morrendo, e pelejando. E dito iſto, abraçou os dous cavalleiros, e rogoulhes, q̃ ſe foſſem em boa hora, e ſalvaſſem ſuas vidas, q̃ elle queria morrer cõ ſeus vaſſallos, como na verdade morreo pelejando. *Appi. Alexandr. in triumph. Parthico.*

Semelhante dito foy o de elRey D. Sebaſtiaõ na batalha de Alcacerquibir, onde ſendo desbaratado, foy perſuadido por Jorge de Albuquerque, valente fidalgo, q̃ ſe retiraſſe, e puſeſſe em ſalvo ſua Real peſſoa, pera o q̃ lhe offerecia ſeu cavallo, ElRey o aceitou, & o ajudou a deſcer delle, por a fraqueza q̃ o fidalgo moſtrava do muito ſangue que das feridas lhe corria. E abraçandoo ElRey lhe diſſe q̃ ſe foſſe embora, e ſalvaſſe ſua vida, por q̃ elle naõ determinava mais viver, antes hia outra vez buſ-

car

car vingança de seus inimigos, e morrer com seus vassallos, que com tanta lealdade estavaõ morrendo, e pelejando. *Ex codice factor. Reg.*

CAPITULO XCIV.

De Paulo Emilio, e D. Lourenço de Almeida, e Joaõ Pereira.

LUcio Paulo Emilio Consul Romano sendo na batalha de Cannas por Annibal desbaratado, vencido, e mal ferido, Lentulo Cornelio Tribuno dos ginetes, vendoo sem remedio de vida, o aconselhou, que se pusesse em salvo naquelle cavallo, q̃ lhe offerecia, e que naõ faria pouco em salvar sua vida. O nobre Consul o naõ quiz aceitar, antes estranhou o conselho, mostrando querer antes morrer honradamente pelejando entre seus inimigos, que sendo Capitaõ salvarse, deixando no campo seus soldados, e amigos, q̃ por seu serviço offereciaõ suas vidas. *Liv. Dec. 3. l. 2 Sab. l. 5. c. 2.*

Semelhante aconteceo ao valeroso D. Lourenço de Almeida na batalha naval em Chaul em q̃ foy desbaratado, e mal ferido sem esperan-

rança de vida, salvo escaparem o esquife da nao, q̃ todos lhe davaõ, e persuadiaõ se salvasse nelle, e se passasse aos seus, mas o nobre Capitaõ attendendo mais á pequena perda da honra, q̃ a grande da vida, naõ quiz aceitar o esquife (como fez Emilio com o cavallo) dizendo muy sanhudo, que tal lhe naõ dissesse ninguem, porq̃ lhe daria com huma alabarda. E pondo logo em ordem sua gente para se defender, e morrer antes pelejando, e vingar bem sua morte, começou de novo a batalha, em q̃ morreo, por naõ pôr nodoa (a seu parecer) em sua honra, desemparando (por salvarse podendoo fazer) os seus q̃ por seu serviço sacrificavaõ com taõ boa vontade suas vidas. *Chron. del Rey D. Manoel p. 2. cap. 26. Osor. na mesma lib. 5. Maff. lib. 4. fol. 87.* B. *Mariz Dialog. 4. c. 15.*

O mesmo fez o Capitaõ Joaõ Pereira em huma galé, no cerco que os Achens, e Jaós puseraõ á Cidade de Malaca, de q̃ era Capitaõ Tristaõ Vaz da Veiga em tempo de Antonio Moniz Barreto Governador da India. Sendo pois Joaõ Pereira desbaratado pelos Achens, e sem remedio, lhe aconselharaõ os seus, q̃ se metesse n'hum balaõ (embarcaçaõ

da

da India) e se salvasse nelle: João Pereira o não quiz fazer, nem admittir o conselho que lhe davaõ os seus por remedio de sua saude, antes respondeo com hum coraçaõ muy isento, e livre de medo, que havia de defender a galè atè o ultimo suspiro. E assim o fez, q̃ pelejando esforçadamente, tomou vingança de sua morte com miseravel estrago, e perda de seus inimigos, achando por venturosa sua sorte, fenecer em companhia dos seus, e por pouca honra sua deixallos por salvarse, bem semelhante a Paulo Emilio, como diz *Jorge de Lemos nos Cercos de Malaca, p.2. cap.16. fol.41.*

CAPITULO XCV.

De Marco Bruto, e o Capitão Alexandre.

MArco Junio Bruto Proconsul na ultima batalha, que teve com Marco Antonio, e Octaviano Capitães Romanos, duvidoso do successo della, a quizera recusar, mas sendo forçado dalla contra sua vontade, pelo ruim estado em que via as cousas, e perguntando, que lhe parecia, respondeo determinadamen-

te, q̃ ou vencer, ou morrer. *Val. Max. lib. 6, cap. 4. Plut. in Bruto.*

Assim o disse o Capitaõ Alexandre na batalha de Alcacerquibir, em que ElRey D. Sebastiaõ foy desbaratado: dandole contra sua vontade, pela ruim ordem, e peor estado em que via o Exercito Christaõ, e a melhoria do Mauritano, respondeo a quem lhe perguntava que lhe parecia, que ou morrer, ou vencer. *Ex codice partic.*

CAPITULO XCVI.

De Acilino, e Ruy Martins.

ACilino soldado valeroso do famoso Capitaõ Belisario sò, e sem companhia à força de braço defendeo a porta Pinciana ao furor, e impeto dos Godos, que com muito esforço procuravaõ entralla, e apoderarse della: e sempre o fizeraõ se o valente Acilino a naõ defendera, tendoa aberta sem a fechar, nem consentir que a fechassem, e finalmente o fez de maneira, que soccorrido dos seus, fez retirar seus inimigos ignominiosamente com muita

ta honra, e credito de sua pessoa: *Procop. apud Text. in Theatr. p. 1. cap. de bellicosis viris.*

Naõ menos o fez Ruy Martins, esforçado cavalleiro de D. Rodrigo de Monsanto Capitaõ de Tangere, donde sahindo os Portuguezes a pelejar com ElRey de Fez, e seu irmaõ, que com doze mil homens de cavallo, e muita gente depè hia sobre a Cidade. Depois de duas horas e meya de peleja, em que se fizeraõ notaveis gentilezas em armas, se recolheraõ os nossos a Tangere forçados da multidaõ de Mouros, q̃ com muito esforço os seguiraõ, e procuraraõ daquella vegada entrar com os Christãos de roldaõ na Cidade, e se houveraõ no assalto de maneira, que naõ poderaõ os Portuguezes fechar a porta, nem correr a tranca mais que até o meyo: o que vendo Ruy Martins por ser o derradeiro, que entrou, com suas armas esperou os inimigos à porta, e isto com tanto animo, e esforço, que dizendolhe os de dentro q̃ a corresse de todo, respondeo, que tal cousa naõ faria por honra de Portugal, que viessem os Mouros, que elle defenderia ás lançadas o que estava por correr. E se bem o disse, melhor o mostrou por obra, porque chegan-

gando os Mouros à porta forcejando pola entrar, Ruy Martins só, sem companhia (qual Acilino) sem fazer pè atras, a defendeo de tanta multidaõ de Mouros, que o negocio davaõ por acabado, atè q̃ sendo soccorrido dos seus, fez retirar seus inimigos em fórma, que desesperado hum Alcaide Mouro de tanto esforço, deu huma cutilada na porta, com que fez hum bom sinal, e se foy com a companhia com tanta vergonha sua, quanta a honra, que por esta façanha nas barbas delRey de Fez ganhou o valente Ruy Martins. *Goes na Chronica delRey D. Manoel p. 1. cap. 49. Osor. lib. 2. fol. 61. Mariz Dialog. 4. cap. 17.*

CAPITULO XCVII.

Dos Capitães Epaminondas, Gaspar de Magalhães, e André Furtado de Mendoça.

EPaminondas Capitaõ Thebano na batalha de Mantinéa, depois de ter feitas muitas ventagens, e mostrar a viveza de animo, em que os Lacedemonios viaõ o caso perdido: no meyo da refrega foy mortalmente ferido.

E sen-

E sendo tirado da batalha em hombros de seus soldados, como entrou em si, a primeira cousa, porque perguntou, foy por seu escudo, que na revolta da peleja, e no tempo de seu ferimento deixara cair com a mortal dor, e se estava a vitoria por elle? E dizendolhe os seus, q̃ tudo estava como elle desejava: o esforçado Thebano estimando mais a gloria do vencimento, q̃ sua propria vida, se alegrou estranhamente com tal nova, dizendo: Agora vive Epaminondas, pois que assim morre. E mandou tirar o troço da lança, q̃ no corpo tinha atravessado, com que logo espirou. *Valer. Max. lib. 3. cap. 2. Iustin. lib. 6. Strab. lib. 9.*

Semelhante dito, e feito aconteceo ao Capitaõ Gaspar de Magalhães no cerco de Mazagaõ, defendido pelo esforçado Alvaro de Carvalho em tempo da Rainha Dona Catharina. Tendo este valeroso Portuguez pelejado por muito espaço de tempo com os Mouros, que por sua estancia com rijos combates procuravaõ entrar a Cidade, na mór furia da peleja, em q̃ elle pelejava com duas lanças de fogo, lhe deraõ huma grande pedrada na cabeça, que naõ foy parte para deixar de tornar com

novo

novo animo ao combate, no qual lhe deraõ com hum barril de polvora, que o refinou para o ar: e cahindo como morto com as pernas abrasadas, e mãos, e rosto, de que ficou aleijado, se chegaraõ a elle alguns fidalgos para o levantar, e tirallo da peleja. Mas elle tornando depois em si, perguntou logo (como o fez Epaminondas) se o baluarte estava por El-Rey? e respondendolhe Luiz Cayado, q̃ estava, e estaria: o magnanimo Capitaõ estimando pouco a vida a troco da gloria do vencimento, se alegrou tanto com a reposta, que respondeo: Agora morra eu quando *Deos for* servido. E entaõ o levaraõ a sua pousada em braços seus amigos, onde o deixaraõ por morto. *Agost. de Gavy no cerco de Mazag cap.* 14.

Naõ menos, antes aventajadamente o fez o esforçado, comó venturoso Capitaõ Andrè Furtado de Mendoça na escalla da Fortaleza de Hiemao na India; onde tendo as escadas arvoradas no muro, por as quaes hiaõ subindo, e elle ao pè da Fortaleza, animando aos seus para subir juntamente com elles, lhe deraõ de cima com huma pedra muy grande na cabeça, com que lhe houveraõ de tirar a vida, porque

lhe

lhe quebrarão o morrião, e o derribarão como morto em terra, lançando rios de sangue pelos olhos, narizes, e ouvidos. E todo banhado em sangue, e suor envolto no pó, q̃ acerta lhe pegara sem dar acordo de si por tres dias; o teve só para perguntar (qual o Thebano) pela bandeira Real: achando perder a vitoria sò com perder a bandeira delRey. Como se conta no Sermaõ, q̃ na trasladaçaõ de seus ossos, se fez em Lisboa, q̃ anda impresso.

CAPITULO XCVIII.

De Mario, & D. Jorge de Menezes o Tubarã.

MArio Consul Romano estando para dar batalha aos Cymbros, e Teutonios seus inimigos, naõ ousava, por conhecerem os seus mal o modo de pelejar do adversario, e como por este respeito differisse a peleja, e q̃ havia já falta de agua no Exercito, vendose Mario apertado dos soldados, q̃ morriaõ á sede, estendendo a maõ, lhes mostrou hum regato de agua que corria pelo meyo do Exercito dos Teutonios, dizendo q̃ alli a tinhaõ, mas que era necessario

cessario compralla com o sangue. Os soldados entaõ rompendo com os inimigos remedearaõ sua sede, bebendo da agua a pezar dos contrarios. *Plut. in vit. Marij, & in apoth. Roman.*

Semelhante caso aconteceo a D. Jorge de Menezes o Tubara, q̃ floreceo em tempo del-Rey D. Filippe I. andando por Capitaõ mór correndo a costa, faltoulhe agua, e a foy tomar à Ilha Terceira, onde estando com as pipas na praya assomaraõ no mar certos cossarios Francezes, que mostravaõ ir sobre elle, e tocando a recolher com muita pressa, disseraõlhe os seus queixosos, q̃ ainda naõ tinhaõ agua bastante, e que estavaõ as pipas por encher. D. Jorge estendendo entaõ a maõ, apõtando para as naos Francezas (como o fez Mario para os Cymbros) lhes mostrou onde a haviaõ de ir buscar, e era mais certa, e mais saborosa, vencendo aquelles Francezes, por amor de quem, e doutros semelhantes andava de armada na Costa. E assim o fizeraõ, porque travada a batalha, foraõ os Francezes desbaratados, e as naos ganhadas. Nas quaes entrando acharaõ agua, de q̃ beberaõ com tanto gosto, e contentamento, como o poderiaõ ter

os sol-

os soldados do Romano Mario. *Ex codice particul.*

CAPITULO XCIX.

De Antigono, e Manoel de Lacerda.

O Esforçado Antigono soldado do grande Filippe Rey de Macedonia, no cerco da Cidade de Perintho em huma escaramuça, em que se quiz aventajar nas armas a seus cõpanheiros, foy ferido de huma seta, a qual trouxe cravada em seu corpo todo o tempo q̃ durou a peleja, e as mesmas armas tintas com seu sangue, sem a tirar, nem consentir que lhe bolissem, até encerrar dentro na Cidade os inimigos, e o fez á força de armas, apertando taõ asperamente com elles, que naõ só os arrancou do campo, mas executou seus desejos, como propuzera em sua vontade. *Text. in offic. p. 2. cap. de magnani.*

Semelhante esforço foy o do valeroso, e esforçado Manoel de Lacerda, fidalgo assas conhecido por seu valor nas partes da India. O qual no cerco, e entrada da Cidade de Goa a segun-

ſegunda vez pelo grande Affonſo de Albuquerque, e em q̃ ſe aventajou eſte bravo Cavalleiro, naõ com pequena enveja de muitos, que o viaõ andar pelejando com denodado esforço entre Turcos, e Mouros, com hum pedaço de frecha quebrada, metida pelo roſto, de cujo ſangue andavaõ tintas ſuas armas, ſem o tirar, nem procurar, ou conſentir q̃ lhe tocaſſem (como o fez Antigono) mais occupado na vitoria, q̃ noſſo Senhor lhe moſtrava, que no remedio da ferida (gloria de ſeu esforço) e como o troço na face andou todo o tempo da batalha, e entrada da Cidade, em q̃ fez maravilhas com grande eſtrago dos Mouros, e Turcos, ſendo elle o primeiro q̃ entrou pela porta da Fortaleza, e o primeiro tambem q̃ foy ferido. *Comentar. do Albuq. p. 3. cap. 3. Chronic. del Rey D. Manoel p. 3. cap. 11. Oſor. lib. 7. fol. 269. in eàd.*

CAPITULO C.

De Lucio Vareno, e Martim de Tavora.

LUcio Vareno, e Tito Pulfio, ambos Capitães valeroſos das legioens de Julio Ceſar,

far, foraõ grandissimos inimigos, e saindo huma vez a huma escaramuça em França contra os Nervios soldados valerosissimos, e vassallos delRey Ambioriz, que presente estava, viose *Pulsio* taõ afrontado de seus inimigos, de que era cercado, que cuidou perder a vida. O que vendo Lucio Vareno seu mortal inimigo posposndo sua inimisade, e odio com estranha, e maravilhosa fidalguia o soccorreo pessoalmente pelejando com muito esforço entre os Francezes, de maneira que o livrou de suas mãos, naõ sendo taõ boa obra bastante pera deixarem de estar, como dantes, em sua inimisade. *Cæsar in Commentar. lib. 5. de bello Gallico.*

Semelhantes foraõ Martim de Tavora, e Gonçallo Vaz Coutinho ambos figadaes inimigos hum do outro. E sahindo ambos de Alcacer Ceguer, onde estavaõ por fronteiros, em companhia de trinta fidalgos a cavallo dar rebate nas estancias dos Mouros que em companhia delRey de Fez tinhaõ entaõ cercada a Villa, e posta em estreito cerco, sendo Capitaõ General D. Duarte de Menezes, que foy Conde de Viana (filho do grande Capitaõ, e

Governador primeiro de Ceita) Gonçallo Vaz Coutinho, se meteo pelos Mouros, matando, e ferindo nelles taõ denodadamente, q̃ os Barbaros feitos em hũ corpo carregaraõ sobre elle para o matar, e o perseguiraõ de sorte, que vendoo em notavel perigo de vida Martim de Tavora seu inimigo, usando da estremada gentileza de Lucio Vareno com seu contrario Tito Pulfio, e esquecendose de industria de seu odio, e inimisade o soccorreo valerosamente pelejando no mór furor da escaramuça, e metendose nella com grande animo, e intrepido coraçaõ polo livrar das mãos dos Mouros, como livrou, e depois de salvo, e livre, ficaraõ como dantes em seu odio, e malquerença. Como conta *Ruy de Pina na Chron. del Rey D. Affonso V. cap. 137. Mariz Dial. 4. cap. 8.*

CAPITULO CI.

De Lysimacho, e Jorge Peçanha.

O Grande Alexandre fazendo huma montaria, lhe sahio ao encontro hum Leaõ da mata, o qual com sanha, e impeto arremeteo com Alexandre pera o matar. O que ven-

vendo o Capitaõ Lysimacho antepondo sua saude pela de seu Rey, e senhor, se meteo entre o Leaõ, e Alexandre, defendendoo valerosamente, até que o Leaõ se foy, e o deixou. *Curt. lib. 8. cap. 1.*

Semelhante aconteceo a D. Joaõ Coutinho Conde do Redondo sendo Capitaõ de Arzila, que fazendo huma montaria, lhe sahio della hum feroz Leaõ, o qual endireitou com o Conde, que ousadamente o esperou, firmandose com elle. O que vendo Jorge Peçanha pagem do Conde, que perto delle estava, se meteo no meyo do Leaõ, e o Conde, tendo o impeto, e furia do animal, e defendendolhe que naõ chegasse ao Conde seu Capitaõ, e senhor, por cuja vida aventurava a sua, semelhante a Lysimacho com a Alexandre, e o fez até o Leaõ se ir em paz. *Contase na hist. de Arzilla manuscripta.*

CAPITULO CII.

De Alexandre, e Francisco Pereira Pestana.

O Mesmo Alexandre noutra mõtaria q̃ fez em a Provincia de Bazaria, o cometeo

hum Leaõ, que com toda a ferocidade determinou espedaçallo, mas Alexandre o esperou com muito esforço, e animo com a lança feita, e o atravessou de huma só lançada, que deu com elle morto em terra. *Curt.lib.8.cap.1. Plut.in ejus vita.*

Semelhante aventura aconteceo a Francisco Pereira Pestana, hum dos Varoens illustres deste Reyno em Arzila, donde sahindo os cavalleiros a rebate de hum Leaõ (como entaõ se costumava) e achando huma Leoa, que logo se recolheo à serra a huma cova, onde tinha os cachorros: Francisco Pereira a seguio de longe, e entrou com o cavallo para aquella parte. O que sentindo a Leoa, ciosa dos filhos lhe sahio ao encontro, e se veyo correr a elle; e voltando Francisco Pereira as redeas ao cavallo para se retirar, firmandose com tudo com a lança, deu a Leoa hum salto, que o alcançou sobre as ancas do cavallo, porém trespassada da lança de Francisco Pereira, que com muito animo, e esforço a segurou, e matou. Como consta de papeis particulares de sua vida.

CA-

CAPITULO CIII.

De Eleazar, e Fernaõ Gomes de Lemos.

ELeazar soldado valeroso do Exercito de Judas Machabeo na batalha contra El-Rey Antiocho Eupator seu inimigo, matou hum grande, e fermoso Elefante torreado, em que cuidava vir o proprio Rey Antiocho, e lhe fez dar com toda a maquina em terra, que sobre si trazia, a morte do qual espantou tanto aos outros Elefantes, que medrosos com o presente successo fizeraõ volta, desordenando seu mesmo Exercito. 1. *Machab.* 6. *Joseph. de antiquit. lib.* 12. *cap.* 14. *&* *in bel. Judai. lib.* 1. *cap.* 11.

Semelhante o fez Fernaõ Gomes de Lemos na entrada, e tomada da Cidade de Malaca pelo grande Affonso de Albuquerque contra Soltaõ Mahamet Rey della, onde matou hũ Elefante armado, e encastellado, em que vinha ElRey (como aconteceo a Eleazar) dandolhe muitas feridas, com que o fez voltar com grandes urros, fazendolhe dar com to-

da a armaçaõ que trazia em terra. Em cuja morte escarmentados os outros Elefantes, volveraõ o focinho a traz, e deraõ pelos mesmos Mouros com tanta furia, e impeto que os puzeraõ em desbarato. *Maff. lib. 5. pag. 111. A. Goes na Chron. del Rey D. Manoel p. 3. cap. 18. Osor. lib. 7. de reb. Eman. Commentar. do Albuquerq. p. 3. cap. 23.*

CAPITULO CIV.

De Israelitas, e Portuguezes.

OS filhos de Israel foraõ postos em grande cuidado, e fadiga, quando ElRey Xerxes lhes deu licença para refazerem os muros de Jerusalem: e sendo guerreados, e inquietados por seus inimigos, que os naõ fizessem, aproveitaraõse (como melhor meyo) das armas, pondo com huma maõ a pedra, e com a outra na espada se defendiaõ delles; atè que os acabaraõ, usando sempre deste trabalhoso ardil. 1. *Esdr. 4. Joseph. de antiq. lib. 11. c. 2.*

O mesmo aconteceo aos Portuguezes na Cidade de Lisboa no cerco q̃ ElRey D. Joaõ

I. de

I. de Castella lhes poz. Onde os cercados (posto que dos Castelhanos fossem rijamente combatidos polos inquietar da obra da barbacãa, que darredor do muro faziaõ da parte do campo Castelhano) naõ deixaraõ com isso de a acabar, usando de semelhante ardil que os Israelitas, pondo a pedra, e cal, & outras cousas com huma maõ, e na outra as armas, ou junto delles, com que por muitas vezes pelejavaõ, defendendose dos Castelhanos seus inimigos, que trabalhavaõ de os impedir, que sua obra naõ fosse por diante. E neste trabalho, e inquietaçaõ perseveraraõ os nossos até se acabar a barbacãa, e porse em justa altura a pezar dos Castelhanos. Esta mesma comparaçaõ faz Fernaõ Lopes na Chron. delRey D. Joaõ I. *part.* 1. *cap.* 114.

CAPITULO CV.

De Jonathas, e o Conde D. Nuno Alvares Pereira, e D. Jorge de Menezes.

O Capitaõ Jonathas Israelita na batalha que teve com certos estrangeiros seus

inimigos, vendo que os ſeus o deſamparavaõ, e naõ queriaõ pelejar movidos de medo da grande multidaõ contraria que para elle ſe vinhaõ chegando poſta em ſom de batalha, *elle* (naõ ſofrendo ſeu esforçado animo a desleal. dade, e covardia dos ſeus) ſe lançou na mór eſpeſſura de ſeus inimigos, pelejando valeroſamente, ſem dar moſtras de covardia. Os ſeus que ao longe eſtavaõ vendo ſeu grande perigo, conſtrangidos de dor, e vergonha correraõ rijamente a ſoccorrello, pelejando com muito esforço. O que vendo Jonathas *ajudado* dos ſeus, apertou com os inimigos de maneira, que alcançou perfeita vitoria delles, 1. *Mach.* 31.

Outro ſemelhante caſo aconteceo ao Conde D. Nuno Alvares Pereira em idade de 21. annos com huma boa copia de gente de armas Caſtelhana, que com deſejo de pelejar com elle ſe ſahira da frota. Nuno Alvares vendo que os ſeus por ſerem poucos, temiaõ a multidaõ dos inimigos, e ſe começavaõ a retirar, e recuſar a batalha, e o deſamparavaõ de todo, e que os Caſtelhanos ſe chegavaõ muito para elle, como ſeu animo era livre de todo o medo de

determinou vender bem sua vida, e assim só, sem companhia se lançou entre os Castelhanos, e começou a ferillos com taõ assinalados golpes, que em breve fez grande terreiro entre elles. Os seus que ao longe viaõ o grande perigo de seu Capitaõ (por estar com huma perna debaixo do cavallo que lhe cahira morto em terra donde se defendia com estranho esforço sem nenhum Castelhano ousar chegar a elle) envergonhados de sua pusillanimidade, e covardia correraõ com suas armas a acudirlhe, e livrallo da afronta em que estava, com a qual ajuda, e favor, Nuno Alvares deu nos Castelhanos matando, e ferindo nelles cruelmente, como diz Fernaõ Lopes na Chronica delRey D. Fernando, *cap.* 138. *Duarte Nunes na mesma fol.* 222. *Lobo no seu Condestavel.*

Naõ menos aconteceo a D. Jorge de Menezes Capitaõ de Maluco na Cidade de Tidore contra o Rey della, e contra Fernaõ de la Torre Capitaõ dos Castelhanos, que fora de Castella em Companhia do Capitaõ Fernaõ de Magalhães Portuguez, que por mandado do Emperador Carlos V. fora no descobri-

men-

mento das Malucas; neste assalto, como os Portuguezes hiaõ de mà vontade, bastou verem ferido a hum da companhia para naõ passar a diante: e vendo D. Jorge, que nem sua presença, nem razoens podiaõ acabar com elles movellos dalli, se poz diante de todos com huma espada de ambas as mãos, só, e sem companheiro remeteo a huma porta, que estava na tranqueira dos Castelhanos, e a entrou facilmente pelejando como Capitaõ, em que lhe hia a honra. O que vendo os seus, mais com vergonha, que com vontade se chegaraõ a elle, com cuja ajuda a briga foy bem travada de ambas as partes, e a tranqueira tomada pelos Portuguezes, e os Castelhanos fugiraõ, e a Cidade foy entrada, e saqueada com muitos mortos, e feridos, sem dos nossos morrer algum, e feridos poucos levemente. Como diz a Chronica delRey D. Joaõ III. *p. 2. cap. 59.*

CAPITULO CVI.

De Scevola, e Andrè Gonçalves.

SCevola esforçado cavalleiro de Julio Cesar, passando a Inglaterra em hum pequeno

no navio com quatro soldados em companhia, acertou dar em seco em hum porto daquella Ilha. Os Inglezes appelidandose huns aos outros correraõ logo com suas armas á praya em grande numero pera o tomar vivo ás mãos, o que vendo o esforçado Scevola, em quanto seus quatro companheiros faziaõ por desencalhar o navio, e fazello ao alto, elle só sem mais ajuda entretanto o defendeo valerosissimamente sem se querer dar, nem render as armas, nem menos o poderem entrar, sendo cõmettido fortemente de todas as partes com varios generos de tiros de arremesso, tendo já encravada huma coxa, e mal ferido no rostro, e o capacete, e escudo espedeçados. E assim durou na peleja muito tempo, atè que de cançado, e fraco das feridas, se salvou, lançandose à agua com grande espanto dos Inglezes seus inimigos. *Valer. Max. lib. 3. cap 2.*

Semelhante, ou com mais ventagem o fez hum grumete natural do Porto, chamado André Gonçalves, outro Scevola no esforço, e condiçaõ, na batalha de Chaul entre D. Lourenço de Almeida filho do primeiro VisoRey da India D. Francisco de Almeida, e as Armadas

das de Cambaya, e do Soldaõ de Babylonia. Na qual ſendo os noſſos desbaratados; e cativos, o que mais honra ganhou foy André Gonçalves, que depois de entrada a nao do Capitaõ mór, que dera em huma eſtacada de peſcadores, em que encalhou, ſem della poder ſahir, elle ſó ſem companhia ſe defendeo da gavea da nao dous dias, e meyo (bravo eſpirito) e pelejou tanto, e taõ valeroſamente, ſem ſe querer render, nem o poderem matar com varios tiros, que lhe faziaõ, e fez tantas maravilhas de ſua peſſoa, que cançou aos meſmos inimigos, eſtando já ferido por huma eſpadoa de hum eſpingardaõ, e aleijado da maõ eſquerda, ſem torcer hum ponto de ſeu esforço, antes entaõ mais empedernido, ſe diſpoz tambem vender ſua vida, que Melique Az Senhor de Diu Capitaõ da frota, vendo ſua reſoluta determinaçaõ, e valentia, mandou lhe naõ atiraſſem mais os ſeus, & com groſſas promeſſas, e juramentos de lhe aſſegurar a vida, o fez entregar. E depois o eſtimou, e tratou, como por tal feito merecia. Como conta Joaõ de Barros Dec. 2. *liv.* 1. *cap.* 8. *Chron. del Rey D. Manoel p.* 2. *c.* 26. *Ma-*

riz

riz Dial. 4. cap. 15. Maff. lib. 4. fol. 88. E.

CAPITULO CVII.
De Augusto, e VisoRey Mathias de Albuquerque.

O Emperador Augusto em hum naufragio, em que se vio quasi perdido com toda a sua Armada que levava contra Sicilia, com que andava de guerra, com muito animo, e constancia disse em alta voz cõ rosto cheyo de alegria, que a pezar de Neptuno (que elle cuidava ser Deos do mar) havia de alcançar vitoria de seus inimigos. E continuou sua viagem esforçando com estas palavras aos seus, que de todo desconfiavaõ chegarem com tal tempo, e tal disbarate, & naufragio a Sicilia. *Sueton. in vit. August. cap. 16.*

Semelhante dito disse Mathias de Albuquerque 33. VisoRey da India, em Lisboa querendose embarcar, e passar á India com huma poderosa Armada, foylhe o tempo taõ contrario, e extraordinariamente furioso sem por muitos dias cessar, de maneira que já perdia monçaõ, que era occasiaõ de chegar com mui-

muito trabalho, e perigo à India, disse publicamente com semblante alegre (qual Augusto) que a pezar da Fortuna havia de embarcarse, e passar á India, e quebrar as cabeças a seus inimigos. E mandandose pintar com os pès no pescoço da Fortuna em a bandeira, se embarcou com notavel constancia sua, e admiraçaõ de todos, que a tal partida haviaõ por taõ perigosa como temeraria. E com tudo passou á India onde se assinalou com grande nome, e credito de sua pessoa. *Ex codice fa-ctor. memorabil.*

CAPITULO CVIII.

DelRey Agis, e Alvaro Vaz de Almada, e outros Portuguezes.

AGis Rey de Esparta vendose perseguido dos Lacedemonios em huma batalha, e com pouca esperança de salvaçaõ, determinou vender bem sua vida pondo com muito animo o capacete na cabeça, e embraçando o escudo com huma lança na maõ, se meteo pelos inimigos ferindo nelles taõ denodada-

men-

mente, e com tanta furia, que naõ ousando ninguem medir com elle sua lança por a ferocidade de sua pessoa rodeado todo de seus inimigos, o perseguiraõ de fóra com tiros de arremesso, atè que lhe acertou huma lança nos peitos, e desfalecido do muito sangue, se deixou cahir em terra morto, antes que entregar sua pessoa, nem menos suas armas. *Curt. lib. 6. cap. 1.*

O mesmo aconteceo ao Conde de Abranches D. Alvaro Vaz de Almada (hum dos doze que foraõ a Inglaterra sobre o aggravo das *Damas Inglezas*) neste Reyno, tendo a parte do Infante D. Pedro na batalha de Alfarroubeira contra ElRey D. Affonso V. Onde sabendo o Conde da morte do Infante, accrescentando mais armas, das que sobre si tinha, se meteo (como ElRey Agis) no mòr furor da peleja, matando, e ferindo nos inimigos de maneira, que sem haver pessoa atrevida a medir com elle a espada, sendo de todo hum Exercito acometido, e rodeado de seus contrarios, jà do muito trabalho de pelejar, e sem alento, se deixou cahir em terra com os braços abertos, e sem armas, nem ferida, onde

foy

foy acometido dos mais esforçados do Exercito, como dantes por sua ferocidade lhe naõ pudessem fazer rostro, e se deixou matar por naõ se entregar, nem suas armas em quanto as pode menear. *Pina na Chron. del Rey D. Affonso V, cap.* 119. *Mariz Dial.* 4. *cap.* 7.

Lourenço Freire Gato

Naõ menos o fez Lourenço Freire Gato, pagem de D. Lourenço de Almeida filho do primeiro VisoRey da India D. Francisco de Almeida, na batalha naval em Chaul, sendo a nao entrada, e D. Lourenço morto, elle se naõ quiz entregar, tendo ja perdido hũ olho de hũa frecha: e estando muito mal *ferido* encostado no fogaõ ao corpo de seu Capitaõ, e senhor, q̃ alli jazia espedaçado, foy cometido dos inimigos cõ grande furia, e vozeria mandandolhe q̃ rendesse as armas: mas elle assim rodeado com huma espada de ambas as mãos, fez taes proezas, e deu taes mostras de si, que naõ ousando ninguem chegar a elle por sua notavel ferocidade, o acravaraõ de fóra com tiros de arremesso, com que cahio sobre o corpo morto de D. Lourenço de Almeida, deixando primeiro muy bem vingada sua morte. *Maff. lib.* 4. *fol.* 88. D.

O

O mesmo aconteceo a Joaõ de Carvalho genro de D. Guterre de Monroy Capitaõ da Villa de Cabo de Aguer em Africa. O qual no cerco que à dita Villa poz o Xarife Muley Hamet, com huma espada de ambas as mãos defendeo o passo, e entrada de huma torre, q̃ nunca os Mouros o poderaõ entrar, e tendo já trinta mortos derredor de si, o deceparaõ de longe, naõ deixando assim de joelhos de pelejar, atè que de longe com dardos de arremesso o acabaraõ de matar, sem ousarem chegar a elle pola ferocidade de sua pessoa. *Chron. del Rey D. Joaõ* III. *part* 3. *cap.* 26.

Joaõ de Carvalho.

Assim foy D. Fernando de Castro na sahida de Arzila (onde estava por fronteiro) cõ quarenta de cavallo contra Barraxa, e Almandarim Capitães delRey de Fez. No qual recontro cahio D. Fernando do cavallo, e pondose em armas foy logo cercado dos barbaros ao redor, e com lanças de arremesso o acometeraõ, com que o mataraõ sem lhe poderem chegar de perto. *Goes na Chron. del Rey D. Manoel p.* 3. *cap.* 8.

De semelhantes Varoens teve naõ poucos Portugal, que se poderàõ ver no meu Theatro Lusitano.

CAPITULO CIX.

De Cayo Attilio, e Gaspar Dias.

CAyo Attilio valeroso soldado de Julio Cesar na batalha naval contra os Massilienses seus inimigos, foy o primeiro que saltou armado na nao adversaria, e assim como saltou, lhe cortaraõ a maõ direita cerce, que cahio dentro na nao, e sendo com presteza soccorrido foy a nao entrada, ganhada, e os inimigos mortos. *Plut. in vit. Cæsar.*

O mesmo aconteceo a Gaspar Dias muito bom homem darmas natural de Alcacere do Sal em o porto da Cidade de Ormuz na India,, quando o grande Affonso de Albuquerque destruhio a poderosa Armada que o Rey tinha no porto para sua defensaõ. Entre as naos estava huma muito grande delRey de Cambaya por nome Meri com muita gente, e artelharia, a qual sendo dos nossos investida, o primeiro que nella armado saltou, foy este Gaspar Dias, que para se assemelhar tambem na sorte com o Romano Attilio, logo na en-

trada, e salto lhe cortaraõ a maõ direita, que dentro na nao cahio apertada com a espada, e sendo soccorrido a nao foy rendida, e os Mouros mettidos a cutello. Por este esforço, ou desgraça (para melhor dizer) deu Affonso de Albuquerque a Gaspar Dias dez mil reis de tença cada anno á custa de sua fazenda. *Nos Comment. do Albuq. p.1. c.32. Goes na Chron. del Rey D. Manoel p.2. c.33. Osor. lib.5. f.218.*

CAPITULO CX.

De Cynegiro, e D. Joaõ Manoel.

CYnegiro Capitaõ Atheniense na batalha que houve com Datis Capitaõ Persiano, perseguio com tanta vontade seus inimigos, que no meyo da refrega se lançou a huma nao contraria, e ferrando nella com huma maõ lha cortaraõ, e lançando a outra para o mesmo, lhe foy tambem cortada: de maneira que perdeo ambas as mãos num instante por conseguir o que desejava por honra de sua patria. *Herodot. lib. 6.*

O mesmo aconteceo a D. Joaõ Manoel no-

bilissi-

bilissimo Fidalgo, e gentil Cavalleiro na batalha do segundo cerco de Dio, quando o Governador D. Joaõ de Castro deu nos arrayaes inimigos, que tinhaõ cercada a Cidade. O primeiro que subio por huma escada os muros Turquescos, foy D. Joaõ Manoel; o qual lançando a maõ direita para se apegar à parede, lha cortaraõ de cima, e lançando logo a outra tambem lhe foy cortada. E qual Cynegiro perdeo ambas as mãos em hũ momento por honra de sua terra. *Na Chron. del Rey D. Joaõ* III. *p.* 4. *cap.* 10.

CAPITULO CXI.

De hum Cavalleiro Castelhano, e Duarte de Almeida.

NA batalha de Candespina junto da Villa de Sepulveda em Castella a 12. dias do mez de Abril do anno de 1122. entre o Empedor D. Affonso de Aragaõ, e oitavo Rey de Castella, e o Conde D. Gomez de Candespina o mayor Cavalleiro que em Castella havia naquelle tempo em defensaõ da Rainha

Do-

Dona Urraca mulher do dito Emperador, Rainha proprietaria de Castella, de quem se tinha publicamente por justas causas apartado, e queria por entaõ casarse com o Conde D. Gomez, do qual tinha jà á boa conta o Infante D. Fernando, q̃ pelo parir a furto, e secretamente foy chamado Furtado, de q̃ procedem os Furtados illustre linhagem de Hespanha. Aconteceo, q̃ a hũ Cavalleiro da casa de Olea (a quem a injuria do tempo furtou o nome) Alferes do estandarte do Conde D. Gomez, lhe cortaraõ ambas as mãos por lhe tirarem o estandarte dellas, mas elle se houve taõ cavalleirosamente, q̃ o estandarte ficou por Castella, dando vozes Olea, Olea, e seus inimigos, mormente o Emperador magoado, inda que vitorioso, de perder o principal da vitoria. Como escreve *Garibay no Compend. Histor. lib.* 11. *cap.* 30.

Furtados donde procedem.

O mesmo aconteceo na batalha de Touro em Castella entre ElRey D. Affonso V. de Portugal, & os Reys Catholicos D. Fernando, e Dona Isabel de Castella. Onde ficando a vitoria por os Reys Catholicos, deceparaõ as mãos a Duarte de Almeida Alferes pequeno delRey D. Affonso, para lhe tirarem dellas

a Bandeira Real, e o serviraõ de tantas feridas, que o deixaraõ por morto, e como de tal a houveraõ (como aconteceo ao Cavalleiro Castelhano) porèm a Bandeira ficou por Portugal, porque vendoa Gonçallo Pirez valente Portuguez em poder de Castelhanos, que a traziaõ pelo campo no tempo do desbarato, naõ podendo sofrer tamanha injuria, se ajuntou com outros esforçados Portuguezes, e juntos remetteraõ a elles, e fazendoos fugir a tomaraõ das mãos a hum Fidalgo do appellido de Sotomayor, e o mesmo Gonçallo Pires a tomou, e o prendeo sobre sua fè, *e trouxe* a Bandeira ao Principe D. Joaõ (que pelejando por ElRey D. Affonso seu pay em outra ala se fizera com a vitoria absoluto senhor do campo) que em galardaõ de taõ notavel serviço, sendo Rey lhe fez merce de tença em sua vida, e o fez Fidalgo dandolhe Armas de sua geraçaõ, que saõ a Bandeira que ganhou de prata em campo vermelho com hum Leaõ de negro dentro nella, com as franjas, e astea de ouro, mostrando que fora Leaõ no ganhalla, e por timbre a mesma Bandeira com o Leaõ, juntamente com o appellido de Bandeira. Como

Armas dos Bandeiras, e sua origem.

mo

mo consta de *Damiaõ de Goes na Chronic. do Principe cap. 78. fol. 76. e 77. Ruy de Pina na Chron. delRey D. Affonso V. cap. 190. e Garcia de Resende na del Rey* D. *Joaõ* II. *cap.* 13.

CAPITULO CXII.

De Scipiaõ, e ElRey D. *Joaõ I.*

SCipiaõ Africano tomou a Cidade de Carthago em Hespanha dentro em hum dia por força de armas com ser muito populosa, forte, e bem defendida dos Hespanhoes, e naturaes della. Feito que acontece poucas vezes, e por isso he muito mais de louvar a boa diligencia, e singular esforço de Scipiaõ. *Liv. Dec.* 3. *lib.* 6.

O mesmo aconteceo ao felicissimo Rey D. Joaõ I. na disciplina, e exercicio militar igual a Scipiaõ. Tambem conquistou, e tomou aos Mouros com miseravel estrago, e destruiçaõ delles dentro em hum dia a Cidade de Ceita em Africa com ser muito populosa, opulentissima, forte, e cruel competidora de Hespanha, e naõ menos defendida de valentes Mouros,

que com muito valor, e esforço a defenderaõ de todo se o naõ houveraõ com os Portuguezes. Como diz a Chron. delRey D. Joaõ I. *p.* 3. *Ruy de Pina na delRey* D. *Duarte cap.* 1. *Mariz Dial.* 4. *cap* 3. Em memoria da qual mandou ElRey bater moeda de cobre, a que chamou Septil, e hoje Ceitil, que valem seis hum real de cobre, posto que hoje já naõ correm neste Reyno, salvo por Guimarães, onde se compra, e vende a linha por ceitis. E de huma parte lhe mandou pôr as Armas de Portugal, e da outra huma Cidade ao longo da agua; como diz o Doutor Mestre André de Resende no Summario dos Reys de Portugal manuscrito na Vida delRey, e o Doutor Manoel Barbosa *in Remission. ad Ord. regiam Lusitan. lib.* 4. *tit.* 21. §. 25. E porque o proprio nome desta Cidade antigo, he Septa, chamaõ nossas historias ao dinheiro que della tomou o nome Septil, e corrupto o vocabulo Ceitil, e á Cidade Ceita, e accrescentou ElRey o titulo, chamandose senhor de Ceita.

Origem dos Ceitis.

C A-

CAPITULO CXIII.

De Cimon, e D. Gonçallo Mendes da Maya o Lidador.

O Famoso Capitaõ Cimon Atheniense, depois de ter pelejado muitas vezes por sua patria, e por sua honra; e defensaõ, no cabo de sua velhice lhe aconteceo alcançar duas grandes vitorias em hum mesmo dia dos Persas seus inimigos, e matou grande multidaõ delles, e ficou vencedor de ambas com grande credito, reputaçaõ, e honra de sua pessoa. *Cratin. Comicus. & Gorgias Leontin.*

Semelhante felicidade foy a de D. Gonçallo Mendes da Maya o Lidador, genro de Egas Muniz, e Adiantado delRey D. Affonso Henriques. Pelejou por sua patria, honra, e defensaõ muitas vezes: e no ultimo dia de sua vida, sendo de noventa e cinco annos, em que exercitava as armas como quando era mancebo, aconteceolhe indo correr a terra junto a Beja, vencer duas grandes batalhas em hum mesmo dia (como aconteceo a Cimon) em que foy ven-

vencedor de dous Reys Mouros por nome Alboleimar (chamado vencedor das batalhas, por ser venturoso nellas, e de tanta força que affirma o Conde D. Pedro no livro das linhagens de Hespanha, que naõ havia resistencia onde punha sua lança, que ou se naõ quebrasse, ou a cravasse no corpo, e armadura) e Aliboacem Rey de Tangere, que passara o mar por cobrar o castello de Mertola, com que hum seu tio se levantara, o qual castello fora de hum avó de Aliboacem, e fez nelles grande estrago, & destruiçaõ, acabando em seu officio de Lidador, como lhe chamavaõ. Consta do Conde D. Pedro nas linhagens, *tit.* 21. §. 2. *Fr. Simaõ Coelho na Chron. do Carmo p.* 1. *lib.* 1. *c.* 20. *Duarte Nunes na del Rey D. Affons. Henriques fol.* 54.

CAPITULO CXIV.

De Coriolano, e Joaõ Rodrigues Camello, e Giraldo sem pavor.

MArio Coriolano cavalleiro Romano militando debaixo da bandeira do Consul

Co-

Cominio, tomou, e entrou por força de armas a Cidade de Coriolis aos Volscos, seus inimigos, e depois de apoderado della o fez saber ao Consul (a quem de direito pertencia) offerecendolha, e a largou, dizendolhe primeiro, que entrasse nella, e gosasse da vitoria, q Deos primeiramente, e sua boa ventura lhe dera. O que o magnanimo Consul fez, abraçandoo com mostras de muito amor, e esperanças de grandes honras, e accrescentamentos, que às que entaõ lhe fazia, com o honrar com o appellido de Coriolano. Porque entre os *Romanos* semelhantes alcunhas, e appellidos eraõ de muita estima, e cada qual procurava em todas as occasiões ganhar tal sobrenome para memoria de seus feitos. *Tit. Liv. dec. 1. lib. 2.*

Semelhante em tudo o fez Joaõ Rodrigues Camello soldado Portuguez, que militava no Exercito do Governador das Filippinas D. Pedro da Cunha, tomou, e entrou por força de armas a Cidade de Ternate nas Ilhas Malucas inimiga dos Portuguezes, e tendoa ganhada com muita cortezia, e honrosos perdões o fez saber ao Governador, a quem a empreza perten-

tencia, fazendolhe della offerecimento, dizendo, que entrasse dentro, e gozasse da vitoria, que Deos nosso Senhor, e sua boa ventura lhe dera de seus inimigos. O magnanimo Governador alegre, e contente do que tanto desejava, o abraçou, fazendolhe muitas honras, com esperanças de outras dobradas, conforme sua pessoa, e feitos estavaõ merecendo. E em sinal de seu esforço, tirou huma cadea de ouro de muita estima, que trazia ao pescoço, e a lançou ao de Joaõ Rodrigues Camello, que naõ foy pequeno favor (inda que muito mais merecia) a qual elle sempre trouxe *por insignia*, e trofeo de sua gloria, e lembrança de seu esforço. Como se trata nas missoens annuaes do Estado da India.

Naõ fez menos o atrevido, como esforçado Capitaõ Giraldo, que por arriscado nas batalhas mereceo o sobrenome de sempavor, que andando fóra da graça delRey D. Affonso Henriques, procurou ganharlha, ganhando aos Mouros a Cidade de Evora, o que fez com tanto ardil, e valente espirito, que depois de apoderado della, o fez saber a ElRey, como tinha tomado a Cidade, que fosse sua merce man-

mandar pór cobro nella (semelhante à Coriolano com o Consul Cominio) no que ElRey se houve magnanimamente, porque lhe perdoou, e a seus companheiros, que na empreza se acharaõ, recebendo ao Embaixador cõ singular contentamento, e lhe mandou dizer, que quanto a pór cobro nella, que elle se naõ havia por servido, que outrem a guardasse, senaõ elle que a ganhara, e por isso o tambem merecia, e foy o primeiro Capitaõ desta Cidade (a que devo minha natureza, criaçaõ, e estudo) por cuja memoria a Cidade traz por Armas hum cavalleiro armado a cavallo com huma espada levantada, e duas cabeças cortadas, huma de homem, outra de mulher moça pelas que cortara na torre de S. Bento antes de entrar a Cidade ás duas vigias que a vigiavaõ. Como conta *André de Res. na hist. de Evora cap.14. Fr. Bern. de Brit. na Chron. de Cister. p.1. liv.5. cap.12. Duarte Nunes na del Rey D. Affonso Henriques fol. 46.*

Armas da Cidade de Evora.

E porque o primeiro que levou a nova de taõ honrado feito, foy Pedralves Cogominho que na empreza se achou, e offereceo a ElRey as chaves da Cidade tomou por Armas cinco

cha-

chaves Mouriſcas de prata em campo vermelho aſſentadas em aſpa como hoje trazem os da familia dos Cogominhos, ainha q̃ a razaõ do numero dellas, entendo (como ſe vè pelos viſtigios da cerca velha, e a tradiçaõ que ſe conſerva nos naturaes) procedeo de cinco portas que a Cidade àquelle tempo tinha, cujos nomes ſe conſervaõ hoje nas que ao preſente ha na cerca nova, que mandou fazer ElRey D. Fernando de Portugal. Traz a geraçaõ dos Cogominhos (de q̃ Evora tem a melhor parte) por timbre de ſuas Armas duas chaves do eſcudo em aſpa atadas com hum troçal vermelho.

Armas dos Cogominhos

CAPITULO CXV.

De Scipiaõ, e Manoel de Souſa.

SCipiaõ Africano paſſando de Heſpanha com duas galés a ElRey Syphax ſeu mortal inimigo, e do povo Romano, ſe fiou delle temerariamente, ſabendo muy bem quaõ deſleal, e falſo Syphax era, e que ſe nas mãos lhe cahiſſe o mandaria matar, e com tudo aventurou ſua propria vida, e a ſaude de ſua patria,

que

que nelle estava, deixando Roma em varios pensamentos por sua temeraria ousadia, atè o verem isento, e livre de suas suspeitas. *Valer. Max. lib.9. cap.* 8.

Semelhante temeridade cometeo Manoel de Sousa Capitaõ da Fortaleza de Dio para cõ o Soldaõ Baudur Rey de Cambaya. O qual Soldaõ arrependido da Fortaleza, que dera em sua terra ao Governador Nuno da Cunha, procurou lançar fòra aos Portuguezes, quando já os naõ pudesse matar. Para o fazer mais livremente, mandou chamar ao Capitaõ Manoel de Sousa fazendo conta que matandoo em sua Corte com os Portuguezes, que o acompanhassem, aos da Fortaleza logo meteria aos fios da espada. E posto que Manoel de Sousa a noite dantes fosse avisado da traiçaõ do Baudur, e o conhecesse por falso, e inconstante, e a mà vontade que hia secretamente mostrando aos Portuguezes, por naõ mostrar covardia, metteose em hum catur (embarcaçaõ da India) com hum pagem sómente, e passou, onde ElRey estava mettendose em suas perfidas mãos (como Scipiaõ nas de Syphax) com estremada confiança, mas

teme-

temeraria ousadia, pondo os companheiros da Fortaleza em receyos, e cuidados de sua salvaçaõ, mas elle se houve com o Soldaõ taõ prudentemente, e com tanta sagacidade, e manha, que escapou de sua traiçaõ. Como diz Lopo de Sousa Coutinho no primeiro cerco de Dio *liv.*1. *cap.*11. *Andrada no mesmo, canto 6. fol.* 27.

CAPITULO CXVI.

De Jason, e Diogo Botelho.

JAson filho de Eson irmaõ de Peliás Rey de Thessalia, desejoso de emprender cousas dignas de immortal memoria, inventou hũa embarcaçaõ á feiçaõ, e traça de galé, a q̃ chamaraõ nao Argos, e mettendose nella cõ alguns mancebos de altos espiritos (donde lhe ficou o nome de Argonautas) fez sua jornada de Grecia ao rio Phaso de Colchos regiaõ de Asia em busca de hum vélo d'ouro, q̃ era fama estar naquella terra, e foy esta viagem taõ celebre dos Poetas, e authores antigos, como julgada cõ razaõ por temeraria, e de gente

que

que estimava pouco a vida, por ser muito cõprida, e dè semelhante genero de embarcaçaõ até aquelles tempos, aquelles mares nunca dantes navegados: donde ficou Jason muy estimado, e conhecido por sua fama de todos, e por homem de grandes espiritos, e sua ousadia havida em muito, e taõ memoravel, que inda hoje em dia nos dá que entender. *Valer. Flac. in Poema. Argonaut.*

Semelhante fama, e louvor ganhou pera si hum piloto Portuguez chamado Diogo Botelho, que andava na India em desgraça de seu Rey por ordem de falsos mexiriqueiros, e desejando cobrar a graça perdida, soccedeo fazeremse pazes entre o Soldaõ Baudur Rey de Cambaya, e o Governador da India Nuno da Cunha, e fundarse a Fortaleza de Dio, que tanto ElRey D. Joaõ III. desejava, em que pela nova della faria merce a quem lha dèsse primeiro. Determinou ser elle o mensageiro da nova antes que outro: para o que fez huma nova embarcaçaõ (á imitaçaõ de Jason) nunca atè entaõ vista, de dezoito pés de comprido, e seis de largo, e preparada de maneira, que a nenhuma tempestade se rendesse, e

com o neceſſario para a viagem com alguns marinheiros enganados ſe meteo nella, e partio caminho de Portugal, e depois de varios caſos, e deſcrimes de couſas que na viagem lhe acontecerão dobrou o temeroſo Cabo de Boa Eſperança, e chegou a Portugal proſperamente, atraveſſando a mayor parte do mundo em tão pequena embarcação, vencendo a mór maquina de difficuldades, que homem venceo com tanto riſco da vida, que a teve mil vezes perdida. O que foy no anno de 1535. ElRey o recebeo como tão grande, e eſpantoſo feito merecia com muito eſpanto de todos, que o julgavão por temerario, e enfadado da vida. Por onde ſua nova viagem mais ſe feſtejou neſte Reyno, que a nova da Fortaleza. Ouſadia, e façanha, que eſcureſſe, e poem em eſquecimento a celebrada fama da nao Argos, com a qual comparey a do noſſo Portuguez, pelo grande encarecimento, que os Authores della fazem, e não porque na realidade ſe poſſa comparar em comprida viagem, perigoſos mares, e outros trabalhos com a de Diogo Botelho. *Chron. delRey D. Joaõ* III. *p.* 3. *cap.* 13. *Fr. Anton. na hiſt. da India. p.* 1. *liv.* 3. *cap.*

cap. 18. *Maff. lib.* 11. *fol.* 256. E *Mariz Dial.* 5. *cap.* 1. Com outras Historias da India.

CAPITULO CXVII.

De Scipiaõ, e D. Nuno Alvares Pereira.

Magestade.

SCipiaõ Africano por suas maravilhosas virtudes, e militar esforço, adquirio tanta fama, naõ só com seus naturaes, mas com os estrangeiros, e de seus proprios inimigos, que de todos era commummente amado, e desejado ser visto. Tanto que estando elle huma vez em huma sua quinta chamada Literna, descançando do grande trabalho das longas guerras passadas, foraõ ter com elle alguns Capitães de seus inimigos só por verem homem de tanta fama. Scipiaõ imaginando que queremno roubar, ou matar, proveo com diligencia os seus de armas com tençaõ de se defender. O que advertindo os Capitães lhe disseraõ, que naõ temesse, porque naõ eraõ alli vindos a mais, que pelo ver; e conhecer pela grande fama, que de suas obras corria por toda a parte. Scipiaõ lhes mandou entaõ abrir as portas, e os fez entrar, agasalhandoos, co-

mo quem debaixo de ſuas mãos ſe metiaõ confiados em ſeu honrado primor, e na fé publica, e contentes de ver a Scipiaõ, fizeraõ volta para ſuas caſas. *Valer. Max. lib. 2. cap. 10.*

Semelhante aconteceo ao Conde D. Nuno Alvares Pereira, a quem na ventura das armas poucos o igualaraõ. Era amado, e temido atè de ſeus proprios inimigos, que movidos da grande fama de ſeu esforço, e felicidade nas vitorias, ſe vinhaõ a Portugal ſomente pelo ver, como couſa ſobrenatural, e de que tanto eſpanto havia entre elles. E vindo huma vez o Conde de Caſtella em hum lugar entre Caceres, e Arroyo del Puerco (em que eſtava com ſua gente alojado, e ſe vinha jà para o Reyno deſcançar das longas guerras, que com Caſtella teve, de que ſempre ſahio vencedor, e nunca vencido) vieraõ ter com elle alguns Caſtelhanos ſeus inimigos homens de conta, e amigos de bons feitos em armas, e entraraõ onde o Conde eſtava, dizendolhe com grandes ſalvas de cortezias, q̃ cõfiados em ſuas muitas virtudes, e bondades entravaõ daquella maneira ſem ſeguro: E pergũtados do Conde com roſtro alegre, e palavras de ſingular benevolen-

lencia, que queriaõ, responderaõ que naõ vieraõ a mais que a vello, como já tinhaõ visto. O magnanimo Conde os recebeo, e agasalhou com muita honra, e mandou dar de comer, que elles naõ aceitaraõ, por tornar a suas terras ledos, e satisfeitos de ver cumpridos seus desejos. Como diz *Fernaõ Lopes na Chron. del-Rey D. Joaõ I. p. 2. cap.* 162.

O mesmo acontecia cada hora ao grande Affonso de Albuquerque Sol de grandes Capitães, como lhe chamou Fr. Antonio de S. Romaõ na Historia da India Oriental, que estando em o Reyno, e Cidade de Ormuz se havia estendido o credito de seu esforço, e fama de suas milagrosas vitorias pelo Oriente q̃ vinhaõ (onde estava) tantos Mouros da Persia, e Tartaria, e de todas as partes do sertaõ para o ver, que senaõ podiaõ os Portuguezes ver desembaraçados delles. E porque por sua doença sahia poucas vezes fóra, pediaõ que o deixassem ver, porque naõ eraõ vindos de sua terra a outra cousa. E naõ faltaraõ muitos senhores que mandavaõ seus criados a Ormuz para q̃ lho levassem tirado pelo natural. Como se conta nos seus Commentar. *p.* 4. *c.* 41. e logo

Fr. Antonio p. 1. lib. 2. c. 17. fol. 293. col. 2.

 no

Cap. 42. se escreve que viera hum famoso Capitaõ do Xeque Ismael de sua terra só por ver Affonso de Albuquerque por a fama de sua pessoa, e grandezas, que corriaõ por aquellas partes.

CAPITULO CXVIII.

De Scipiaõ, e El Rey D. Affonso V.

Varões illustres particulares.

SCipiaõ Africano por a grande inclinaçaõ que sempre teve ás guerras de Africa, & por tomar a Cidade de Carthago poderosissima Republica alcançou, e mereceo, que lhe chamassem o Africano por alcunha. Titulo de muita honra, e fama, que os Romanos procuravaõ por todas as vias merecello. *Tit. Liv. Dec.* 3. *lib.* 6.

Semelhante titulo ganhou, e mereceo El-Rey D. Affonso V. por ser muy dado, e inclinado tambem ás guerras de Africa, e à perdiçaõ dos Mouros inimigos da Fè Catholica, e seus, contra os quaes fez Armadas, com que passou a Africa duas vezes, e ganhou de ambas muita honra, e credito, tirando do poder dos

Mou-

Mouros a nobilissima, e antiquissima Cidade de Tangere (que dizem foy edificio do Gigante Antheo) Arzila, e Alcacer Ceguer, e outros lugares que accrescentou ao Senhorio de Portugal, e fez outras entradas por suas terras havendo delles muitas vitorias, e guerreandoos com tanta vontade, e zelo, que ganhou o sobrenome de Africano. *Ruy de Pina na sua vida, Garcia de Resende, Mariz nos Dialog. Damiaõ de Goes na Chron. do Princ. Vasco Mausinho no seu Affonso Africano*, e outros.

CAPITULO CXIX.

De Fabio Maximo, e o Principe D. Joaõ.

FAbio Maximo excellente Capitaõ Romano nas cousas da guerra foy muito astucioso, e acautelado: pelo contrario seu companheiro Claudio Marcello foy estranhamente bellicoso, e arrebatado cavalleiro: em tanto, que apresentava batalha a Anibal seu inimigo Capitaõ Carthaginez cada vez que se lhe offerecia occasiaõ, de que sempre sahia com o peyor partido, em contrario de Fabio, que

com ſeus eſtratagemas, ardis, e dilaçoens perſeguia, e desbaratava, ſeu adverſario de ſorte, q̃ dizia por elles muitas vezes Anibal, que mais temia Fabio por ſuas aſtucias, e ardis, quando naõ pelejava, que a Marcello quando pelejava. *Plut. in apoph. Romanor. Eraſm. lib.* 5. *apoph.* 19. *de Fabio.*

Semelhantes dous Varoens teve Portugal em o Principe D. Joaõ, que as couſas da guerra fazia com tanta prudencia, ſizo, aſtucia, e cuidado, que deu bem em que entender aos Reys de Caſtella, em tempo q̃ traziaõ guerra com Portugal, e pelo contrario ElRey D. Affonſo V. ſeu pay naõ era taõ temido, com ſer naturalmente bellicoſo, e apreſſado, e confiarſe mais em ſeu esforço, que no concelho, e prudencia que ſe requere para a guerra: pelos quaes diziaõ, e affirmavaõ muitas vezes em pratica os Reys D. Fernando, e Dona Iſabel de Caſtella, que mór caſo faziaõ da aſtucia, e vigilancia do Principe D. Joaõ, que do acelerado, e denodado esforço delRey D. Affonſo ſeu pay (dito ſemelhante ao de Anibal) e aſſim era, que em ſuas guerras ElRey D. Affonſo, tocantes a Caſtella, foy pouco venturoſo,

roso, e temido, quanto temido, e venturoso o foy seu filho D. João. Assim o conta *Damião de Goes na Chron. do Principe D. João cap.* 83. *fol.* 81.

CAPITULO CXX.

Do Emperador Augusto, e ElRey D. *Manoel.*

AUgusto Cesar com ser Monarca, e pela fama de suas virtudes, bondades, e heroicos feitos, e proezas por seus Capitães, houve por grande felicidade sua (entre as mais) merecer ser visitado dos Reys da India, e Scythia com dadivas, e presentes, mandandolhe por seus Embaixadores pedir sua amisade dentro a Roma offerecendolhe pareas, e tributos, e reconhecimento de vassallagem. *Suet. in vit. August. cap.* 20. *Eutrop. rer. Roman. lib.* 2. *fol. mihi* 18.

Semelhante felicidade foy a de ElRey D. Manoel, que por suas grandes virtudes, bondades, e fama da grandeza de seu nome, e estranhos feitos de seus Capitães, mereceo, e foy justamente digno que os Reys de toda a In-

India; e Ethiopia a baixo do Egypto o visitassem com dons, e presentes de grandissimo preço, e valia, mandandolhe por seus Embaixadores pedir, e requerer paz, e amisade dentro a Portugal (como a Augusto em Roma) pagandolhe grossas pareas, e fazendose tributarios, e vassallos de taõ grande Monarca: cujos felicissimos feitos engrandeciaõ pelo mundo muito seu nome. Como contaõ largamente as Historias da India.

CAPITULO CXXI.

Do mesmo Augusto, e ElRey D. *Joaõ III.*

O Mesmo Augusto teve tanto amor a seus Vassallos, e criados, q̃ pelos naõ aventurar a algum perigo os desviava de todas occasioens, de que lhes podesse resultar algum nojo, ou dãno. E assim com isto foy muito amigo da paz, e fechou as portas de Jano, pola conservar. O que vendo o Povo Romano lhe naõ soube pagar tal beneficio senaõ com lhe darem o titulo de PAY DA PATRIA, que muito o ennobreceo. *Suet. in ejus vit. c.* 58.

Seme-

Semelhante foy ElRey D. Joaõ III. no amor que teve a seus Vassallos, e criados, aos quaes procurou sempre sua saude, desviandose, e fazendo o impossivel por os naõ meter em perigos, e occasioens mais de dáno, que de proveito. Poz seu Reyno em muita páz, e esta teve com todos os Principes Christãos, em quanto viveo, de que seus povos se houveraõ por taõ agradecidos, que em reconhecimento do galardaõ, lhe deraõ (como os Romanos a Augusto) o titulo de PAY DA PATRIA, do qual gozou, e justamente mereceo, e o punhaõ pelos marmores, e pedras insculpido, como hoje apparece em edificios daquelle tempo, e o diz *Mariz Dial. 5. cap. 3.*

CAPITULO CXXII.

De tres Reys de Roma, e outros tres de Portugal.

TRes Reys teve Roma, qual foy ElRey Romulo primeiro Rey, e fundador della, excellente por seu braço, e amigo de conquistar, e meter debaixo de seu jugo seus inimi-

migos, dos quaes alcançou importantes vitorias. O outro foy ElRey Pompilio, que governou seu Reyno com muita paz, e quietaçaõ, e sustentou seus povos, e vassallos com inteira justiça com benemerito de todos, naõ se esquecendo do culto divino, em que excedeo a muitos Principes de seu tempo. O terceiro foy ElRey Tarquino ultimo Rey dos Romanos; o qual desenquietou a Republica, que os Reys passados com grande cuidado, e trabalho tinhaõ conservado. *Tit.Liv. & Plut. & alij.*

Outros tres teve Portugal, qual foy ElRey D. Manoel primeiro fundador do Imperio, e estado da India em conquistar, e sobmeter a seu jugo por seus Capitães os inimigos da Santa Fè Catholica, assim em Africa, como na India, alcançando delles milagrosas vitorias. O segundo foy ElRey D. Joaõ III. seu filho, em governar seu Reyno com muita paz, e socego, e no amor q̃ teve a seus Vassallos igual a Pompilio, e no culto da Religiaõ superior com muita ventagem aos Principes Christãos de seu tempo; pois foy forte columna da Igreja, e propugnaculo da Fè muito zeloso da honra, e serviço de Deos. O outro foy o malafortuna-

tunado Rey D. Sebastiaõ, que tambem se pòde em certo modo chamar ultimo Rey Portuguez. O qual por seu estranho, e terribel esforso passou a Africa, onde foy desbaratado com grande inquietaçaõ dos povos de Portugal, que os Reys seus predecessores com muito concelho, prudencia, e trabalho conservaraõ. Como se vè nas Chronicas destes Reys.

CAPITULO CXXIII.

Dos Capitães Gonçallo Fernandes de Cordova, e Antonio da Sylveira.

O Grande Capitaõ Gonçallo Fernandes de Cordova foy muito esforçado, e venturoso em suas batalhas, e de boa pessoa, estatura, e proporçaõ de membros, e por todas estas partes muy invejado delRey Luiz de França, o qual dizia por este Capitaõ, que o tivera sempre comsigo, se lho concedera El-Rey Catholicó D. Fernando de Castella como aponta Fr. Antonio de S. Romaõ na Historia da India, *p.* 1. *liv.* 3. *cap.* 20.

Outro teve Portugal bem semelhante em o

Capi-

Capitaõ Antonio da Sylveira em esforço, valor em armas, e venturoso (quanto se podia desejar) em suas batalhas, e tambem muy envejado de ElRey Francisco de França depois que soube que vencera valerosamente a poderosa Armada do Graõ Turco no primeiro cerco de Dio, que taõ afamada he esta celebre vitoria pelas historias de Europa, e por isto dizia El-Rey de França, que o tivera sempre em seu serviço, e inda dera alguma cousa em cima, *se* naõ resultara aggravo a ElRey D. Joaõ III. de Portugal; como conta o mesmo Fr. Antonio no lugar citado. E escreve Maffeo, e *Mariz*, que se affeiçoou delle taõ de siso com o naõ ter nunca visto, que o mandou retratar a este Reyno, e o poz antre as medalhas, e retratos dos mais famosos Capitães do mundo, dizendo delle mil louvores.

Maff. lib. 11 Mariz Dialog. 5. cap. 1.

CAPITULO CXXIV.

De Eneas, e D. Vasco da Gama.

ENeas Capitaõ Troyano, queimada, e destruida a Cidade de Troya sua patria, fugindo

gindo da furia dos Gregos vencedores, passou nos mares até chegar a Italia grandissimos trabalhos, infortunios, e sobresaltos (fallo conforme o encarecimento dos Poetas) de que com difficuldade se livrou, sofrendoos com tanto esforço, e animo, quanto mereceo, que só o Mantuano Virgilio Principe da Poesia heroica lhos cantasse, e perpetuasse em seu raro, e unico verso. *Virgil. in tota Æneid.*

Semelhante foy o grande, e animoso Capitaõ D. Vasco da Gama na sua prolongada viagem do descobrimento da India, sendo o primeiro que deu noticia, e descobrio o famoso Imperio, q̃ a naçaõ Portugueza là tem, alcançãdo mais fama, e louvor (como muy bem advertio o douto Joaõ de Barros *Decad. 1. livr. 5. cap. 11.*) que o Troyano Eneas, pois descobrio novas Estrellas, e Regioens incognitas, e inauditas, conquistando tantas, e taõ varias nações, e terras riquissimas havendo grandes batalhas, em que se vio por muitas vezes em mãos da morte: arvorando a bandeira da Cruz de Christo, e levando a Fè Catholica do Occidente ao Oriente, mostrandose hum vivo exemplo de trabalhos, que com estranha paci-

encia

encia sofria, passando tantos sobresaltos, enganos, e traições, de que milagrosamente se livrava, por tres vezes que passou à India, que por isso da primeira vez mereceo fazello El-Rey D. Manoel Conde da Vidigueira de juro, e Almirante do mar Indico, e honrallo entre outras merces com o titulo de Dom, para elle, e seus irmãos, e descendentes, e darlhe hum dos escudetes das Armas Reaes, que meteo no meyo de seu escudo dos Gamas (que he *dez* escaques douro, e vermelho, tres peças em faxa, e cinco em pala; e as peças vermelhas acoticadas com duas faxas de prata) e por *timbre* hum Nayre da cintura para cima, vestido ao modo da India com hum escudo das Armas na maõ, á differença do que trazem os outros Gamas, q̃ he huma gama douro, faxada com tres faxas vermelhas. De quem disse Joaõ Rodrigues de Sá nas trovas das gerações:

Armas dos Condes da Vidigueira.

A quem lhe achou novo mundo,
nova terra, novo clima,
deu o Rey em grande estima,
sobre as de Gama em fundo
as suas Armas em cima.
E em quanto durar a fama

que

que ainda de si derrama
sempre irà o nome avante
do seu primeiro Almirante
esse Dom Vasco da Gama.

Cuja viagem mereceo ser decantada só pelo grande Luiz de Camões Principe da Poesia heroica, que levantou a gloria deste feito no grao qne elle merçce. Como tudo consta das historias da India.

CAPITULO CXXV.

De Catão Censurino, e D. Francisco de Portugal.

CAtaõ Censurino foy varaõ de admiravel prudencia, aviso, e saber, assim nas cousas da paz, como nas da guerra, e concelhos do Senado, e em sua fala, gesto, e meneos de muita gravidade, e authoridade, e muy sentencioso, e eloquente, e naõ menos esforçado cavalleiro, como se vio em algumas emprezas em que se achou. *Plut. in ejus vit. & alii.*

Semelhante Cataõ teve este Reyno em D. Francisco de Portugal primeiro Conde da nobilis-

bilissima, e muy illustre casa do Vimioso, na grande prudencia, saber, e aviso nas cousas da guerra, e concelhos dos Reys D. Manuel, e D. Joaõ III. seus tios, e dos Principes seus filhos, que servio. Foy varaõ de grande governo, confiança, authoridade, verdade, e cortezia por o qual alcançou grandes carregos, e officios nas casas Reaes. Foy de estranha modestia na pratica, e gravidade de sua pessoa, e taõ temperado em suas acçoens, que diz Damiaõ de Goes, que lhe chamaraõ o Cataõ Portuguez. E porque nada lhe faltasse, era naturalmente eloquente, e cheyo de *excellentes* sentenças, das quaes anda hum livrinho impresso por ordem, e diligencia de D. Henrique seu neto. Foy estremado cavalleiro, e esforçado, e valeroso guerreiro, como testemunhaõ as Chronicas do Reyno, em que se referem suas proezas, que fez com poucos contra muitos nos campos Africanos, e eu as recupillo noutra parte com muita curiosidade. Consta de Damiaõ de Goes na Chronica do Principe c.17. *E na delRey D. Manuel. Osorna mesma. Garcia de Resende.* E outras memorias de sua vida, ditos, e feitos.

CA.

CAPITULO CXXVI.

De Alexandre, e Infante D. *Joaõ.*

ALexandre Magno foy taõ excellente cavalleiro, e taõ destro, que os cavallos indomitos, e brabos, que pessoa alguma naõ podia amansar, assim os desenvolvia, e manejava, como se de pequenos os tivera avezados, e ensinados a sofrer cavalgar nelles. *Plin. in nat. hist. lib.8. cap.42. Erasmus lib.4. apoth.40. de Alexand.*

O mesmo se conta por cousa notavel, e muy particular, do Infante D. Joaõ, irmaõ de El-Rey D. Joaõ I. que morreo em Castella. Foy grande cavalgador de gineta, e brida, e taõ destro, que affirmaõ as Chronicas, que em toda Hespanha, naõ havia quem melhor, e com mais graça, e facilidade desenvolvesse qualquer cavallo por brabo, e indomito que fosse. E os que grandissimos, e destros cavalleiros naõ podiaõ domar, assim os manejava (semelhante a Alexandre) como aos mais mansos, e ensinados. Como affirma Fernaõ Lopes na

Chronica delRey D. Fernando *cap.* 98. *Duarte Nunes na delRey* D. *Pedro I. fol.* 175.

CAPITULO CXXVII.

DelRey Lycurgo, e Francisco Pereira Pestana.

ELRey Lycurgo Rey de Esparta nada foy afeiçoado a guerras contra seus inimigos, continuadas, antes desviava aos seus, e os aconselhava com muita prudencia, e fundamento fogir dellas dando por razaõ, que em quanto por muitas vezes se defendiaõ *seus* cõtrarios, se exercitavaõ, e faziaõ destros no uso das armas com que depois pelejando com destreza, e piricia poderiaõ (como se vé cada hora) enfadar, e molestar suas terras. *Erasm. in apoth. lib.* 1. *apoth.* 66. *de Lycurgo.*

O mesmo parecer sentio, e observou Francisco Pereira Pestana, Fidalgo muito honrado, e que por sua pessoa, e grandes feitos mereceo ser hum dos principaes Varões illustres, naõ só de Portugal, mas da redondeza da terra. O qual pelo grande uso que tinha das guerras de Africa, Asia, e da India (em que pessoalmen-

soalmente se tinha achado pelejando com muito esforço em lanços onde a perda da vida era mais certa, que a salvaçaõ della) foy sempre de parecer, e naõ só o aconcelhou, fazer pazes com os Indios inimigos dos Portuguezes, e o disse depois a ElRey vindo (em pago dos bons serviços que á ElRey fizera) prezo ao Reyno, dizendo, que os seus faziaõ a seus contrarios destros em toda maneira de guerra por mar, e por terra, donde procedia já atreverense contra os Portuguezes, e estimallos em pouco, chegando à tal estremo que os puzeraõ em perigo, naõ só das vidas, mas de todo o estado da India. Por onde sentia melhor conservar aos Indios em paz honrada, e necessaria àquelles tempos mormente, pois naõ lhe cabia a ElRey em deshonra, que os muitos ganhos, e proveitos, que das taes guerras se poderiaõ conseguir. O que na verdade assim era, que por se quebrarem os contratos prometidos, e por bem leves causas, levantadas guerras mal começadas se levantou a China contra os nossos, e outras terras daquelle Oriente, donde recreceraõ tantas perdas, e danos, que claramente exprimentaraõ os Por-

tuguezes á sua custa as verdadeiras palavras do prudente Varaõ nas cousas militares taõ versádo, que arrependidos jà do começado, buscavaõ nelle concelho, e remedio a seu mal. *Constat ex codice ejus factor.*

CAPITULO CXXVIII.

De Cynèas, e ElRey D. Joaõ III.

Rara memoria.

CYnèas Epyrota foy de taõ grande, e feliz memoria, que de hum dia chegado a Roma, aprendeo os nomes de todos os *Senadores* Romanos, que eraõ em grande numero, e os dos cavalleiros, e gente principal, e os conhecia de rostro, e os nomeava por seus proprios nomes, e os dizia, e repetia de memoria com tanta ordem, e concerto, como se os ouvera tratado, e conversado muito tempo. *Plin. nat. Hist. lib. 7. c. 24. Cato. Stephan. in verbo Cyneas. Senec. lib. 1. declamat. in prolog.*

Semelhante felicidade de memoria teve El-Rey D. Joaõ III. que a primeira vez que foy à Cidade de Coimbra, despois que huma vez lhe disseraõ os nomes dos estudantes della, e

lhes

lhes mostraraõ, sempre dali adiante a quantos fallava, o fazia por seus proprios nomes sendo naquelle tempo (em que elle fizera de novo aquella celebre Universidade, e concorriaõ de longas terras varias nações de gentes) elles, e os appellidos em grande numero, e bem differentes, e os conhecia de rostro, e os dezia de memoria, como se os tratara muito dantes, e sabia em que Classe andavaõ, e perguntava por elles aos Mestres, os quaes (affirma Diogo de Teyve) que a seus proprios discipulos, porque ElRey perguntava, naõ sabiaõ os nomes. *Jacob. Tevius in oration. funebr. Reg. Joannis* III. *Mariz Dialog.* 5. *cap.* 3.

CAPITULO CXXIX.

De Cicero, e D. Jeronimo Osorio.

MArco Tullio Cicero foy muy eloquente na lingua Latina, e em sua frase, estylo, e modo de fallar, excedeo a todos os Latinos atè seu tempo, e muito depois, em tanto que alcançou o sobre nome de Principe da lingua Latina, e suas obras com sua fama o apre-

goaõ, e Plutarco na ſua vida, e outros.

Outro ſemelhante ſe acha em Portugal, qual foy D. Jeronimo Oſorio Biſpo do Algarve, que foy igual a Cicero na eloquencia, eſtylo, e fraſe, e finalmente até hoje o que mais o imitou, ſeguio, e igualou neſta materia; pelo qual conſeguio, e dignamente mereceo o titulo, e ſobrenome tambem de Principe da lingua Latina. Suas excellentes obras teſteficaõ ſeu engenho, e moſtraõ em quaõ igual Parallelo ſe poz com Tullio. Vejaſe ſua vida que em Latim compoz o Doutor Jeronimo Oſorio ſeu ſobrinho: onde ſobre eſta materia ſe acharaõ muitos paſſos, e ditos em ſeu louvor.

CAPITULO CXXX.

De Tito Livio, e o meſmo Biſpo Oſorio.

TItò Livio Hiſtoriador Romano floreceo em tempo do Emperador Tiberio Ceſar com taõ grande fama de ſeu engenho, e letras, mórmente quando tirou a luz os livros com titulo de Decadas da hiſtoria Romana, que naõ ſó mereceo ſer amado, e louvado de ſeus

naturaes, e havido pelo melhor Historiador da lingua Latina atè aquelle tempo, mas mereceo ser visitado de muitos Hespanhoes, e Francezes, que movidos de sua fama, deixavaõ a quietaçaõ de sua patria, pelo irem ver a Roma, e acabada a visita se tornavaõ para suas casas. *D. Hyeron. in prol. Bibl. Bapt. Fulg. liv. 3. Eboren. cap. de gravit.*

Naõ menos louvor, e fama ganhou, e adquirio o mesmo Bispo D. Jeronimo Osorio por seu maravilhoso engenho, letras, e saber em tempo dos Reys D. Joaõ III. e D. Sebastiaõ, dos quaes naõ só foy muy louvado, e estimado, e de seus naturaes, mas das nações estrangeiras com muito louvor de seu nome, estimado, e desejado ser visto; particularmente, quando sahiraõ a luz os livros da Justiça Celestial: os quaes foraõ recebidos, e julgados por muy doutos, e proveitosos, de todos os homens doutissimos, naõ só na Christandade, mas na gema dos sequazes da pestifera heregia de Luthero, cujos animos foraõ confirmados ao culto da Religiaõ Christãa com a liçaõ delles, e muitos lhe escreviaõ suas cartas, agradecendolhe serlhes guia da salvaçaõ de suas almas, e mui-

muitos destes se vinhaõ de Inglaterra, Alemanha, e Sarmacia a Portugal só pelo verem (como faziaõ os Hespanhoes, e Francezes a Tito Livio) e como o viaõ, faziaõ volta para suas terras. Do que he testemunha de vista o Author de sua vida alegado, que com muita verdade, e inteireza compoz, e o Doutor Bernardo da Fonseca tambem seu sobrinho, que a traduzio em Portuguez, posto que ainda naõ foy impressa.

CAPITULO CXXXI.

De Bello, e D. Gonçalo Rodrigues de Palmeira.

BEllo Capitaõ de Alexandre Magno foy estranhamente grosseiro nas palavras, e em sua conversaçaõ, e pratica, mas muito sesudo, e entendido, e naõ menos esforçado por sua pessoa, e animoso sobre todos os do Exercito. *Curc. lib. 6. cap.* 11.

Semelhantes partes teve D. Gonçallo Rodriguez de Palmeira (chamado assim por ser senhor do couto deste nome que naquelle tempo era cousa grande) filho do valeroso Conde

D.

D. Rodrigo Frojaz ſenhor de Traſtamara em o Reyno de Galiza, da familia dos Pereiras; que ſendo muito groſſeiro nas palavras, e ornato dellas, e trato de converſaçaõ, foy muito esforçado, e ſingular Cavalleiro, como bem moſtrou em muitas batalhas em que ſe achou, que conta o Conde de Bracellos D. Pedro filho illigitimo delRey D. Diniz de Portugal no *livro* das linhagẽs, e nobreza de Heſpanha titt. 22. delRey Ramiro II. de Leaõ §. 6. Argote na nobreza de Andaluzia liv. 1. cap. 90.

E já que aqui faley no Conde D. Rodrigo Frojaz (por occaſiaõ de D. Gonçalo Rodrigues de Palmeira ſeu filho) o primeiro que deu aos Pereiras de Portugal as Armas que hoje trazem: ſendo aſſim que no primeiro capitulo pus huma cota, em que dizia que da batalha de Conſtantino, primeiro Emperador Chriſtaõ eſta nobre famillia tinha a origem de ſuas Armas, naõ ſerá fóra de propoſito, inda que de meu inſtituto faça alguma digreſſaõ, dar noticia de antiguidade taõ notavel, como ategora mal ſabida. He pois de ſaber, que o tronco, e origem dos Pereiras deſte Reyno foy o Conde D. Mendo (como lhe chama

ma o Conde D. Pedro nas linhàgens tit. 7. §. 1, ou Edmundo, que he o proprio nome, ou Monido, como lhe chamou o santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira numa escritura) da geraçaõ dos Godos : o qual vindo de Roma com huma poderosa frota com tençaõ de se fazer Rey por estas partes, aportou em Galiza com alguns companheiros, que dos temporaes (em que quasi todos os navios se perderaõ) escapáraõ. Este Conde por descender por linha direita do Emperador Constantino trazia por divisa de suas Armas huma Cruz vermelha, à imitaçaõ da que apparecera em o ar ao Emperador seu ascendente, que tambem a tomou por divisa, e a levava diante de si, a que chamavaõ o Labaro, como conta Eusebio, e outros. Casou o Conde D. Mendo com Dona Joanna Romães, filha do Conde D. Romaõ, irmaõ d'ElRey D. Affonso o Casto, e della teve o Conde D. Froja Mendes, que foy casado com Dona Grixevera, filha do Conde D. Alvaro das Asturias, dos quaes procedeo o Conde D. Bermu Frojaz, o qual teve de D. Aldonça Rodriguez sua mulher (filha do Côde D. Rodrigo Romães Conde de Montoroso)

Diz o Côde D. Pedro t. 22. ¶. 3. q̃ naquelles têpos chamavaõ ás terras q̃ os Reys davaõ aos fidalgos Côdados, e a elles Condes, e q̃ este D. Rodrigo Frojaz nũca se quisera chamar Côde.

ſo) o Conde de D. Forjaz Vermuiz, que foy o que venceo com a juda do Conde D. Rodrigo Romães a ElRey D. Affonſo de Leaõ, que entaõ começava a reinar, na batalha de Maſfara entre Villalva, e Betaneos. D. Forjaz caſou com Dona Sancha, de quem houve ao Conde D. Rodrigo Forjaz ſenhor de Traſtamara em Galiza: o qual prendeo peſſoalmente a ElRey D. Sancho de Caſtella nos campos de Santarẽ, e o mandou preſo a ElRey D. Garcia ſeu ſenhor, irmaõ do Rey preſo, que o queria excluir do Reyno, porèm morreo neſte trance. *Deſte* D. Rodrigo Forjaz, chamado o Bom, e de ſua mulher Dona Moninha Gonçalvez, filha de Gonçallo Mendes da Maya, o Lidador, Adiantado d'ElRey D. Affonſo Henriquez, e genro de Egas Moniz, naſceu D. Forjaz Vermuiz de Traſtamara, o qual caſou com Dona Elvira Gonçalves filha de D. Gonçallo Munhoz de Villalobos, dos quaes procedeo o Cõde D. Rodrigo Forjaz o moço, que ſe achou na conquiſtã de Sevilha por ElRey D. Fernãdo III. de Caſtella, e matou às punhaladas a Acaçaf valeroſo Mouro, filho d'ElRey de Tunez, e lhe cortou a cabeça, e a trouxe a El-

Rey,

Rey. O Conde D. Rodrigo Forjaz o moço, casou cõ Dona Urrac Rodrigues de Castro, dos quaes procedeo a D. Gonçallo Rodrigues de Palmeira, de q̃ neste capitulo se trata. Pois este D. Rodrigo Forjaz o moço se achou na memoravel batalha de Ubeda, nas Navas de Tolosa, que se ganhou o anno de 1212. no dia da qual conta a Chronica geral de Hespanha, e Argote, e outros, e he cousa averiguada, que appareceo no Ceo huma Cruz vermelha, semelhãte a de Calatrava pelo meyo, e floreteada, por apparecer desta maneira no Ceo: a qual muitos cavalleiros, que alli se achàraõ, tomàraõ por Armas, como diz Argote na nobreza de Andaluzia, e hoje trazem os do appellido de Reinoso, que (segundo Gonçallo Fernandes de Oviedo, Chronista dos Reys Catholicos em seu Cathalago Real) foy o primeiro que vio a Cruz, e ElRey *D.* Affonso lha dera por Armas, e os das familias de Alarcon, Tolosa, Segura, Vilhegas, Santoyo, Pãtoja, Caro, Melgarejo, Romo, Villagomes, Medrano, Ibarguem, Alderete, Arbolanche, Mariana, Mazariegos, Sotello, Romaõ, Ovãdo, Daça, Caso, Lugo, Barco, Aljofrin, Aça, Fuen-

Fuente Almexir, Lerma, Avasto, Ribas, Santa Cruz, Tolosano, Palacio de Apate, Puerto, Obregon, Ribadeneira, Gordoncilho, Solier, Argote, Fuente mayor, Gongora, Buytrón, e naõ duvido, que outros muitos, inda que com diversas cores. E porque jà D. Rodrigo Forjaz Portuguez tinha por Armas a Cruz (que trazia D. Mendo seu ascendente) de cor vermelha em campo de prata por memoria desta batalha em que se achou estando desavindo d'El-Rey de Leaõ com quem vivia, pelejou valerosamente com licença do mesmo Rey D. Affõso de Castella mudou as cores, fazẽdo a Cruz vermelha de prata refẽdida em meyo, floreteada como a que alli appareceo (no que bem se vé que a trazia simples dantes sem flores nas pontas) e a assentou em campo vermelho, sẽdo dantes de prata. E bem parece que isto se respeitou em tempo d'ElRey D. Manuel quãdo mandou fazer os livros da Armaria, que às Armas dos Pereiras deu por timbre a mesma Cruz de vermelho entre duas azas de Anjo de ouro, assim pela veneraçaõ da Cruz, como a respeito da que milagrosamẽte appareceo em Ubeda. As quaes Armas despois usaraõ os in-

clitos

clitos Pereiras seus descendentes. Bem sey que diz Argote citando em seu favor a Joaõ Rodrigues de Sà Portuguez nas addições do Cõde D. Pedro que por memoria desta batalha tomou Rodrigo Forjaz a Cruz de prata *em* vermelho. Naõ sey de taes addiçoens, pois *inda* as naõ alcancei : maz do mesmo Joaõ Rodrigues de Sá, e de D. Joaõ Ribeiro Gayo Bispo de Malaca nas trovas das geraçoens consta outra cousa diferente, por dizerem ambos que a Cruz dos Pereiras apparecera sobre huma Pereira, estando hum desta familia para dar batalha a hum Mouro. O que eu daqui *mais* creyo he, que esta foy a Cruz que appareceo nas Navas de Tolosa, onde foy o Rey Mouro vencido, e que despois naõ faltou quem incorporasse em suas Armas dos Pereiras huma Pereira por allusaõ do nome: como se vè em muitas gerações de Hespanha que em suas Armas puseraõ peças, e figuras, e ainda o appellido das terras de que eraõ senhores. Que o Conde D. Rodrigo Forjaz, e seus ascendentes trouxessem jà a Cruz por Armas, e na batalha de Tolosa as mudasem, vereficasse por huma escritura publica de composiçaõ, e trãsacçaõ,

que

que està em o Archivo do Real Convento do Carmo de Lisboa, que fundou o santo Condestavel, feita entre o mesmo Condestavel, e seu segundo primo D. Ruy Vasquez Pereira, que foy o que deu principio á casa dos Pereiras, que chamaõ do Lago sito seu solar na quinta de Rendufe na Beira, aqual està em pergaminho. O escaimbo que fizeraõ entre ambos, foy, que o Condestavel lhe deu Cabeceiras de Basto, que ElRey D. Joaõ I. tinha dado a Dona Lianor de Alvim (da antiquissima familia dos Alvins, ou Albinos corrupta a palavra de Albanos) sua mulher em casamento pelas terras de Paiva, e Baltar, que eraõ de Joaõ Rodrigues Pereira. Feita a escritura o anno de Christo de 1392. aos 7. dias de Outubro: Onde se toca como o dito Joaõ Rodrigues Pereira descẽdia por linha direita do Conde D. Rodrigo Forjaz que se achou nas Navas, onde mudou o escudo das Armas na fórma que hoje se tras, e refere a mudança que D. Rodrigo fez no escudo, que como cousa taõ antiga se deve dar mais credito, que a conjecturas, e por digna de memoria a puz neste lugar, entendendo que animos curiosos como insaciaveis de semelhantes anti-

T guidades,

guidades, naõ me attribuiriaõ a impertinencia fazer de cousa taõ notavel memoria. Naõ merecendo por isso menos louvor o Padre Fr. Jeronimo da Encarnaçaõ, Suprior agora do Carmo de Evora, que a communicou commigo, e o trata doutamente, e com mais particularidade na Chronica do santo Condestavel D. Nuno Alvarez Pereira, e sua ascendencia de tempos antiquissimos, e descendencia, com que cedo sairà a luz.

CAPITULO CXXXII.

De Cataõ, e ElRey D. Joaõ II.

Apothemas, ou ditos avisados

MAndando o Senado Romano a Bythinia por Embaixadores a tres Romanos à fazer pazes entre certos Reys, entre si descordados, e odiosos; contemplando Cataõ Censorino estes Embaixadores, riose a modo de escarneo, e disse, que o Senado Romano enviava huma Embaixada, que naõ tinha pés, nem cabeça, nem coraçaõ. Alludindo a hum dos Embaixadores sair de huma briga escalavrado na cabeça de huma pedra, e assim mostrava hũs feyos

feyos sinaes, que lhe ficárão: e o outro ser muy doente do mal da gota, e o terceiro trabalhado do coração. *Appian. in Methrid.*

Semelhante foy o dito de ElRey D. João II. na Embaixada que os Reys Catholicos de Castella D. Fernando, e Dona Isabel sua mulher, lhe mandárão por D. Pedro de Ayalla, e D. Garcia de Carvajal irmão do Cardeal Santa Cruz: pelos quaes ElRey despois de ouvir tudo ser fóra de razão, e proposito, disse, q̃ aquella Embaixada d'ElRey, e da Rainha seus primos não tinha pés, nem cabeça nas pessoas dos Embaixadores, e na conclusão della. E dizia isto por o D. Pedro ser manco de huma perna, e coxear bastantemente della, e o D. Garcia muito vão. Como conta *Garcia de Resende na Coronica deste Rey cap.* 265. *Maffeo lib.* 1. *rer. Indicar. fol.* 18. E.

CAPITULO CXXXIII.

De Scipião, e o mesmo Rey D. *João II.*

SCipião o menor vendo a caso a hum cortesão estar mostrando a outros hum escu-

do Armas muy forte, lavrado, e polido, e que todo se levava de sua fortaleza, guarniçaõ, e feitio, lhe disse, que o escudo certamente era fermoso, e de estima, mas que o bom Romano havia fiar mais em o valor de seu braço, que no escudo. Dando a entender, que pouco montavaõ fortes Armas, quando o espirito faltava. *Plut in apoth. Romanor. Erasm. lib. 5. apoth. 16. de Scipion.*

O mesmo disse o mesmo Rey D. Joaõ, perante o qual estando certos senhores, e fidalgos de sua Corte hum dia em pratica sobre qual era melhor espada, se a comprida, *ou a curta.* Sendo os mais de parecer que a comprida, respondeo ElRey, que muito melhor era a espada curta: porque o verdadeiro Portuguez naõ havia de ferir senaõ com os terços. Mostrando que no valor do braço consistia o verdadeiro esforço, e em bom animo, e naõ no comprimẽto da espada. Como conta Resende na sua vida cap. 196.

CAPITULO CXXXIV.

Dos Reys Artaxerxes, e D. Joaõ III.

ELRey Artaxerxes de alcunha o da longa maõ, pedindolhe Satibarzanes seu grande privado certa cousa pouco justa, e honesta lha naõ quiz conceder. Porèm sabendo, que Satibarzanes estimava o que lhe pedira em trinta mil Daricos (moeda da quelle tempo que fazia soma) mandou chamar o thesoureiro, e lhe mandou dar os trinta mil Daricos só por naõ fazer, e conceder o que naõ devia. *Plut. in apoth. Reg. & Imperat. Erasm. lib. 5. apoth. 19. de Artaxerx. Bapt. Fulg. lib. 6.*

O proprio fez ElRey D. Joaõ III, a hum cavalleiro que viera de Africa vestido em hum capuz de dó, e huma corda ao pescoço, pedindo a S. A. justiça de D. Alvaro de Abranches Capitaõ de Azamor que o mandara açoutar. ElRey sabendo que fora justamente açoutado o cavalleiro, e que era homem de baixa conta, perguntoulhe em quanto estimava aquella affronta? E respondendo o cavalleiro, que em

mil, e quinhentos cruzados: àcudio ElRey: tantos vos mandarey dar. E assim o fez, estimãdo mais contentar o injuriado, e suprir àcusta de sua fazenda à falta do Conde, que mandal-lo castigar em pago, e galardaõ do que por seu serviço fazia em Africa com tanto perigo de sua vida. Como diz Mariz Dial. 5. cap. 3.

CAPITULO CXXXV.

De ElRey Charillo, e o mesmo Rey D. Joaõ.

CHarillo Rey de Grecia, descomedindo se-lhe hum criado seu compalavras prolixas, e com menos decencia, do que convinha a seu Rey; com muita paciencia, e grandeza de animo lhe disse, que sempre lhe tirara a vida se naõ entendera que estava agastado. E voltando as costas, deixou ào criado com a palavra na bocca. *Plut. in apoth. Grecor.*

Semelhante aconteceo a ElRey D. Joaõ III. com hum homem; que com certo requerimento o importunou tãto, que enojado de sua prolixidade, o deixou sem resposta, e se metteo noutra casa, onde entrando logo com elle D.

Antonio

Antonio de Attaide primeiro Conde da Castanheira grande seu privado, e conhecendolhe no vulto hum modo de nojo, e descontentamẽto lhe preguntou a causa a que ElRey respondeo, que lhe fallara alli Joaõ (nomeando o por seu nome) com palavras taõ descomedidas, que estivera para o levar pelos cabellos: e se o tivera feito toda sua vida fora triste. No que mostrataõ estes excellentes Reys a paciencia, e sofrimento em as demasias de seus criados, e vassallos. *Mariz Dial. 5. cap. 3.*

CAPITULO CXXXVI.

De Scipiaõ, e o Duque D. Jaimes, e Capitaõ Alvaro de Carvalho.

SCipiaõ pelo muito que amava, e queria a seus soldados costumava dizer, que melhor era salvar, e defender hum soldado, ou hum Cidadaõ seu, que matar cem inimigos. Sentença digna de taõ grande, e excellente Capitaõ. *Sabel. lib. 5. exempl. Andr. Ebor. cap. de charit. erga homines.*

Semelhante sentença, e zelo teve o Duque de

de Bragança D. Jaimes, como se vio claramẽte em Azamor Cidade de Africa, que elle conquistara por mandado d'ElRey D. Manuel seu tio o anno de 1513. á força de armas, e rijos combates, o que metteo em tanta desconfiança os Mouros das Cidades de Almedina, e Tite, que estaõ ao Poente de Azamor, que as despejaraõ, e o Duque as mandou cobrar por seus Capitães. Os quaes com outras pessoas desejosas de honra aconcelharaõ ao Duque, que pois tomara aquella Cidade com tanto valor, que obrigados os Mouros do temor, e furia de suas armas, tinhaõ despovoadas as *outras*, desse sobre Marrocos. O Duque com muita prudencia (semelhante á Scipiaõ) ainda que contra sua natureza, o naõ consentio, dizendo que alem de ser cousa contra o Regimento Real julgava por grande louvor salvar, e guardar antes hum Cidadaõ, que matar muitos inimigos. Como escreve o Bispo do Algarve D. Jeronymo Osorio na Chronica d'ElRey D. Manuel que fez em Latim, *lib. 9. fol.* 333.

Da mesma usavá o Capitaõ Alvaro de Carvalho, que defẽdeo o nome a do cerco de Mazagaõ, que sentia tanto hum cavalleiro, ou soldado,

dado, que lhe nas guerras mataváõ, ou faltava da companhia, que costumava dizer, que mais queria a vida de hum dos seus cavalleiros, ou soldados, que a morte de duzentos Mouros, que tanto os amava, e queria, e se algum perdia, por grande que fosse a vitoria a naõ celebrava como era devido, e se entrestecia muito naõ a festejando como era bem o fizesse. Como diz Agostinho de Gavy no cerco de Mazagaõ fol. ult.

CAPITULO CXXXVII.

De ElRey Agis, e Luiz Gonçalves Malafaya.

AGis Rey que despois foy de Lacedemonia o primeiro do nome filho de Archidamo, indo por Embaixador a ElRey Felippe de Macedonia só sem mais companhia, nem apparato, estranhando Felippe a novidade, e fórma da nova Embaixada lhe perguntou, que negocio era o seu, e como vinha taõ desacompanhado, que com sua pessoa sómente representasse a authoridade de quem o mandava? Ao q̃ Agis com muita dessimulaçaõ, e facilidade respondeo: Senhor, entendeo quem me ca man-

da que para hum só homem, bastava outro homem sómente. Dandolhe a entender (salvo melhor juizo, e explicaçaõ de Erasmo) a pouca cõta, q̃ fazia de quem procurava por vẽtura aniquilallo. *Erasm. lib.* 1. *apoth.* 2. *de Agid.* 1.

O mesmo aconteceo a Luiz Gonçalves Malafaya (que já atraz faley) na Corte dos Reys Catholicos D. Fernãdo, e Dona Isabel de Castella, onde os Embaixadores de Portugal andavaõ enfadados sem poder haver conclusaõ das pazes, que ElRey D. Joaõ II. de Portugal procurava haver com Castella. Luiz Gonçalves falou a ElRey sobre o negocio só, nem mais cõpanhia vestido de caminho, e vendo ruins termos nelle, o desafiou a guerra, fogo, e sangue com tanta viveza, e determinaçaõ, que lhe disse ElRey em som de despeito pelo ver pequeno de corpo, e demasiadamente colerico, e arrebatado. Rogovos que me digaes, ElRey meu primo naõ tinha em seu Reyno outra pessoa, q̃ mãdasse a mim com este desafio, e Embaixada, senaõ a vós. Respondeo Luiz Gonçalves. ElRey meu senhor muitos homens tinha de muito grandes qualidades, mas a mim mandoume a V. A. por lhe parecer, que abastava para a

substancia

substãcia do negocio. Entẽdẽdo ElRey o subtil remoque; dessimulou, e o despachou como acima fica dito. O que tudo consta da Relaçaõ, que ha neste Reyno desta Embaixada, e eu vi, e tresladey: de hum livro antigo, que foy do Infante D. Luiz q̃ tem em Lisboa Ambrosio Sequeira da Torre, Fidalgo nobilissimo, com varias cousas, e memorias antigas mórmente deste Reyno.

CAPITULO CXXXVIII.

De Diogenes Cynico; e Luiz de Saldanha.

PErguntado Diogenes Cynico (Filosofo excellentissimo, e muy celebre por seus avisados, como graciosos ditos) por Xeonidas, como queria que o enterrassem quando morresse? respondeo, que de bruços. Perguntado porque? respondeo que o mundo havia ainda de dar huma volta, e elle havia ficar com o rostro para riba. Fazendo o lanço aos Lacedemonios, que naquella sazaõ eraõ senhores do melhor, e de baixa condiçaõ, e sorte se faziaõ os melhores do Reyno: e se o mundo desse (como

costua

costuma) outra volta, em que as cousas na mayor altura tem menos firmeza, nem duraõ muito tempo, ficaria elle entaõ melhorado, e com ventagem com o rosto para cima, e com estado differente do presente em que se via. *Erasmus lib. 3. apoth. 24. de Diogen.*

O proprio dizia Luiz de Saldanha nobre Fidalgo de Santarem, grande cortesaõ, e galãte em sua pratica, e conversaçaõ, a ElRey D. Sebastiaõ, que de seus ditos tinha particular gosto: vendo que alguns subiaõ, e elle nada medrava mais do que tinha, disse a ElRey, que quando morresse, se havia mandar *enterrar* com a cabeça para baixo, e os *pés* para cima (como Diogenes) porque o mũdo havia de dar huma volta, e elle havia de cahir direito. Dando a entender sua pouca ventura com o mesmo Rey. *Ex codice dictor. Lusitanor.*

CAPITULO CXXXIX.

Dos Capitaens Phylopemen, e Pedro Cardoso de Andrade.

O Grego Phylopemen Capitaõ dos Acheos, sendo convidado por hum cavalleiro

leiro natural da Cidade de Megara, e indo-se ao convite só antes da hora do tempo em que seu hospede andava em negocios na Cidade. A hospeda vendo-o pouco gentil homẽ, antes mal afeiçoado do rostro, e desmazelado, cuidãdo ser algum criado do Capitaõ Phylopemen, lhe perguntou se tardaria muito o senhor Capitaõ? Phylopemen cobrando sobre si, entendeo que o naõ conhecera ella, e lhe respondeo que já o convidado estava dos muros a dentro, e naõ podia tardar muito. A pobre mulher enfadada com areposta, e de sua mesma negligẽcia, começou a dar melhor expediente ás iguarias, e porque lhe faltava lenha, rogou a Phylopemen, que com hum machado lhe partisse hum madeiro, e lho posesse no lume. O que o illustre Capitaõ fez com a confiança, e urbanidade, que em tal caso se reqneria a sua pessoa, e naõ desistio da obra até vir seu hospede, que maravilhado da chaneza, lhe perguntou o que fazia? ao que Phylopemen respondeo, que estava pagando a pena de seu focinho. *Tzetze s Chiliad. 6. cap.* 84.

Semelhante aconteceo ao Capitaõ Pedro Cardoso de Andrade pay do muy douto Padre

Frey

Frey Bernardo de Brito. O qual alojando suas gentes em certas povoaçoens de lavradores do Ducado de Bretanha, se recolheo quasi noite desacompanhado à sua pousada de hum lavrador, que lhe cahira em sorte. A hospeda naõ o conhecendo, lhe perguntou se vinha já o Capitaõ perto com seu marido? e dizendolhe elle q̃ perto vinha: lhe pedio a Frãcesa a quisesse ajudar a esfolar hum carneiro, que tinha morto. O que o nobre Portuguez fez com igual confiança, e chanesa à de Phylopemen. E naõ largou maõ do novo officio até q̃ veyo seu hospede com os soldados em companhia, e *achandoa* o no exercicio festejando a graça, lhe pergũtou o que fazia? A que o Capitaõ respondeo, que leve pena era aquella para hum Capitaõ desacompanhado. Como conta a *Monarchia Lusitana p.* 1. *liv.* 2. *cap.* 21. *tit.* 10.

CAPITULO CXL.

Do *Poeta* Dante, *e Simaõ Palha.*

O Famoso Poeta Dante Florentino foy de taõ agudo engenho nas respostas, que buscando-

buscando-o certos inimigos seus para o maltratar, e afrontar, como o naõ conheciaõ de vista, procuraraõ conhecello na presteza, e agudeza com que respondia ao que se lhe perguntava. Com este intento tres delles o buscaraõ. Porem despois encontrando-o acaso sem o conhecerẽ, lhe fizeraõ tres preguntas todas juntas com tãta presteza, que naõ pudesse responder a cada huma per si, por ver se o confundiaõ, e embaraçavaõ. Dizendolhe hum: Donde vindes? e o segundo: onde vos deu a agoa? e o ultimo: quãtos saõ de Lua. Porem elle em só tres palavras respondeo a todos tres, dizendo. Da Villa, nas ancas, finco. E assim foy conhecido por esta presteza. Naõ póde haver mais diligente resposta, como conta Luiz Garcian de Antisco no Galateo Hespanhol. *cap.* 11. *num.* 22.

Semelhante dito, e agudeza mostrou Simaõ Palha criado d'ElRey D. Sebastiaõ, a hum Corregedor, que indo por riba de Lisboa em busca de hum homiziado, vio vir Simaõ Palha (sem o conhecer) ao longo do Tejo, com tanta pressa, que determinando o Corregedor detello, e gracejar com elle, disse para os companheiros com que hia, que o havia de embara-

çar

çar com perguntas, que lhe faria. E assim chegado Simaõ Palha o Corregedor lhe fez quatro pregũtas juntamẽte, dizendo: Dõde vindes? para onde his? como vos chamaõ? cujo sois? Ao que Simaõ Palha respondeo a todas quatro muy acordadamente, e com muita agudeza, dizendo. Venho de Lisboa, vou para Santarẽ, chamaõ-me Simaõ Palha, sou criado d'ElRey, E passou seu caminho deixando todos muy satisfeitos, e contentes da presteza na reposta, *bẽ semelhãte* a Dante. O que certo acontece poucas vezes, e inda no de mais agudo engenho, e subtileza, quanto mais fica digno de *louvor* quem com tanta brevidade, e subtileza em tẽpo, que os sentidos hiaõ mais enlevados em seu intento) respondeo. *Ex codic. dict. Lusitan.*

CAPITULO CXLI.

De *Virgilio, e Frey Luiz de Sotomayor.*

VIrgilio Mantuano com ser taõ grande Poeta (como he notorio) naõ se dedignava empregar às vezes parte do tempo em ler as obras de Enio, Poeta muito antigo, mas excellente,

cellente, e declaro juizo. E sendo perguntado, que fazia com Enio na maõ, que em respeito de seu engenho valia tanto, como nada, respõdeu: *Aurum colligo de stercore Enij*. Destas humildes obras de Enio colho algum ouro com que orno, e aperfeiçou-o as minhas. O q̃ dizia por Enio ter grandes sentenças, inda que o verso naõ fosse taõ limado, e a medida, e uso dello muito antigo, e naõ usado em seus tempos. E assim quẽ bem notar as obras destes dous Poetas, acharà em Virgilio muitos versos, e algũs inteiros tomados de Enio, que lhe naõ daõ pouco lustre, e graça. *Donatus in vit. Virgil.*

O proprio disse Frey Luiz de Sotomayor da Ordem dos Prègadores lente de Escritura em Coimbra, e grande letrado, e muy douto, e naõ menos nobre por geraçaõ. O qual à imitaçaõ de Virgilio, e tambem por sua natural curiosidade, lia ás vezes Autos Portuguezes, em particular hum dia que tinha hum de Gil Vicente na maõ (que em seus tempos foy muy celebrado) lhe perguntaraõ que fazia? E para que lia sem saborias de Gil Vicente, respondeo a sentença do Poeta *Aurum colligo ex stercore*. Dando a entender que naquelles Autos havia

tambem sentenças, e ditos de consideraçaõ, q̃ tirar, e aprender: pois o certo he q̃ naõ ha livro por ruim que seja, que naõ tenha alguma cousa boa, de que se naõ possa aproveitar o leitor, e que bom era saber de tudo: mormente que por experiencia vemos que as melhores sentenças, e rifroens de qualquer lingoa saõ tomados de trovas, e Poesias em varios metros. *Ex codice dictor.*

CAPITULO CXLII.

De Lepido, e Marco Antonio, e os Reys D. Pedro I. de Portugal, e Castella.

Varios casos.

LEpido, e Marco Antonio Capitaens Romanos sendo inimigos capitaes hum do outro, fizeraõ liança, e amizade entre si, por se vingarem de seus contrarios. O que fizeraõ, entregando hum ao outro os soldados, e cavalleiros, q̃ eraõ fugidos de seus exercitos, para fazer delles o q̃ cada Capitaõ quisesse: e a todos os q̃ foraõ prezos deraõ a morte, naõ guardãdo a fé q̃ deviaõ, aos q̃ debaixo de sua protecçaõ estavaõ seguros. O que foy muito estranhado, e murmurado de todos. *Plut. Tit. Liv. & alij.*

Se

Semelhante aconteceo antre os Reys D. Pedro I. de Portugal, e o de Castella, cada qual de alcunha o Cruel, que desejãdo tomar igual vingança a seu sentimento, e paixaõ de seus inimigos, concertaraõ entre si, que cada qual entregasse ao outro os Fidalgos, e cavalleiros, que eraõ fugidos de seu Reyno, e debaixo de sua protecçaõ estavaõ seguros, para se delles fazer justiça. O que se fez entregãdo ElRey de Castella ao de Portugal, os que foraõ culpados na innocente morte de Dona Ines de Castro mulher d'ElRey D. Pedro I. de Portugal, como elle *disse.* E o mesmo Rey de Portugal tambẽ entregou ao de Castella os que no Reyno andavaõ. Contrato bem pouco honesto, e a taõ Reaes pessoas, e sangue, nada conveniente. Pois por satisfazerem suas secretas paixoens ficaraõ ambos quebrando sua palavra (como fizeraõ Lepido, e Marco Antonio) e os cavalleiros, e Fidalgos mortos cruelmente. Como conta Fernaõ Lopes na Chronica d'ElRey D. Pedro I. *cap.* 30. *e* 31. *e Duarte Nunes na mesma fol.* 178. *Mariz* Dialog. 3. *capit.* 5. *e na Chronica d'ElRey* D. *Pedro de Castella anno* 11. *do reinado cap.* 14. E outros muitos.

CAPITULO CXLIII.

De Octaviano, Marco Antonio, e ElRey D. Affonso V. e o Princepe D. Joaõ.

O Emperador Octaviano Cesar na famosa batalha dos cãpos Philipicos cõtra Bruto, e Cassio homicidas de Julio Cesar, sahio della desbaratado, e vencido, e pelo contrario por outra parte Marco Antonio seu companheiro ficou vencedor do exercito de Bruto, e Cassio, que desbarataraõ ao Emperador. *O qual por* esta via ficou vẽcido, e vencedor em hũ mesmo tẽpo, e na mesma batalha. *Suet. in vit. August. c.13. Virgil. lib. 1. Georg. Appian. in bello civili.*

O mesmo successo teve ElRey D. Affonso V. em Crasto Queimado em Castella na celebre batalha de Toro, contra ElRey D. Fernãdo de Aragaõ: na qual ambos os Reys, ordenaraõ por sua parte duas batalhas, ficando ElRey D. Affonso de Portugal contra a batalha dos Capitaens d'ElRey D. Fernando, e o proprio Rey D. Fernando contra a do Princepe D. Joaõ filho d'ElRey D. Affonso. E travada de

ambas

ambas as partes a peleja ambos os Reys foraõ desbaratados, e cada hum delles fugidos, ficãdo seus Capitaens vencedores dos Reis (como aconteceo na batalha Filippica) inda que os nossos ficaraõ melhorados, por o Principe D. Joaõ permanecer no campo feito vencedor só triunfando sem haver quem o commettesse, nẽ intentasse tirarlhe a gloria do vencimento que alli ganhara. Por o qual disseraõ os Castelhanos hum dito, que hoje entre elles corre por rifraõ. Si no fuera el pollo, muerto era el gallo. Como escreve o douto Mestre Andre de Resende no Sũmario dos Reys deste Reyno, tratando desta batalha. A origem deste adagio naõ devia saber certo historiador moderno, q̃ tratando desta batalha com graciosa paixaõ, escreveo flores, e trocados, com que a seu proposito procurou negar ao Principe a vitoria, que as Chronicas Portuguezas confessaõ, e as Castelhanas naõ negaõ. Mas deixando o com seu apaixonado, e florẽte estilo, ficaraõ os dous Reys da mesma batalha vencidos, e vẽcedores. Casos que por maravilha a contecẽ, e por isso tanto mais dignos de memoria. Como diz Ruy de Pina *na Chron. d'El Rey D. Affonso V. cap.* 190

Rifraõ. As Chronicas de Castella dizẽ, que sabendo a Rainha D. Isabel o sucesso, respõdera. Si no viniera el pollo, preso era el gallo.

190. D*amiaõ de Goes na do Princ. cap. 78. ē 79. Garcia de Res c.13. Mariz Dial. 4. c. 9. e outros.*

CAPITULO CXLIV.

Dos Reys Filippe, e D. Joaõ II.

O Grande Rey Filippe de Macedonia fez Juiz, e do seu Concelho à hũ amigo de Antipatro. O qual sendo chamado para sentēciar huma causa, veyo com a barba, e cabellos transformados com cor differente da primeira, com que havia apparecido *ante ElRey*. O qual sabendo que amudara por beneficio de olios, e unturas, que lhe a plicava, envergonhado de em sua Corte, e juizo haver quem deixasse os brios de homem pelos usados em femininos rostros, a quem semelhantes composturas, eraõ proprias, e mais licitas, o lançou de seu Concelho, e Corte, sem nũca o mais ver. *Plut. in apoth Reg. & Imper. Bapt. Fulg. lib. 6. Erasm. lib. 4. apoth. 23. de Phelip.*

O mesmo fez ElRey D. Joaõ II. a Heitor Borralho cavalleiro de sua casa, que vindo da Mina por Capitaõ de huma caravella foy beijar

jar a maõ a ElRey; o qual como o vio taõ alvo das mãos, e rostro, estranhou tanto aquella novidade, que lhe perguntou como vinha alvò, vindo todos taõ queimados daquellas paragẽs? elle lhe respondeo que fora sempre, e viera cõ touca embuçado, e luvas sempre calçadas. ElRey sentindo gravemente a invençaõ, e cuidado de Heitor Borralho o reprendeo asperamẽte, e o fez levantar, e ir sem o querer ouvir, bẽ semelhante a Filippe com o seu Juiz, dando exemplo a seus criados, e vassallos, que naquelles felices tempos tanto se tinhaõ assinalado em o *novo descobrimento* da India de quãto momento, e estima era para com hum Rey ver seus cortesoens, e naturaès queimados, e chamuscados do rostro que mimosos com afeites, e imposturas, que os faziaõ degenerar de seu natural preço, e valor. *Como diz Garcia de Resend na sua Chronic. cap.* 198.

CAPITULO CXLV.

De *Amphyarao*, e D. *Pedralvez Pereira.*

O Grego Amphyarao hum dos Capitães que foraõ com ElRey Adrasto Rey dos

Argivos à conquista da Cidade de Thebas em favor, e ajuda de Polyneces, que com hum poderoso exercito procurou lançar fóra de Thebas seu irmaõ Etheocles, que entaõ reinava nella; vieraõ ambos os exercitos a batalha, e andando o Capitaõ Amphyarao peleijando cõ muito esforço, e brio por seu braço emcima de hum carro de cavallos, no mor conflicto, e *furor* da pelleja, desappareceo, e se sumio, *sem* nunca mais ser visto vivo, nem morto, nem menos o cavallo, donde pelejava, ou memoria delle. Parece, e se houve por certo, que se abrio a terra, e o tragou com o carro juntamente. O que deu bem que entender áquellas gentes que na batalha se acharaõ, e grande admiraçaõ aos que ouviaõ este protentoso caso. Morreraõ nesta batalha os principaes Capitães, e gente nobre de ElRey Adrasto, que della sahio vencido, e desbaratado fugindo para Argos com taõ pouca hõra sua como a muita q̃ o cercado Rey Etheocles ganhou por este feito em lãçar de seu Reyno quem delle o queria despojar. *Statius Papin. lib. 7. Thebaid. vers. 690. Diodor. Sicul. lib. 4. Plutarc, in Parallelis cap.* 11.

Semelhante caso in terminis aconteceo na

ba-

batalha Real de Aljubarrota a D. Pedralvez Pereira (irmaõ do ſanto Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira) Meſtre q̃ foy em Caſtella da Ordem de Calatrava, por ſeguir às partes d'ElRey D. Joaõ I. de Caſtella, contra ElRey D. Joaõ I. de Portugal; ao qual ElRey de Caſtella individamente queria excluir do Reyno, quando naõ o pudeſſe colher às mãos, por lhe pertencer (como elle dizia) por via da Rainha Dona Beatriz ſua mulher, filha d'ElRey D. Fernando. Para o que entrou neſte Reyno com hum fermoſiſſimo campo de gente de armas. E ſendo ambos os Reys na dita batalha de Aljubarrota, na mayor furia, e impeto della andando D. Pedralves Pereira muy bem armado emcima de hum famoſo cavallo, fazendo de ſua peſſoa maravilhas, deulhe huma lança de arremeſſo ſem ſe ſaber donde foy arrojada (como teſtemunhou deſpois o Condeſtavel ſeu irmaõ q̃ o vira) q̃ deu com elle em terra, donde deſapareceo ſem nunca mais ſer viſto, ou achado no campo, nem em outro lugar vivo, ou morto, nem novas delle, ou de ſeu cavallo, e armas (qual outro Amphyarao) Caſo de muita ponderaçaõ, e que foy tido por milagre, e caſti-

castigo particular do Ceo por ir contra a Patria, que o criara. Ouve quem imaginou que abrindo-se a terra o tragaria, e recolheria em suas entranhas: ou se faria delle o que Deos por seus occultos juizos foy servido com grande espãto, e admiraçaõ de todos por taõ horrẽdo, e notavel castigo, e novo genero de morte naquelles tempos. E porque em tudo esta batalha se assemelhasse com a de Thebas, sahio ElRey D. Joaõ de Castella desbaratado, e vencido, e fora prezo senaõ fugira arrancadamẽte a unha de cavallo, que Garibay chama retirar; deixãdo no campo a flor da cavallaria, *e nobreza* Castelhana, e Francesa feita em pedaços pelas armas Portuguezas, e ElRey D. Joaõ de boa memoria com muita honra, e gloria sua absoluto senhor do Reyno, lançando fóra delle (como o fez Etheocles) ao que o queria excluir de seu estado, e dignidade como conta *Fern. Lop. na Chron. d'ElRey D. Joaõ I. p. 2. cap. 46. e Lobo no seu Condestavel.*

Sceptro del Rey de Castella ganhado na batalha de Aljubarota

Esta foy a memoravel batalha em que se ganhou (entre o rico despojo d'ElRey de Castella) o Sceptro de cristal, que ElRey comsigo trazia, que se conserva por memoria no Mostei-

ro

ro Carmo de Lisboa, que o santo Condestavel fundou (de que hoje saõ protectores os Duques de Bragança) o qual me mostraraõ os Religiosos daquella casa, e tem junto da Coroa dous escudetes com duas emprezas, de q̃ huma he a Cruz, e estandarte dos Emperadores Christãos, que chamaõ Labaro com huma flor de Liz de tras de esmalte negro, que por naõ serem deste lugar deixo.

CAPITULO CXLVI.

De ElRey Romulo, e o grande Affonso de Albuquerque.

ROmulo primeiro fundador, e Rey de Roma, no principio de sua fundaçaõ, tẽdo graõ falta de mulheres, comque aos mancebos Romanos casar para multiplicaçaõ de sua linhage, e conservaçaõ de sua grandeza: como esperava, que aquella Cidade fosse cabeça de Italia, ordenou certos jogos, a que acudiraõ os povos Sabinos cõ suas filhas, e mulheres para os ver como cousa nova, e grandiosa: Romulo porém, como as teve dentro na Cidade,

de, a certo sinal que deu, fez tomar por força as donzellas, e mulheres que naõ eraõ casadas, e como cativas as repartio por mulheres com os seus conforme a qualidade de ambos os sexos, fazendolhes muitas honras, e afagos acõpanhados de grossas merces, de que ellas ficaraõ muy contẽtes, e satisfeitas, e Romulo muito mais pela esperança que tinha do acrecentamento, e grandeza daquella famosa *Cidade*, como foy em tempos passados, e hoje he com a assistencia dos Põtifices Romanos. *Liv. Dec.* 1. *lib.* 1. *Dionis. Halicarn. lib.* 2. *Plin. de Vir. illust. cap.* 2. *Ouvid. fastor.* 3. *& alij.*

A este excellente Rey imitou o grande Affonso de Albuquerque na primeira vez que tomou a Cidade de Goa na India, onde cativou quantas mulheres donzellas filhas dos Tu cos, e Rumes pode. E na segunda vez, que tambem por armas se fez senhor da Cidade, e Ilha, para povoaçaõ della, e augmento do Estado Portuguez as fez Christãs, e casou com soldados Portugueses, repartindo por todos os casados, terras, casas, gado, e tudo o mais que havia para começarem de viver, fazendolhe com singular zelo outros mimos, e afagos, com que todas se

deraõ

deraõ por pagas, e satisfeitas, e o grande Capitaõ com dobrada alegria, pela esperança que tinha de ennobrecer aquella famosa Cidade, fazendo-a cabeça, e Metropolitana no temporal, e espiritual (como hoje he) de toda a India, e assêto dos Governadores, e Viso Reis daquelle Imperio, e pela segurança tambem da Cidade, em que vendo os Turcos, e Rumes casadas suas filhas, e amparadas, e com bens temporaes com que viver limpamente, fariaõ pouco pela desenquietar. Consta de seus Coment. *p. 3. cap. 9. Goes na Chronic. d'ElRey D. Manuel p. 3. cap. 16. Osor. na mesma lib. 7. Mariz Dial. 4.*

CAPITULO CXLVII.

De Paulo Emilio, e Viso Rey D. Joaõ de Castro.

Paulo Emilio Consul Romano de dous filhos que consigo trazia, vio hum delles morto antes q̃ por Roma entrasse em seu glorioso triunfo quando venceo a ElRey Perseo. Em cuja morte mostrou bem a paciencia, que seu generoso animo dentro em si encerrava. E com

com tudo cõ o outro filho entrou pela Cidade em seu carro triunfante cõ ramo de louro na maõ [insignia de vitoria] e na cabeça capella do mesmo, vestidos á maravilha com os despojos de seus inimigos diante encarretados, e cativos prezos por memoria, e gloria de seu vẽcimento. Sendo esta a mais famosa entrada de triunfo, que em Roma se fizera atè aquelles tempos. *Plut. in ejus vit. Liv. Dec. 5. Val. Max. lib. 5. cap. 10.*

Assim aconteceo ao grande D. Joaõ de Castro Viso Rey da India, que de dous filhos que tambem tinha, hum delles D. Fernãdo de Castro foy morto em Dio em huma mina de polvora, a que os Mouros (que a Fortaleza tinhaõ cercado) deraõ fogo, e com o outro filho D. Alvaro entrou rica, e galhardamente vestido por a Cidade de Goa triunfando d'ElRey de Cambaya, e seus aliados, que vencera em batalha campal em o segundo cerco de Dio, descercando a opprimida Fortaleza, levando em seu glorioso triunfo hum ramo de palma na maõ (symbolo da vitoria que Deos lhe dera) e nas cabeças coroas do mesmo, e diante os cativos, armas, bandeiras, artelharia, e munições,

e tam

e tambem todos os despojos dos inimigos que eraõ bem grossos, e muitos, com grande magestade de folias, festas, e ricos toldos pelas ruas, renovando primeiro que todos as sombras dos soberbos triunfos dos antigos Romanos. *Chron. d'El Rey D. Joaõ III. p. 4. cap. 19. Corte Real no Poema deste cerco Fr. Antonio, e outros.*

CAPITULO CXLVIII.

De Garcia Ramires, e Joaõ Machado.

GArcia Ramires nobre Hespanhol duas filhas piquenas que tinha, por naõ virẽ ás mãos de Tarif Molei Rey Mouro de Toledo, receando, que por serem fracas de natureza deixassem facilmente a profissaõ Christã vẽdo-se prezas em poder do Mouro, com suas proprias mãos lhes tirou as vidas pelas segurar na fé. Exemplo mais para espantar, que louvar, e ser imitado. Como refere o Padre Joaõ de Lucena na historia do Santo Padre Francisco de Xavier, *liv. 3. cap. 17.*

Semelhante o fez Joaõ Machado em Goa em tempo do grãde Affonso de Albuquerque, ten-

tendo-a cercada o Hidalcaõ, ſenhor, que fóra della; em cujo exercito capitaniava João Machado os Elches. O qual tocado da maõ de Deos, determinou paſſarſe aos Chriſtãos, em occaſiaõ que era mais certo o perigo da Cidade, que a ſalvaçaõ della (occultos ſaõ os juizos de Deos) e por ſer caſado com huma fermoſa Moura, de que tinha dous filhos bautizados por ſua propria maõ, temendo, qué cóm *ſua* auzencia por ſerem de pouca idade, e tenros na fé, viriaõ a poder do Hidalcaõ, e facilmente tornariaõ à perfidia de ſua mãy eſquecido do direito divino, e com melhor *tençaõ, que con*celho os matou ambos (como Garcia Ramires) huma noite ſecretamente: havendo que o mor bem, que entaõ lhes podia fazer, era com tempo, e com mais ſeguridade livrallos do cativeiro do demonio, a que (fóra de ſeu poder) naõ poderiaõ eſcapar, tornãdo ſe á infame ſeita de ſeus avós, e pelo contrario fazellos ir reinar com Chriſto morrendo que naõ ſervir (vivendo) cõ Mafamede. E logo cõ iſto ſe lãçou na Cidade cõ os noſſos maravilhados do erro da primeira reſoluçaõ nas mortes dos filhos q̃ nem póde ſer imitada, nem deve ſer louvada.

Goes

Goes na Chron. d'ElRey D. Man.p.3.cap.21. Osor.lib.8.fol.294. Maffe.lib.5.fol.114. sub.lit. D.Fr.Anton.na hist.da Ind.p.1.liv.2.cap.3.

CAPITULO CXLIX.

De Diagoras Rhodio, e João da Costa.

DIagoras natural da Ilha de Rhodes com a subita alegria, e contentamento que teve, de ver tres filhos seus sairem de huns jogos vencedores, e sem lesaõ, nem desastre, alli aonde estava á vista de todos espirou, sem gozar da vitoria de seus filhos, que no principio teve por taõ perigosa sua entrada, como a vitoriosa saida q̃ com o subito prazer lhe causou a morte *Aul. Gel. lib.3.c.15. nocti Attic. Cic. lib.1. Tusc.*

O mesmo aconteceo a Joaõ da Costa escrivaõ de huma nao de mantimentos, que em tẽpo de ElRey D. Joaõ II. se apartara do Capitaõ Bartholomeu Dias, que no anno de 1486. por mandado d'ElRey fora descobrir a costa da India, e por haver muito tempo, que estes novos descobridores eraõ apartados, succedeo que encontrando se Joaõ da Costa com o Ca-

 pitaõ

pitaõ Bartholomeu Dias de tal maneira o sobresaltou o contentamento, e alegria, vendo o seu Capitaõ, e companheiros, (que por mortos tinha) vivos, que morreo logo semelhante ao Rhodio, sem gozar do premio que d'ElRey por seus serviços esperava. nem da vista, e conversaçaõ dos que lhe causaraõ a morte por seu grande, e subito cõtentamento. *Como escreve Mariz Dial. 4. cap. 10. fol. 195.*

CAPITULO CL.

De Romanos, e Portuguezes.

OS Romanos sabida cousa he, que foraõ os melhores homens de armas, que teve o Mundo, grandes conquistadores, sofredores de trabalhos, e miserias, de que saõ muy louvados, e engrandecidos alèm de seus bons feitos, e proezas. E sobre toda esta gloria, e prosperidade, com as riquezas, e triunfos, que gloriosamente alcançaraõ na Asia, que conquistàraõ, e os deleites, e passatempos com que pouco, e pouco foraõ perdendo seu antigo brio, e valor, trouxeraõ a causa de serem desbaratados

a vista

á vista de Roma por gente, que elles traziaõ atropellada, e persiguida bravamente com suas armas. *Como notou Plin. nat. Hist. lib. 37. cap. 2.*

O mesmo se vio nos Portuguezes, que em tudo foraõ semelhantes aos Romanos (se já cõ muita verdade naõ quisermos affirmar, que inda melhores.) foraõ grandes conquistadores, como se vio em taõ poucos annos meterem debaixo de seu jugo com muy poucos Portuguezes o grande, opulento, e fermoso Imperio da India; as longas terras que conquistaraõ, os novos mares que romperaõ, novas Estrellas q̃ descobriraõ, sedes, fomes, frios, e calmas que sofreraõ sem disistirẽ hum ponto de suas pretençoens: os famosos cercos que deffenderaõ, as prodigiosas, e milagrosas vitorias que alcançaraõ, os particulares, e notaveis feitos que fizeraõ, os espantosos casos, que commetteraõ, de maneira q̃ eraõ absolutos senhores do mar, e verdadeiros filhos da guerra. Em modo que com mais justiça se póde dizer por elles o que o outro escritor pelos Romanos que quem bẽ considerasse os feitos dos Romanos, lhes pareceriaõ feitos naõ de huma Cidade como a de Roma, mas de todo o Mundo em torno. E quẽ

bem notar os feitos dos Portuguezes, naõ parecem saidos de hum Reyno taõ pequeno, e limitado, como he este de Portugal, a que muitos Autores estrangeiros chamaõ Rincaõ, mas de todo o universo congregados nelle, e naõ sey batalha memoravel em Europa, em que se algum naõ achasse, como mostrarey no meu Theatro Lusitano, onde nomeyo aos que em differentes batalhas, e conquistas naõ *tocantes* a este Reyno, se acharaõ sempre com cargos honrosos, e os primeiros que nos perigosos trãces se assinalavaõ, e com toda esta felicidade (em que succederaõ aos Romanos) *se quiseraõ* tambem assemelhar com elles nas delicias, e mimos, que causaraõ as riquezas, e triunfos do Oriente com que os feroces animos dos Portuguezes perderaõ sua natural inclinaçaõ das armas, e se fizeraõ menos fortes: com que vieraõ a causar o desestrado fim, que teve o exercito d'ElRey D. Sebastiaõ em terra de gente, que taõ sopeada os nossos trasiaõ. Como muy bem advirtio Pedro de Mariz *Dial.* 5. *cap.* 1.

CA-

CAPITULO CLI.

Dos povoadores das Ilhas Carpatho, e Porto S.

OS que foraõ povoar a Ilha Carpatho (chamada hoje Escarpanso, como quer Sophiano) no mar de Rhodes, desejosos de lebres para criaçaõ, levarão algumas por seu mal. Porque fizerão tal multiplicação na terra que vierão a desemparar a Ilha, por lhes destruirẽ totalmente as arvores, hervas, e sem poder ser por alguma via remedeado. E como faltavão os frutos, e mantimentos, e elles se não podessem prover de outra parte, como compria, morriaõ à fome a olhos vistos. Pelo que enfadados de taõ mà praga se sahiraõ da Ilha, e a desempararaõ, por naõ perecer de todo em poder de hum animalsinho. *Erasm. & Manut. in Adag. Carpathus leporem.*

Semelhante aconteceo aos Portuguezes, q̃ povoaraõ a Ilha do Porto Santo com huma coelha prenhe, que levou Bartholomeu Peresstrello. A qual multiplicou em tanta quantidade, que em breve tempo quanto semeavaõ, e

plãtava lhe roiaõ, e destroiaõ os coelhos daquella produsidos. Do q̃ tomarão tanto desgosto *da* terra os Portuguezes, que a desempararão, e se vieraõ para o Reyno, quasi desesperados daquella praga por naõ se consumirẽ por occasiaõ de animal tão piqueno, e covarde, como acõteceo aos povoadores de Carpatho. *Mar. Dial.* 4. c. 4.

CAPITULO CLII.

De Constantinopla, e Portugal.

O Primeiro Emperador que *teve a famosa* Cidade de Constantino*pla*, e que a ennobreceo se chamou Constantino, e o ultimo em cujos tempos se perdeo, tãbem se chamou Constantino. E ganhoulha por força de armas Mahometo Othomano Emperador dos Turcos no anno de 1453. cousa asas maravilhosa, e de muita consideração como notou Pero Mexia na Sylva de varia lição *liv.* 1. *cap.* 40.

O mesmo aconteceo neste nosso Reyno de Portugal onde o primeiro Rey que teve, o illustrou, ennobreceo, e conquistou com muito trabalho de poder de Mouros, se chamou

Hẽ-

Hẽriques, q̃ foy ElRey D. Affõso Hẽriques, e o ultimo dos Reys Portuguezes se chamou tambem Hẽrique, que foy o Cardeal Infante, por cuja morte, que foy no anno de 1580. a 31. de Janeiro, entrou no Reyno o Catholico Rey D. Filippe II. de Hespanha, e tomou posse delle. O que tambem he cousa de mysteriosa cõsideração, e digna sómente dos secretos juizos de Deos. Conservousse este Reyno por si só, e com Reys Portuguezes por espasso de 441. annos, porq̃ tantos houve do anno de 1139. (em que ElRey D. Affonso Hẽriques venceu a batalha dos cinco Reys Mouros no cãpo de Ourique, e foy levantado por Rey mandandolho assim Deos, como se tratou no primeiro Capitulo) até o de 1580. que morreu o Cardeal Rey D. Hẽrique, debaixo de desasete Reys que reinaraõ em Portugal, como consta das Historias do Reyno.

CAPITULO CLIII.

De Romulo, e ElRey D. Joaõ IV.

PErtencia a Romulo o antigo, e illustre Reyno de Albalonga fundado por Alca-

nio com o patrocinio de huma divindade falſa que era Venus de quem ſe ſupunha filho, vivia occulto o valente Romulo em exercicios robuſtos, e com poucos que o ſeguiaõ perdendo por hum caſo fatal a ſeu irmaõ Remo porèm tanto que achou occaſiaõ ſe reſtituhio a Coroa uſurpada fundando Roma, e vencendo em diverſas partes a ſeus poderoſos inimigos. *Tito Liv. L.* 1. *Dec.* 1. *e outros.*

Tinha uſurpado ElRey D. Filippe II. de Caſtella, a Coroa que pertencia à Real Caſa de Bragança do Reyno de Portugal, fundadô por ElRey D. Affonſo Henriques *a quem* o Deos verdadeiro o cõfirmou com aprotecçaõ de Noſſa Senhora do Claraval, e ſahindo El-Rey D. Joaõ o IV. dos boſques veyo a Lisboa ſegunda Roma, e tãbem fundada em ſete mõtes, e perdendo por huma prizaõ mal merecida a ſeu irmão o Senhor Infante D. Duarte ſẽ o ſeu ſoccorro ſuſtentou, e defendeo o Reyno contra os inimigos mais poderoſos fazẽdo não ſó a guerra como Romulo em varias partes de Italia mas em todas as quatro partes do Mundo. *Portug. Reſt.* 1. *part.*

CA

CAPITULO CLIV.

De *Paulo Emilio*, e D. *Antonio Luiz de Sousa Marquez das Minas*.

PEnetrou Paulo Emilio, com o exercito Romano o grande Reyno de Macedonia pelo centro da Grecia, e se fez senhor da Corte, de Perseo. *Lucio Floro.*

Entrou o Marquez das Minas D. Antonio Luiz de Sousa, conquistando Alcantara, Ciudad Rodrigo, e outras muitas Praças, e Reynos até a Corte de Madrid achando contrario mais illustre do que Perseo, unindo-se depois com reciprocas alianças, e firme paz os dous illustres Reys das duas Monarquias Portugal, e Castella. *Barbos. Elog. dos Reys de Portug.*

CAPITULO CLV.

De Anibal, e D. *Antonio Luiz de Menezes*, *Marquez de Marialva*.

A Famosa Republica de Carthago emula de Roma dominava tãbem a nossa Lusitania,

ſitania, e della ſahio Anibal, e venceo aos Romanos que ſe tinhaõ por invenciveis dandolhe as batalhas de Trebia, do Lago de Traſimeno, e de Canas, ſendo neſta ultima grande o numero dos mortos, e preſioneiros, mas como encanto das deligencias de Capua ſoube vẽcer, porém naõ ſoube uſar da vitoria. *Tito Liv. Dec. 3. da Hiſt. Rom. Plutarc. &c.*

Eſtando Elvas ſitiada por D. Luiz de Haro valido d'ElRey D. Filippe IV. de Caſtella, e com poucas eſperanças de defenderſe lhe deu D. Antonio Luiz de Menezes Conde de Cantanhede em 14. de Janeiro de 1659. a *famoſa* batalha das Linhas de Elvas, e ElRey D. Affonſo VI. o fez Marquez de Marialva em 1664. ganhou Valença de Alcantara á viſta dos inimigos, e em 17. de Junho de 1665. venceo a grande batalha de Montes Claros em que os Caſtelhanos perderaõ oito mil hmoẽs das ſuas melhores tropas, mas ſabendo uſar da vitoria melhor que Anibal concorreo militar, e politicamente para que ſe concluiſſe em 1668. hũa glorioſa paz entre as duas Coroas. *Portug. Reſtaurado tom. 2. Brandan. Hiſt. de Portug.*

CA.

CAPITULO CLVI.

De Marco Atilio Regulo, e Joaõ Rodrigues de Vasconcellos, Conde de Castelmelhor.

EStando Marco Atilio Regulo presioneiro dos Carthaginezes os persuadio a que os deixassem hir a Roma para conseguir que os Romanos fizessem huma paz como Carthago pertendia, foy a Roma, e dissuadio ao Senado do intento com que estava de consẽtir em hũa paz indecorosa, voltou a Carthago por cõprir a sua palavra, e o mataraõ entre tormentos rigurosos. *Tito Liv. Dec. 3. Plutarc.*

O Cõde de Castelmelhor Joaõ Rodrigues de Vasconcellos estava com Pedro Jaques de Magalhães em Carthagena de Levante nas Indias de Castella, e sabendo-se naquella Cidade a aclamaçaõ d'ElRey D. Joaõ o IV. succedida no primeiro de Dezẽbro de 1640. intẽtou o Conde, com Pedro Jaques, e outros Portuguezes levãtarse com a Praça por Portugal, e trazer a este Reyno a frota de Indias que estava ricamente carregada, foraõ descubertos

por

por naõ faltar á palavra que se tinhaõ dado a guardar segredo, sofreraõ tratos rigurosissimos, e cõ mayor fortuna q̃ Regulo poderaõ fugir da prizaõ, e voltar a Portugal dõde tiveraõ digno premio da sua fidelidade, e constancia. *Portug. Rest. part.* 1.

CAPITULO CLVII.

De Tito Pomponio Attico, e Manoel Telles da Silva, Marquez de Alegrete.

OBservou Tito Pomponio Attico *na vida* civil, e politica todas as obrigaçoens de hum cavalleiro Romano, e era o seu voto hum dos mais respeitados, foy douto, e erudito, soube perfeitamente a genealogia das Familias illustres, e na discordia civil seguindo o partido mais justo se conservou com estimaçaõ universal, e foy intimo amigo de Marco Tulio. *Cornelio Nepos na vida de Attico.*

Manoel Telles da Silva Cõde de Villar mayor, e Marquez de Alegrete foy muito sciente, e amãte das obras de Cicero escrevendo puramente na lingoa Latina como se vè na vida d'
ElRey

ElRey D. Joaõ o II. q̃ imprimio, e em outros escritos: soube perfeitamente a Historia, e a das Familias illustres: teve parte por mais de quarenta annos nos mayores negocios do Reyno, sẽdo Regedor de 28. Vedor da Fazenda de 31. e Concelheiro de Estado de 38. Na deposiçaõ d'ElRey D. Affonso VI. para dar a Regencia de Portugal ao Infante D. Pedro de quem era Gentil homem da Camara observou toda a moderaçaõ de huma prudente fidelidade para naõ faltar a seu Rey, nem a seu amo continuando com ElRey D. Joaõ o V. com igual estimaçaõ o exercicio de seus lugares, e o de Ministro do despacho até o anno de 1709. em que morreo, tendo condusido a Rainha Dona Maria Sofia de Baviera, Palatina em 1687, *Cost. Embaix. Portug. Rest. p. 2. Memor. do temp.*

CAPITULO CLVIII.

De Germanico, e o Principe D. Theodosio.

ERa Germanico hum Principe perfeito, de poucos annos sabia muitas sciencias, e artes,

artes, e a lingoa Grega com tal perfeiçaõ que tradusio em excellentes versos Latinos a obra Poetica, e Mathematica dos Phenomenos de Arato, e buscando a guerra morreo de poucos annos de huma doença desconhecida antes de chegar a governar o Imperio que a natureza, e o merecimento lhe tinhaõ destinado, e em q̃ entrou Caligula de muito differẽtes costumes. *Tacito nos Annaes Historia Romana.*

O Principe D. Theodosio filho primogenito d'ElRey D. Joaõ IV. em poucos annos soube as sciencias, artes mais profundas principalmente a Mathematica, e a lingua *Grega*, e Latina em que compoz varias obras, e fez traduçoens; tinha as mesmas, e mayores virtudes, que Germanico, foy occultamente buscar a guerra em Alentejo dandolhe ElRey seu pay o titulo de Capitaõ General do Reyno, a demasiada applicaçaõ aos estudos lhe causou huma doença pouco conhecida dos Medicos de que morreo no de 1653. e lhe succedeo seu irmaõ ElRey D. Affonso VI. no Reyno depois da morte de seu pay, e pelos seus achaques foy deposto. *Manoel Luiz Theodosius Lusit. Portug. Restaur. part. 1.*

CA-

CAPITULO CLIX.

De Quinto Metelo, e D. Fernando de Menezes Conde da Ericeira.

HE celebrado o insigne Quinto Metelo pelo zelo da Religiaõ, pela sciencia, pela fidelidade pela prudencia, e pelo valor cõm q̃ fez a guerra em Africa. *Cicer. Plutarc. &c.*

O Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes foy taõ zeloso da Religiaõ verdadeira q̃ affirmaraõ seus confessores nunca commetteo culpa mortal. Taõ sciente como mostraõ os seus livros na Historia Latina d'ElRey D. Joaõ o IV. na d'ElRey D. Joaõ o I. na de Tãgere, e em outras muitas obras. Foy taõ fiel à Patria como todos seus ascendentes, taõ prudente como mostrou no exercicio de Gẽtilhomem da Camara, de Regedor das Justiças, e de Concelheiro de Estado. Na guerra de Africa teve em seis annos em que foy Capitaõ General de Tangere successos mais iguaes que os de Metelo a quem naõ foy desigual na guerra de Italia, e Hespanha, morrendo de 85. annos no

de

de 1699. *Portug. Rest. tom.* 1. *e* 2. *Historia de Tangere, e outros.*

CAPITULO CLX.

De Aquilles, e Luiz Alvares de Tavora, Marquez de Tavora.

AQuilles segundo a Tradiçaõ *da Grecia* tinha hum valor taõ intrepido que o julgavaõ immortal, e o impeto da sua colera foy a admiraçaõ dos amigos, e o terror dos cõtrarios, e na guerra, e sitio de Troya *obrou* tãtas acçoens grandes, que foy o Heroe da Iliada de Homero. *Diodoro Siculo Eustatio, e outros.*

Luiz Alvares de Tavora Conde de S. Joaõ, Marquez de Tavora foy de hum valor insigne, e com hum temperamento colerico emprendeo, e conseguio acçoens muito gloriosas assim em sitios de Praças como em batalhas principalmente na de Elvas, e Montes Claros em que andou unido com seu intimo amigo D. Luiz de Menezes depois Conde da Ericeira, como Aquiles com seu amigo Patroclo Menesiades ao filho de Menesio, e o Marquez naõ

falava

falava aos Reys com menos verdadeira liberdade do que Aquiles a Agamenon. *Ericeira vida do Marquez de Tavora.*

CAPITULO CLXI.

De Julio Cesar, e D. Luiz de Menezes Conde da Ericeira.

TEndo Julio Cesar illustre sangue se applicou à guerra seguindo todos os postos até occupar o mayor sempre com valor, sciencia militar, e boa fortuna, a mesma teve nos negocios politicos, e escreveo com elegancia os commentarios da guerra do seu tempo em q̃ teve taõ grande parte. Foy Poeta, Orador, e cultivou outras artes, e sciencias. *Suet. vid. de Jul. Ces.*

D. Luiz de Menezes, sendo de illustre calidade sobio como qualquer soldado de fortuna desde os primeiros postos atè o de Governador das Armas, soube a arte militar perfeitamente, e sempre com valentia, e ventura, teve em 15. annos de guerra de Alentejo huma grande parte em 4. batalhas, 16. campanhas,

30. recontros, e muitos citios de Praças. Escreveo a historia de seu tempo com grande acerto, floreceo na Poesia, nas Oraçoens Academicas, e em outras artes, e no lugar de Vedor da Fazenda, e outros Pollíticos, fez florecer a sua Patria como brevemente declara, o Distico q̃ se lé no seu Retrato de Estampa.

Militat, & scribit, calamo Luduvicus & ense
pro Patria pugnans Cæsaris instar erit.

Costa Embaixada. Memorias do tempo.

CAPITULO CLXII.

De Mecenas, e D. Pedro Luiz de Menezes, Marquez de Marialva.

FOy Mecenas de familia Real, e usou de favor do seu Principe com grande generosidade sendo quem patrocinava os benemeritos, e merecendo pela sua urbanidade a estimaçaõ, e amor de todos com que foy universalmente louvado no Seculo de Augusto. *Suetonio vida de Augusto. Horat. Ode* 1.

Foy D. Pedro de Menezes Marquez de Marialva descendente legitimo por Baronia d'ElRey D. Fruella II. de Leaõ, e por alianças de

de outros muitos Reys de Hespanha, e Portugal. Nos empregos de Gentilhomẽ da Camara, Concelheiro de Estado, Presidente da Junta do Comercio, e Ministro do despacho dos Reys D. Pedro II. e D. Joaõ V. era reconhecido por Protetor universal, merecendo pelo seu agrado, e generosidade q̃ todos o amassem com a certeza de que só naõ sabia fazer mal, e os seus votos nas merces, eraõ muitas vezes mayores, que as esperanças dos pertendentes. *Memorias do tempo.*

CAPITULO CLXIII.

De Archimedes, e D. Luiz Manoel da Camara Conde da Ribeira.

NO apertado citio que Marcelo poz a Siracusa de Sicilia pelos Romanos foy taõ vigurosa a defença naõ só devida ao valor mas à sciencia de Archimedes que muitas vezes foraõ desbaratadas as maquinas militares dos Romanos, queimados, e destroidos os instrumentos da expugnaçaõ, mas ainda assim foy a Praça ganhada. *Tito Liv. Plutarc. &c.*

O Cõde da Ribeira, D. Luiz Manoel da Camara, Mestre de Campo General, e depois Embaixador extraordioario em França, dõde mostrou em sete annos o seu lusimento, e a sua capacidade, foy nomeado pelo Governador das Armas Pedro Mascarenhas, hoje Cõde de Sandomil, e digniſſimo Viso-Rey da India para hir governar a Praça de Campo mayor, que já estava citiada pelo Marquez de Bay *Capitaõ* General do Exercito d'ElRey Catholico, e introdusindo-se na Praça com grande perigo a defendeo muito tempo, e recebendo alguns soccorros que com grande valor, e *industria se* metteraõ na Praça executou tudo o que na defença dellas dispoem a arte militar fazendo sortidas, e usando de outros artificios, resistio a tres furiosos assaltos q̃ deraõ os Hespanhoes à brexa, e com grande perda levantaraõ o citio no principio de Novembro de 1712. sendo esta a ultima acçaõ da guerra entre as duas Coroas a que succedeo a suspençaõ de armas, e a paz, causa das duas gloriosas alianças das duas Monarquias de Portugal, e Castella. *Relaçaõ do citio de Camp. mayor de* 1712. *de q̃ he Autor o Conde de Ericeira.*

CA-

CAPITULO CLXIV.

De Leonidas, e Diniz de Mello de Castro, Conde das Galveas.

MUitas vezes o famoso Capitaõ Leonidas de Grecia deteve, e venceo os poderosos exercitos d'ElRey da Persia cõ exercito summamente inferior no numero, e no estreito passo das Termopilas desbaratou com grande gloria sua as tropas de Xerxes. *Plutarc.*

Diniz de Melo de Castro Conde das Galveas, e Concelheiro de Estado na batalha do Canal, desbaratou o exercito dos Castelhanos em hum passo estreito, o mesmo fez nas outras quatro batalhas, citios, e recontros, e sendo Governador das Armas do Alentejo em 1705. ganhou as Praças de Valença de Alcantara, e Albuquerque, e morreo no de 1709. depois de 70. annos de serviço. *Julio de Melo na vida do Conde das Galveas.*

CAPITULO CLXV.

De Marco Bruto, e D. Antaõ de Almada.

INtentou Marco Bruto, recuperar a liberdade da sua Patria com poucos conjurados que guardaraõ inviolavelmente o segredo da conjuraçaõ, que executaraõ tirando a vida a *Julio* Cesar dentro do Senado, e formando depois hum exercito em que disputou porèm infelizmente a liberdade da Republica Romana. Era Marco Bruto da familia de Junio *Bruto tambẽ* restaurador da sua Patria. *Plutarc. Queved. vida de Marco Bruto.*

D. Antaõ de Almada tambem era descendente de Heroes da sua antiga, e illustre familia; porque Joaõ Vaz, Alvaro Vaz, e D. Fernando de Almada foraõ Condes de Abrãches em França pelas suas grandes acçoens, e tambem em Portugal donde seus descendentes foraõ como elles Capitaens móres do Reyno, e os primeiros dous cavalleiros da Jarreteira em Inglaterra. Foy D. Antaõ hum dos principaes dos quarenta Aclamadores em 1640. fazendo-

se

se em sua casa muitas conferencias cõ admiravel segredo, e restituindo o Reyno a ElRey D. Joaõ o IV. naõ tirou a vida a quẽ reinava, mas a hũ Ministro seu mal aceito dos povos, e sahindo do Reyno por Embaixador a Inglaterra para buscar aliados ao seu Rey, voltou, e morreo servindo na guerra de Alentejo sendo seu filho D. Luiz de Almada tãbem Aclamador. *Relac. da Aclam. de 1641. Portug. Rest. p. 1.*

CAPITULO CLXVI.

De Cataõ de Utica, e Garcia de Melo, Monteiro mòr.

MEreceo Cataõ Uticense a gloria de dizer delle Lucano, que a causa de Julio Cesar vitorioso tiverà aos Deozes propicios, mas que a de Pompeyo vencido como era justa tinha Cataõ por defensor.

Victrix causa Diis placuit, sed victa Catoni.

Tudo se lhe devia pela integridade dos seus costumes, pela verdade com q̃ exercitou os empregos, e pela fidelidade com que servio a Patria sendo taõ austero nas maximas como nas

palavras. *Cicer. Plutarc. &c.*

Garcia de Mello Monteiro mór do Reyno seguindo o exemplo de seu pay Francisco de Mello hum dos primeiros Aclamadores servio primeiro cõ valor na guerra, depois nos mayores officios da Caza Real, e depois com mais de 40. annos das Presidẽcias do Senado da Camara, da Mesa da Conciencia, de Regedor, e do Dezembargo do Paço; observou tãta austeridade que se conservava imovel na cadeira de Presidente sem que se lhe conhecesse mais inclinaçaõ que a Justiça, nem se lhe ouvir palavra superflua, sendo nomeado Concelheiro de Estado morreo com morte mais ditosa que Cataõ em 9. de Janeiro do anno de 1706. cheyo de annos, e de virtudes. *Memorias do tempo.*

CAPITULO CLXVII.

De Cicero, e o Padre Antonio Vieira

FOy Marco Tulio Cicero naõ só o mayor Orador entre os Romanos, mas igual, ou superior aos das outras Naçoens, e igualmente fiel à sua Patria, e com grande parte nos mayo-

mayores negocios politicos de seu tempo desbaratãdo a conjuraçaõ de Cathelina, e padecẽdo pela emulaçaõ muitos desterros, e infelicidades morrendo longe da sua Patria, e permanecendo as suas Orações, e mais obras para que admirem a todos, e sejaõ textos da pureza da lingoa, e do sublime da eloquencia. *Plutarc. Sueton. e o mesmo Cicer.*

Parece que em tudo o que se disse de Cicero neste Parallelo ficou escrita a vida do Padre Antonio Vieira da Cõpanhia de JESUS que naõ só contribuhio com a pena, e com a voz para a felicidade da sua Patria, mas com os votos, e com as negociaçoens politicas dentro, e fóra do Reyno para livrar a Portugal da tirania. As suas Orações Evangelicas, e mais obras, saõ o texto da lingoa Portugueza, e da elegãcia moderna reconhecido pelo primeiro Orador entre todas as Nações, tambem igualou a Cicero nas advercidades, e em morrer na Bahia em 1697. tẽdo nacido em Lisboa, mas execedeo ao Romano em ser santo, e as suas Oraçoens a assumptos Catholicos, e em q̃ o primeiro teve morte afrontosa pela inimizade de Marco Antonio, e o segundo ditoso fim, e publica gloria,

nas

nas Exequias que lhe fez em Lisboa com grãde lusimento, e despeza o Conde de Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes. *Bibliotec. Societ. Memorias do tempo.*

CAPITULO CLXVIII.

De Zopiro, e João Rodrigues de Sá, e Menezes Conde de Penaguião.

NO citio q̃ poz a Babylonia ElRey Dario I. sahio da Cidade Zopiro, e se cortou asi mesmo o nariz, e as orelhas, *dando*-se outras feridas, e buscando o General dos contrarios lhe disse que o trataraõ os da Cidade taõ cruelmente, porque elle os persuadia a que se rendessem, porém que a guarnição era taõ numerosa, e resoluta, e tinha tantas munições, e mantimentos, sendo a Praça fortissima, que estavaõ com animo invencivel para defendela, deu outros avizos destramente encaminhados para que atacassem os muros pela parte mais forte, e crendo-o pelo estado em que se achava morreo entre elles, e levantaraõ o citio com grande perda. *Herodoto.*

Joaõ

João Rodrigues de Sà, e Menezes Conde de Penaguiaõ, Camareiro mòr, e Concelheiro de Estado de ElRey D. Joaõ o IV. de quem foy Aclamador, Ministro fiel, e muito favorecido, tendo sido Embaixador em Inglaterra, e servido na guerra com grande valor estàva no Convento de S. Francisco pouco distante dos muros da Praça de Elvas no anno de 1658. em q̃ D. Luiz de Haro citiou com poderoso exercito aquella Praça. Achava-se o Conde gravemente enfermo, e pedindolhe os Generaes, e amigos que se retirasse disse, que naõ queria fazer taõ perto da morte o que naõ aprendera em toda a vida, pedio a sua espada, e com palavras constantes, e fieis acabou entre os inimigos a quem desuadia da empreza a sua illustre vida, e os Castelhanos depois de hum apertado citio perderaõ o exercito rompendolhe as linhas o grande Marquez de Marialva. *Citio de Elvas por Bacelar. Portugal Rest.*

CA

CAPITULO CLXIX.

De Cayo Mario, e Salvador Correa de Sa.

A Chou Cayo Mario os negocios da Republica em Africa na ultima ruina, e pela guerra de Jugarta occupava o Paiz com Bocho, o Rey infiel aos Romanos *porém* o grande Mario venceo tudo, e pagandolhe mal a Republica naõ perdeo a fidelidade, e sòle conçolou vendo as ruinas de Carthagó para ter reciproca conçolaçaõ. *Saluſtio na guerra Jugurt. Valeyo Paterculo na Hiſtoria Romana.*

Salvador Correa de Sá depois de aclamar ElRey D. Joaõ o IV. no Rio de Janeiro, reſtaurou com muitos poucos meyos o Reyno de Angola, e outros de Africa, e a Ilha de S. Thome, e lançando fòra o General Olandes, e vencendo os Reys Barbaros veſinhos, naõ deixou de achar oppoſiçoens da enveja: mas de todas triunfou a ſua fidelidade. *Ericeira Portug. Reſtaur. 1. part.*

CA.

CAPITULO CLXX.

De Curcio, e D. João da Costa Conde de Soure.

ABrio-se na Praça de Roma hũa grande bocca cõ ameaço da total ruina daquella Cidade disse o Oraculo q́ só se fexaria lançando se nella o mais precioso; e Curcio cavalleiro illustre vestido de armas, e montado a cavallo entendeo que o Oraculo assim se satisfazia, e precipitãdo-se se cerrou a bocca. *Liv. Decad.* 1.

O Cõde de Soure D. Joaõ da Costa de illustre familia, e grãdes virtudes naõ só se mostrou grande na aclamaçaõ d'ElRey D. Joaõ o IV. na guerra de Alentejo na presidencia do Ultramarino, na Embaixada de França, e no emprego de Gentilhomem da Camara do Infante D. Pedro, mas soube vencer-se asi mesmo porque clamandolhe interiormente a bocca da vingança que matasse hum inimigo que lho merecia, ouvio o Oraculo verdadeiro do Evãgelho, e entrando no carneiro do seu nobre jazigo do Collegio de Santo Antaõ o velho dos Padres Agostinhos de Lisboa fez cerrar acampa, e esteve

teve dentro muitas horas atè que tomou a firme resoluçaõ de naõ matar o seu contrario. *Portugal Restaurado 2. part.*

CAPITULO CLXXI.

De Decio, e D. Luiz Manoel Cõde de Atalaya.

PAra que Roma tivesse a vitoria na *guerra* dos Latinos, Decio se offereceo aos Deozes para ser sacrificio da Patria, e este exemplo imitaraõ dous successores seus, dando o primeiro a vida, e depois os seus dous *descendentes* seguindo-se a vitoria ao primeiro voto. *Livio Hist. Romana.*

A primeira operaçaõ da cãpanha de 1706, foy a conquista da Praça de Alcantara sobre o Tejo com numeroso presidio, e o Conde de Atalaya D. Luiz Manoel do Concelho de Estado, e Governador das Armas da Provincia do Minho q̃ se destinguio nas duas ultimas guerras com Hespanha, na Embaixada a Saboya, e no combate em hum só navio, contra seis de guerra de Argel a quem fez fugir com grande perda, ficando ferido gravemente: foy reconhecer

nhecer a Praça, e passado de huma bala foy a sua vida a primeira victima daquelle citio a q̃ se seguio a conquista, e outras vitorias, e nos dous Condes D. Pedro, e D. Joaõ Manoel seus filhos teve outros dous Decios que senaõ perderaõ a vida na guerra, a expuzeraõ muitas vezes com grande valor derramando nas feridas o seu illustre sangue. *Mercur. Historia politica. Memorias do tempo.*

CAPITULO CLXXII.

De Julio Cesar, e Pedro Jaques de Magalhães.

NA guerra Pontica cõtra Pharnaces, foy tal a promptidaõ com que Julio Cesar desbaratou os inimigos, que chegaraõ a Roma ao mesmo tempo as noticias da sua chegada, e da sua vitoria o que elle escreveo com aquella celebre, e laconica relaçaõ nestas tres palavras Veni, vidi, vinxi. Vim, vi, e venci *Cesar comẽtar. Plutarc. vida de Cesar.*

Estava citiada a Praça de Castelo Rodrigo na fronteira da Beira, e o Duque de Ossuna cõ hum poderoso exercito a tinha quasi rendido

no

no anno de 1664. Era Pedro Jaques de Magalhaens, Governador das Armas do partido de Riba Coa, e com exercito muito inferior deu a batalha no mesmo dia em que chegou, e a venceo quasi sem perda perdendo os Castelhanos muita gente, e seguindo os até passarẽ o Agueda. Bem podia o Parallelo de Pedro Jaques de Magalhaens primeiro Visconde de Fonte Arcadia a justarse com o de Cesar em muitas acçoens da guerra do Reyno por mar, e por terra, e na restauraçaõ de Pernambuco, e cõstãcia da prizaõ de Carthagena, mas a brevidade do Autor que seguimos, e continuamos naõ permite esta, e outras circunstancias dos Parallelos. *Portug. Rest. 2. part.*

CAPITULO CLXXIII.

De Quinto Fabio Maximo, e D. Francisco de Sousa Marquez das Minas.

FOy Quinto Fabio Maximo, o General q̃ com a sua prudencia soube refrear, e deter as armas vitoriosas dos Carthaginezes buscando campos fortes, e passos estreitos, e desprezando

presando o rumor dos temerarios pela saude publica, sendo na sua religiaõ, e nos empregos politicos igualmente grande. *Tito Liv. Hist. Romana.*

Na guerra que fez muitos annos em Entre Douro, e Minho D. Frãcisco de Sousa Conde do Prado, e de pois Marquez das Minas, soube eleger de sorte os citios, e campos daquelle terreno, que suspendeo os progressos de exercitos superiores de Hespanha, até que com o tempo ganhou, conseguio muitas ventagens em combates, e Praças que tomou, soccorrendo com tropas as outras Provincias, e depois na Embaixada a Roma, no Conselho de Estado, na presidencia do Conselho Ultramarino, e nos Officios da Caza Real que occupou mereceo justamente o Parallelo de Quinto Fabio Maximo que lhe fez o Conde de Ericeira *na 2. p. de Portugal Restaurado.*

CAPITULO CLXXIV.

De Lucio Annio Seneca, e Luiz de Vasconcellos, e Sousa Conde de Castelmelhor.

FOy Lucio Annio Seneca, hum Filosofo Estoico com hum grande dominio nas paixoens naturaes, mas teve a infelicidade de ser Ministro de Nero, que pela sua crueldade foy deposto naõ correspondendo os ultimos annos do seu Imperio aos primeiros cinco do seu governo. Teve porém Seneca a *fortuna* de se lhe naõ atribuirem na posteridade as desordens de seu Principe conservãdo-se entre ellas incorruptas, a sua virtude, e fidelidade. *Suetonio vida de Nero, e os Comentadores de Seneca.*

Luiz de Vasconcellos e Sousa Conde de Castelmelhor sendo primeiro Ministro, e Escrivaõ da Puridade d'ElRey D. Affonso VI. q̃ aos cinco annos de idade teve huma doença, q̃ perturbandolhe o juizo foy causa da sua deposiçaõ, e de algumas acçoens culpaveis que no seu tempo se executaraõ. O Conde pelo seu brando coraçaõ evitou quanto pode as desor-

dens

dens naõ querendo, nem para conservarse a morte de seus inimigos domesticos, e contandose cada anno do seu ministerio por hũa felicidade, se venceraõ tres batalhas, conquistaraõ muitas Praças, e se conseguiraõ outras felicidades. Deixou o Reyno por naõ ser causa de hũa guerra civil, e nos estranhos teve grande estimaçaõ, que a sua Patria lhe restituhio, e ElRey D. Joaõ o V. lhe recuperou, com merces, e com o exercicio de Conselheiro de Estado a divida gloria morrendo felismente de 84. annos no de 1720. com todas as virtudes christãs, e moraes. *Portug. Rest. Memorias do tempo.*

CAPITULO CLXXV.

Dos Fabios, e cinco Irmãos Menezes da Caza do Louriçal.

NA batalha de Cremera em Italia nos principios da Republica se achou toda a familia, que entaõ havia dos illustres Fabios, e ainda que a batalha se perdeu morrendo trezẽtos ficou só hum menino em que se salvou a familia. *Tito Liv. Decad.* 1.

Quando ElRey D. Sebaſtiaõ paſſou a Africa naõ havia da familia dos Menezes ſenhores do Louriçal mais que cinco Varões, de que o mais velho D. Simaõ de Menezes tinha hum unico filho de tenra idade, e foraõ todos os cinco irmãos á batalha de Alcacere donde em huma fileira ſe avançaraõ tanto, que adiantando ſe aos mais os quiz ElRey deter, mas elles reſponderaõ. Ninguem primeiro, que he a origem das letras com que hoje ornaõ os Condes de Ericeira ſuas Armas. D. Simaõ de Menezes, ficou morto com huma bandeira que tomou aos Mouros ſobre muitos inimigos, *e apar delle* tambem morto ſeu irmaõ D. Henrique, e cativos D. Fernãdo de Menezes em quem a familia ſe continuou por morrer ſeu ſobrinho D. Diogo de Menezes que depois foy primeiro Conde de Ericeira, e D. Joaõ de Menezes, e ainda que tambem a batalha ſe perdeo ganhou eſta familia como a dos Fabios; mortal fama. *Mendonça Jornada de Africa.*

CAPITULO CLXXVI.

De Belisario, e Joaõ Fernandes Vieira.

ACHou Belisario arruinados os negocios do Imperio Oriental nas suas Conquistas mais distantes, que tomãdo à sua conta o remedio como seu valor, e boa disposiçaõ tendo muita parte Narses venceo muitas batalhas, e restaurou o Imperio, ainda que depois a inveja o privou tirandolhe a vista, a fortuna lhe naõ tirou a fama, e a gloria. *Procopio. Historia Bysantina.*

Estando o Brasil, que bem póde chamarse Imperio occupado em muita parte pelos Olandezes, que como os Godos tambem vieraõ do Norte intentou lançalos fóra da Capitania de Pernambuco, Joaõ Fernandes Vieira que à sua custa, e sem soccorro de Lisboa antes com oposiçaõ da Corte, pelo Tratado de Olãda formou exercito, venceu a batalha dos Guararapes, e outras, ganhou Olinda, e a forte Praça do Arrecife ajudado do valor de Andre Vidal de Negreiros ajudando-se tambem com

Belisario de naçoens barbaras que disciplinou, aos do Brasil por D. Antonio Filippe Camarão, aos negros por Henrique Dias, restaurou o Estado para seu Rey lançando do Brasil de todo os Olandezes, e ainda que depois no governo de Angola o capitularaõ injustamente por dez mil cruzados quẽ no serviço d'ElRey gastou hum milhaõ se justificou, e fazendo-o ElRey Concelheiro de Guerra, e dandolhe outras Cõmendas, e merces ficou com imortal nome. Frey Rafael de Jesus. *Castrioto. Lusit. Ericeira Portug. Rest.* 1. *part.*

CAPITULO CLXXVII.

De Mucio Scevola, e Henrique Dias.

Estando Porsena Rey dos Hetruscos sobre Roma intentou Mucio Scevola matalo, quando fazia hum sacrificio, e enganando-se matou hũ official da caza d'ElRey, e prõptamente metteu a maõ direita no brazeiro que estava para o Holocausto, e a queimou, acçaõ que admirou ao Rey, e lhe deu a vida por quẽ disse Marcial.

Si

Si non errasset, fecerat ille minus.
Tito Liv. Dec. 1. *Floro, &c.*

Na guerra de Pernambuco se achou em huma occasiaõ ferido na maõ direita Henrique Dias, negro valeroso (q̃ foy Mestre de Cãpo, e teve o Habito de Christo pelas suas acçoens) (e dizendo ao Cirurgiaõ que o curasse depressa para voltar á batalha, lhe respondeu que para salvar a maõ, era a cura dilatada: pois corta, e cauteriza, disse o Scevola Portuguez (que assim lhe chama o Cõde de Ericeira na sua Historia,) assim o fez voltou à batalha, e com a espada na outra maõ obrou prodigios, este ambidextro como os de Gedeaõ. *Port. Rest.* 1. *p.*

CAPITULO CLXXVIII.

De Apio Claudio, e Miguel Carlos de Tavora Conde de S. Vicente.

NAõ tinhaõ os Romanos o exercicio da guerra maritima em que os venciaõ os Africanos Carthaginezes, porém Apio Claudio tendo servido na terra se applicou tambem ao mar, e venceo aos Carthaginezes no primei-

ro combate naval, e livrando alguns navios dos aliados de Roma, e restaurando a disciplina maritima. *Livio Dec. 3. Mõtot orbis maritimus.*

Miguel Carlos de Tavora, que depois foy Conde de S. Vicente General das Armas, Presidente do Concelho Ultramarino servindo com grande valor nas principaes batalhas, e occasioens de Alentejo, Tras os Montes, e Minho, se embarcou depois da paz muitas vezes, e tomando navios aos Mouros Africanos livrou prezas, que elles tinhaõ feito aos Inglezes, nossos aliados, defendeo o porto de Lisboa em 1701. tinha servido de Almirante na *Armada* que foy a Saboya em 1682. donde luzio tanto que pedindo ao Governador de Niza de Piemonte que naõ tomasse por perdido hum navio Francez que se valeo do Conde porque o confiscavaõ por naõ ter dado entrada naõ querendo o Piemontes defirirlhe, o Conde pagou da sua fazenda todo o navio, e carga. *Memorias do tempo.*

CA.

CAPITULO CLXXIX.

De Publio Servilio, e Lopo Furtado de Mendonça Conde do Rio Grande.

NA guerra que os Romanos fizeraõ aos Piratas no mar Mediterraneo venceraõ ás forças navaes de Europa, Africa, Asia, e teve a melhor parte. *Publio servilio. Floro Epitome. Histor. Rom. na guerra dos Piratas.*

Estãdo a Ilha de Corfu dos Venezianos em grãde aperto pedio o Papa Clemente XI. soccorro a ElRey D. Joaõ o V. de Portugal, e nos dous annos sucessivos de 1716. e 1717. mãdou ElRey hũa luzida esquadra governada por Lopo Furtado de Mendõça Conde do Rio grande, servindo de Almirante o Conde de S. Vicente Manoel Carlos de Tavora, General de batalha do mar, e de Fiscal Pedro de Sousa de Castelobranco. No primeiro anno com a noticia de que chegavaõ os Portuguezes levantaraõ os Turcos o citio, no segundo os atacou a nossa esquadra, e pouco soccorrida das outras Naçoens os obrigou a fugir, e aos Piratas de

Tu-

Tunes, e Argel, com agradecimentos particulares do Pontifice, e de Veneza, e grande gloria do Conde do Rio, e dos mais Cabos. *Relaçaõ impressa em Messina.*

CAPITULO CLXXX.

De Xenophonte, e D. Fernando Mascarenhas Marquez de Fronteira.

FOy Xenophonte naõ só eloquente, e chamado pela suavidade do seu estilo a abelha atica, mas Filosofo erudito em muitas faculdades, e ao mesmo tempo grande General, e foy celebre a retirada que fez com dez mil homẽs que resistiraõ ás forças superiores dos inimigos de que escreveo hum excellente livro, e outros de historia, e de diferentes asumptos, e naõ floreceo menos nas virtudes moraes. *Portio na vida de Xenophonte, e nos Comentos ás suas obras. Vocio nos Historiadores Gregos.*

D. Fernãdo Mascarenhas Marquez de Frõteira, ainda que naõ fosse de taõ illustre nascimento como era, seria memoravel pela sua grãde sciencia, e erudiçaõ, e atè na lingoa Grega

teve

teve grande estudo como Xenophonte, soube a Latina, e as vulgares com perfeiçaõ as sciencias, e Artes, e escreveo na Academia Real a Historia dos Romanos na Lusitania. Foy valeroso, e destro General no governo das Armas da Beira, e Alentejo donde fez huma celebre retirada em 1709. pelejando sempre contra poder superior: escreveo sobre diversas materias com grande acerto, e nas civis foy igualmente estimado como nas virtudes moraes, e assim o mostrou nos lugares referidos, e nos mais postos militares, e governo do Algarve, em Conselhei o de Estado, e Guerra, Vedor da Fazenda, e Presidente do Paço, Mordomo mór da Rainha. Morreo com tanta christandade como tinha vivido em 24. de Fevereiro de 1729. de 74. annos. *Brochado Elogio do Marquez de Frõteira.*

CAPITULO CLXXXI.

De Mario, e Paulo de Parada.

SEndo Mario de humilde nascimento chegou pelo seu valor, e virtudes militares aos postos superiores da Republica, e porque alguns

guns lhe quizeraõ lançar em rosto a sua pouca nobreza, fez a admiravel Oraçaõ que tanto adornou Salustio dizendo cõtra os nobres que presumiaõ de sua calidade naõ tendo acçoens proprias que naõ havia cousa mais injusta do que naõ concederlhe a virtude q̃ era sua áquelles que só presumiaõ da que era alhea. *Salustio guerra Jugurtina. Plutarc. Vida de Mario.*

Paulo de Parada era natural de *Alentejo*, e nunca disse do seu nacimento senaõ que era Portuguez, e limpo, que tinha as suas provanças escritas na folha da sua espada sobindo em Flandes por todos os postos com tanta *valentia* como disciplina chegou ao de Mestre de Cãpo General, que era só hum no Exercito, e teve grande parte nas mayores batalhas, e citios do seculo passado. Huma vez que veyo á Corte de Madrid lhe abrio o estribo ao chegar ao Paço hum dos principaes senhores de Hespanha, que estando com outros quiz mostrar com esta cortezania quanto estimava hum General com quem tinha servido em Flandes; porèm Paulo de Parada pouco costumado aos comprimentos da Corte naõ fez muitos a este Grãde, de que outros que estavaõ com elle o argui-

raõ

raõ com que desconfiado buscou dizendolhe, quando cuidou o Senhor Paulo de Parada que o Duque de --- lhe havia de abrir o estribo á Porta do Palacio de Madrid, a que respondeo o Portuguez, desde o dia que assentey praça o tive por infalivel. *Relac. manuscrita da Corte de Madrid.*

CAPITULO CLXXXII.

De Cayo Fabricio, e D. Jeronymo de Ataide Conde de Atouguia.

CAyo Fabricio foy duas vezes Consul, e Censor triunfou no segundo Consulado dos Lucanos, Bruttos, Tarentinos, e Samnites venceo a Pirrho Rey de Epiro, que intentou sogeitar Italia, viveo sempre exemplar illustre de justiça, e de desinteresse. Sendo Censor privou de voto senatorio a Publio Rufino, que tinha sido duas vezes Consul só porque possuia vinte marcos de prata lavrada reprimindo Cẽsor o luxo, e despresando General as riquezas. *Seneca Epist. 99. l. 16. Valer. Maxim. l. 4. cap. 4.*

D. Jeronymo de Ataide Conde de Atouguia

guia foy o unico titulo de Portugal entre os Aclamadores d'ElRey D. Joaõ o IV. em 1640. mostrou o seu grande valor governando as Armas de algumas Provincias, e em 1660. o exercito de Alentejo, e a sua grande capacidade nos empregos politicos, de Conselheiro de Estado, do despacho, Presidente da Junta do Comercio, e tambem foy General da Armada, e Governador do Brasil, neste emprego engeitou tudo quanto lhe offereceraõ, e sendo permittido o comercio naõ quiz contratar mostrando em tudo hum grande desinteresse, e igual justiça, e por esta causa o Senado da Camara da Bahia colocou na mesma casa o seu Retrato. *Portug. Rest.*

CAPITULO CLXXXIII.

De Gustavo Adolpho, e Andre de Albuquerque.

Tinha Gustavo Adolpho Rey de Suecia combatido contra o poder superior, o Imperio de Alemanha sempre com insignes vitorias, e tendo vencido a batalha de Lutzen em 1632. o mataraõ no fim da acçaõ. *Galeaço Gualdo*

Gualdo. Hist. de Fernando III.

Naõ sò no posto de General de Cavallaria de Alentejo, mas nos outros, que tinha occupado mostrou Andre de Albuquerque o seu valor, e sciencia nas batalhas do Montijo S. Miguel, e outras occasiões, e na batalha das Linhas de Elvas em 1659. tendo contribuido muito para a grande vitoria que se alcançou, morreo de huma bala triunfando. *Port. Rest.*

CAPITULO CLXXXIV.

De Belisario, e Frãcisco de Ornelas da Camara.

QUãdo o Imperio do Oriente estava cõbatido governando Justiniano dos inimig. mais poderosos pòde o valor de Belisario conseguir as acçoens que pareciaõ mais deficultosas porèm a inveja o acusou falçamente de inconfidencia, e sendo prezo ignominiosamente lhe tiraraõ os olhos, dano que se lhe naõ pode restituir ainda que depois reconhecida a sua innocencia se lhe levantou huma Estatua. *Historia Bysantina.*

A Fortaleza da Ilha Terceira q̃ domina, e asses-

assegura a Cidade de Angra, he tida por inexpugnavel, porèm quãdo se aclamou ElRey *D.* Joaõ o IV. achou por arte, e por força o modo de aganhar Frãcisco de Ornelas da Camara hũ dos Fidalgos principaes daquella Ilha, fazendo a guerra à sua custa apezar dos soccorros d'El-Rey Catolico, veyo a Lisboa a receber o premio de huma acçaõ taõ pouco esperada, e da mesma inteligencia que teve com os *Castelhanos* para ganhar a Praça, lhe formaraõ culpa, e esteve prezo, e com grande despeza, e trabalhos, foy solto, e se lhe imprimio a sentença, e ElRey lhe deu huma Cõmenda, e *lhe fez varias* merces porém elle descontente tambem naõ quiz ver mais a Corte, e se retirou para a sua Patria. Este Parallelo tãbem póde servir a Mathias de Albuquerque, a D. Joze de Menezes, e a outros Varoens insignes injustamente calumniados, e gloriosamente restituidos. *Port. Restaur. part.* 1.

CA-

CAPITULO CLXXXV.

De Lucio Sila, e D. Luiz da Silveira Conde de Sarzerdas.

Tinha chegado Lucio Sila a mayor dignidade sendo Dictador, e tendo antes mostrado em muitas acçoens de valor, e generosidade, que merecia o posto superior a q̃ chegara, porém entendendo, que o conservarse nelle era contra a sua reputação, o deixou, e naõ deu causa á guerra civil. *Plutarc.*

D. Luiz da Silveira Conde de Sarzerdas, com menos ambiçaõ que Sila, e naõ com menos virtudes mostrou em desafios, e em campanhas o seu grande valor, no governo do Algarve a sua justiça, e na Corte o seu lusimento, e verdade: teve grande parte em cessar a guerra civil com a regencia do Principe D. Pedro, e naõ aceitando muitos lugares grandes teve em 1701. o de Vedor da Fazenda, que largou briosamente por lhe desputarem a preheminẽcia, q̃ pertendia de governar a Armada dentro do Porto de Lisboa. Em 1704. foy Conselhei-

ro de Estado, e morreo em 1706. com o triste presagio de cahir em Santa Justa dentro de huma sepultura, deixando em seu filho o Conde D. Rodrigo da Silveira, hum digno imitador das suas virtudes, e morreo dos mesmos 66. annos que tinha seu pay em 1730. *Memor. do tempo.*

CAPITULO CLXXXVI.

De Pompeyo, e o Infante D. Duarte.

DEpois que Pompeyo teve tanta *parte na* defença da Republica Romana, indo ao Egipto entregou a sua cabeça a Julio Cesar seu inimigo, que com afectada piedade chorou à sua vista. *Suet. vida de Cesar.*

O Senhor D. Duarte Infante de Portugal, tendo servido o Imperio em muitas occasioens com grande valor, e capacidade, e occupando o posto de General de Batalha sem mais culpa que ser aclamado ElRey D. João o IV. seu irmaõ no Reyno de Portugal que lhe pertencia, foy vendido a seus inimigos, e morreo no Castelo de Milaõ depois de muitos annos de huma

estreita prizaõ, e varios tormentos, sendo Principe de grandes virtudes, sciencia, e bizarria. *Velasc. na Just. aclamac. E outros.*

CAPITULO CLXXXVII.

De Numa Pompilio, e ElRey D. Pedro II.

Achou Numa Pompilio II. Rey de Roma, aquelle Reyno novamente fundado cõ perigosas guerras que fazia aos Reys, e Povos vesinhos, mas para assegurar a Monarquia, fez huma paz gloriosa sendo reconhecido pelos mesmos que lhe disputavaõ o titulo de Rey, e fundãdo-se na piedade, e Religiaõ a fez triunfar, e a cabou felicemẽte. *Tito Liv. Dec.* 1. *l.* 4.

ElRey D. Pedro II. succedendo a ElRey D. Joaõ o IV. pela incapacidade de seu irmaõ ElRey D. Affonso VI. principiou por huma paz gloriosa com Hespanha q̃ o reconheceo como devia por legitimo Rey de Portugal, e com grande piedade, reinou 39. annos atè 9. de Dezembro de 1706. em que morreo catolicamẽte mostrando se tambem vigoroso na guerra q̃ emprendeo, entrando as suas Armas em Ma-

drid em 1706. e fazendo propagar, e triunfar a Fé Catholica, principalmente na protecçaõ que concedeo ao Santo Officio da Inquisiçaõ a quem se tinhaõ opposto os inimigos da Fè. *Memorias do tempo.*

CAPITULO CLXXXVIII.

De Quinto Ogulnio, e D. Luiz de Sousa Arcebispo de Braga.

NO tempo em que havia em Roma hum contagio foy por Embaixador da Republica a Epidauro Ogulnio, e trouxe comsigo ao Deos Escolapio, a quem tinhaõ ainda que falçamente pelo Numen da Medicina figurado em huma serpente simbolo da Prudencia, e cessou a peste da Republica. *Valerio Maximo.*

Atrevendo-se o Judaismo a inficionar com o seu contagio o Reyno de Portugal, e as suas Conquistas culpando injustamente o recto proceder do Santo Officio. Foy mandado por ElRey D. Pedro II. ao Summo Pontifice Innocencio XI. D. Luiz de Sousa, Bispo de Lamego, que despois foy Arcebispo de Braga, e do Con-

Conselho de Estado, e tinha sido Lente de Prima de Theologia na Universidade de Coimbra, e cõ admiraçaõ da mesma Roma mostrando todas as virtudes de hum grande Perlado, e de hum perfeito Ministro trouxe a Lisboa em 1682. do verdadeiro Oraculo a prudente decisaõ na Bulla com que o Santo Officio cõtinuou em purificar do contagio da Heregia ao Reyno mais puro na Religiaõ. Morreo este grande Varaõ em 1690. *Barbosa Catalog. dos Colleg. de S. Paulo.*

CAPITULO CLXXXIX.

De Cayo Octavio, e D. Miguel de Portugal, Bispo de Lamego.

CAyo Octavio, foy Embaixador de Roma a ElRey Antioco o qual procurou dilatalo sem lhe dar reposta positiva, e vendo isto o Embaixador hum dia, que ElRey ouvindo as suas representaçoens disse, que cuidaria em lhe responder, fez com huma vara hum circulo ao redor do Rey, e lhe disse, que se sahisse do circulo sem responder o haveria por

declarado inimigo da Republica, que por essa Embaixada lhe eregio huma Estatua. *Plinio l. 34.c.6.Valer.Maxim.lhe chama differēte nome.*

Quando os inimigos de Portugal queriaõ disputar em Roma do direito infalivel d'ElRey D. Joaõ o IV. nomeou elle por seu Embaixador ao Papa Urbano VIII. a D. Miguel de Portugal Bispo de Lamego, irmaõ do Marquez de Aguiar, e da illustre casa dos *Condes* do Vimioso, e querendo insultalo o Marquez de los Velez, Embaixador de Hespanha para o que se prevenio com gente, e armas o illustre Perlado, naõ só se defendeo, mas fez *retirar* o seu contrario, e a sua familia com grande perda, e pouca reputaçaõ, mandando o Papa sair de Roma ao Marquez de los Velez, e succedeo que disparando-se por parte do Bispo hum bacamarte ficaraõ em hum cunhal de Roma cinco balas na fórma das Quinas de Portugal como muitos annos antes tinha profetizado o mistico varaõ Bertholameu Salusio. *Portug. Rest. 1. part.*

CA-

CAPITULO CLXL.

De Tholomeu Rey do Egipto, e D. Luiz de Sousa Cardeal, e Arcebispo de Lisboa.

ERa Tholomeu Rey do Egipto, summamente magnifico nas suas acçoens, e protector das letras, tendo o seu Palacio admiravelmente ornado, e juntando a mayor livraria na Corte que se tinha visto até o seu tempo; querem alguns que fossem de seis centos mil volumes, e ou o numero se acrescenta, ou os livros como he certo, eraõ como hoje os capitulos. *Morofio Polihistoria.*

D. Luiz de Sousa Cappellaõ môr do Conselho de Estado, Arcebispo de Lisboa, e Cardeal ainda que naõ reinou, descendia de muitos Reys, e a casa dos Cõdes de Miranda, Marquezes de Arrõches, e hoje Duques de Lafoens, entrou na Real deste Reyno pelo casamento da Senhora Dona Luiza de Sousa, com o Senhor D. Miguel, filho legitimado d'ElRey D. Pedro II. Teve o Cardeal de Sousa o Palacio Archiepiscopal sumptuosamente ornado fazẽdo

do nelle obras magnificas, juntando a mayor livraria, que atè aquelle tempo se tinha visto em Lisboa, que dizem se compunha de trinta mil volumes excellentemente encadernados, com outras raridades: morreo em 1702. *Sousa Moreir. Hist. Geneolog. da famil. dos Sousas.*

CAPITULO CXCI.

De Druso, e o Senhor D. Miguel.

FOy Druso filho do Emperador Tiberio, e adornado de tantas virtudes, e partes que era a adoraçaõ da Corte de Roma, mas a sua intempestiva morte naõ sem sospeitas de veneno cortou estas bem nascidas esperanças. *Tacito Historia Romana.*

O Senhor D. Miguel filho legitimado d'El-Rey D. Pedro II. e de huma nobre Dama Frãceza, era de gentil presença, sciente na Filosofia, Mathematica, e outras artes, e na lingoa Latina, e outras quatro, e destro em todos os exercicios varonis, e summamente amado pelos seus virtuosos dotes, mas tudo acabou naufragando no Tejo em Janeiro de 1724. tendo vinte

vinte e quatro annos de idade. Tinha sido cazado como dissemos, e deixou dous filhos, e huma filha, sucessores da sua grande casa, e das suas illustres partes. *Relaçaõ da morte em 1724. Egl. do Conde da Ericeira.*

CAPITULO CXCII.

De Mario, e Francisco de Tavora Conde de Alvor.

TEve Cayo Mario grandes vitorias naõ só em a Europa, mas em Africa, e outras partes, e naõ tendo nobre nascimento foy sempre respeitado pela vigorosa disciplina q fazia observar as suas tropas, e pela austeridade dos seus virtuosos costumes. *Plut. vida de Mario.*

Francisco de Tavora foy da illustre familia dos Condes de S. Joaõ, mas nascendo filho terceiro fez huma nova casa que depois se unio com as dos Marquezes de Tavora, e achandose em muitas occasioens da primeira guerra de Hespanha em que foy General de Batalha, em Africa destruhio ElRey das Pedras sendo Governador de Angola, defendeo a India sendo Viso-

Viso-Rey, e o Reyno na ultima guerra governãdo as Armas de Traz os Montes, e Alentejo, e nos lugares de Conselheiro de Estado, Regedor, e Presidẽte do Ultramarino mostrou o seu zelo, e verdade. *Memorias do tempo.*

CAPITULO CXCIII.

De Luculo, e D. Alvaro Pires de Castro Marquez de Cascaes.

FEz Luculo em Asia celebre a grandeza de Roma pelo luzimento, pela delicia dos banquetes, e pela magnificencia da casa, e voltando para Roma trouxe a ella os mesmos indicios da sua generosidade. *Plutar. vida de Varoens illustres.*

Fez o Marquez de Cascaes D. Alvaro Pires de Castro do Conselho de Estado, Embaixador Extraordinario à Corte de Frãça, conhecida no Mundo a opulencia d'ElRey D. Joaõ o IV. quando se supunha exhausto o Reyno com a usurpaçaõ de sessenta annos, e com a guerra que gloriosamente sustentava em todas as quatro partes do Mundo. Entre muitas acçoẽs generosas

nerosas do Marquez, foy huma a dehospedar a Rainha Henriqueta de Inglaterra com toda a sua Corte, e por haver falta de lenha comprou hum Palacio de que queimou as madeiras na hospedajem: seu filho o Marquez D. Luiz de Castro do Conselho de Estado renovou na mesma Embaixada as memorias de seu pay, e trouxe a Lisboa os moveis mais preciosos, e polidos de França. *Jornada do Marquez de Cascaes. Fr. Manoel Homem. Relação do Marquez D. Luiz em Pariz.*

CAPITULO CXCIV.

De Camilo, e D. Sancho Manoel Conde de Villa Flor.

SEndo os Galos muito mais poderosos, que os Romanos tinhaõ redusido a Republica ao ultimo perigo porém Camilo com as suas vitorias fez triunfar Roma dos seus inimigos, e a livrou dos tumultos, e divisoens em que fluctuava. *Tito Livio e Plutarco.*

Padeceo Lisboa hum perigoso motim com a perda de Evora, e de outras Praças de Alen-

tejo

tejo que D. Joaõ de Austria tinha ganhado no anno de 1663. e nos dous antecedentes; porèm D. Sancho Manoel depois Conde de Villa Flor ganhou huma grande ventagem no dia do de Gebe, e na batalha do Ameixial em que D. Joaõ de Austria ficou inteiramente derrotado, e restaurãdo Evora, e outras Praças se socegou Lisboa, e assegurou a Monarquia. *Cunha Cãpanha de Portugal.*

CAPITULO CXCV.

De Posthumio, e D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa.

CReraõ os antigos Romanos alguns sucessos que pareceraõ milagrosos, e assim se conta que Castor, e Polus appareceraõ em dous cavalos brancos, e fizeraõ ganhar a Roma a vitoria contra os Latinos junto ao Lago Regillo sendo Dictador Posthumio. *Tito Liv. Dionisio Halicarnasseo.*

Com mais verdade vio o grande Perlado D. Rodrigo da Cunha, e todo o povo de Lisboa no dia da aclamaçaõ de 1640. despregar hum bra-

braço hum Crucifixo da Sè que hia na procissaõ, e o successo mostrou que Deos abençoara esta acçaõ sendo D. Rodrigo hum dos Perlados mais perfeitos que teve o Mundo como se justifica da fidelidade com que concorreo para a mesma aclamaçaõ, e com que exercitou o lugar de Conselheiro de Estado, e as virtudes que mostrou naõ só no Bispado de Portalegre, mas no do Porto, e nos Arcebispados de Braga, e Lisboa de que escreveo a Historia, e outros livros de muita doutrina. *Portugal Restaurado. Memorias da Academia.*

CAPITULO CXCVI.

De Marco Varraõ, e Manoel de Faria e Sousa.

NAõ só nas virtudes mas na sciencia foy Marco Varraõ hum dos mayores homẽs entre os Romanos, e parece incrivel o numero dos volumes, e a variedade de materias em q̃ escreveo com igual acerto, e muitas de Historia. *Vossius de Historia Latina.*

Ainda que Manoel de Faria, e Sousa naõ foy taõ favorecido da fortuna consagrou o seu talen-

talento à gloria da sua Patria, e compoz os muitos livros que correm impressos, e sevaõ imprimindo dos que estavaõ manuscritos naõ só de Historia, mas de toda a Filologia conservando-se entre os inimigos da sua Patria com incorrupta fidelidade, até que morreo em Madrid em 1649. *Ericeira Juizo Historico, e Porcel no seu Retrato.*

CAPITULO CXCVII.

De Hortencio, e Francisco de Mello de Torres, Marquez de Sande.

A Eloquencia de Hortencio famoso Orador Romano persuadio assim aos naturaes como aos Estrangeiros os verdadeiros interesses da Republica, que conseguio no seu tẽpo a concluzaõ de importantes alianças, e famosas vitorias. *Cicero de claris Oratorib.*

Francisco de Mello, e Torres, Conde da Ponte, Marquez de Sande do Conselho de Estado, Embaixador Extraordinario a França, e Inglaterra, e Condutor da Rainha de Gram-Bertanha, tendo servido com muito valor atè occu-

occupar o posto de General de Artelharia de Alentejo. Foy empregado por ElRey D. Affõ-so VI. nas duas importantes negociaçoens dos cazamentos da Infanta Dona Catharina, com ElRey Carlos II. de Graõ Bertanha, e d'ElRey com a Princeza de Neomurs, e concluyo com a sua eloquencia as duas ligas de Portugal com as duas Coroas de que resultou a gloriosa paz, e saõ as suas cartas humas das mais bem escri-tas de seu genero. *Portug. Restaur. 2. parte.*

CAPITULO CXCVIII.

De Demosthenes, e D. Vasco da Gama Marquez de Niza.

AInda que Demosthenes nasceo com alguma prizaõ na lingoa a soube soltar cõ admiravel eloquencia, e teve as Maximas mais firmes votando, que se concervase a liberdade apezar do receyo das Conquistas de Filippe q̃ aspirava a Monarchia Universal, porém sendo o seu voto taõ constante, e acertado resultou a ruina de Athenas de o haver seguido. *Plutarc. vida de Demosthenes.*

D.

D. Vaſco da Gama Conde da Vidigueira, e Marquez de Niza do Conſelho de Eſtado, do deſpacho, e Vedor da Fazenda, naõ ſendo dotado da fermoſura, da eloquencia foraõ ſempre acertados os ſeus dictames politicos, e nas duas Embaixadas a França propondo ſe alguns Tratados em que Portugal havia de ceder algũas das ſuas Conquiſtas, ou concluir a paz com ElRey D. Filippe que tambem aſpirou a *Monarchia Univerſal* diſſe q̃ antes cortaria a maõ que aſignalos, e deſtes, e outros votos ſe ſeguio conſervar Portugal os ſeus dominios, e a ſua ſoberania. *Portug. Reſtaur. 2. part.*

CAPITULO CXCIX.

Do Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira, com o Duque do Cadaval da meſmo nome.

O Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira de quem deſcende a Caza Real de Portugal, e todas as ſoberanas de Europa concorreo para a exaltaçaõ d'ElRey D. Joaõ o I. e para a defença do Reyno com o valor, e fidelidade que he notorio, e engrandeceo ElRey

a ſua

a sua pessoa, e caza com os mayores titulos, e despachos morreo de huma idade muito avançada no Convento do Carmo que fundou com os mayores signaes de predestinado. *Memorias d'ElRey D. Joaõ o I.*

D. Nuno Alvares Pereira Duque do Cadaval descendente do Grande Condestavel, teve o seu nome exercitou em Cortes o seu Officio, foy seu descendente, e dezempenhou estas, e outras circunstancias, servindo com valor, e sẽdo ferido na batalha de S. Miguel occupando com os mayores lugares militares, e politicos os de Conselheiro de Estado, e do Despacho, e Presidente do Paço, tambem concorreo para que ElRey D. Pedro II. sendo Infante tivesse a Regencia do Reyno, e com muitos annos teve huma morte muito Catholica em 29. de Janeiro de 1727. como se póde ver no livro, que magnificamente publicou o Duque do Cadaval D. Jayme de Mello, seu filho do Conselho de Estado, Estribeiro mor d'ElRey, e Presidẽte da Mesa da Conciencia donde o Conde de Ericeira fez hum largo, e perfeito Parallelo destes dous insignes Varoens.

CAPITULO CC.

De Salamaõ, e ElRey D. Joaõ V. de Portugal.

FAcilmente se terá visto nestes Parallelos que naõ faltamos aos dous pontos principaes deste supplemento como jà advertimos pois naõ tratamos de nenhumas das *acçoens* dos Heroes que foraõ mais antigos que Frãcisco Soares Toscano, Autor desta obra pois sendo elle taõ erudito nos naõ atrevemos a suprir muitas acções dignas de memoria, e que teriaõ facil comparaçaõ com as dos antigos de que este Autor naõ quiz tratar, e de que fica livre o campo para os que quizerem empregarse em assumpto taõ glorioso à nossa Patria. Naõ quizemos tambem louvar os Varoens insignes em armas, letras, politica, e virtudes que hoje vivem, e florecẽ pelos justos inconvenientes que incitaõ naõ só a emulaçaõ, mas a inveja.

Deve exceptuarse desta Ley que nos impozemos o nosso Legislador, achando tantas semelhanças entre ElRey Salamaõ, e ElRey D. Joaõ o V. que só dezejamos a diferença de que

a vida

a vida deste nosso Monarca exceda muitas vezes a daquelle Sabio Rey, e tenha depois de muitos seculos hum fim em tudo felice. Mostrou ElRey Salamaõ de poucos annos huma sabidoria mais inspirada que adquerida, foy filho de hum Rey que entrou depondo a Saul, e sendo guerreiro, e vitorioso, e tambem na paz felice, e benigno, descobrio minas de ouro no Ophir, e de outros generos preciosos nas partes do Mundo mais remotas, que cõdusio nas suas Armadas enrriquecẽdo o Reyno de hum povo amado de Deos, e que naõ admittia mais q̃ a verdadeira Religiaõ; cultivou, e fez florecer as sciencias, e artes em que foy o mais insigne, atrahio os melhores artifices, e em grande numero os Musicos mais destros com mayor põpa nas ceremonias publicas, e com a mayor generosidade em todas as suas acçoens. Os Reys ainda os mais distantes reconheceraõ cõ prezentes, e Embaixadas a sua grandeza. Fundou para Deos o Templo mais sumptuoso a q̃ dedicou os adornos mais preciosos, e polidos, e jũto ao Templo edificou Palacio dando à Gerarquia Ecclesiastica a devida estimaçaõ, e porq̃ nesta Historia infalivel do Sabio Rey Sala-

maõ se vé copiada a do nosso Rey D. Joaõ o V. sem nova applicaçaõ està feito o Parallelo com que estes duzentos ficaõ ennobrecidos, e coroados.

Como o Autor deste Livro continuou os numeros dos seus Parallelos com os que fez de algumas mulheres insignes antigas, e Portuguezas nos pareceo que seguiamos melhor o seu asumpto cõtinuando como fizemos desde o numero 152. em que elle acabou os seus Varoens insignes atè o de 200. as novas comparaçoens, e tornar a buscar o fio que se interrompeo com os numeros separados em que se incluem os 8. Parallelos das suas Heroinas com mais 12. das que floreceraõ depois que elle imprimio o seu Livro em 1623. Naõ tratando tambem das que hoje vivem.

PARALLELOS DE MULHERES

ILLUSTRES, A QUE ALGUMAS Portuguezas ſe Aſſemelharão em ſeus feitos, ditos, e obras.

CAPITULO I.

De Lucrecia, e Ormia.

LUCRECIA matrona Romana mulher de Collatino, ſendo por Sexto Tarquino filho d'ElRey Tarquino ultimo Rey de Roma, forçada, e deshonrada, ſentio tãto ſeu honeſto animo eſta afronta, que procurou logo matarſe, antes que viver em perpetua deshonra à viſta de ſeu inimigo. E

dandò conta do ſucceſſo a ſeu marido, e parentes por tirar a ſuſpeita, que poderiaõ ter de haver nella algum modo de conſentimento no adulterio paſſado, ſe matou diante delles tomando de ſi propria a vingança, que no adultero naõ podera executar. *Livio Dec.* 1. *lib.* 1. *Val. Max. lib.* 6. *cap.* 1.

Semelhante o fez huma mulher Portugueza chamada Ormia em tempo do grande, e celebre Capitaõ Viriato Portuguez a qual ſendo de hum ſoldado Romano cativa; e forçada, e deshonrada ſe quizera matar, ſe o deſejo de vingança naõ lhe atalhara ſeu propoſito. E diſſimulando com elle o melhor que pode, o ſegurou em modo, que vẽdo-o hum dia mettido no ſono, lhe cortou com ſua propria eſpada a cabeça; e deſmentindo os guardas, a trouxe a ſeu marido em ſinal de ſua caſtidade, e por evitar ſuſpeitas, que o marido poderia ter de conſentir no adulterio, ſe matou (como o fez Lucrecia) ante ſeus olhos, e de ſeus parentes, tomando vingança de ſi, naõ contente com a do Romano, por naõ viver tambem infamada entre as Portuguezas, que neſta parte ſaõ exemplo de caſtidade entre todas as outras naçoens.

Alla-

Alladius in tract. de sacrif. apud Monarchia Lusit. p. 1. lib. 3. cap. 5.

CAPITULO II.

De Paulina, e huma Portugueza.

PAulina nobre Romana mulher de Saturnino sendo enganosamente no templo de Anubis deshonrada por Decio Mundo cavalleiro Romano, o qual fingindo-se ser o Deos Anubis (de que os cegos Romanos eraõ muy devotos) se envolvera com ella. Sabendo despois Paulina ser o cavalleiro Decio, o que com ella estivera, e naõ o Anubis, que ella cuidava, cobrou tal sentimento, e paixaõ, que rasgando os vestidos que sobre si tinha, veyo quasi dar em louca impaciente de sua deshonra, e segundo Eusebio Cesariense se matou com hũ punhal, posto q̃ lhe chama Sophronia. *Joseph. de Antiq. lib. 18. c. 4. Euseb. lib. 1. de vera cõstan. c. 228.*

Semelhante acõteceo a huma mulher Portugueza (a que se naõ sabe o nome) casada Entre Douro, e Minho com hum lavrador, a cuja caza acolhendo-se huma mulher homisiada da

justiça, como nella estivesse alguns dias, e fossẽ exteriormente bem parecida, veyo a tomarlhe affeiçaõ o lavrador. E desejando effeituar sua vontade, communicou sua secreta paixaõ com hum compadre seu, pedindolhe concelho, e ajuda sobre a pretençaõ, e por fim concertaraõ ambos irem de noite ter com ella ao celleiro, em que estava escõdida. Naõ deixou a mulher do lavrador de suspeitar o que despois *aconteceo*, e determinou manhosamente enganar, e zombar do marido, tomando o com o furto na maõ. O que fez, acomodando-se no lugar da homisiada, e a ella noutra parte, e *se ouve* na traça com tanta cautella, e dessimulaçaõ, q̃ o marido, e o compadre se envolveraõ alternadamente com ella, imaginando ser a homisiada. Mas pela manhãa, sabendo a honesta Portugueza o desastre de seu engano, o tomou tanto a peito, que se deixou morrer sem querer comer bocado. Que certo para rustica foy grande constancia, e como de tal o escrevi aqui, naõ se dedignando Joaõ de Barros Dezembargador d'ElRey D. Joaõ III. deixallo em memoria por notavel em as antiguidades que compos de Entre Douro, e Minho manuscriptas. *cap*. 8.

CA-

CAPITULO III.

De Anonyma, e Anna Fernandes.

ANonyma matrona Lacedemonia, ouvindo as tristes novas da morte de hum seu filho que tinha, e em certa batalha morrera pelejando com estranho esforço, e cavallaria, os gritos em que com a dor devera romper converteo em muita paciencia, e facilidade no desprezo de sua morte, por saber que morrera a pè quedo pelejando atè o ultimo suspiro. *Cic. lib.* 1. *Tusc. quæst.*

O mesmo fez Anna Fernãdes matrona hõrada casada com o Bacharel Fernaõ Lourenço Physico no primeiro cerco de Dio. No qual vio ante seus olhos morto hum filho seu mancebo esforçado, e de grandes esperanças, chamado Francisco Mendes de huma espingardada, que os inimigos lhe deraõ pela cabeça, em cuja morte a paciente mãy com animo de Lacedemonia mostrou varonil sofrimento, e esforço, que sempre mostrara em todas as occasioens deste cerco, como he testemunha de

vista

vista Lopo de Sousa Coutinho no primeiro cerco de Dio. *liv. 2. cap. 13. fol. 62. Francisco de Andrada no mesmo canto 16. e na Chron. d'El Rey D. Joaõ III. p. 3. cap. 60.*

CAPITULO IV.

De Cornelia, e Barbara Fernandes.

TAmbẽ Cornelia matrona Romana muy celebre, e conhecida por mãy dos valerosos Grachos, dous filhos sós que tinha, por nome Tyberio, e Cayo mancebos esforçados, e de grande preço, em que ella tinha posta a esperança de seu descanço, e velhice, os vio ambos mortos a ferro por seus inimigos jazerẽ no campo sem sepultura, nem quem se atrevesse darlha. Pelo que sendo das outras matronas lastimada, e havida por infelice, e mal afortunada, sofreo sua fortuna com grande constancia de animo varonil, sem por isso dar mostras de femenil fraqueza, antes se houve por venturosa, e de feliz sorte com dizer, que naõ se podia negar de tal, pois parira os Grachos; como que dava a entender que morreraõ em seu officio

por

por serviço da patria, e em comprimento de seu sangue, por onde naõ havia horrendo genero de morte, que a pudesse espantar, nem a seus filhos afrontar. *Text. in offic. cap. de const. in reb. advers.*

Semelhante, ou muy aventejada fortaleza mostrou Barbara Fernãdes mulher viuva (ama que fora de Manoel de Noronha da Ilha da Madeira) no sobredito cerco de Dio nas mortes de outros dous filhos soldados de singular esforço, e melhores esperanças chamados Luiz Francisco, e Christovaõ que era o mais moço, e de idade de vinte annos dos quaes o mais velho foy levado à mãy feito em pedaços de hum tiro, que lhe deu pelo ventre estando com suas armas no muro; cujas espedaçadas entranhas a infelice mulher recebeo, e teve em suas mãos, e com face socegada, e olhos enxutos (sem a poderem demover lagrimas dos circunstantes, q̃ de paixaõ, e dó della os seus tinhaõ banhados) lhe disse, que se encomendasse a Deos, e se esforçasse para morrer bem, e como fiel Christaõ, que sò aquillo seria o consolo de sua morte, e com palavras de Catholica, e verdadeira Christãa o animou, até que em seus braços deu

a al-

a alma a seu Criador. Quando nesta afliçaõ, ex que lhe chega a nova da morte do outro filho, que por remate sofreo tambem com invencivel constancia, e christaõ sofrimento, e paciencia, sem já mais quebrar, nem descompor sua inaudita constancia (como aconteceo á matrona Cornelia.) Antes os que a vinhaõ consolar, recebiaõ della a consolaçaõ, que elles lhe deviaõ dar com justo espanto dos circunstantes. *Virtude de mores quilates que a de Cornelia. Lopo de Sousa no mesmo cerco liv. 2. cap. 9. Andrad. cant. 14. fol. 70. Maffe. lib. 11. fol. 262. F. Chron. d'ElRey D. Joaõ III. p. 3. cap. 58.*

CAPITULO V.

De *Lacedemonia, e Isabel do Avelar.*

HUma Lacedemonia (cujo nome o descuido poz em esquecimento) sendolhe tambem dadas as tristes novas das mortes de cinco filhos, que como esforçados morreraõ pelejando na guerra, as sofreo com varonil animo, e generoso peito sem disso mostrar menos que muita paciencia, e tolerancia, que perpe-

tuou

tuou sua heroica virtude. *Plutarc. in apopth. Lacæn.*

Outra semelhante teve o Reyno de Portugal em Isabel do Avelar: a qual com igual animo ao da Lacedemonia recebeo as novas das mortes de outros cinco filhos, que nas guerras da India, e famoso cerco de Mazagaõ valerosamente pelejando foraõ mortos, e espedaçados. De cujos merecimentos lembrada a Rainha Dona Catharina mulher d'ElRey D. Joaõ III. jà defunto, que governava o Reyno por ElRey D. Sebastiaõ ser de pouca idade, a mandou visitar, e cõsolar pela morte de Jorge Nunes de Leaõ seu filho, que no cerco morrera. Porèm ella como a cobiça de seu interes era a propria honra, que com as mortes de seus filhos em taes passos acreditava a nobreza de seu sangue, com hum peito naõ femenino, mas varonil, e com generosa paciencia lhe mandou por resposta, que cinco filhos que muito amava, lhe eraõ jà mortos, mas que ainda lhe ficava outro, que era sua derradeira consolaçaõ, o qual ao presente fazia prestes para o mandar a Mazagaõ em serviço de Deos, e d'ElRey. O q̃ a Rainha como prudente naõ consentio, antes lhe

lhe fez por isso grandes, e assignadas mercẽs com esperança de outras mayores. No que bẽ parece quanto igualou esta nobre matrona a grandeza de animo, e constante espirito da Lacedemonia, tendo cada qual por feliz, e ditosa sua sorte criar em seu ventre, quem delle naõ degenerasse, mormente em occasioens que tãto eternizavaõ seu nome com offerecer por a Patria, e defensaõ de seu Rey, e senhor, a *vida*, que era o mais que por elle podiaõ sacrificar como escreve Agostinho de Gavi no cerco de Mazagaõ *cap.* 14. *fol.* 63.

CAPITULO VI.

De Eustochium, e Luisa Sigea.

EUstochium foy huma donzella Romana filha de Santa Paula, muito estudiosa, e amiga das letras, em cuja contemplaçaõ, e estudo foy taõ eminente, e douta naõ só na lingua Latina, mas na Grega, e Hebraica, em que mostrou largamente a viveza de seu engenho, e erudiçaõ, que mereceo ser de todos geralmente amada, e havida por novo pordigio do Mundo,

do, que nem menos titulo alcançou em sua vida dos mais doutos, e scientificos de seu tempo. E naõ foy menos estimada de S. Jeronymo, que por suas boas partes lhe foy grande afeiçoado, e a engrandecia. *Text.in Offic.p.1.cap. de mulier. doct.*

Semelhante fama, e credito adquirio, e ganhou universalmente com todos em seu tempo Luisa Sigea donzella da Infanta Dona Maria filha d'ElRey D. Manoel, e que em sua caza se criou. Foy notavelmente esta Senhora douta em todas as lingoas, e artes de maneira, que cada qual dellas falava, sabia, e escrevia, como se lhe fora propria, e materna, e naõ aprẽdera outra: em especial na Latina, Grega, Hebrica, Chaldea, e Arabica era prodigio, e nova maravilha no Mundo, e nellas escreveo ao Papa Paulo III. huma carta com tanto artefício, e elegancia, que o Pontifice se espantou, tendo-a por outro semelhante prodigio de seu tẽpo como o foy Eustochium nos antigos, e em gratificaçaõ lhe respondeo com hum Breve cheyo de louvores, bençoens, e graças, e outras immunidades que lhe concedeo: obrigando-a com particulares favores exercitar partes, de

que

que a Deos taõ graciosamente dotara. Duarte Nunes na Descripçaõ de Portugal *cap. 9. das Mulheres illustres.*

CAPITULO VII.

De hum Lacedemonio, e Dona Bernarda Coutinha.

Dito avisado.

VEndo huma vez certo Atheniense em Lacedemonia hum painel, ou quadro, em que estavaõ pintados os Athenienses degolando aos Lacedemonios, e fazendo nelles como mortaes inimigos as justiças que desejavaõ, disse como nescio, e que naõ estava bem na conta da verdade elevado no presente ficto objecto, que sem duvida eraõ esforçados, e valerosos homens os Athenienses. Ouvindo hum Lacedemonio, que junto delle acaso estava, a desbaratada sentença, lhe respondeo, q̃ o eraõ em painel: dando a entender, que os Athenienses pintavaõ como queriaõ, e o que muito desejavaõ, já que por obra naõ podiaõ executar seus odios, e malquerenças, e naõ que na realidade assim fosse. Mas que quando vinhaõ ás obras,

obras, sempre os Athenienses hiaõ com ás mãos nas cabeças, que lhes quebravaõ os Lacedemonios, dos quaes nunca jà mais puderaõ levar a melhor: e que era a verdadeira pintura, e zombaria, e vãos desejos a do painel. *Plut. in apopth. ignobil. Lacon. Erasm. lib. 2. apopth. 7. Lacon. innominat.*

Semelhante graça, e verdadeiro apopthema foy o de Dona Bernarda Coutinha filha de Dona Maria Coutinha em Castella, em cuja Corte, e Paço Real fazendo se hum Auto, ou farça, e achando se nella Dona Bernarda Coutinha, se representou na farça hum Portuguez, e hũ Castelhano pelejando, e dandolhe o Castelhano muitas pançadas, e empuxoens pelo afrontar, e tomar vingança delle. O Duque d'Alva D. Fernando de Toledo chegando-se neste passo a Dona Bernarda lhe disse, que visse como tratavaõ lá os Portuguezes. A que ella respõdeo, que os Castelhanos tratavaõ daquelle modo aos Portuguezes zombãdo, e os Portuguezes aos Castelhanos de verdade. Dito prudente, como verdadeiro, e bem conforme com o decima em tudo, e digno de mais louvor, que o Lacedemonio, por ser de huma dõzella,

que nesta parte conheceo tanto como o Lacedemonio a verdade. A qual reposta o Duque, como cortesaõ festejou muito, engrandecendo a brevidade, e presteza, e mormente o siso, e modestia com que respondera, conhecẽdo nella seu aviso, e prudencia, com que tinha ganhado muita fama na Corte. *Cõstat ex codic. Lusit. apopth.*

CAPITULO VIII.

Das Lacedemonias, e Portuguezas.

Esforço.

ELRey Pyrrho Rey dos Epirotas no cerco que poz á Cidade de Esparta dos Lacedemonios seus inimigos, a combateo taõ rijamẽte, e apertou tanto os combates, que sem duvida a entrara, e fora Senhor della, se as mulheres Espartanas de sua parte affervoradamente naõ deraõ sua ajuda com muito esforço, animo, e valor. Sendo nesta occasiaõ a que mais se abalizou Archidamia natural da mesma Cidade. A qual por salvaçaõ de sua Patria se fez Capitaõ voluntariamente das mulheres Espartanas, e as regia, e governava, comõ o melhor soldado, ou Capitaõ, e mais experimentado, ani-

animando com estranha viveza de espirito os soldados espertando-os á peleja, curando os feridos, alimpandolhe as feridas, e mazellas, fazendolhes mimos no comer, e beber, e em tudo o mais servindo-os conforme o presente estado, e necessidade do tempo. E houve entre elles muitas que tomando as armas pelejavaõ em sua defensaõ cõ parttcular inveja dos mais valentes soldados que as viaõ, sofrendo grande trabalho, e cansaço, acudindo a huma, e a outra parte, e finalmente entregando suas vidas por salvaçaõ, e honra de sua terra, alcançando com a privaçaõ dellas immorral gloria, e fama de suas pessoas. O que fizeraõ valerosamente em quanto o cerco durou. *Plut. in vit. Pyrrh.*

Semelhante prova de esforço, e valentia mostraraõ as mulheres Portuguezas no primeiro cerco de Dio posto pelos Turcos, e defendido pelo Capitaõ Antonio da Silveira; onde se ellas assignalaraõ mais do que se promette á fè humana, fazẽdo-se Capitaõ dellas (qual a Espartana Archidamia) Isabel da Veiga mulher nobre casada com Manoel de Vasconcellos fidalgo da Ilha da Madeira, Senhora de pouca idade, e em feiçoens exteriormente naõ pou-

co fermosa. A qual tomando por companheira neste trabalhoso aperto a Anna Fernandes tãbem casada, administrava, e fazia o officio de Capitaõ das mulheres Portuguezas, governãdo, e movẽdo-as primeiro, q̃ outra, a acarretar cõ hũa alcofa terra, pedras, entulho, e o necessario para defensaõ da Fortaleza: acodindo cõ muita diligencia, e cuidado aos soldados, afastando os mortos, curando os feridos por *suas* mãos com seus panos, e ataduras, dandolhes a comer com suas conservas, e o que para si tinha guardado liberalissimamente, roldando a Fortaleza, e muralha; esforçando a cada *hum*, e animando-o a fazer o que devia à honra de sua naçaõ, e terra, fazendo com seu muito trabalho aos homens sofrello dobrado. O que fizeraõ por algũs mezes que a Fortaleza esteve cercada, e bravamente combatida com todos os instrumentos militares, e força de armas Turquescas. A qual ajuda foy boa parte de os nossos alcançarem hũa taõ grande vitoria, e taõ celebrada das historias de Europa, como sentida, e chorada do Graõ Turco. Como antes tãbem fora sentida do Soldaõ do Egipto a memoravel vitoria que o primeiro Viso-Rey da
India

India D. Francisco de Almeida tivera de sua poderosa Armada. E desta primeira vitoria cõ estranhos casos de esforço com que os Portuguezes alli puserão o risco mais alto a todos os cercos mais memoraveis da redondeza da terra, trata gravemente em dous livros Lopo de Sousa Coutinho, que nella se achou, e compoz como testemunha de vista, mormente no *cap.* 13. *liv.* 2. *Andrada no mesmo canto* 16. *Chron. d'ElRey* D. *João III. part.*3.*cap.*60. *Duarte Nunes na Descripção de Portug.cap.* 89. *Maffe. lib.* 10. *Hist. Indic.*

O mesmo fizerão as Portuguezas em o segundo cerco de Dio posto pelos Turcos, e El-Rey de Cambaya, que defendeo o Capitão D. João Mascarenhas em outra tal necessidade de as mulheres acarretarem pedras, terra, e madeira para os repairos do muro que os inimigos desfazião com sua grossa artelharia, sendo Capitão dellas Isabel Madeira mulher honrada casada, e que ao tal tempo andava prenhe, não obstante a morte do marido, q̃ ante seus olhos via espedaçado de hum tiro de bombarda porque deixasse de perseverar em seu officio, reprehendendo as q̃ a vinhão consolar, porque

 não

naõ trabalhavaõ, e curando os feridos, enterrã-
do os mortos, e fazendo todo o neceſſario com
muito cuidado, e varonil animo com mais lou-
vor que Archidamia. E algumas inda donzel-
las ſe acharaõ em trajos de homens com as ar-
mas às coſtas peleijando com muito esforço
contra os Mouros que ſobiaõ pelas eſcadas, e
com grandes pedras, que lançavaõ ſobre elles
os faziaõ cair em baixo feitos pedaços, e com
lanças, e chuças ſe defendiaõ, e offendiaõ valẽ-
temente, e paſſando ſeu feminil animo os limi-
tes de valor, e esforço, ſairaõ fóra da fortaleza
em cõpanhia do Governador D. Joaõ de Caſ-
tro (q̃ ſahio a pelejar em campo com os Mou-
ros) em trajos de homens, que levavaõ vaſilhas
de agoa, e vinho a tiracollo, e couſas de comer,
e muitos panos, e ataduras, com que na bata-
lha acodiraõ aos feridos, e neceſſitados, ajudã-
do-os com palavras de muito esforço, com que
eraõ animados, e esforçados a ſofrer ſeus traba-
lhos. Virtude mais louvada que a das Lacede-
monias. *Corte Real neſte cerco cãt. 9. e* 11. *Chron. d'ElRey D. Joaõ III. p. 4. cap. 10. e* 17. *Maff. lib.* 13. *Duarte Nunes na Deſcripçaõ de Portug. cap.* 89. *Diogo do Couto Dec. 7. liv.* 1. *e outros.*

CA-

CAPITULO IX.

De Porcia, e Dona Filippa de Vilhena Condeça, e Marqueza de Atouguia.

PORcia matrona Romana dignissima filha do Grande Cataõ, e Esposa de Marco Bruto suspeitando que lhe naõ fiava seu marido o segredo importãte com que se tratava de libertar a Republica com hum punhal fez em si mesma hũa ferida em parte occulta, e sem dar hum suspiro só pelo sangue que correo no leito conheceo Marco Bruto o seu perigo, e perguntandolhe sobre saltado a causa, ella lhe respondeo que fora para mostrarlhe quãto huma matrona era capaz de guardar hum segredo pois sofria huma dor, e se expunha á morte sem formar huma queixa, acodio Marco Bruto a este damno, mas ella depois de mal lograda a empreza, se matou comendo brazas ardẽtes. *Plut.*

Naõ só senaõ fiou o raro segredo da aclamaçaõ d'ElRey D. Joaõ o IV. a muitos fidalgos que pela sua fidelidade mostraraõ depois q̃ eraõ muito capazes de o guardar porém a D.

Pedro de Menezes Conde de Cantanhede, e Presidente da Camara o naõ differaõ seus dous filhos D. Antonio Luiz de Menezes, depois Marquez de Marialva, e D. Rodrigo de Menezes D. Jeronymo de Atayde Conde de Atouguia unico, Grande que entrou na Aclamaçaõ, e seu irmaõ D. Francisco Coutinho reconhecendo a grande capacidade de Dona Filippa de Vilhena Condeça de Atouguia sua mãy *filha* de D. Jeronymo Coutinho Presidente do Paço q̃ bem póde compararse cõ Cataõ lhe participaraõ a aclamaçaõ, e ella naõ só aprovou o intento, mas sendo taõ grande o perigo os armou pela sua maõ em que fez mayor violencia que Porcia porque foraõ duas as feridas, e ambas na alma: o fim da empreza foy mais felice que o de Bruto, e ella mais ditosa que Porcia pois morreo com grande christandade sendo Aya do Principe, e Infantes, com o titulo de Marqueza de Atouguia. *Portug. Restaur.*

CA-

CAPITULO X.

De Clelia, e Dona Marianna de Lancastre Condeça de Castelmelhor.

ENtre as Heroinas Romanas he muito admirada a acçaõ de Clelia que passou o Rio Tibre à vista dos inimigos livrando assim as outras matrones. *Tito Livio.*

Naõ he menos de admirar o animo varonil de Dona Marianna de Lãcastre herdeira da caza de Calheta, e depois Marqueza de Castelmelhor porque tendo a noticia de que o Cõde de Castelmelhor Joaõ Rodrigues de Sousa Governador das Armas da Provincia do Minho estava apertado pelos Castelhanos puxou por tropas, e por artelharia, e o foy soccorrer obrigando os inimigos a fugir. *Portugal Restaurado 2. parte.*

CAPITULO XI.

De Pola Argentaria, e Dona Joanna de Menezes Condeça de Eiriceira.

FOy Póla Argentaria mulher de Lucano taõ douta que naõ só compos muitos versos para o Poema da Farzalia que escreveo seu marido, mas emmendava as suas obras, e escrevia outras com grande acerto. *Vostus de Poetis Latinis.*

A Condeça de Ericeira D. Joanna de Menezes naõ só foy unica como herdeira desta caza, mas pela sua fermosura, virtudes, e sciencia compos doze volumes em varias lingoas em proza, e verso, emmendava as obras do Cõde seu marido, e as escreveo todas da sua admiravel letra, e mandandolhe a Rainha Dona Maria de Saboya que escrevesse a Comedia q̃ havia de executarse quando se esperava o Duque de Saboya ella compos a primeira Jornada da festa intitulada: Divino Imperio de Amor: para que os Condes seu pay, e marido fizessem as outras duas porém sendo elles taõ grandes

Poetas

Poetas naõ se atreveraõ a igualar o seu estillo com que ella acabou a comedia, e tambem he seu o excellente Poema de Despertador del Alma al sueño de la vida, que se imprimio com o nome suposto de Apolinario de Almada. *Memorias do tempo.*

CAPITULO XII.

De Sàpho, e Soror Violante do Ceo.

FOy Sápho natural da Ilha de Lesbos hũa das mais celebres pela Poesia de que existem algumas obras, e inventando os versos Saphicos, que tomaraõ o seu nome, porém muitos foraõ dedicados a Phaon seu amante, e a outros asumptos amorosos. *Vossius Poet. Grecis.*

Melhor asũpto para a sua Musa Sacra achou Soror Violãte do Ceo, Religiosa de S. Domingos no Convento da Rosa de Lisboa donde morreo com muitos annos, e virtudes porque naõ só escreveo os versos que se imprimiraõ em França em hum livro de oitavo, mas outros muitos Poemas, e Comedias que estavaõ já promptos para sair a luz, e todos a asũptos divinos,

vinos, e a outros decorosos, todos de excellente estillo. *Memorias do tempo, e Biblioteca Hispana, e Lusitana.*

CAPITULO XIII.

De Livia, e a Rainha Dona Luiza.

LIvia mulher de Augusto, e Emperatriz de Roma naõ só concorreo para a exaltaçaõ, e conservaçaõ do Imperio de seu Esposo em quem principiou a Monarquia Romana, mas com o seu conselho para os bons successos que conseguio, e vitorias que alcançou castigando os conjurados, e resistindo, e vencendo a Marco Antonio contra o qual Cicero escreveo as suas Philipicas. *Suetonio vida de Augusto.*

A Rainha Dona Luiza Francisca de Gusmaõ, he notorio quanto animou ao Duque de Bragança seu marido para que aceitasse o Reyno de Portugal que lhe tocava, e quarenta fidalgos lhe offereciaõ, e nos mayores empenhos militares, e politicos foy o seu conselho o mais util a ElRey D. Joaõ o IV. seu marido, e depois que elle morreo teve na sua regencia entre

tre outros felices successos o da vitoria das Linhas de Elvas em 1659. morreo virtuosamente retirada no Convẽto de Agostinhas descalças q̃ fundou no Grilo em 1666. *Port. Rest.* 1. c 2. *p.*

CAPITULO XIV.

De Carmenta, e Dona Isabel de Castro Condeça de Assumar.

FOy Carmenta taõ sciente, que escreveo com tanta perfeiçaõ que se lhe atribue a invẽçaõ de algumas letras Gregas que faltavaõ no Alphabeto sendo erudita em muitas sciencias, e lingoas. *Bocacio das mulheres illustres.*

A Condeça de Assumar Dona Isabel de Castro filha do primeiro Marquez de Fronteira, e mulher do Conde de Assumar D. Joaõ de Almeida do Cõselho de Estado Gentil homẽ da Camara d'ElRey, e Embaixador a ElRey Catholico foy dotada de raras virtudes, e perfeições cõ grãde noticia das sciencias, historias, e lingoas, e pintava, e escrevia cõ tãta singularidade q̃ podia preferir aos mais destros no pincel, e na penna q̃ celebraraõ por cartas suas o Emperador Carlos VI. a Emperatriz, e as nossas Rainhas, e

Prin-

Princezas tendo ſido huma das Damas mais celebradas de Palacio, e depois no amor de ſeu marido, e educaçaõ de ſeus filhos huma ſingular matrona, morreo em 1724. *Memorias do tẽpo.*

CAPITULO XV.

De Hypanhia, e Soror Maria Magdalena de Jeſus.

TInha Hypanhia as mayores eſtimaçoens de Athenas, mas parecendolhe que era vida mais louvavel a que ſeguia o Filoſofo Crates que com deſprezo das riquezas do Mundo ſó ſe aplicava á ſabidoria, e virtudes moraes apezar dos ſeus parentes os deixou, e foy inſigne na ſciencia, e na conſtancia. *Penelon Hiſtoria dos Filoſofos, e Menagios das mulheres que Filoſofaraõ.*

Era Dona Maria de Caſtro filha de D. Henrique de Menezes, e de Dona Margarida de Lima, e irmãa dos Condes de Ericeira D. Fernando, e D. Luiz de Menezes taõ eſtimada na Corte pela ſua beleza, e diſcripçaõ em proſa, e verſo que foy pertendida pelos mayores caſamentos,

mentos; mas com Filosofia mais certa fugio para o Convento da Madre de Deos de Xabregas donde esteve mais de sessenta annos morrendo de oitenta e quatro no de 1702. com o nome de Soror Maria Magdalena de Jesus, e com opiniaõ constante de santidade de que se contaõ na sua vida que está para se imprimirse, raros prodigios; escreveo muitos livros, e entre elles hum douto, Commento aos Psalmos, e varias exhortaçoens Filosoficas Christans, e Moraes. *Memorias de tempo.*

CAPITULO XVI.

De Estratonica, e a Rainha de Portugal Dona Maria de Saboya.

AS virtudes do Principe Antioco sucessor unico, e filho d'ElRey Seleuco de Siria brilhavaõ tanto que faziaõ dezejada de todo o Reyno a sua vida nas poucas esperanças que pelos seus annos dava ElRey Seleuco de ter successaõ porèm sem muita advertencia cazou a pezar destas duvidas com a fermosa, e discreta Princeza Estratonica. Chegando ella á Cor-

te vio dous objectos taõ diferentes como de hũ Principe galhardo, e de hum Rey enfermo, mas a modestia, e a politica occultaraõ este conhecimento. O mesmo intentou fazer o Principe rendido da beleza da Rainha, porèm a prudencia com que encobrio o amor lhe hia custando a vida padecendo huma doença que só pode descobrir a agudeza do Medico Eracistrato tomando o pulsso ao Principe mudamente lhe disseraõ as suas intercadencias quando passava a Rainha, que aquella era a causa da sua morte. Teve resoluçaõ Eracistrato de o dizer a El-Rey, e este a estranha docilidade de lhe ceder a Rainha que muitos supoem ainda *intacta*, e assim conservou o Reyno, e a vida de taõ illustre successor. *Lucas Assarino na Estratonica.*

Chegou a Lisboa em 1666. a Princeza de Nemours Dona Maria Francisca Isabel de Saboya destinada para Rainha de Portugal, e desposãdo-se cõ ElRey D. Affonso VI. achou tãtos desgostos originados da irregularidade das acçoens deste Rey, que procederaõ de huma doença que teve de poucos annos deixandolhe lezo o corpo, e o espirito, que a conciencia a obrigou a separarse, tendo primeiro dissimula-

do

do muitos mezes grandes afliçoens. O Reyno reconhecendo no Infante D. Pedro unico irmaõ, e ſucceſſor d'ElRey, mayores virtudes, que as de Antioco conſeguio, que ElRey lhe renunciaſſe o Reyno, e annlando-ſe o matrimonio foy a Raynha recebida com o Infante, que tomou o titulo de Principe Regente, e ſe o amor naõ foy cauſa deſta acçaõ, foy effeito della, amando-ſe os dous eſpoſos quanto eraõ dignos de ſer amados, e a Rainha fez muitas vezes repetir no Paço a Comedia de Antioco, e Seleuco. *Portug. Reſtar. 2. part.*

CAPITULO XVII.

De Sibila Comana, e Dona Luiza Maria de Faro Condeça de Penaguiaõ.

OU foſſem muitas, ou huma ſó, que profetizou em diverſas partes as Sibilas ſe lhe atribue: principalmente a Sibila de Cumas, que eſteve em Roma no tempo de Tarquino Soberbo, huma grande ſciencia, huma grande virtude, e inteira applicaçaõ aos Miſterios Divinos, e quaſi graça profetica, ſendo conſulta-

dos os ſeus oraculos, e depois os ſeus livros nos mayores negocios da Republica. *Galeo de Sibilis, e Petit de una Sibila.*

Dona Luiza Maria de Faro filha dos Cõdes de Atouguia, e mulher de ſeu primo o Conde de Penaguiaõ Camareiro mòr d'ElRey D. Joaõ o IV. ſe applicou aos eſtudos, e com grãde fervor á aſiſtencia dos Tempos, e vivendo mais de oitenta annos foy ſempre conſultada pelas Rainhas, e ainda pelos Reys, e ſeus Miniſtros, e pela nobreſa, e peſſoas doutas em todo o ceremonial da Corte, e em muitos negocios importantes, e com a memoria mais firme, e a verdade mais ſolida, dava noticia de tudo o que leu, e vio com tanto acerto, que as ſuas decizoens eraõ veneradas, e ſeguidas de todos. *Memorias do tempo.*

CAPITULO XVIII.

De Prova Falconia, e Dona Bernarda Ferreira de Lacerda.

FOy Prova Falconia huma matrona muito Chriſtãa, e muito douta, eſcreveo muitas

obras

obras em verso, e entre ellas juntou com grande engenho versos de Homero, e de Virgilio de que fez huns centoens applicando-os admiravelmente á vida de Christo, e de Nossa Senhora, e foy celebrada por muitos Santos, e por Escritores eruditos. *Biblioteca Patrum.*

Dona Bernarda Ferreira de Lacerda foy de nobre sangue, e de taõ feliz engenho, que se refere, deu conta do casamento de sua filha Dona Maria Clara de Menezes em quinhentas cartas todas de palavras, e conseitos diferentes imprimio as Soledades do Busaco, e compos outras obras: mas o que lhe deu mayor nome foy o Poema de Hespanha libertada que se imprimio em dous Tomos de quarto, e he celebrado por Lopo de Vega no seu Laurel de Apolo, por D. Nicolao Antonio, e por outros muitos.

CAPITULO XIX.

Da Emperatris Theodora, e da Rainha de Portugal Dona Maria Sofia Palatina.

FOy a Emperatris Theodora escolhida para esposa do Emperador do Oriente

Theofilo, que nas partes, que entaõ se conheciaõ do Mundo tinha dilatado dominio, que governava de Constantinopla Corte sua em Europa, concorreo com Idacia, e com outras Princezas a quem foy preferida pela sua fermosura, e ainda mais pelas suas virtudes tendo a infelicidade de que o Emperador fosse herege, e inimigo das Imagens dos Santos, ella foy Catholica muito firme, e amada de seu *marido*, fecunda, e estimada de todo o Mundo. *Ribeiro de Macedo vida da Emperatris Theodora.*

Restituida felismente a Caza dos Eleitores Palatinos á linha Catholica dos Duques de Neoburg foraõ buscar para esposas naquella grande caza muitas Princezas. O Emperador Leopoldo I. ElRey Catholico Carlos II. o Duque de Parma, e outros Principes. Tinha El-Rey D. Pedro II. de Portugal preferido esta aliança à de muitas Princezas que entaõ havia em Europa, vendo o seu Retrato, e sabendo as suas incomparaveis virtudes em tudo superiores as de Theodora, e com muito mayor fortuna por ser a Rainha Dona Maria Sofia escolhida por hum Principe firmissimo defenssor da Religiaõ Catholica. Era a Rainha devotissima,

e com

e com fervorosa oraçaõ a Deos, a Nossa Senhora, e aos Santos de que venerava as Imagens ferquentando, e enriquecendo os Templos. Da admiravel educaçaõ que deu a seus Reaes filhos, vemos os exemplos em Sua Magestade, e Altezas. Morreo a Rainha de trinta e tres annos no de 1699. em 4. de Agosto. *Memor. do tẽpo.*

CAPITULO XX.

Da Rainha Sabá, e a Rainha de Portugal Dona Marianna de Austria.

Condusida por Deos a Rainha Sabá de partes remotas a ser espoza de Salamaõ trouxe a Jerusalem o mayor thesouro nas suas virtudes, e na sua sabidoria, e ainda em cor menos clara, mostrava a mayor fermosura como retrato de outra mais soberana Rainha, e com a veneraçaõ, e amor do Rey Sabio, e de todos os vassalos do seu opulento, e dilatado Imperio se coroou de gloria immortal. *Livro dos Reys.*

Com sangue mais exclarecido, e cor mais nobre atrahiraõ da Corte Imperial de Vienna de Austria a grandeza, e soblimes dotes d'El-

Rey D. Joaõ o V. de Portugal para a Corte de Lisboa a Archiduqueza Dona Marianna de Austria filha dos santos Emperadores Leopoldo I. e Lionor de Neoburg. Naõ só foy Sabà de menos excelsso nascimento porém cedeu a Rainha na sciencia, e na santidade naõ havendo arte, ou idioma em que a Rainha naõ floreça com mayor vastidaõ, e em tempo mais polido. Naõ havendo virtude em que senaõ distinga com devoçaõ ardente, e religiaõ solida sendo seus Augustos filhos a esperãça, a gloria, e a felicidade de Portugal, de Hespanha, de Europa, e de todo o Mundo, e coroando este Parallelo o de todas as Matronas insignes *como o* d'ElRey seu Esposo o de todos os Heroes famosos.

FIM.

INDEX

DOS VAROENS ILLUSTRES, e cousas notaveis.

O numero mostra as paginas.

A

B

Diniz

E

F

Fran-

G

H

I

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

Ti-